



Os mais belos contos da maior obra de ficção de todos os tempos: As Mil e Uma Noites; Seleção e tradução de Mansour Challita.

AS VERDADEIRAS MIL E UMA NOITES

Mansour Challita

Acreditamos que esta antologia das Mil e uma noites é única no mundo. Pela primeira vez, juntam-se num volume de apenas páginas todos os 56 mais belos contos das Mil e uma noites, sem as repetições e ampliações que convinhão às histórias na sua forma oral, mas que são desnecessárias na forma escrita.

Assim, o leitor tem nas mãos um livro que se lê com intenso interesse e deleite da primeira à última página, incluindo contos representativos dos múltiplos gêneros das histórias das Mil e uma noites: fábulas, histórias de magia, contos de aventuras, humorísticos, dramáticos, eróticos, viagens fantásticas. Todos os grandes personagens das Mil e uma noites desfilam nestas páginas: desde Ali-Baba, Aladim e Sindbad até Abu Kir e Abu Sir; desde o príncipe Kamar Az-Zaman (Lua do Tempo) e a princesa Nur An-Nahar (Luz do Dia) até a terrível Dalila - e trapaceira; desde os reis Chahriar e Chahzaman até o califa Harun ArRachid, com seu gosto pela brincadeira, seus disfarces e sua generosidade e tolerância. Ousamos dizer que este livro dispensa a leitura tanto das edições das Mil e uma noites feitas de poucos contos (que não conseguem dar uma imagem completa do livro) quanto da obra original com suas 4.000 páginas, pois a presente antologia contém o que nela há de mais belo.

Acrescente-se que o tradutor desses contos já deu provas de sua capacidade de transferir para o português as obras-primas da literatura árabe, conservando-lhes toda a riqueza do fundo e a sedução da forma. Que o digam os leitores de O Profeta, das Mais belas páginas da literatura árabe, do Alcorão. É com esse mesmo estilo de sabor oriental que Mansour Challita traz agora para o português As mil e uma noites. Pela primeira vez, o leitor brasileiro vai sentir-se na atmosfera misteriosa do Oriente e conhecer realmente As mil e uma noites, sua magia, sua vivacidade, sua variedade, seu estilo colorido, e as demais características que fizeram desse livro incomparável a maior obra de ficção de todos os tempos. No diploma pelo qual a Academia Brasileira de Letras concedeu a Mansour Challita a Medalha Machado de Assis, escreveu o Presidente Austregésilo de Athayde: “Os seus estudos e traduções, excelentes pela fidelidade, pela linguagem correta e pela beleza do estilo, incorporam-se ao acervo literário do Brasil”.

Ler este livro é deixar-se mergulhar num mundo de beleza mágica. É tornar-se um com o Oriente de Chehrezade e seus encantamentos: virar príncipe ou princesa, califa, feiticeiro, Ali-Baba, Aladim com sua lâmpada maravilhosa. É poder transformar em mula a mulher que o trai, se for homem, ou em cães lebréus os homens que a ofendem, se for mulher. É viajar até o fundo do mar, até as estrelas, até os confins da terra e participar das mais extraordinárias aventuras. Entre logo no mundo das Mil e Uma Noites. Nenhum outro mundo, real ou fictício se compara a ele.

As Mil e Uma Noites

Os mais belos contos da maior obra de ficção de todos os tempos!

Mansour Challita

SUMÁRIO

Apresentação

Bem-vindos à maior obra de ficção de todos os tempos

Alguns aspectos pitorescos das Mil e uma noites

Conceito da mulher nas Mil e uma noites

O inferno nas Mil e uma noites

As mil e uma noites: um livro esotérico?

Vocabulário árabe

Nomes próprios árabes

O rei Chahriar e seu irmão o rei Chahzaman

O mercador e o gênio

O conselheiro

O homem e sua mulher, o galo e suas cinquenta galinhas

As botas de Abu-Kassim At Tanburi

O carregador e as jovens mulheres

Adultério com os olhos

História de Kafur, o negro

O saco prodigioso

As-Sámet: o barbeiro calado

O corcunda, o alfaiate, o corretor cristão, o intendente e o médico Judeu

Kamar Az-Zaman e a princesa Budur

Ala Eddim Abu Chamat

O traidor castigado

A douta escrava Simpatia

O simplório e o tratante

As viagens de Sindibad o Marinheiro

A terceira viagem de Sindibad o Marinheiro

A quarta viagem de Sindibad o Marinheiro

A bela Zumúrrod e Ali Char

Uardan, o açougueiro, e a filha do vizir

Yamlikha, a rainha das serpentes

História de Bulukya

Os três desejos

Um califa estranho

O belo adolescente triste

Os artifícios de Dalila, a Trapaceira

A história que é toda mentiras

Judar, o pescador, e o saco encantado

Abdala Terra e Abdala Mar

As estranhas coincidências da vida

Aladim e a lâmpada maravilhosa

Convite à paz universal

Embustes de uma mulher

Duas gazelas sem clarinete

Jóias de Goha

O cádi-mula e o cobrador de impostos

As aventuras do bastardo real
Uma mulher virtuosa
O cego que se fazia esbofetear
O cádi e o potro
Destino ou merecimento?
“Primeiro, sou osso; depois, músculo; depois, carne. Quem sou?”
Um parasita modelo
Ali-Baba e os quarenta ladrões
Um cádi astuto
Farruz e sua esposa
A esplêndida história do príncipe Diamante
A justiça de Karakouss
Anuar e a jovem guerreira
Abu Kir e Abu Sir
O fim de Jafar e dos Baramikas
O falso cego e os cegos de nascença
O homem que queria ser califa por um dia
Os amores de Zain Al-Mauassif
A princesa Nur An-Nahar
O príncipe Yassim e a princesa Amanda
Epílogo: Na milésima segunda noite

APRESENTAÇÃO

BEM-VINDOS À MAIOR OBRA DE FICÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

Ter este livro nas mãos equivale a receber uma passagem para um mundo desconhecido onde tudo é novo, mesmo para os que já percorreram os quatro cantos da terra. Até suas dimensões geográficas são inéditas, pois, apesar de seus aviões e satélites, o homem ainda não conseguiu sair do sistema solar, enquanto, no mundo das Mil e uma noites, qualquer pessoa montada num cavalo mágico pode subir até o ponto de onde vê as estrelas como montanhas e ouve os cânticos dos anjos. Na terra onde vivemos há apenas seres humanos e animais, e uns e outros são submetidos a leis naturais intransponíveis. No mundo das Mil e uma noites, há uma terceira classe de seres vivos: os jins, que são ora visíveis ora invisíveis, possuindo nos dois casos poderes ilimitados, livres de qualquer lei. Na história de Aladim e a lâmpada maravilhosa, por exemplo, um deles edifica numa noite, a partir de nada, um palácio mais suntuoso que o palácio real, com móveis luxuosos, mil enfeites de ouro e pedras preciosas, piscinas, saunas e tudo mais. Além disso, para abrilhantar a cerimônia de inauguração, tira, também do nada, 400 dançarinos e 400 dançarinas e músicos e serventes e as iguarias e bebidas mais finas. Em muitos outros contos, encontramos façanhas não menos impressionantes. Um gênio é tão alto que, com os pés na terra, toca o firmamento com a cabeça - e, assim mesmo, pode ser encarcerado numa garrafa. Um tapete especial permite a quem se sentar nele ser transportado num piscar dos olhos para qualquer lugar do mundo; e um tubo munido com cristal mostrará ao interessado o que qualquer pessoa que ele indicar estiver fazendo, mesmo escondida numa fortaleza de aço.

Tal é o mundo das Mil e uma noites. Não é maravilhoso viver nele, fosse apenas o tempo que leva a leitura do livro? Aliás, tudo isto é somente um aspecto dos prodígios das Mil e uma noites. Que homem ou mulher não morre de inveja ao ver dois enamorados fazerem amor durante quinze noites e quinze dias seguidos, só parando de vez em quando para se alimentar? E que marido enganado não pagaria qualquer preço por aquelas gotas de água mágica que transformam a mulher infiel numa mula? E que mulher não faria o mesmo para poder transformar em cães lebréus os homens que a ofendem? Também este é apenas mais um aspecto das Mil e uma noites. Cada um dos contos do livro tem seu tema, sua atmosfera e sua atração próprias. Na realidade, não existe livro em qualquer língua que teria manifestado tanto quanto as Mil e uma noites a capacidade da mente humana de criar mundos inéditos, cada um diferente do outro, e todos de empolgante atração. Quem é o autor de livro tão extraordinário? Naturalmente, não podia ser um único autor, mas um povo inteiro, mais exatamente todos os povos daquele fantástico e fascinante Oriente Médio.

O núcleo do livro foi provavelmente um conjunto de histórias persas, Hazer Af.sana (Mil lendas). Traduzido para o árabe no século VIII sob o título de Alf Laila (Mil noites), foi se enriquecendo de contos oriundos de vários países árabes, e mesmo da Turquia e da Pérsia. O título As mil e uma noites data do século XII. No século XVII, o livro dormia, ainda manuscrito, em certas cidades do Egito, Líbano e Síria. Foi editado em francês e inglês antes de sê-lo em árabe.

Antoine Galland (1646-1715), orientalista francês, encontrou em Trípoli, Líbano, alguns de seus fragmentos. Eram as aventuras de Sindibad, o Marinheiro. Traduziu-os e publicou-os em quatro volumes. O sucesso foi imenso. Em inglês, houve três traduções no século XIX, com igual sucesso. Hoje, o livro é traduzido em todas as línguas, inclusive chinês, bengali, urdu, industani. É, com a Bíblia, o livro mais lido do mundo.

E o sucesso não se limitou à leitura do livro. As mil e uma noites revolucionaram as literaturas européias, notadamente a inglesa, francesa e espanhola, que atravessavam uma crise de crescimento provocada pela advento das massas ao hábito de leitura e sua preferência por uma produção menos impessoal e árida que as literaturas clássicas. As mil e uma noites trouxeram a solução desejada. Abriam a porta ao espírito de aventura, ao conto popular, a um mundo maravilhoso de seres diferentes e alegres, sempre em movimento. “Não é temerário supor,” diz o orientalista britânico H. A. R. Gibb, “que As mil e uma noites revelaram os horizontes que os escritores buscavam e que, não fossem As mil e uma noites, não teriam existido nem Robinson Crusoe nem talvez As viagens de Gulliver.”

Victor Hugo escreveu: “Na época de Luís XIV todo o mundo era helenista; hoje, todo o mundo é orientalista”. Na sua biografia de Balzac, o maior criador de romances da literatura francesa, André Maurois relata que ele lia As mil e uma noites. E André Gide chama As mil e uma noites um livro fundamental e necessário.

Apesar do tempo e dos que as imitaram ou nelas se inspiraram, As mil e uma noites continuam a ser um livro único na literatura universal. Mesmo aqueles que tivessem lido todos os livros de todas as literaturas, encontrariam ainda nas Mil e uma noites um sabor novo, encantador. Agora, contemos como nasceu a antologia que o leitor tem nas mãos. O texto original das Mil e uma noites é bastante extenso. O número de contos varia de uma edição a outra, totalizando ao redor de 250 contos e mais de 2 mil páginas em árabe ou mais de 4 mil nas traduções européias (o árabe é muito conciso.)

É incontestável que essas centenas de contos e milhares de páginas não têm todos o mesmo valor. Como em qualquer obra literária, mormente de tamanha extensão, há altos e baixos. Por outro lado, como as histórias das Mil e uma noites foram contadas oralmente antes de serem escritas, há nelas ampliações e repetições que dão mais vida a uma narração oral, mas tornam-se supérfluas num texto escrito. Por esses motivos, a edição completa das Mil e uma noites tem sido olhada em geral com certa apreensão. Existem muito mais edições parciais que integrais das Mil e uma noites. Mas então surge outro problema. Todas essas edições parciais contém os contos escolhidos pelo compilador na íntegra. O que resulta em duas lástimas: primeiro, as ampliações e repetições são conservadas, o que obriga a restringir-se a poucos contos; segundo, lendo um número restrito de contos, o leitor tem um conhecimento e um gozo incompletos das Mil e uma noites, cujo valor característico está na extrema variedade dos gêneros de contos que as compõem.

A presente antologia procurou evitar ambos os males e seguir um método que nos parece o mais certo sob todos os pontos de vista: Primeiro, o autor desta antologia leu o texto integral das Mil e uma noites no original árabe e em duas

traduções diferentes, outorgando a cada conto uma nota que variava entre UM (para os contos menos valiosos) e QUATRO (para os contos mais primorosos). Cinquenta e seis contos mereceram a máxima. Todos foram incluídos nesta antologia. E onde havia repetições e ampliações, estas foram eliminadas. Assim, dos cinquenta e seis melhores contos sobrou o que há de melhor em cada conto. O resultado é um texto que se lê com o mesmo intenso interesse e deleite da primeira à última página, e que reflete o que há de melhor nas Mil e uma noites, no fundo e na forma, em todos os gêneros: fábulas, contos de aventuras, humorísticos, dramáticos, eróticos, fantásticos, narrações históricas. Todos os heróis também são aqui encontrados: Ali-Baba, Aladim, Sindibad o Marinheiro, Abdala Terra e Abdala Mar, Abu Kassim At Månburi, Abu Kir e Abu Sir; os belos príncipes e as belas princesas: Diamante, Amanda, Nur An-Nahar (Luz do Dia), Kamar Az-Zaman (Lua do Tempo); as mulheres intrigantes: Zain Al-Maussif, Dalila, a Trapaceira; os barbeiros que nunca param de falar, os profissionais mais esquisitos, mil feiticeiros e feiticeiras e, naturalmente, Harun Ar-Rachid, Jafar e Abu-Nauas. Numa palavra, toda a movimentação, toda a fantasmagoria das Mil e uma noites. Acrescentamos em seguida estudos curtos sobre alguns dos aspectos pitorescos do livro. Depois, sairemos da cena para deixar o leitor penetrar no mundo incomparável da maior obra de ficção de todos os tempos.

ALGUNS ASPECTOS PITORESCOS DAS MIL E UMA NOITES

Conceito da mulher nas Mil e uma noites na vida em geral;

Um dia, o califa Muauiat quis aproveitar a experiência e a sabedoria de Ibn AI-Kais e perguntou-lhe qual era o segredo da harmonia que marcava suas relações com a esposa. Respondeu: “Parto do princípio de que minha mulher foi criada, como todas as mulheres, da última costela, isto é, de algo frágil e resmungão”. No conto “Abdala Terra e Abdala Mar”, quando a mulher e a filha de Abdala Mar se riem de Abdala Terra por não ter cauda como os habitantes do mar, Abdala Terra se sente ofendido e diz ao amigo: “Será que me trouxeste aqui para fazer de mim um objeto de zombaria de tua mulher e filha?” Abdala Mar consola-o com as seguintes palavras: “Não lhes dê atenção. Como as mulheres da terra, nossas mulheres têm pouco juízo”.

No amor e no casamento

Primeiro quadro: A mulher propriedade do homem

As mulheres das Mil e uma noites aceitam a poligamia e o concubinato como direitos naturais do homem. Excepcionalmente, uma ou outra aproveita a primeira noite de amor para levar o marido a jurar que não tomará outra mulher. Mais excepcionalmente ainda, uma ou outra antagoniza a concubina que a persegue. Em geral, o homem vive feliz e tranquilo entre suas mulheres como um galo no meio de galinhas. O conto mais pitoresco neste ponto é história esplêndida do príncipe Diamante. Para descobrir a chave de um enigma que lhe permita casar-se com a princesa Mohra, Diamante tem que viajar até a distante cidade de Wakak. A cada etapa do caminho, é ajudado por alguma mulher a quem promete voltar e casar-se com ela. O leitor desavisado pensa que Diamante engana todas essas mulheres. Na realidade, após descobrir a chave do enigma em Wakak, ele volta pelo mesmo caminho e, a cada etapa, casa-se com a mulher que o havia ajudado, formando assim uma coleção de mulheres como se forma uma coleção de moedas de ouro. E as cinco mulheres aceitam o fato com naturalidade e tornam-se amigas entre si.

Mais ainda, a mulher - que aceita todos os caprichos e as infidelidades do homem - não se considera com o direito de imitá-lo. No conto “O traidor castigado”, Yasmina julga-se ligada ao marido desaparecido enquanto não houver certeza de que ele morreu. Grita a quem quer casá-la de novo: “Ó gente sem lei, como pode uma mulher pertencer a dois homens ao mesmo tempo?” Esse direito do homem sobre a mulher é tão ilimitado que abrange até o olhar. No conto intitulado “Adultério com os olhos”, o Afrit Jurgis rapta a bela filha do rei Ifitamous e a mantém isolada, visitando-a apenas de dez em dez dias. Assim mesmo, exige dela uma fidelidade tão rigorosa que, vendo-a olhar para um homem, grita: “Cometestes adultério com os olhos,” e corta-lhe a cabeça.

Segundo quadro: O homem joguete da mulher

Esse rigor não muda obviamente a natureza da mulher e sua necessidade de também amar livremente e variar os parceiros. Como não dispões de força física para enfrentar o homem, recorre à astúcia e ao logro. Os contos mais deliciosos das Mil e uma noites talvez sejam aqueles que ilustram a habilidade da mulher de parecer santa e ser traidora, de chamar o marido de mestre e senhor e enaltecer-lhe a sagacidade e a superioridade mental e, ao mesmo tempo, escarnecer dele como de um bobo.

Os contos intitulados “Os Artíficos de Dalila”, “A Trapaceira”, “Embustes de Uma Mulher”, “Uma Mulher Virtuosa” e “Os Amores de Zain Al-Mauassif” são gloriosas ilustrações da declaração de uma das heroínas do primeiro conto: “Seja o que for que uma mulher deseje, nada a impedirá de conseguí-lo.

O inferno nas Mil e uma noites

Num dos contos das Mil e uma noites (a História de Bulukya), há uma descrição do inferno e de seus tormentos, inigualável e inesquecível. Ei-la:

No início dos tempos, Alá criou o Fogo e fechou-o em sete regiões diferentes: Chamou a primeira região Jahanam e destinou-a às criaturas rebeldes que se recusam a arrepender-se. Chamou a segunda região Laza e destinou-a àqueles que, depois da vinda de Maomé, permanecem nas trevas e no erro e rejeitam a nova fé. Chamou a terceira região Jahim e destinou-a aos dois demônios Gog e Magog. Chamou a quarta região Sair e destinou-a a Ibliss, o líder dos anjos rebeldes. Chamou a quinta região Sakhdan e destinou-a aos ímpios mentirosos e orgulhosos. Então, cavou uma caverna imensa e, enchendo-a de ar abrasador e pestilento, chamou-a Hutma e destinou-a às torturas dos judeus e dos cristãos. Chamou a sétima região Huyiê e reservou-a ao excedente de cristãos e judeus e àqueles que são crentes só no nome. Estas duas últimas regiões são as mais horrendas, enquanto a primeira é a mais tolerável. Todas essas regiões têm a mesma estrutura. Dá idéia de sua capacidade de castigar o condenado o fato de que a primeira região, a menos severa, contém 70 mil montanhas de fogo; e cada montanha, 70 mil vales; e cada vale, 70 mil cidades; e cada cidade 70 mil torres; e cada torre, 70 mil casas; e cada casa, 70 mil locais; e cada local, 70 mil suplícios. Para calcular o número total de suplícios, basta multiplicar 70 mil por 70 mil sete vezes seguidas. Obtém-se assim o número 57.640.010.000, isto é, mais de 57 bilhões de suplícios diferentes.

(esta é a região mais amena! Neste e em outros contos das Mil e uma noites, cristãos e judeus são bastante maltratados. É que a época das Mil e uma noites era uma época de guerras de religiões, e cada religião procurava diminuir as outras.)

As mil e uma noites: Um livro esotérico?

Sobre o valor das Mil e uma noites e seu destaque na literatura universal, não existem divergências. A única controvérsia relaciona-se com o sentido

verdadeiro e a finalidade das Mil e uma noites. Serão elas uma simples obra de ficção, ou uma sátira social, ou mesmo uma obra esotérica em que fantasias aparentemente levianas escondem segredos somente acessíveis aos iniciados?

“Sob o véu engenhoso do apólogo”, diz o Larousse, “esses contos tão poéticos pintam admiravelmente o caráter e os modos dos orientais”. Mardus, que traduziu A mil e uma noites para o francês, acrescenta: “As cenas são eróticas, mas não pornográficas. Os árabes vêem todas as coisas sob o aspecto hilariante. Seu sentido erótico só conduz à alegria. Riem como crianças onde um puritano gemeria de escândalo”. Jorge Adoum, pensador místico, que foi um dos chefes do movimento Rosacruz na América Latina, foi mais longe. Para ele, As mil e uma noites são “o livro iniciático por excelência,” cada história velando símbolos espiritualistas ou verdades científicas. Consagrou um terço de seu livro “El pueblo de las mil y una noches” à demonstração dessa tese. Afirmar ele que o nome mesmo do livro é uma indicação e uma prova. “Mil e uma” representa, em simbologia numérica e com apenas uma transposição mínima, o caduceu de Mercúrio, a serpente do Éden e a de Moisés no deserto, isto é, uma serpente boa e outra má. Assim, as Mil e uma noites, equivalem ao véu de Ísis, ou seja, a um livro no qual são ocultas verdades iniciáticas. “Os antecedentes do livro são hoje obscuros porque são verdades de uma idade mais feliz que a nossa, em que os homens falavam com os deuses e com os espíritos da Natureza”, acrescenta Adoum. A procura da lâmpada de Aladim seria a procura do conhecimento iniciático. As dificuldades que Aladim encontra seriam as dificuldades sempre encontradas no caminho da verdade. O descobrimento da lâmpada maravilhosa equivaleria à chegada à sabedoria interior. E conclui Jorge Adoum: “Assim, em conto após conto do grande livro, aparecem as fadas, seus jardins encantados, seus tesouros indescritíveis e sua perfeita libertação deste triste cárcere de matéria física: todo um mundo impenetrável a nós como corpos, mas perfeitamente penetrável àqueles iniciados que chegaram à libertação.” Tese engenhosa que, certa ou não, em nada prejudica o encantamento produzido pelas histórias de Chehrezade e, antes, acrescenta-lhes um fascínio especial.

VOCABULÁRIO ÁRABE

Usamos nos contos escolhidos, além dos substantivos árabes já aportuguesados, substantivos árabes genuínos que dão um toque mais pitoresco à narração. Por isso, não os sublinhamos, não os traduzimos em notas de pé de página. Relacionamo-los em seguida, com sua tradução, pedindo ao leitor o favor de consultar esta relação quando deparar com eles. Nesses substantivos e nos nomes próprios árabes, conservamos as letras duplas para indicar a maneira correta de pronunciá-los, isto é, com ênfase. Por exemplo, hammal não se pronuncia como hamal, mas como hammal. Por outro lado, reproduzimos os nomes próprios árabes na grafia que devem ter em português. Nas outras edições traduções de traduções - o tradutor, não conhecendo o árabe, costuma adotar os nomes com sua grafia francesa ou inglesa. Não há motivo para manter essa deformação. Sindibad, por exemplo, reproduz exatamente o nome árabe. Por que transformá-lo em Sindbad ou Simbad? Por que escrever Chehrezad com Sh (Shehrezad) como em inglês? Por que escrever Rashid quando o nome é simplesmente Rachid? Por que escrever Ramadão e Divã quando a pronúncia árabe final é igual em ambos os vocábulos: Ramadã, Divã?

Aflaton: Platão

Afrit (masc. sing.), afrita (fem. sing.), afarit (plural): seres de outro mundo, ora visíveis ora invisíveis, possuindo em ambos os casos poderes ilimitados que escapam a qualquer lei.

Alá: Deus.

Alá karim: Deus é generoso. Expressão que se usa para manifestar fé no bom desfecho das coisas.

Al-Iskandar: Alexandre o Grande

As-Sámet: o calado, o silencioso.

Bazar: mercado popular.

Benj: narcótico.

Cádi: juiz.

Califa: vigário, lugar-tenente, sucessor. Título do governante supremo no império árabe-islâmico.

Caravançarai: palácio onde as autoridades despacham.

Chaitan: demônio.

Charmuta: prostituta.

Dervixe: religioso muçulmano que vive propositadamente na pobreza por amor a Deus.

Divã: conselho de Estado que decide problemas de origem administrativa.

Também: espécie de sofá sem encosto.

Emir: príncipe.

Fatiha: é a abertura do Alcorão que começa assim: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos.”.

Firmã: ordem emanada de uma autoridade.

Ghul: ser enorme, meio real, meio lendário, que devora suas presas. Homem glutão.

Grão-vizir: posto governamental que corresponde ao de Primeiro Ministro.

Hammal: carregador.
Hammam: conjunto de banheiro, sauna e massagem aberto ao público.
Harém: parte da casa reservada às mulheres.
Haxixe: substância narcótica. Maconha.
Hennê: esmalte usado nas unhas.
Ibliss: demônio. Satanás.
Jin (masc. sing.), jiniêh (fem. sing.), feiticeiro,feiticeira, ora visíveis, ora invisíveis, com poderes ilimitados que escapam a qualquer lei.
Khan: hospedaria.
Kohl: pó preto aplicado nos cílios para dar-lhes mais profundidade e sedução.
Majnun: louco.
Marid: gigante.
Narguile: espécie de cachimbo para fumantes, composto de um forninho, um tubo e um vaso cheio de água perfumada que o fumo atravessa antes de chegar à boca.
Quebabs: iguaria árabe feita de carne e trigo ralado.
Ramadã: nono mês do ano islâmico, durante o qual os muçulmanos devem jejuar do alvorecer até o pôr do sol.
Saaluk: homem de cabeça pequena e pescoço fino.
Salamaleques: cumprimentos elaborados e excessivos pelos quais cada um se põe ao dispor do outro
Soleiman Ibn Daud: Salomão, filho de David
Souk: rua popular reservada ao comércio.
Sufi: adepto do sufismo, isto é, misticismo.
Sura: cada um dos capítulos do Alcorão.
Turbante: espécie de chapéu sem aba, em volta do qual se enrola às vezes uma faixa de tecido.
Uáli: governante acima de prefeito e abaixo de governador.
Vizir: posto governamental que corresponde ao de Ministro de Estado.
Xeque: chefe de tribo. Título honorífico de segunda classe.
Zib: O leitor encontrará em diversos contos de As mil e uma noites a seguinte frase, às vezes ligeiramente modificada: “Esta história é tão estranha que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos, seria matéria de meditação para os que refletem.” Que significa essa imagem? Seu sentido não é mais claro em árabe do que em português. Conservamo-la tal qual pela sua originalidade e na esperança de que um de nossos leitores lhe descubra o sentido misterioso.

Nomes próprios árabes

A maioria dos nomes próprios árabes genuínos (há nomes que vêm de outras línguas) têm significado, e alguns são quase metáforas. Eis alguns exemplos:

Abdala: servo de Deus.
Abu (precedendo outro nome): pai de...
Akbar: maior, superior.
Ala Eddim: glória da fé.
Alam Eddim: bandeira da fé.

Almás: diamante.
Al-Amim: o (homem) leal.
Al-Mamun: que merece confiança.
Anuar: o iluminado.
Aziz: caro, querido.
Aziza: cara, querida.
Badr: lua cheia.
Badr Al-Budur: a mais bela das luas cheias.
Budur: plural de badr.
Chams: sol.
Chams Ad-Daula: sol do Estado.
Chams Eddim: sol da fê.
Fadl: o preferido.
Farah: alegria.
Fuad: coração.
Kamar: lua.
Kamar Az-Zaman: lua do tempo.
Khaled: imortal.
Latifa: amável, cordial.
Majd: glória.
Masrur: satisfeito.
Mobarak: abençoado.
Mustafa: o escolhido, o eleito.
Najm: estrela.
Nur An-Nahar: luz do dia.
Nasr (nome masculino): vitória, triunfo.
Rachid: bom guia.
Sakhr: rocha.
Taj Al-Muluk: coroa dos reis.
Yasmina: jasmim.
Zumurrod: esmeralda.

Na religião muçulmana, Deus tem 99 nomes diferentes: ArRahman (O Clemente), Ar-Rahim (O Misericordioso), Al-Khalek (O Criador), Al-Karim (O Generoso), Al-Kader (O Poderoso), An-Nur (A Luz), etc. Muitos nomes próprios árabes são compostos de Abd ou Abdel (servo) e de um dos nomes de Deus: Abdel-Rahman, Abdel-Karim, Abdel-Nur, etc.

As Mil e Uma Noites

O REI CHAHRIAR E SEU IRMÃO O REI CHAHZAMAN

Conta-se - mas só Alá sabe tudo - que havia nas dobras do tempo e dos séculos um rei da dinastia dos Sassan que reinava nas ilhas da Índia e da China. E tinha dois filhos: Chahriar e Chahzaman. Ambos eram governantes justos, e seus povos amavam-nos.

Certo dia, Chahriar sentiu irresistível saudade do irmão e enviou seu vizir para convidá-lo. Chahzaman respondeu: “Ouço e obedeço”. Fez os preparativos necessários, encarregou o vizir de governar na sua ausência e partiu. No meio do caminho, lembrou-se de que havia esquecido um documento que queria mostrar ao irmão e voltou para apanhá-lo. Ao chegar ao palácio, encontrou a mulher deitada no seu leito imperial com um escravo negro. Pensou: “Se tais coisas acontecem quando ainda não saí da cidade, qual não será a conduta desta devassa se demorar-me muito tempo no reino de meu irmão?” Sacou da espada, cortou as duas cabeças e retomou viagem. Mas uma grande tristeza apoderou-se dele. Emagreceu, empalideceu. Ao vê-lo assim, o irmão preocupou-se e indagou-lhe sobre as causas de sua depressão. Ele não quis contar. Para distraí-lo e diverti-lo, Chahriar organizou uma excursão de caça e um safári, em sua honra. Assim mesmo, no último momento, desculpou-se, e seu irmão saiu sozinho com os convidados. No palácio do rei, havia janelas que davam para o jardim. O rei Chahzaman olhou através de uma delas e viu vinte escravas saírem do palácio acompanhadas por vinte escravos e dirigirem-se para um açude no meio do jardim. E ficou espantado ao reconhecer no meio do grupo a própria esposa do irmão, a qual, num determinado momento, chamou a si um negro gigante e entregou-se a ele na presença de todos, dando assim sinal para que escravos e escravas se juntassem e imitassem a rainha. Observando tudo isso, Chahzaman pensou: “Por Alá, minha desgraça é menos pesada que a de meu irmão”. E, instantaneamente, a alegria voltou-lhe ao coração e as cores às faces pálidas. Quando Chahriar voltou, alegrou-o ver o irmão recuperado e quis saber a causa de mudança tão repentina. “Posso contar-te a causa de minha depressão, não de meu restabelecimento”, disse Chahzaman. E contou-lhe o que acontecera entre ele e sua mulher. Mas o irmão queria saber também o segredo de seu restabelecimento e insistiu. Chahzaman acabou por lhe contar o que observara da janela do palácio.

- Primeiro, gostaria de ver tudo isso com os próprios olhos, disse Chahriar.

- É fácil, replicou o irmão. Proclama que estás viajando para um país longínquo, sai publicamente da cidade e a ela volta em segredo, e poderás assistir a tudo da janela como fiz.

Imediatamente, o rei encarregou um pregoeiro de anunciar a sua ida numa viagem demorada. Os soldados acompanharam-no e instalaram um campo fora da cidade. O rei entrou em sua tenda e ordenou aos criados que não deixassem entrar pessoa alguma. Depois, disfarçou-se em mercador e, voltando secretamente ao palácio, pôs-se à janela indicada. Menos de uma hora depois, viu

vinte escravas e vinte escravos rodearem a rainha, viu o negro gigante e tudo o que seu irmão lhe descrevera.

O rei quase perdeu a razão e disse ao irmão: “Vamos procurar outro destino pelos caminhos de Alá, pois só teremos direito a voltar a nossos tronos se localizarmos homens mais desgraçados que nós.”

Saíram do palácio e viajaram dias e noites até que chegaram a um prado à beira-mar. Naquele prado havia um córrego de água fresca. Os dois irmãos sentaram-se debaixo de uma árvore para beber e descansar. Logo, viram o mar agitar-se e dele sair uma coluna de fumaça negra, e a fumaça transformar-se num gênio de enorme estatura, carregando um cofre. Aproximou-se da árvore, sentou-se e abriu o cofre, e os dois irmãos viram nele uma mulher de grande beleza que lembrava as palavras do poeta:

“Apareceu na noite e transformou-a em dia”.

E os viajantes se orientaram pela sua luz.

Seus olhos eclipsam os sóis e as luas.

As criaturas dançam de alegria quando ela chega.

E a natureza chove lágrimas quando ela se vai.”

O gênio tirou a mulher do cofre e disse-lhe: “Vou dormir um pouco”. E, apoiando a cabeça nos joelhos dela, fechou os olhos e dormiu.

Ao ver os dois reis, a mulher acenou-lhes para se aproximarem. Mas eles explicaram por sinais que tinham medo do gênio. “Não tenhais medo”, replicou. “Ele nunca acorda antes da hora habitual. Dispondes de muito tempo”. E como eles continuaram a hesitar, tirou a cabeça do gênio de cima dos joelhos, depositou-a sobre uma pedra e disse aos reis: “Se não vos aproximardes e me furardes, acordarei o gênio que vos submeterá à mais horrível das mortes.” Então eles fizeram o que ela queria. E ela mostrou-lhes um pequeno saco cheio de anéis:

- Sabeis o que são estes anéis? Perguntou. São os anéis de 60 homens que copularam comigo sob os comos deste cretino Afrit. Agora, dai-me vossos anéis para que os junte à minha coleção. Acrescentou: “Este Afrit apaixonou-se por mim, raptou-me na noite de meu casamento e me encarcerou neste cofre, sendo mortalmente ciumento. Mas ele não sabe que seja o que for que uma mulher deseja, nada a impedirá de consegui-lo”.

Disse o poeta:

“Não confies nas mulheres

E não dês fé às suas juras.

Pois seus humores dependem de seus ovários.

Exibem amor fingido

E agem com perfídia.

Que a história de José te ponha de pré-aviso.

Não vês que o demônio expulsou

Adão do paraíso

Por causa de uma delas?”

Os irmãos olharam um para o outro e disseram: “Se a este gênio acontecem coisas assim apesar de sua força e vigilância, podemos sentir-nos consolados”. E regressaram a seus palácios. Chahriar mandou cortar a cabeça de sua esposa e dos quarenta escravos e escravas. E a fim de prevenir qualquer futura traição,

decidiu casar-se cada noite com uma nova donzela e mandar matá-la na aurora. Em três anos, centenas de moças foram assim sacrificadas. A tristeza e o horror encheram o reino. As famílias fugiam para salvar as filhas. Até que, um dia, o vizir, encarregado de conseguir uma nova donzela procurou e nada encontrou. Voltou para casa abatido e receoso do que o rei faria com ele. Ora, este vizir tinha ele mesmo duas filhas que superavam todas as demais moças em beleza, charme, finura, educação e inteligência. A mais velha chamava-se Chehrezad, e a mais nova Duniyazad. Chehrezad havia lido inúmeros livros e conhecia a história dos povos, reis, poetas dos tempos antigos e modernos. Era eloqüente, e sua voz tinha um timbre melodioso muito agradável.

Vendo o pai assim infeliz, perguntou-lhe qual era a causa de sua infelicidade. Contou-lhe. Então disse Chehrezad: “Por Alá pai, deve casar-me com este rei. Não importa que morra ou sobreviva, saberei livrar as filhas dos muçulmanos desta calamidade”. O vizir atendeu à vontade da filha, e levou-a ao rei Chahriar. Entretanto, Chehrezad dera as seguintes instruções à irmã: “Quando estiver com o rei, mandarei chamar-te. Assim que o rei acabar seu ato comigo, dize: Contanos, querida irmã, uma daquelas histórias maravilhosas que fazem o tempo passar de maneira tão deliciosa.” Então, contarei minhas histórias, e quiçá resgatarei assim as filhas dos muçulmanos.” Quando o rei se aprontava para deitar com Chehrezad, começou ela a chorar. - Que tens? Perguntou o rei. - Ó meu soberano, tenho uma jovem irmã de quem gosto muito e queria despedir-me dela antes de morrer. O rei mandou vir Duniyazad. Duniyazad chegou e jogou-se nos braços da irmã; depois, ficou encolhida ao pé da cama até que o rei acabasse de arrebatá-la a virgindade de Chehrezad. Depois, Duniyazad disse à irmã: “Alá te acompanhe, ó querida irmã. Por que não nos contas uma de tuas maravilhosas histórias para que a noite passe mais agradavelmente?”

- Fá-lo-ei com prazer se meu soberano permitir.

- Sim, conta-nos uma de tuas histórias, disse o rei a Chehrezad, esperando suavizar assim sua habitual insônia.

E Chehrezad pôs-se a falar...

O MERCADOR E O GÊNIO

Conta-se, ó afortunado rei, que viveu noutra tempo um mercador que possuía grandes riquezas e negócios em diversos países. Um dia, montou seu melhor cavalo e dirigiu-se a um desses países. No caminho, sentou-se sob uma árvore para descansar e alimentar-se. Ao comer tâmaras, lançava ao longe os caroços. De súbito, apareceu um enorme Afrit que se aproximou dele, brandindo uma espada e gritando: “Levanta-te que te mato como mataste meu filho!” Perguntou o mercador: “Quando e como matei teu filho?” Respondeu o Afrit: “Quando atiraste os caroços, um deles atingiu meu filho no peito, e ele morreu na hora”. Vendo que não tinha outro recurso, o mercador disse ao Afrit: “Fica sabendo, ó grande Afrit, que sou um crente que nunca falto à minha palavra. Possuo riquezas e filhos e uma esposa e inúmeros depósitos a mim confiados. Concede-me, pois, um prazo para que me despeça de minha família e distribua a cada um o que lhe é devido. Prometo voltar aqui no primeiro dia do ano, e tu disporás de mim como

quiseres”.O gênio confiou no mercador e deixou-o partir. Em casa, ele pôs em ordem suas obrigações, distribuiu suas riquezas e revelou a parentes e amigos a triste sorte que o esperava. Todos choraram, mas nada podiam fazer. No primeiro dia do ano, voltou ao lugar do encontro como prometera. Sentou-se a chorar sobre sua sorte quando apareceu um xeque venerável conduzindo uma gazela presa. “Por que estás sozinho neste lugar assombrado pelos gênios?” Perguntou ao mercador. “E por que estás chorando?” O mercador contou-lhe a história. - Por Alá, retrucou o velho, teu respeito pela palavra dada é coisa rara, e tua história é tão prodigiosa que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos, seria matéria de meditação para os que refletem.

Sentou-se, dizendo que ficaria lá até ver o que aconteceria. De repente, apareceu um segundo xeque, conduzindo cães lebréus pretos. Saudou o mercador e o primeiro xeque e perguntou-lhes: “Que fazeis neste lugar assombrado pelos gênios?” Contaram-lhe a história, e ele também disse que esperaria lá para ver como acabaria essa curiosa aventura. Logo em seguida chegou um terceiro xeque conduzindo uma mula. Saudou a todos e quis saber o que estavam fazendo naquela terra perigosa. Repetiram toda a história, e ele também se sentou para aguardar os acontecimentos. Momentos depois se levantou um turbilhão de poeira, e o gênio apareceu com um gládio afiado na mão e os olhos soltando chispas. Agarrando o comerciante, disse-lhe: “Vem que te mato como mataste meu filho, que era o sopro de minha vida e o fogo de meu coração”.O primeiro xeque, mestre da gazela, criou coragem, beijou a mão do gênio e disse-lhe: “Ó grande gênio, o mais elevado entre os reis dos gênios, se eu te contar a história desta gazela e ficares maravilhado, conceder-me-ás a graça de um terço do sangue deste mercador?” O gênio concordou, e o xeque começou sua história:

“Ó grande Afrit, esta gazela era a filha de meu tio. Casei-me com ela quando éramos bem jovens e vivemos juntos trinta anos. Mas Alá não nos concedeu filho algum. Por isso tomei uma concubina que, com a graça de Alá, me deu um filho varão lindo como a lua nascente. Quando atingiu quinze anos, tive que viajar a negócios”.Ora, a filha de meu tio fora iniciada na feitiçaria desde a infância. Aproveitando minha ausência, transformou meu filho num bezerro e a mãe dele numa vaca, e juntou-os a nosso rebanho. Ao voltar, perguntei por eles. Minha esposa respondeu: “ A mulher morreu, e teu filho fugiu para não sei onde.” “Um ano inteiro fiquei chorando, o coração reduzido a pedaços. No Dia do Sacrifício, pedi a meu pastor que me trouxesse uma vaca gorda. Trouxe-me a vaca que havia sido minha concubina. Mal me aproximei dela para matá-la, pôs-se a gemer e chorar. Parei, e pedi ao pastor que a degolasse. Cumpriu a ordem, mas não encontramos na vaca nem carne nem gordura, mas apenas pele e ossos. “Tive remorsos, inúteis como a maioria dos remorsos, e pedi ao pastor trazer-me um bezerro bem gordo. Trouxe-me meu próprio filho enfeitado. Quando me viu, rebentou a corda e jogou-se a meus pés com gemidos e lágrimas. Tive pena dele e ordenei que fosse substituído. Mas a malvada filha de meu tio disse: “Devemos sacrificar é este bezerro mesmo. Está gordo como convém.” Obedecendo a não sei que instinto ofereci, antes, o bezerro de presente a meu pastor. “No dia seguinte, o pastor procurou-me e disse: Vou revelar-te um segredo que te alegrará e me valerá sem dúvida uma recompensa.” “O que é?” perguntei. Respondeu “Minha filha é feiticeira. Ontem, quando me deste o bezerro, levei-o

para a casa de minha filha. Mal o viu, cobriu o rosto com o véu e censurou-me: “Pai, agora estás me expondo aos olhos de homens estranhos?” Perguntei: “Onde vês homens estranhos?” Respondeu: “Este bezerro é o filho de nosso amo, mas está encantado. E foi a mulher de nosso amo que o encantou, ele e a sua mãe!” “Fui imediatamente com o pastor à casa de sua filha, e perguntei-lhe: “É verdade o que contaste a teu pai acerca desse bezerro?”

- Sim, respondeu.

- Ó gentil e compassiva adolescente, se libertares meu filho, dar-te-ei todo meu gado e todas as propriedades que teu pai administra. “Sorriu e disse: “Ó amo generoso, aceitarei estas riquezas com duas condições: que me cases com teu filho e que me permitas enfeitiçar tua mulher. Sem isso, não tenho a certeza de poder prevalecer contra as suas perfídias.”

- Seja, respondi.

“Apanhou então uma bacia de cobre encheu-a de água e pronunciou conjurações mágicas. Em seguida, aspergiu o bezerro com a água, dizendo-lhe: “Se Alá te criou bezerro, permanece bezerro; mas se estás enfeitiçado, volta a tua forma verídica, com a permissão de Alá.” Após tremer e agitar-se, o bezerro recuperou a forma humana. Era meu filho! Joguei-me em seus braços e cobri-o de beijos. Depois casei-o com a filha do pastor, e ela encantou a minha esposa e metamorfoseou-a nesta gazela.”

Bem espantosa, a tua história, bradou o Afrit. Concedo-te o terço do sangue deste malvado. O segundo xeque adiantou-se então e disse: “Ó rei dos gênios, se te contar a história destes dois cachorros e a achares tão espantosa quanto a da gazela, conceder-me-ás um terço do sangue deste homem?”

- Vai falando, disse o Afrit. “Saberás, ó senhor dos reis dos gênios”, disse o segundo xeque, que estes dois cachorros são irmãos meus. Quando nosso pai morreu, deixou-nos três mil dinares. Com a minha parte, abri uma loja e comecei a comprar e vender. “Meus irmãos preferiram a aventura e viajaram com as caravanas por um ano inteiro. Quando voltaram, tinham desperdiçado todo o seu capital. Estavam pobres e tinham aspecto lamentável”. Tive pena deles. Mande-os ao hammam, comprei-lhes roupas finas e, pondo meu capital de lado, dividi com eles, em igualdade, todo o lucro daquele ano. E moramos juntos por muito tempo. Mas de novo queriam partir e insistiram para que fosse com eles. Embora os resultados de sua primeira viagem não fossem alentadores, consenti em acompanhá-los com uma condição: dividir o dinheiro que tínhamos - 6 mil dinares - em duas partes iguais; deixar a metade escondida para nos amparar em caso de necessidade e partilhar a outra metade entre nós três. Concordaram e agradeceram-me. Com os 3 mil dinares, compramos as mercadorias mais indicadas, alugamos um navio, e embarcamos. Após viajarmos um mês, chegamos a uma cidade portuária onde vendemos nossas mercadorias com um lucro de dez por um. Quando voltamos ao porto para embarcar, encontramos lá uma mulher mal vestida que se aproximou de mim e beijou-me a mão, dizendo: “Mestre, aceitas ajudar-me e me salvar? Por favor, casa-te comigo e me leva, e tudo farei para agradar-te.” Aceitei. Levei-a para o navio, vesti-a com esmero e partimos.

“Pouco a pouco fui tomado de um grande amor por ela. Não conseguia separar-me dela nem de dia nem de noite, e preferia sua companhia à de meus

irmãos. Por sua vez, revelou-se uma mulher linda, inteligente, devotada e de nobre caráter”. Infelizmente, meus irmãos me invejavam cada dia mais e, uma noite, quando estava deitado com minha mulher, insinuaram-se em nosso aposento, apanharam-nos e jogaram-nos em alto mar. Minha mulher despertou nas águas e, de repente, transformou-se numa Afrita e carregou-me nos ombros até uma ilha.

Depois, desapareceu e só voltou na manhã seguinte, ainda mais bela, e disse-me: “ Não me reconheces? Sou tua esposa. Como vês, sou uma Afrita. Amei-te desde o primeiro instante em que te vi. Tiveste pena de mim e te casaste comigo. Agora salvei-te da morte com a permissão de Alá. Estamos quites. Quanto a teus irmãos, sinto-me cheia de ódio contra eles e vou afundar o navio em que estão e matá-los.” Muito me custou convencê-la a não os matar. Carregou-me então nos ombros, ergueu-se no espaço e depositou-me em minha casa. Retirei os 3 mil dinares de seu esconderijo, reabri minha loja e comprei novas mercadorias. “Quando voltei para casa, achei estes dois cachorros presos num canto. Ao me verem levantaram-se e começaram a chorar e agarrar-se às minhas vestes. “São teus irmãos,” disse minha mulher. “Pedi à minha prima, que é mais versada em encantamentos do que eu, para dar-lhes esta forma, da qual só poderão libertar-se daqui a dez anos.” “É por isto, ó poderoso gênio, que me encontro neste lugar. Estou a caminho da morada daquela prima de minha mulher a quem vou pedir que restitua a meus irmãos sua forma anterior, pois os dez anos já decorreram.”

Exclamou o Afrit: “Tua história também é surpreendente. De coração, concedo-te mais um terço do sangue deste maldito. Mas vou tirar-lhe o terço que me é ainda devido”. O terceiro xeque, o da mula, interveio então dizendo: “Ó grande Afrit, se te contar uma história ainda mais maravilhosa que essas duas, conceder-me-ás o último terço do sangue deste homem?” O Afrit, que gostava muito de histórias raras, acedeu, dizendo: “Qual é a tua história?” O terceiro xeque falou: “Ó sultão e chefe de todos os gênios, esta mula que vês aí é minha esposa. Uma vez, tive que fazer uma longa viagem, e quando voltei, certa noite, achei-a deitada com um escravo negro na minha própria cama”. Estavam conversando, rindo, beijando-se e excitando-se mutuamente com pequenos jogos. Assim que me viu, lançou sobre mim uma água mágica que me transformou em cão e me expulsou de casa. Saí a errar pela cidade. Um açougueiro apanhou-me e levou-me para sua família. “Assim que a sua filha me viu, cobriu a face com o véu e censurou o pai por expô-la a um homem estranho. “Onde vês homens?” perguntou o pai. Ela respondeu: “Este cão é um homem. Uma mulher o enfeitiçou, e eu sou capaz de libertá-lo.” “- Liberta-o, então, minha filha, pelo amor de Alá. “Ela pegou uma vasilha de água, pronunciou certas palavras mágicas sobre a água, aspergiu-me com algumas gotas e disse: “Sai desta forma e retoma tua forma primeira.” “Logo, voltei a ser homem e, beijando a mão da rapariga, disse-lhe que desejava muito que minha mulher fosse enfeitiçada do modo como me enfeitiçara. ““É fácil,” disse a filha do açougueiro. E deu-me num vidro um pouco da água que usara para me salvar, dizendo: “Se encontrares tua mulher adormecida, borrifa-a com esta água, e ela tomará a aparência que tu indicares.” “Fui para casa, encontrei minha mulher dormindo, aspergi-a com a água mágica, dizendo-lhe: “Sai dessa forma e toma a forma de uma mula.” Num

instante, transformou-se numa mula, como podes verificar, ó sultão e chefe dos reis dos gênios.”

O Afrit virou-se para a mula e perguntou: “É verdade?” Ela abanou a cabeça como para responder: “Sim, é verdade”. Ao escutar essa história, na qual o mal era punido, o gênio estremeceu de emoção e prazer e concedeu ao xeque a graça do último terço do sangue do mercador. O mercador, muito feliz, agradeceu aos três xeques e ao Afrit, e os xeques o felicitaram por sua salvação. E cada um voltou para sua terra.

O CONSELHEIRO

Contam que certo lavrador possuía um burro que o repouso engordara e um boi que o trabalho abatera. Um dia, o boi queixou-se ao burro e perguntou-lhe: “Não terás, ó irmão, algum conselho que me salve desta dura labuta?” O burro respondeu: “Finge-te de doente e não comas tua ração. Vendo-te assim, nosso amo não te levará para lavrar o campo e poderás descansar.” Dizem que o lavrador entendia a linguagem dos animais e compreendeu o que eles conversaram. Na manhã seguinte, viu que o boi não comera sua ração. Deixou-o e levou o burro em seu lugar. O burro foi obrigado a puxar o arado o dia todo, e quase morreu de cansaço. E lamentou o conselho que dera ao boi. Quando voltou à noite, perguntou-lhe o boi: “Como vais, querido irmão?” Respondeu o burro: “Vou muito bem. Gostei da luz do sol e da alegria dos campos. Mas ouvi algo que me fez estremeecer por tua causa. Ouvi nosso amo dizer: “Se o boi continuar doente, deveremos matá-lo para não perdermos sua carne.” Minha opinião é que comas tua ração e voltes para tua tarefa a fim de evitar tamanho infortúnio.” O boi concordou e devorou toda a sua ração. O lavrador estava ouvindo, e riu.

O HOMEM E SUA MULHER / O GALO E AS 50 GALINHAS

Na história intitulada O conselheiro, quando o homem deu uma risada ao ouvir o segundo conselho dado pelo burro ao boi, sua mulher (que não conhecia a linguagem dos animais) ficou perplexa e curiosa e quis saber por que ele riu. O homem não podia revelar que conhecia a linguagem dos animais. Respondeu à mulher que esse riso envolvia um segredo que lhe era proibido divulgar sob pena de morte. - Quero que me contes esse segredo, mesmo que tenhas que morrer insistiu a mulher. Como o homem amava sua mulher e nada lhe recusava, consentiu em revelar-lhe o segredo e perder a vida. Mandou, pois, vir o cádi e as testemunhas para deixar consignadas oficialmente suas últimas vontades. E mandou vir seus parentes e os de sua mulher para despedir-se deles. Todos aconselharam à mulher desistir de seu propósito e não empurrar para o túmulo seu marido e pai de seus filhos. Ela, porém, teimou, repetindo: “Quero conhecer o segredo, mesmo que ele tenha que morrer”. Toda essa movimentação despertou a atenção do cão e dos animais da capoeira. O cão censurou o galo por estar cantando quando o amo deles todos estava para morrer. O galo perguntou: “E por que nosso amo está para morrer?”

O cão contou-lhe a história. Comentou o galo: “Por Alá, nosso amo é muito tolo. Eu tenho cinqüenta esposas. Agrado a uma; desagrado a outra; mas não

permito nenhuma rebelião entre elas. E ele tem apenas uma esposa e não consegue controlá-la. O que ele deve fazer é apanhar umas varas verdes nas amoreiras e bater nela até que se arrependa e não mais lhe exija nada.” O homem ouviu o que o galo disse ao cão, pensou e decidiu seguir o conselho do galo. Cortou umas varas das amoreiras, escondeu-as no quarto do casal e chamou a mulher: “Vem comigo até nossa alcova para que te conte o segredo e me despeça de ti para sempre”. Quando a mulher entrou no quarto, o homem trancou a porta, apanhou as varas e bateu nela até que ficou cega de dor e gritou: “ Arrependo-me. “ E beijou lhe as mãos e os pés. Em seguida, saíram juntos em paz para iniciar uma nova vida. E os parentes e os vizinhos se regozijaram por eles.

AS BOTAS DE ABU-KASSIM ATTANBURI

Contam que vivia certa vez em Bagdá um homem chamado Abu-Kassim At Tanburi, que usava as mesmas botas havia sete anos. Todas as vezes que alguma parte delas se rasgava, ele a remendava, de modo que as botas se tornaram excessivamente pesadas e passaram a ser citadas em provérbio. Um dia, Abu-Kassim foi ao mercado de vidros. Um corretor lhe disse: “Ó Abu-Kassim, chegou hoje um negociante de Alepo com um carregamento de frascos dourados que ninguém quer comprar. Compra-o. Eu o revenderei para ti mais tarde, e tu ganharás o dobro de teu investimento”. Abu-Kassim comprou os vidros por sessenta dinares. Foi em seguida ao mercado de perfumes, e outro corretor lhe disse: “Ó Abu-Kassim, chegou-nos hoje de Tassibina um negociante com um carregamento de água de rosas da melhor qualidade! O negociante precisa prosseguir logo sua viagem, e podes, por isso, comprar-lhe a mercadoria por um preço muito barato; compra-a. Eu a revenderei para ti dentro em pouco, e tu ganharás o dobro de teu investimento”. Abu-Kassim comprou a água de rosas por sessenta dinares, colocou-a nos frascos dourados e levou-os para casa e os arrumou sobre uma prateleira. Depois, foi aos banhos públicos. Enquanto se banhava, um de seus amigos o interpelou: “Ó Abu-Kassim, gostaria de ver-te mudar essas botas; elas já estão feias demais, e tu és um homem de posses pela graça de Deus”. “Tens razão”, retrucou Abu-Kassim, “seguirei teu conselho”. Quando saiu do banho para vestir-se, viu junto de suas botas um par de sandálias novas. Pensou que fosse o seu amigo que lhas havia ofertado; calçou-as e dirigiu-se para casa. Ora, as sandálias novas pertenciam ao cádi, que estava tomando banho naquele mesmo local. Quando saiu, procurou suas sandálias e não as encontrou. “Meus amigos”, perguntou ele, “aquele que levou minhas sandálias não deixou nada no seu lugar?” Procuraram e só encontraram as botas de Abu-Kassim, que todo mundo reconheceu, pois eram famosas. O cádi mandou os seus homens revistarem a casa de Abu-Kassim. As sandálias estavam, de fato, lá. O cádi ordenou a Abu-Kassim comparecer à sua presença, confiscou-lhe as sandálias e fê-lo flagelar, multar e encarcerar. Abu-Kassim saiu da cadeia cheio de cólera contra suas botas. Levou-as e atirou-as ao rio Tigre. Elas afundaram. Mas um pescador, tendo atirado sua rede à procura de peixes, recolheu as botas. Reconheceu-as e pensou: “Abu-Kassim deve tê-las perdido no Tigre.” Levou-as para a casa de Abu-Kassim; não o encontrou; mas viu uma janela aberta e jogou as botas para dentro da casa. As botas caíram sobre a prateleira onde estavam os

frascos com a água de rosas. A prateleira desmontou-se; os vidros caíram no chão e se quebraram; toda a água de rosas se perdeu. Ao voltar, Abu-Kassim compreendeu o que se passara e começou a se lamentar e desesperar: “Ó desgraça! Estas malditas botas me arruinaram!” Então, foi de noite abrir um buraco para enterrá-las e livrar-se delas. Mas os vizinhos, ouvindo o ruído da escavação, pensaram que alguém estivesse procurando demolir a sua casa. Queixaram-se ao governador, que mandou prender Abu-Kassim e o repreendeu: “Como te permites cavar junto ao muro de teus vizinhos?” Então, aprisionou-o e só o soltou depois de lhe ser cobrada uma multa. Abu-Kassim saiu da cadeia mais furioso ainda contra as suas

botas. Levou-as e atirou-as nas privadas do caravançari. Mas as botas entupiram os esgotos; as imundícies transbordaram; o povo protestou contra o mau cheiro. Procuraram a causa e acharam as botas; examinaram-nas: eram as botas de Abu-Kassim! Levaram-nas ao governador e relataram-lhe o ocorrido. O Governador mandou vir Abu-Kassim, censurou-o severamente, encarcerou-o e obrigou-o a pagar o conserto dos esgotos e outra soma igual a título de multa. Abu-Kassim saiu da prisão com as botas e, na sua ira, jurou nunca mais se separar delas. Lavou-as e pô-las a secar no terraço de sua casa. Um cão as viu e, tomando-as por uma carniça, pegou-as. Mas enquanto pulava para outro terraço, as botas lhe escaparam e caíram sobre um homem, ferindo-o gravemente. Examinaram as botas e reconheceram-nas. O caso foi levado ao juiz, que condenou Abu-Kassim a indenizar o homem, de todas as despesas requeridas pelo seu tratamento. Assim, Abu-Kassim gastou o último dinar que possuía. Apanhou então as botas e levou-as ao cádi e disse-lhe: “Solicito de Vossa Excelência que redija um ato de separação solene entre minhas botas e eu, que proclame que nada mais temos um com o outro, que nenhum de nós é responsável pelo outro e que eu não poderei ser culpado pelo que minhas botas venham a fazer”. E contou ao cádi tudo que lhe sucedera por causa dessas botas. O cádi soltou boas gargalhadas e deu um presente a Abu-Kassim antes de despedi-lo.

O CARREGADOR E AS JOVENS MULHERES

Havia certa vez na cidade de Bagdá um adolescente que era celibatário por convicção e hammal por profissão. Certo dia, como estava encostado preguiçosamente em seu cesto na praça do mercado, uma mulher, usando um véu de seda enfeitado com ouro e brocado, parou diante dele e ergueu ligeiramente o véu. Aparentaram dois olhos negros com longas pestanas, feitos para fazer um homem sonhar. Disse com voz melodiosa: “Moço, pega o cesto e segue-me”. O carregador a seguiu. Percorreram todo o mercado. A dama comprou vinho, maçãs, marmelos, pêssegos de Omã, jasmims de Alepo, nenúfares de Damasco, pepinos, limões, cidras, flores. Cada vez, colocava as compras no cesto e dizia ao hammal: “Carrega e segue-me”. Depois, comprou carne, mel, pastéis recheados, uva, bananas. - Se me tivesse avisado, eu teria trazido uma mula para tomar conta de tantas coisas, queixou-se o carregador. Por única resposta, a dama sorriu-lhe e comprou ainda dez variedades de águas: água de flor de laranja, água de rosas e outras. Comprou bebidas alcoólicas. E cada vez, repetia com o sorriso: “Carrega

e segue-me”.E ele seguia, pensando que acertou o sábio quando disse: Se a beleza comete um delito, seus encantos inventam-lhe mil desculpas. Finalmente, acabou de fazer compras e levou o hammal até uma casa suntuosa. Bateu delicadamente a moça à porta, e outra moça igualmente linda abriu os dois batentes. Entraram e chegaram a uma sala espaçosa que dava para um pátio central. Embelezavam a sala cortinas, vasos, móveis finos incrustadas de ouro. No meio da sala havia um leito de mármore e nele se deitava uma moça que possuía todas as graças próprias às mulheres. Foi dela sem dúvida que disse o poeta: Quem te comparou a um ramo na primavera cometeu um erro e uma falsificação. O ramo, gostamos de vê-lo revestido. E tu, gostamos de ver te desnuda. A moça levantou-se, e as três irmãs retiraram as compras do cesto e arrumaram-nas numa mesa. Depois, pagaram dois dinares ao carregador, dizendo-lhe: “Vira as costas e some”. Mas ele parecia pregado no chão a contemplar as três belezas, pensando: “Nunca vi nada igual em toda a minha vida”. E notou que não havia homens naquela casa. A mais velha das irmãs disse lhe: “Por que não te vás? Achas a paga insuficiente?” E voltando-se para uma irmã, disse-lhe: “Dá-lhe mais um dinar.” Mas ele opôs-se: “Por Alá, minhas senhoras, minha paga normal é apenas um dinar. Já recebi demais de vós. Mas não consigo compreender por que viveis sozinhas. As mulheres não podem ser realmente felizes sem homens. Um minarete isolado não tem valor, a menos que seja um dos quatro minaretes que ornem a mesquita. Vós sois três. Falta-vos o quarto. E como diz o poeta, um acorde nunca será harmonioso sem os quatro instrumentos reunidos: a harpa, o alaúde, a cítara e pífaro. Vós sois três: falta-vos o pífaro.” - Mas, ó moço, nós somos virgens e tememos a indiscrição dos homens. O carregador gritou: “Juro pelas vossas vidas que sou um homem fiel e discreto. E sou culto. Estudei a história e li muitos livros. E só falo de coisas agradáveis. Sigo os dizeres do poeta: O nobre de coração nunca divulga um segredo. Coloco os segredos que me confiam num cofre. Depois, jogo a chave nos rios ou nos mares. - Neste caso, fica conosco, disse a que havia feito as compras. E ele, vendo-se já montado nas três irmãs, sentiu-se num outro mundo, e mal acreditava que não estava sonhando. Depois veio o vinho e depois, as carícias. Embriagado, cantou:

Como é curta a noite do encontro

E como é longo o dia da separação!

Depois, tomou uma segunda taça e cantou baixinho estes versos:

A felicidade te acompanha todos os dias apesar dos olhos dos invejosos.

E possam teus dias continuarem brancos, enquanto os dos invejosos se tomem cada vez mais negros.

Breve estavam todos cantando e dançando. O hammal abraçava cada uma das moças por sua vez e beijava-a. E dizia-lhe gracejos. Quando reinou a alegria, a mais jovem ergueu-se de repente e despojou-se de todas as suas vestes e saltou na bacia cheia de água que estava no pátio. Pegava água nas mãos e deixava-a cair entre as coxas para refrescá-las. Depois, saiu da bacia e correu a lançar-se no colo do jovem carregador. Indicando as coisas que estava entre as suas pernas, perguntou: “Meu querido, sabes como se chama isto?” Ah! Ah! Respondeu o hammal. Geralmente, chamam-na a casa da paixão.

A moça gritou: “Iú! Iú! Não tens vergonha?” E, segurando-o pela nuca, começou a dar-lhe palmadas. - Não, não, retratou-se ele. É chamada: a Coisa. A moça abanou a cabeça negativamente. “Então, é a tua peça anterior”, disse o carregador. A moça negou de novo. - É teu vespão, disse o carregador. Mas a moça recomeçou a bater nele com tamanha força que lhe raspou a pele. “Então, dize tu o seu nome”, suplicou-lhe o hammal. E ela respondeu: “Manjerição das serras”. - Bendito sejas, ó manjerição das serras, gracejou o moço. Depois, as taças passaram e repassaram. A segunda moça, despindo-se inteiramente por sua vez, saltou na bacia e, ao sair, jogou-se no colo do carregador. Apontando para suas pernas e a coisa que estava entre elas, perguntou: “Luz de minha vida, qual é o nome disto?” – Tua fenda, respondeu o carregador. - Oh! Ouvi esta palavra feia e malcriada, gritou a moça, e bateu no moço tão violentamente que a casa repetiu o eco. - Então é o manjerição das serras. Ela, porém, gritou de novo que não, e recomeçou a bater-lhe na nuca.

“Então, dize tu qual é o seu nome”, gemeu. E ela respondeu: “É sésamo descascado”. A terceira moça levantou-se por sua vez, despiu-se e jogou-se na água como suas irmãs. Após sair, estendeu-se no colo do hammal e, apontando para suas partes delicadas, disse-lhe: “Adivinha o nome disto.” “O hammal deu um nome e outro e outro sem acertar, e acabou pedindo à moça para lhe dizer o nome e parar de bater nele”. “Este é Khan Al-Mansur”, proclamou ela. Então, para completar o jogo, o hammal levantou-se, despiu-se e jogou-se na água. Tomou banho como fizeram as moças. Ao sair da água, jogou-se no colo da segunda irmã, a que mais lhe agradava. Apontando para seu órgão, perguntou: “Qual é o nome dele, ó rainha de meu coração?” Ouvindo a pergunta, as três moças caíram na gargalhada ao mesmo tempo e disseram de uma só voz: “É teu zib!” “Não”, retrucou o moço, e mordeu cada uma delas a título de castigo. Então, gritaram, é teu instrumento.” “Não,” repetiu o hammal, e beliscou os seios de cada uma delas. - Mas, é mesmo teu instrumento, insistiram, pois está quente. É teu zib porque se move. Cada vez, o moço abanava negativamente a cabeça e beijava-as, beliscava-as e apertava-as. E elas riam, felizes. No fim, tiveram que perguntar-lhe como se chamava. Ele tomou um ar sério, refletiu. Olhou entre as pernas e, piscando os olhos, disse: “Minhas senhoras, este menino, meu zib, declara: “Meu nome é o Mulo intrépido que pasta o manjerição das serras, festeja com sésamo descascado e passa a noite em Khan Al Mansur” Continuaram a rir e beber até a noite. Então, disseram ao hammal: “Vai-te embora agora. Vira a face e deixa-nos ver a largura de tuas espáduas”. Mas ele suplicou: “Por Alá, é mais fácil para a minha alma sair de meu corpo do que para eu sair de vossa casa, ó minhas senhoras incomparáveis! Deixemos a noite prolongar esta festa alegre, e amanhã poderemos separar-nos e cada um seguir seu destino nos caminhos de Alá.” A mais jovem das irmãs disse: “Por minha vida, minhas irmãs, permitamos a este moço sem vergonha, mas tão amável, passar a noite conosco. E continuemos a nos divertir às custas dele.” - Concordamos, responderam as duas outras, e disseram ao moço: “Deves jurar não perguntar nada a respeito do que venha a passar-se aqui esta noite.” Ele jurou. - Levanta-te, mandaram, e lê o que está escrito atrás da porta. Levantou-se e leu: “Não fales do que não te diz respeito, se não quiseres ouvir o que não te agrada”. - Senhoras minhas, disse o moço, sois testemunhas de que não direi uma palavra sobre o que não me diz

respeito nem falarei a ninguém do que se passará aqui esta noite. E pôs-se a cantar: Disseram-me: enlouqueceste! Respondi: Só os loucos são felizes. Devolvei-me aquela que me enlouqueceu. E vede se não me curo na hora.

ADULTÉRIO COM OS OLHOS

Quando as três irmãs estavam brincando com o carregador (história do Carregador e as jovens mulheres), bateram à porta. A irmã mais nova foi abrir e voltou, dizendo: “Completo-se nossa alegria esta noite, pois encontrei à porta três estrangeiros semi-anões do tipo Saaluks tendo cabeça pequena e pescoço fino. Os três têm a barba raspada e bigodes compridos e são zabolhos do olho esquerdo, e cada um apresenta um aspecto mais divertido que o outro. Pediram-me asilo. Se os deixarmos entrar, vamos nos divertir gostosamente às suas custas”. As duas outras irmãs concordaram e os três Saaluks foram admitidos. Após cumprimentar a todos, animaram-se de repente e tomaram parte na festa, tocando alaúde, tamborim e flauta, dançando e cantando. Depois, cada um deles contou sua história. A do segundo Saaluk é a mais divertida. Disse: Em verdade, eu não nasci zabolho, e a história que vou contar é tão assombrosa que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos, serviria de lição a todo homem circunspecto. Embora esteja hoje mal vestido e de aparência comum, eu sou um rei, filho de rei, um homem educado acima do normal. Li o Alcorão e os livros dos mestres e aprendi as ciências e os segredos dos astros. Minha fama espalhou-se a tal ponto que, um dia, o rei da Índia solicitou a meu pai que me deixasse visitá-lo. Meu pai consentiu e mandou preparar seis navios para acompanhar-me, enchendo-os dos presentes mais preciosos. Após navegar trinta dias, chegamos a terra firme, carregamos os dez cavalos e dez camelos que estavam conosco com os presentes destinados ao rei da Índia e iniciamos a marcha. Mas logo fomos assaltados por um bando de sessenta árabes do deserto, os quais mataram meus escravos, apoderaram-se de meus cavalos e ameaçaram matar-me também. Fugi e me refugiei numa gruta encontrada por acaso. No dia seguinte, sai de meu esconderijo e pus-me a caminhar até que cheguei a uma grande e bela cidade que a primavera cobria de rosas. Estava errando pelas ruas quando passei pela porta de um alfaiate que cosia na sua loja. Cumprimentei-o, e ele me cumprimentou, e sentimos uma mútua simpatia ligar-nos. Convidou-me a entrar, e vendo-me pálido e exausto ofereceu-me o que comer e beber e perguntou-me de onde vinha. Contei-lhe minha história. - Meu simpático amigo, disse-me, não contes tua história a ninguém por aqui, pois o rei desta terra é inimigo de teu pai por causa de uma antiga desavença, e espera uma oportunidade para vingar-se dele. Quanto a teu saber, de nada te pode servir neste ambiente onde ninguém se interessa por cultura ou sequer sabe ler. Resigna-te, aceita minha hospitalidade, descansa três dias, depois apanha um machado e vai cortar lenha na floresta até que Alá te abra uma porta melhor. Segui as sugestões de meu novo amigo. Após descansar, comprei um machado e, todos os dias, acompanhava os outros lenhadores. Cortava lenha que carregava sobre a cabeça e vendia nas ruas por meio dinar. Um dia, enquanto cavava a terra em volta das

raízes de uma árvore, meu machado ficou preso no anel de uma placa de cobre. Levantei a placa e descobri uma escada. Desci pela escada e, ao fundo, deparei com uma porta. Abri-a e achei-me na sala de um magnífico palácio. E lá encontrei uma jovem mais bela que todas as pérolas. Minha fadiga desapareceu por magia, ajoelhei-me diante dela e adorei-a. Olhou para mim e perguntou: “És um homem ou um gênio?” Respondi: “Sou um homem”.- Como então pudeste chegar a este lugar onde vivo há mais de vinte anos sem ter visto um filho de Adão? Respondi: “Princesa, foi Alá que me conduziu até aqui para me compensar de minhas privações e sofrimentos”. E contei-lhe minha história. Chorou e contou-me a sua: “Sou a filha do rei Ifitamous, da Índia. Meu pai casou-me com meu primo, mas na própria noite do casamento, e antes que minha virgindade fosse tomada, o Afrit Jurgis me raptou e trouxe-me para este palácio, que encheu com tudo que se possa desejar em iguarias, bebidas, vestidos e móveis. Desde então, vem passar uma noite comigo de dez em dez dias. Se precisar dele antes da noite marcada, basta-me esfregar essa inscrição que vêes ali na parede. E ele logo aparece. A última vez que veio foi há quatro dias. Faltam seis dias para a sua próxima visita. Poderás ficar comigo até lá e ir embora antes de sua chegada. Pois ele é de um ciúme perigoso.” E cantou para mim na mais melodiosa das vozes: Se soubéssemos de tua vinda, teríamos espalhado nosso coração como um tapete para teus pés. Depois, passamos uma noite mais cheia de prazeres que as noites prometidas aos fiéis no Paraíso. Perguntei-lhe: “Não me deixarás levar-te deste subterrâneo e livrar-te do gênio?” Respondeu: “O pobre Afrit tem apenas uma noite e tu tens nove. Satisfaze-te assim”. Eu, entretanto, na minha paixão e estupidez, quebrei a inscrição mágica deixada pelo Afrit, supondo que o impediria assim de voltar àquela morada. Mas ele logo apareceu, um gigante capaz de derrubar sozinho um exército inteiro. Fugi pela escada, mas, na minha agitação, esqueci minhas sandálias e meu machado.

- De quem são esse machado e essas sandálias, ó traidora infame? perguntou o Afrit. - Nunca reparei neles, respondeu a jovem. Talvez os tenhas trazido, agarrados a tuas vestes, sem o perceber. - Tu te tornas ainda mais culpada, acrescentando a mentira à traição, bradou o Afrit. E pondo-a toda nua, crucificou-a entre quatro estacas e começou a bater nela. Não podendo agüentar vê-la maltratada assim, saí pela abertura e recoloquei a tampa no lugar. Mal tinha chegado à casa do alfaiate, chamaram-me da rua, dizendo que um mouro achara meu machado e minhas sandálias e queria nos devolver. O Afrit tinha, com efeito, apanhado minhas coisas e interrogado todos os lenhadores até descobrir que eram minhas. Arrastou-me e levou-me de volta ao palácio da moça, e disse-lhe: “Eis teu amante, desavergonhada rameira.” Ela negou conhecer-me. “Neste caso, corta-lhe a cabeça com esta espada,” ordenou o gênio. Mas ela parou diante de mim e largou a espada sem força para me matar. - É tua vez, disse-me o gênio. Corta-lhe a cabeça. Olhei para ela e olhou para mim. - Cometeste adultério com os olhos, gritou o Afrit, e cortou-lhe os pés e os braços e, depois, a cabeça. Quanto a ti, disse-me, como não tenho provas de que cometeste adultério com ela, não te matarei; mas, para que não penses que me enganaste, vou te enfeitiçar. Que preferes ser: um asno, um cachorro, uma mula, um corvo ou um macaco? Escolhe rapidamente. Comecei a suplicar-lhe, mas ele me apanhou, subiu comigo ao espaço até que vi a Terra do tamanho de uma bola de gude; depois, depositou-

me no cume de uma montanha, feito macaco, um macaco de horrível aspecto. E sumiu. Vivi lá meses. Desci mais tarde pouco a pouco até a costa. O capitão de um navio mandou apanhar-me para levar-me de presente à filha de seu rei. Assim que ela olhou para mim, cobriu a face e disse ao pai: “Este não é um macaco. É um príncipe, filho do rei Ifitamous. Foi enfeitiçado pelo Afrit Jurgis. E ele não é apenas um homem, é um homem culto, sábio, educado”. - Confirma o que minha filha disse de ti? Perguntou o rei, olhando-me fixamente. Abanei a cabeça e comecei a chorar. Voltando-se para a filha, o rei perguntou-lhe como sabia dessas coisas. Respondeu: “Lembras-te da velha que me servia de babá quando era menina? Foi ela que me ensinou a magia. Depois, aperfeiçoei-me, estudando centenas de livros e códigos secretos. Hoje, sou capaz de remover este palácio com seus fundamentos e mesmo esta cidade inteira para o outro lado do monte Kaf” - Então, em nome de Alá, exclamou o rei, liberta este jovem para que faça dele meu vizir. A moça pegou uma faca que tinha palavras hebraicas gravadas num lado, fez com ela um círculo no ar e pronunciou palavras mágicas; e, de repente, o próprio Afrit Jurgis surgiu no meio da sala, com olhos feito tições, e disse à filha do rei: “Ó pérfida, não concordamos que nenhum de nós contrariaria o outro? Bem mereces a sorte que te espera”.E, de súbito, o Afrit transformou-se num leão e precipitou-se sobre a rapariga para devorá-la. Ela, porém, com uma velocidade de raio, arrancou um fio de seu cabelo, transformou-o numa espada e com ela cortou o leão em dois. Mas a cabeça do leão transformou-se num escorpião gigante, e a moça reagiu, transformando-se numa serpente. Ambos travaram uma luta feroz. Em seguida, o escorpião transformou-se num abutre e a serpente em águia. Depois, o abutre transformou-se num gato e a águia num lobo. Finalmente, a moça virou uma tocha enorme e queimou o terrível Afrit.

A princesa aspergiu-me então com água mágica, repetindo: “Em nome de Alá Todo-Poderoso, volta à tua primeira forma!” Foi assim que me tornei de novo um ser humano, mas tendo um olho só. Em seguida, a moça orou ao fogo, e chispas negras emanaram do corpo queimado e invadiram-lhe o peito e o rosto, enquanto repetia: “Juro que não há Deus senão Alá e que Maomé é o mensageiro de Alá.” De repente, vimo-la pegar fogo e ser reduzida em pouco tempo a um monte de cinzas ao lado das cinzas do Afrit. Chorando e lamentando a perda da filha, disse-me o rei: “Jovem, antes de tua chegada, todos aqui vivíamos na felicidade. Agora, por tua causa, perdi minha filha que valia mais que cem homens. Pudéssemos nunca ter visto teu rosto de mau augúrio. Sai deste país. O que já nos aconteceu por tua causa basta!” Saí satisfeito, apesar de ter perdido um de meus olhos, pois dizia a mim mesmo: “Antes a perda de um olho do que a de minha cabeça.” Disfarcei-me em Saaluk para poder viajar em segurança. Percorri vários países e, finalmente cheguei a Bagdá.

A HISTÓRIA DE KAFUR, O NEGRO.

Irmãos, minha história começa quando eu tinha oito anos, pois já então era um mentiroso consumado. Nunca contei mais de uma mentira por ano, mas era uma mentira de tamanho brilho que meu dono, que era mercador de escravos, costumava cair no chão quando a ouvia. Finalmente, não podendo mais agüentar comigo, mandou oferecer-me à venda nestes termos: “Quem quer comprar um

negro com um defeito?” Um comerciante perguntou qual era o defeito. Disseram-lhe que eu mentia uma vez por ano. Comprou-me, defeito e tudo, por seiscentos dirhams. Meu novo amo vestiu-me com roupa que me caía muito bem, e vivi com ele pelo restante daquele ano. O ano novo chegou com promessas de colheitas abundantes nos campos e nas hortas, e os comerciantes festejaram-no e prestaram homenagens uns aos outros nos jardins fora da cidade. Quando chegou a vez de meu amo, este mandou preparar abundantes comidas e bebidas e ofereceu aos amigos na sua casa de campo uma festa suntuosa que duraria da manhã à noite. Mas aconteceu que ele esquecera algo em sua residência. Mandou-me, pois, montar uma mula e voltar à cidade. Devia pedir o objeto esquecido a minha ama e levá-lo de volta o mais rapidamente possível. Ao aproximar-me da casa, comecei a lamentar-me em alta voz e derramar abundantes lágrimas. Os vizinhos acorreram. As mulheres apareceram às janelas, acompanhadas pelas filhas. Todos me perguntavam o que tinha acontecido. Respondi através dos gemidos: “Meu amo estava no jardim com seus convidados quando uma muralha caiu sobre ele e o esmagou. Pulei sobre minha mula e vim avisar a família.” Ouvindo essa notícia, minha ama e suas filhas entraram em pranto, rasgaram os vestidos, bateram no rosto. E minha ama, querendo exibir a aflição conforme as tradições, pôs-se a destruir a casa, quebrando armários, portas e outros móveis e jogando na rua o que não conseguia quebrar. Manchou e sujou as paredes e pediu-me para ajudá-la nessa demolição generalizada.

Não me fiz de rogado. Comecei imediatamente a destruir os objetos mais pesados. Quebrei também a louça, queimei as camas, os tapetes, as cortinas, as almofadas. Depois, passei ao teto e às paredes até que toda a casa virou uma só ruína. Durante esse tempo, não parava de chorar e gemer: “Meu amo! Oh, meu Amo!”

Minha ama e suas filhas saíram à rua com os rostos descobertos e o cabelo desarrumado. Pediram-me para guiá-las ao lugar onde meu amo estava enterrado sob a muralha. Andei na frente delas, lamentando: “Meu amo! Oh, meu amo!” Breve, uma multidão juntou-se a nós. E alguém aconselhou à minha ama a comunicar o acidente ao uáli. Deixei-os dirigirem-se à residência do uáli e corri até o jardim onde estava meu amo; cobri meu cabelo com poeira, bati no rosto e aproximei-me do jardim gritando: “Minha ama! Oh, minha ama! Minhas pequenas amas! Meus pobres pequenos amos!” Pulei no meio dos convivas numa manifestação extravagante de aflição, gemendo: “Oh, quem me ajudará? Que mulher será jamais tão boa quanto minha pobre ama! Naturalmente, meu amo mudou de cor e perguntou-me o que acontecera. “Meu amo, respondi, quando cheguei em casa, vi que ela havia caído sobre tua mulher e teus filhos.”

- Mas a minha mulher se salvou, não?

- Que pena, não, respondi. Ninguém escapou. Tua filha mais velha foi a primeira a morrer.

- E minha filha menor?

- Morta, morta!

- E meus dois filhos varões?

- Morreram. Morreram todos.

- E meu camelo?

- Morreu também. Oh, meu amo, ninguém escapou. As paredes da casa e as paredes do estábulo caíram juntas e esmagaram a todos, até os cabritos, os cachorros, as galinhas e os pássaros. Ninguém escapou. Oh, meu amo, o senhor não tem mais nem casa nem família.

A luz virou escuridão nos olhos de meu amo. Rasgou a roupa, arrancou a barba, bateu nas faces até que sangraram, gritando: “Meus filhos! Minha mulher!”

Os convivas cercaram-no, procurando fortalecê-lo. E todos se reuniram e se dirigiram para o local da tragédia quando viram ao longe uma multidão aproximar-se. Quando os dois grupos se encontraram, a primeira pessoa com quem meu amo cruzou foi a própria mulher. Ao constatar que estava cercada por todos os seus filhos, pôs-se a rir como um louco. Seus familiares jogaram-se por sua vez nos seus braços, gritando: “Meu marido, meu pai, graças a Deus estás salvo. Como conseguiste escapar da muralha que desabou sobre ti?” Gritava ele por sua vez: “Estais todos salvos, meus queridos. Como conseguistes vos salvar quando a casa desabou sobre vós?” Não demoraram uns e outros a dar-se conta de que tinham sido trágica e cinicamente enganados pelas minhas mentiras. Meu amo lançou-se sobre mim, berrando: “Escravo miserável, imundo, negro azarento, filho de uma prostituta e de um milhar de cachorros, amaldiçoado filho de uma raça maldita. Por que nos mergulhaste a todos nessa terrível aflição? Por Alá, vou separar tua pele de tua carne e tua carne de teus ossos.” Respondi sem medo: “Desafio-te a fazer-me o menor mal. Compraste-me com meu defeito na presença de testemunhas. Foste especificamente avisado de que meu defeito era dizer uma mentira por ano.” Quando chegamos a casa e ele a viu em ruínas, tendo a mulher lhe contado com algum exagero que tudo fora obra minha, ficou mais furioso ainda. “Bastardo, filho de uma cachorra,” gritou e levou-me ao uáli. Lá deram-me inumeráveis chicotadas até que perdi os sentidos. Enquanto estava inconsciente, chamaram um barbeiro que me castrou completamente. Acordei um eunuco de verdade, e ouvi meu amo dizer: “Destruíste coisas que me eram muito caras, e eu destruí coisas que te eram muito caras.” Depois, levou-me ao mercado e vendeu-me por um preço superior ao que tinha pago por mim porque eu já era um eunuco. Continuei a causar danos com minhas mentiras anuais. Mas sinto-me bastante enfraquecido desde que perdi meus testículos.

O SACO PRODIGIOSO

Contam que o califa Harun Ar-Rachid, atormentado certa noite pela insônia, apelou a Jafar, seu vizir, para que lhe proporcionasse algum divertimento. Jafar respondeu: “Ó Emir dos Crentes, tenho um amigo chamado Ali que sabe uma porção de histórias deliciosas, ótimas para apagar as mágoas e acalmar os ânimos irritados!” Ali foi imediatamente chamado à presença do califa, e o califa disse-lhe: “Escuta, Ali! Disseram-me que conheces histórias capazes de dissipar a mágoa e de trazer o sono. Desejo de ti uma dessas histórias.” Ali respondeu: “Ouço e obedeço, ó Emir dos Crentes! Porém, não sei se devo contar-vos algo que tenha ouvido com meus ouvidos ou que haja visto com meus olhos!” Ar-Rachid disse: “Prefiro uma história de que tu mesmo participes!” Então, disse Ali: “Um dia, estava eu sentado em minha tenda, vendendo e comprando, quando

chegou um curdo para negociar comigo alguns objetos; mas, de repente, apoderou-se de um saco que eu tinha diante de mim, e sem se dar sequer ao trabalho de ocultá-lo, quis levá-lo, como se fosse de sua absoluta propriedade. De um salto, agarrei o curdo pela aba da roupa e exigi que me devolvesse o saco; mas ele encolheu os ombros e disse: “Ora este saco é meu com tudo o que contém!” “Então, gritei o mais alto que pude: “Ó muçulmanos, salvai das mãos deste infiel o que é meu!” Ao ouvir meus gritos, todo o mercado agrupou-se em redor de nós, e os mercadores me aconselharam a queixar-me ao Cádi. “Quando chegamos à presença do cádi, mantivemo-nos de pé respeitosamente, e começou ele por perguntar-nos: “Quem de vós é o querelante e de quem se queixa?” O curdo, então, sem dar-me tempo para abrir a boca, adiantou-se alguns passos e respondeu:

““Dê Alá seu apoio a nosso amo, o cádi! Este saco é meu. Pertence-me com todo o seu conteúdo. Havia-o perdido, e acabo de reencontrá-lo diante deste homem!”” O cádi perguntou-lhe: “Quando o perdeste?”

“O curdo respondeu: Ontem, e sua perda impediu-me de dormir à noite!” “O cádi disse-lhe: “Enumera-me os objetos que contém!”” Sem titubear um instante, respondeu o curdo: “Em meu saco, ó nosso amo cádi, há um lenço, dois copos de limonada com a borda dourada, duas colheres, um almofadão, dois tapetes para mesa de jogo, duas panelas com água, duas cestas de vime, uma bandeja, uma marmitta, um depósito de água de barro cozido, uma caçarola de cozinha, uma agulha grossa de fazer malha, dois sacos com provisões, uma gata, duas cadelas, uma vasilha com arroz, dois burros, duas liteiras para mulher, um

traje de pano, duas peliças, uma vaca, dois bezerros, uma ovelha com dois cordeiros, uma fêmea de camelo com dois camelinhos, dois dromedários de carga com suas fêmeas, um búfalo, dois bois, uma leoa com dois leões, uma urso, dois zorros, duas camas, um palácio com dois salões de recepção, duas tendas de fazenda verde, dois dosséis, uma cozinha com duas portas e uma assembléia de curdos de minha espécie, dispostos a dar fé de que este saco é meu saco.” “Então o cádi olhou para mim e perguntou-me: “E que tens tu para contestar?” “Eu, ó Emir dos Crentes, estava estupefato com tudo aquilo. Entretanto, avancei um pouco e respondi: “Que Alá leve e honre o nosso amo cádi! Eu sei que em meu saco há somente um pavilhão em ruínas, uma casa sem cozinha, um canil, uma escola de adultos, uns jovens jogando dados, uma guarida de salteadores, um exército com seus chefes, a cidade de Basra e a cidade de Bagdá, o palácio antigo do emir Chedad-Ben-Aad, um forno de ferreiro, um caniço de pescar, um cajado de pastor, cinco rapazes e doze donzelas intatas e mil condutores de caravanas dispostos a jurar que este saco é meu!” Quando o curdo ouviu minha resposta, irrompeu em choro e soluços, e depois exclamou com a voz entrecortada por lágrimas: “Ó nosso amo cádi, este saco que me pertence é conhecido e reconhecido, e todo mundo sabe que é de minha propriedade. Aliás, contém, além do que enumerei e que ia esquecendo, duas cidades fortificadas e dez torres, dois alambiques de alquimista, quatro jogadores de xadrez, uma égua e dois potros, uma sementeira, duas jaqueiras, duas lanças, duas lebres, um rapaz inteligente, dois mediadores, um cego, um coxo e dois paralíticos, um capitão de marinha, um navio com seus marinheiros, um sacerdote cristão, um patriarca e dois frades e, por fim, um cádi e duas testemunhas dispostas a jurar que este saco

é meu!” “Ao ouvir estas palavras, o cádi olhou para mim e perguntou-me: “Que tens para contestar a tudo isso?” “Eu, ó Emir dos Crentes, sentia-me enraivecido até a ponta dos cabelos. Adiantei-me, contudo, mais alguns passos e respondi com toda a calma de que era capaz: “Alá esclareça e consolide o juízo de nosso amo, ó cádi! Devo acrescentar que neste saco há, além do que já enumerei e que também ia esquecendo, medicamentos contra dor de cabeça, filtros e amuletos, cotas de malhas e armários cheios de armas, mil carneiros destinados a lutar a chifradas, um parque com gado, homens dados às mulheres, outros afeiçoados aos rapazes, jardins cheios de árvores e de flores, vinhas carregadas de uvas, maçãs e figos, sombras e fantasmas, frascos e copos, cinco casais recém-casados com o seu séquito, vinte cantoras, cinco formosas escravas abissínicas, três hindus, quatro gregas, cinqüenta turcas, setenta persas, quarenta cachemirenses, oitenta curdas, outras tantas chinesas, noventa georgianas, todo o país do Iraque, o paraíso terrestre, dois estábulos, uma esquita, vários banheiros públicos, cem mercadores, uma mesa de madeira, um escravo negro que toca clarinete, mil dinares, vinte caixões cheios de tecidos, cinqüenta armazéns, as cidade de Kufa, Gaza, Damietta, Assua, os palácios de Kisra Anuchiruan e de Salomão, todas as comarcas situadas entre Balkh e Ispahan, a Índia, o Sudão e o Khorassan. Meu saco contém ainda (Alá preserve os dias de nosso amo cádi) uma mortalha, um ataúde e uma navalha de barbear para a barba do cádi se o cádi não quiser reconhecer meus direitos e não sentenciar que este saco é de minha propriedade!” “Quando o cádi ouviu tudo aquilo, olhou-nos e disse: “Por Alá, ou sois dois gaiatos que quereis zombar da lei e de seu representante, ou este saco é um abismo sem fundo ou o próprio Vale do Dia do Juízo!” “E para verificar quem estava mentindo, o cádi mandou abrir o saco ante as testemunhas. Continha umas cascas de laranja e uns caroços de azeitonas!

“Então, admirando-me o quanto pode alguém admirar-se, declarei ao cádi que aquele saco pertencia ao curdo e que o meu havia desaparecido. E fui-me.” Quando o califa Harun Ar-Rachid ouviu esta história, riu gostosamente, deu um magnífico presente a Ali, e dormiu até a manhã seguinte!

AS-SÁMET: O BARBEIRO CALADO

Como todas as histórias das Mil e uma noites, esta surge encadeada a outra. Numa cidade da China, numa residência de gente fina, prepara-se uma festa em homenagem aos principais membros das corporações: alfaiates, sapateiros, comerciantes, barbeiros, carpinteiros e outros. Quando tudo está pronto para o início da festa, entra o dono da casa acompanhado de um adolescente estrangeiro, trajado à moda de Bagdá, bem constituído e belo, mas coxo. Mal esse jovem senta e olha em volta, algo perturba-o visivelmente. Levanta-se com a disposição de partir. O dono da casa pede-lhe que pelo menos explique este comportamento estranho. Responde: “Há entre vós alguém cuja presença me obriga a sair. Se insistirdes em saber quem é, é aquele barbeiro ali.” O dono da casa comenta: “Como pode alguém que acaba de chegar de Bagdá ser incomodado pela presença de um barbeiro desta cidade?” Todos pedem uma explicação, e o jovem acaba cedendo: “Este barbeiro, que tem um aspecto de alcatrão e alma de betume, foi a causa de uma tragédia que nunca deveria ter ocorrido e que acabou

por danificar uma das minhas pernas, como vedes. Jurei nunca mais viver na mesma cidade que ele, nunca me sentar onde ele estiver. Deixei Bagdá, minha cidade natal, por causa dele, e viajei até este país remoto. E eis que o encontro à minha frente na primeira reunião social de que participo. Saírei logo desta cidade, e espero estar bem longe deste parvo abominável antes do fim do dia.” O barbeiro ouve essas imprecações de olhos baixos e sem adiantar uma palavra. Os outros convencem o coxo a contar sua história. Diz:

“Meus senhores, eu era filho único de um dos mais ricos mercadores de Bagdá. Apesar das solicitações de meu pai, não constituí família porque Alá havia plantado em mim uma aversão invencível pelas mulheres. Um dia, porém, uma jovem, vista à janela de um palácio, inverteu essa aversão numa paixão irresistível. Fiquei doente por não saber quem era e por não encontrar alguém que me pusesse em contato com ela. “Mas Alá teve pena de mim e, um dia, uma velha conhecida me disse: “Meu filho, aquela jovem é a filha do cádi de Bagdá. Conheço pessoas capazes de te arrumar um encontro com ela. Prepara-te.”” Curei-me na hora e readquiri as cores e o vigor da juventude. Antes de ir ao hammam, quis cortar o cabelo. Mandeí um de meus escravos trazer um barbeiro, recomendando-lhe: “Escolhe alguém que tenha a mão ágil, mas sobretudo que seja discreto, educado, de poucas palavras e sem curiosidade para que não me venha atormentar com a loquacidade e a impertinência próprias à gente daquela profissão.” “Meu escravo trouxe-me um barbeiro que não era outro senhores, que este sinistro velho que vedes sentado entre vós. Cumprimentou-me e disse: “Trago-te boas notícias, meu mestre, muito boas notícias. Aliás, não são boas notícias, mas bons votos para que recuperes a saúde e a força. Todavia, negócio é negócio. Que queres exatamente quem faça? Que te corte o cabelo ou te submeta à sangria? Não podes ignorar que o grande Ibn Abbas disse: “Quem mandar cortar o cabelo às sextas-feiras concilia-se com a graça de Alá, que afastará dele setenta tipos de pragas.” Por outro lado, não podes esquecer que o mesmo Ibn Abbas disse numa outra oportunidade: “Quem ousar sangrar-se ou fazer aplicações de ventosas as sextas-feiras, correrá o risco de tornar-se cego e sujeito a todas as doenças.”

“- Meu velho, respondi, peço-te que pares com esta conversa e me cortes o cabelo tão rapidamente quanto puderes, porque estou ainda fraco em consequência da doença e cansa-me tanto falar como ouvir.

“O barbeiro levantou-se, pegou um embrulho similar aos que os homens de sua profissão carregam, abriu-o e tirou dele, não os utensílios de seu trabalho como navalhas, tesouras, mas um astrolábio de sete facetas. Carregou-o até o centro do pátio, olhou o sol de frente e voltou para dizer-me: “Deves saber que

esta sexta-feira é o décimo dia do mês de Safar do ano 763 da Hégira de nosso santo profeta, que as bênçãos do céu estejam sobre ele! Coincide assim, segundo a ciência dos números, com o momento preciso em que o planeta Marrikh se encontra com o planeta Mercúrio, à altura de sete graus. Isso significa que hoje é um dia auspicioso para cortar o cabelo. ““Os mesmos cálculos revelam-me que tens a intenção de visitar hoje uma jovem senhora, e que essa visita pode trazer-te ou bem ou mal. Não digo que preciso de minha ciência para profetizar o que se passará exatamente quando tu e a jovem senhora estiverem juntos, mas isso pouco importa. Pois há coisas que é melhor calar. “- Por Alá,

explodi, sufocas-me com tua verbosidade. Acabarás por me matar. “Trouxe-te para que me cortes o cabelo. Corta-o já sem mais uma palavra.” “-Farei exatamente como desejas, replicou, embora não possa deixar de pensar que, se conhecesses a verdade, pedirias que te dê mais informações e conselhos. ““Pois, deves saber que, embora barbeiro - o mais célebre desta cidade - não sou apenas barbeiro. Possuo na ponta dos dedos as ciências da medicina, das plantas, da química, da geometria, da álgebra. Além delas, conheço a astronomia, a astrologia, a filosofia, a literatura, a história, o folclore de todos os povos e muito mais.”

“E o barbeiro prosseguiu assim, falando e falando e falando, até que o interrompi violentamente, gritando: “Irá me enlouquecer e me matar com este transbordamento interminável de palavras, velho assassino?” “-Aí está o ponto em que te enganas, mestre, replicou. Todo mundo me conhece como As-Sámet, o homem calado, pela parcimônia com que uso as palavras. “Essa afirmação pôs-me completamente fora de mim mesmo. Senti meu fel prestes a romper-se. Gritei a um de meus criados:

“Dá um quarto de dinar a este homem e manda-o embora. De qualquer forma, nunca me cortará o cabelo.”

“Ao ouvir a ordem dada, disse o barbeiro: “Eu poderia chamar essas palavras, palavras rudes, meu mestre. Sim, acho que qualquer um teria o direito de chamá-las palavras rudes. Permite-me dizer que não te dás conta de que desejo ter a honra de atender-te sem pensar em dinheiro. E já que me ofereço para cortar-te o cabelo sem retribuição, como podes imaginar que aceitaria dinheiro sem te ter prestado um serviço correspondente? Não , não, nunca poderia conceber uma coisa dessas. Considerar-me-ia desonrado por toda a vida se aceitasse a menor retribuição. Vejo claramente que não fazes justiça a meu valor. Isso não me impede de ter uma idéia exata de teu próprio valor. “Asseguro-te que te considero digno em tudo de teu grande e lamentado pai, para quem peço a compaixão de Alá. Ele era mesmo um fidalgo. Sim, teu querido velho pai era um fidalgo. Tenho para com ele uma dívida. Por algum motivo, ele sempre me cumulou com favores. Nunca houve homem mais generoso, nunca houve homem igual na sua grandeza se me permites falar assim; e por algum motivo, ele me estimava muito. Lembro-me, como se fosse ontem, do dia em que teu bondoso pai me fez chamar. Achei-o cercado por visitantes ilustres; mas deixou-os assim que cheguei e veio até mim e cumprimentou-me, dizendo: “Meu bom amigo, peço-te que me sangres hoje.” ““Aí abri meu astrolábio, medi a altura do sol e descobri que, naquela hora exata, a sangria não era aconselhada, mas que o seria momentos depois. Comuniquei minhas conclusões a teu pai - que pena que tal patrão tenha ido para a eternidade! Acreditou em mim sem fazer uma pergunta, e ficou batendo papo comigo como se fosse meu amigo e não meu amo, até que soou a hora certa para a operação. Sangrei-o então. Ele sangrou bem, pois era sempre um bom paciente, e agradeceu-me calorosamente. E não apenas ele. Seus amigos se juntaram a ele e me agradeceram também. Agora, estou me lembrando de um fato que esquecia quando comecei esta história: teu honroso pai, satisfeito com a sangria, deu-me cem dinares de ouro.”“ O adolescente interrompeu sua narração e, olhando para todos os presentes, disse: “Estaria assassinando-vos como este malvado barbeiro me assassinou se continuasse a repetir aquela

enxurrada de palavras enfadonhas, ocas, irritantes com que este patife me torturou. Não havia meio de livrar-me dele, nem de levá-lo a me cortar o cabelo, nem de obrigá-lo a calar-se. A certa altura, fez um grande descobrimento: descobriu que era um chato! Disse-me: “Receio estar irritando-te, ó jovem.” Mas logo acrescentou uma frase que o retratava definitivamente. Disse: “Contudo, sou sábio demais para me importar com detalhes como este.” E recomeçou a falar, falar, falar.

“Por fim, começou a cortar-me o cabelo. Mas parava a cada movimento para falar, falar, falar. Eu estava desesperado para livrar-me dele e de sua horrível presença, pois a hora de meu encontro com a filha do cádi se aproximava. Em desespero de causa, disse-lhe: “Estou com pressa porque vou a uma festa na casa de um amigo.” “Mal ouviu a palavra festa, quis acompanhar-me. Para fazê-lo desistir, dei-lhe todas as provisões de minha casa para que fosse festejar com seus amigos. Mas nem isso me libertou dele. Mandou um escravo levar as provisões para sua casa e seguiu-me secretamente na rua para me espionar. Quando entrei na casa do cádi para ver a filha antes da chegada do pai, este canalha postou-se em frente à casa e quando viu o cádi chegar, armou um escândalo desastroso. Tentando passar de um esconderijo a outro na casa do cádi, caí e quebrei a perna, e tornei-me coxo pela vida toda. Lavrei então meu testamento, legando meus bens a minha família e deixei Bagdá, minha cidade natal, decidido a ir viver em qualquer lugar onde não pudesse encontrar-me face a face com este parasita calamitoso. Percorri as sete partes do mundo e estabeleci-me nesta terra longínqua, pensando estar aqui a salvo deste mastim.

“Mas eis que, ao atender ao primeiro convite social que recebo, encontro o mesmo horrendo barbeiro sentado num lugar de honra entre os convidados. Todos os gastos que fiz, a vida errante que me impus, a desgraça de ser coxo são devidos a este demônio de cabelo branco, a esta relíquia perversa e assassina. Possa Alá amaldiçoá-lo, a ele e à sua posteridade até o fim do tempo. E agora, não terei paz até que abandone este país como abandonei o meu.” Tendo falado assim, o jovem levantou-se e partiu. Ficamos olhando para o barbeiro que se conservava calado e cabisbaixo. “O jovem tem razão ou não?” perguntou-lhe um de nós.

- Por Alá, eu sabia o que fazia ao proceder como fiz. Pois assim evitei-lhe desgraças maiores. Que agradeça a Alá e a mim por ter ficado estropiado de uma perna só quando podia ter perdido as duas. Eu não sou nenhum indiscreto ou linguarudo. Ao contrário, sou um homem útil, cauteloso e, sobretudo, calado, como vereis ao ouvir minha história. Por isso, meus amigos me chamam As-Sámet, o homem calado. (Na sua história, esse homem calado fala ao longo de vinte e três páginas da edição original árabe para passar em revista o comportamento de seus seis irmãos, cada um dos quais mais horrendo que o outro.)

O CORCUNDA, O ALFAIATE, O CORRETOR, CRISTÃO, O INTENDENTE E O MÉDICO JUDEU

Conta-se, ó rei afortunado, que vivia na antiguidade, no fundo das idades e dos séculos, numa cidade da China, um alfaiate próspero e de gênio alegre que gostava de divertimentos e passeava de vez em quando com a mulher nos jardins e nas ruas. Certo dia, quando estavam voltando para casa após um desses passeios, cruzaram com um corcunda de aparência tão engraçada que nem a tristeza nem a melancolia podiam viver um instante na sua presença, e o homem sisudo ria gostosamente à sua vista.

Para distrair-se com sujeito tão jocoso, o alfaiate e sua mulher convidaram-no para sua casa. O corcunda aceitou. Enquanto estavam jantando, a mulher do alfaiate, querendo brincar, pegou uma posta de peixe inteira e enfiou-a na boca do corcunda; e, pondo a mão nos lábios do infeliz, obrigou-o a engoli-la. Por inclemência do destino, havia dentro da posta uma espinha enorme que atravessou a garganta do corcunda, e ele morreu na hora. Quando o alfaiate viu o corcunda morto, exclamou: “Não há poder e força senão em Alá! Que azar que este homem tenha morrido em nossa casa!” - De que adianta lamentar-se! censurou a mulher. Levanta-te e ajuda-me a carregar o corpo para fora. Cubramo-lo com um pano de seda e levemo-lo agora mesmo na escuridão da noite. Andarei na frente. Tu, atrás, repetirás numa voz audível: “Este é meu filho. E esta é sua mãe. Estamos procurando um médico. Onde encontrar um médico de noite?” Executaram imediatamente seu plano e repetiram tantas vezes: “Onde encontrar um médico? Queremos um médico” que os transeuntes indicaram-lhes a porta de um médico judeu. Chamaram de fora e foram atendidos por uma enfermeira negra. Perguntaram: “Onde está o médico?” Respondeu a enfermeira: “Está no segundo andar preparando um relatório.” - Queremos que ele examine logo nosso filho. Dá-lhe este dinar adiantado e pede-lhe que desça. Assim que a enfermeira se afastou, deixando a porta aberta, o homem e a mulher entraram, largaram o corpo numa poltrona e fugiram.

Ao ver o dinar, o médico judeu ficou tão satisfeito que esqueceu de apanhar uma lâmpada e desceu a escada precipitadamente no escuro. Seu pé tropeçou, e ele caiu sobre o corcunda. Examinou-o e, achando-o sem vida, pensou que ele próprio o tinha matado. Gritou: “Jeová! Jeová! Pelas dez palavras sagradas, como poderei livrar-me deste corpo?” Consultou a mulher. A mulher invocou o nome de Harun, de Josué, filho de Nun, e de outros santos judeus, e gritou: “Devemos nos livrar dele já. Se for encontrado aqui ao levantar do Sol, estaremos perdidos. Vamos levá-lo até o terraço e atirá-lo para a casa de nosso vizinho muçulmano. Ele é intendente da cozinha imperial e sua casa está infestada de ratos, gatos e cachorros. Devorarão o corpo, e ninguém saberá de nada.” Levaram o corpo até o terraço e baixaram-no mansamente até o pátio do muçulmano, deixando-o encostado na parede da cozinha. Aconteceu que, naquele mesmo momento, o intendente voltava para a casa e viu uma figura de homem apoiada na parede da cozinha. “Ah! exclamou. Não eram então os cachorros e os gatos que roubavam minhas carnes, mas este ladrão.” Pegou num porrete, aproximou-se do homem e bateu repetidamente nele. Mas a figura não se mexeu. Olhando bem, o intendente deu-se conta de que tinha batido num morto. Dirigiu-se a ele, dizendo: “Não te bastava, ó infeliz, ser corcunda? Tinhas que ser ladrão também?” Vendo que a noite estava ainda escura, carregou o corpo até os confins do mercado e deixou-o à porta de uma loja. Ora, um corretor cristão bêbado que repetia: “Cristo está

chegando! Cristo está chegando!” passou por lá e, imaginando que o corcunda queria atacá-lo, saltou sobre ele e cobriu-o de socos. Um guarda municipal correu e, vendo o corcunda morto, gritou: “Onde já se viu isto? Um cristão ousando matar um crente!” Amarrou o corretor e levou-o à casa do uáli. Diante da evidência, o uáli só podia condenar o cristão à forca. Os guardas levaram o condenado até a praça pública para ser enforcado. Mas enquanto preparavam a forca, o intendente da cozinha do sultão chegou, correndo e gritando: “Parai! Parai! Fui eu que matei o homem.” Por que o mataste? perguntou-lhe o uáli. - Encontrei-o encostado à parede de minha cozinha e pensei que fosse ele que roubava todos os dias minhas provisões.

Bati nele com um porrete, e ele morreu. Carreguei-o nas costas e deixei-o à porta da loja. Sou eu que devo ser enforcado. Ouvindo esta confissão, o uáli ordenou aos guardas que libertassem o cristão e enforcassem o intendente. Mas enquanto preparavam a forca, apareceu de repente o médico judeu, forçou caminho no meio da multidão e gritou: “Parai! Parai! Fui eu que matei o homem. Veio à minha clínica para ser medicado. Tropecei no escuro, caí sobre ele e provoquei a sua morte.” O uáli deu ordens para enforcar o médico judeu. Mas antes que a ordem fosse cumprida, o alfaiate chegou, gritando: “Parai! Parai! Só eu matei aquele homem. Não enforqueis um inocente. Enforcai-me.” E contou a história do jantar, da posta de peixe e da caminhada até a casa do médico. Nesta altura, o uáli estava assombrado como nunca em toda a sua vida. Disse: “A história deste corcunda deveria ser registrada nos anais e contadas nos livros.” E mandou o carrasco libertar o judeu e enforcar o alfaiate. Ora, este corcunda era o bobo predileto do sultão. Quando sumira, o sultão perguntou por ele, e os informantes lhe contaram que ele tinha sido morto e que quatro pessoas se haviam declarado sucessivamente responsáveis por sua morte. Divertido e curioso, o sultão mandou que ninguém fosse enforcado e que todos comparecessem diante dele. O mensageiro do sultão chegou minutos antes que o alfaiate fosse enforcado. Libertaram-no, e todos foram à presença do sultão. O uáli beijou a terra entre as mãos do sultão e contou-lhe a história do corcunda, do início ao fim. O sultão ficou maravilhado, riu gostosamente e mandou o historiador do palácio registrar essa história em letras de ouro líquido. Depois, perguntou a todos os presentes: “Já ouvistes histórias iguais a esta?” O corretor cristão, o intendente, o médico judeu e o alfaiate aproximaram-se um por um, beijaram a terra entre as mãos do sultão e contaram histórias supostamente iguais à do corcunda. O sultão gostou de todas elas, mas não conseguiu superar a melancolia que se tinha apoderado pouco a pouco dele por causa da morte de seu bobo predileto. Havia entre os presentes um barbeiro. Após ouvir as diversas histórias e ter sido informado da causa da morte do corcunda, abanou a cabeça gravemente e disse: “Por Alá! Esta é a coisa mais extraordinária que já ouvi. Levantai o pano que cobre o corpo do defunto e deixai-me vê-lo.” Assim que o corpo foi descoberto, o barbeiro aproximou-se dele, sentou-se a seu lado e colocou-lhe a cabeça sobre os joelhos. Após observar-lhe atentamente a face por muito tempo, soltou alegres gargalhadas e disse: “Ó afortunado rei, jura que há ainda vida neste corpo. Vou prová-lo.” Tirou de um frasco um unguento que passou sobre o pescoço do corcunda. Depois, introduziu-lhe na garganta um par de pinças de ferro e retirou a posta de peixe com a espinha. Imediatamente, o

corcunda tossiu fortemente, abriu os olhos e levantou-se, proclamando: “Não há Deus senão Alá, e Maomé é o profeta de Alá.” Os presentes ficaram pasmos e cheios de admiração pelo barbeiro. O rei elogiou-o, dizendo: “Nunca vi um homem ressuscitar outro homem. L o prodígio dos prodígios!” Todos repetiram: “É o prodígio dos prodígios!” O rei da China mandou escrever a história do corcunda e do barbeiro em letras de ouro para ser guardada na biblioteca real. E distribuiu vestes de honra a todos os réus: ao alfaiate, ao médico, ao intendente, ao corretor, e deu-lhes lugares de honra em sua corte. Finalmente, cobriu o corcunda e o barbeiro de presentes valiosos, nomeou o corcunda seu companheiro oficial e o barbeiro, seu barbeiro pessoal. E todos saíram satisfeitos e pedindo as bênçãos de Alá sobre o sultão.

KAMAR AZ-ZAMAN E A PRINCESA BUDUR

Conta-se que havia na Pérsia, em tempos idos, um rei chamado Chahriman, dono de exércitos e riquezas e poder, que tinha um filho tão lindo que o chamou Kamar Az-Zaman, Lua do Tempo. Um dia, o pai disse-lhe: “Meu filho, desejaria ver-te casado e provido de descendentes que continuarão nossa linhagem.” Kamar Az-Zaman mudou de cor e respondeu: “Pai, não sinto inclinação para o casamento, e meu coração não se regozija na companhia das mulheres. Li nos livros dos sábios tantas crônicas sobre a perfídia desse sexo que prefiro morrer a viver com uma mulher.” Aconselhado pelo vizir, o rei deixou passar um ano antes de voltar ao assunto. Mas quando a ele voltou, achou o filho tão oposto ao casamento quanto antes. “Como estão iludidos os pais quando desejam filhos,” lamentou o rei. “Pois um filho é uma decepção e uma mágoa encarnadas.” Ora, vivia na mesma época um rei da China chamado Ghayur que tinha uma filha mais esplêndida que a aurora e que ele chamou Budur, Luas - diversas luas reunidas numa só. Amava-a tanto que mandara construir para ela sete palácios, cada qual diferente dos outros: o primeiro era de cristal; o segundo, de mármore; o terceiro, de ferro chinês; o quarto, de pedras preciosas; o quinto, de prata; o sexto, de ouro; e o sétimo, de jóias. Disse um admirador: “Vi a jovem passeando em seus palácios; será surpreendente que tenha perdido a razão?” Todos os reis procuraram essa beleza incomparável para seus filhos; mas cada vez que o pai lhe falava em casamento, Budur respondia: “Sou a rainha e a dona de mim mesma. Como pode meu corpo, que mal agüenta o toque da seda, tolerar o contacto rude de um homem?” Quando seu pai insistia, ela ameaçava matar-se. Para castigar a desobediência do filho, o rei Chahriman o tinha condenado a viver numa torre antiga abandonada, atrás da qual havia um poço onde se refugiara uma jovem Afrita da descendência de Ibliss, chamada Maimuna. Era a filha de Dimiryat, rei dos gênios subterrâneos. Uma noite, Maimuna avistou luzes na torre inabitada e, curiosa, quis ver o que lá acontecia. Voou e entrou nos aposentos iluminados e viu Kamar Az Zaman deitado seminu na cama. As palavras não conseguem descrever sua surpresa e alegria. Ela nunca havia visto beleza igual. Ficou uma hora a contemplá-lo, depois depositou beijos delicados em seus lábios, olhos, faces e saiu descontrolada. Cruzou na saída com o Afrit Dachnack, que chegava da China onde ficara deslumbrado com a beleza da

princesa Budur. Contou sua aventura a Maimuna. Maimuna recebeu suas confidências com escárnio: “Tuas observações acerca dessa jovem desgostam-me. Como ousas compará-la ao jovem que eu amo? Ele é tão lindo que, se o visses apenas em sonho, cairias como um epilético e roncarias como um camelo.” Para pôr fim à discussão, os dois gênios decidiram visitar os dois jovens e comparar-lhes a beleza. Apostaram mil dinares no vencedor. Maimuna levou então o Afrit até o aposento de Kamar Az-Zaman, e ele disse: “Maimuna, compreendo teu entusiasmo. Nunca vi, com efeito, tantas perfeições reunidas num só jovem; contudo, digo-te que o molde em que o fabricaram foi usado para produzir uma cópia feminina, que é a princesa Budur, filha de Ghayur.” Maimuna ficou furiosa e disse ao Afrit: “Voa rápido e traze a tal maravilha para cá, a fim de que possamos colocar os dois jovens lado a lado e compará-los.” Dachnack apanhou seu chifre e sumiu no espaço como uma flecha. Uma hora depois, estava de volta carregando a princesa adormecida, vestida com uma simples camisola. E os dois feiticeiros levaram-na e estenderam-na ao lado do príncipe Kamar Az-Zaman. Maimuna teve que admitir que os dois eram iguais - menos nas partes que fizeram deles homem e mulher. Assim mesmo, cada Afrit afirmava ter ganho a aposta e, para resolver sua divergência, decidiram recorrer a um árbitro. Imediatamente apareceu um Afrit de horrível feiúra. Tinha seis chifres e três caudas; um de seus braços media dez metros de comprimento; o outro, apenas dois. E seu zib era quarenta vezes maior que o zib de um elefante. Seu nome era Fakrach Ibn Atrach, da linha de Abu-Hanfach. Convidado a indicar o mais belo dos dois, o gênio contemplou-os longamente e, constrangido, reconheceu: “Por Alá são iguais em beleza. A única diferença entre eles refere-se ao sexo. Se assim mesmo insistirem em descobrir alguma superioridade num deles, acordemo-los, enquanto permanecemos invisíveis, e aquele dos dois que manifestar maior paixão pelo outro terá reconhecido que os encantos do outro são mais poderosos.” Os três concordaram e Dachnack, transformando-se numa pulga, mordeu Kamar Az-Zaman no pescoço. Kamar Az Zaman, meio-acordado após a irritação de seu pescoço, deixou a mão cair, e ela pousou na perna nua de Budur. O jovem abriu os olhos, mas eles voltaram logo a fechar-se, ofuscados que foram pela visão da beleza. Encantado, levantou a cabeça e contemplou longamente a desconhecida que dormia a seu lado. Depois, virou-se e exclamou: “Que traseiro glorioso E começou a acariciar-lhe o ventre, os seios, as pernas, as nádegas.

Devemos acrescentar que fora Dachnack quem provocara um sono profundo em Budur para permitir ao jovem manipulá-la à vontade. Kamar Az-Zaman aplicou seus lábios nos de Budur e procurou acordá-la, mas em vão. Concluiu: “Não posso esperar. Devo penetrar nela enquanto dorme.” Mas pensou de repente que provavelmente o pai mandara colocar a jovem lá para provocá-lo, e que ele estava observando-o de algum esconderijo. Se tocasse nela, o pai o censuraria por não querer mulher para assegurar a sua posteridade, enquanto a queria para o divertimento e o vício. Virou, pois, as costas e voltou a dormir. Budur acordou finalmente e, já apaixonada por Kamar Az Zaman, pediu-lhe: “Por favor, abre os olhos, ó mestre da beleza. Só tu conseguiste acender um fogo em mim. Oh, por que não acordas? Acorda, senão vou morrer.” E começou a acariciá-lo. De repente, sua mão tocou em algo que ela não conhecia. E a coisa

começou a crescer em sua mão e a provocar nela novas sensações. Comparando seus dois corpos, compreendeu o papel daquele órgão e introduziu-o onde cabia. Os três Afarit acompanhavam tudo isso sem perder um gesto. Deixaram a operação chegar ao fim, depois aproximaram-se da cama, levantaram a moça sobre as espáduas, voaram com ela e a depositaram em sua cama no palácio de seu pai na China. E foram embora em direções diferentes. Pela manhã, Kamar Az-Zaman acordou, a mente cheia das imagens da noite. Não encontrando a moça, teve a certeza de que se tratava de uma manobra do pai para levá-lo a casar-se. Chamou seu escravo e perguntou-lhe: “Aonde levaste a jovem, ó Sauab?” “Que jovem, meu senhor?” perguntou o escravo. “Hoje, não agüento tuas mentiras, velhaco abominável” retrucou Kamar Az-Zaman. Apanhou o escravo, estendeu-o no chão e pôs-se a bater nele, dizendo: “Vou bater em ti até que confesses onde está a jovem ou até que morras.” Uma vez coberto de sangue e tendo um braço quebrado, o escravo gritou: Por favor, para de bater em mim, e confessarei tudo.” Assim que o príncipe parou de bater nele, o escravo pediu licença para ir lavar o sangue e aproveitou para correr ao palácio e dizer ao rei, chorando, que Kamar Az-Zaman tinha enlouquecido. E descreveu ao rei e ao vizir as alucinações que presenciara. O rei, após insultar o vizir, responsabilizando-o por tudo, mandou-o verificar o que se passava. Kamar Az-Zaman, considerando o vizir de conluio com seu pai, naquela farsa, exigiu dele que lhe trouxesse a moça. Como o vizir negava tudo, o príncipe bateu nele também e lhe arrancou fios da barba. E o ministro voltou à presença do rei num estado lamentável, repetindo que Kamar Az-Zaman tinha enlouquecido. Insultando o novamente, o rei correu à torre para ver o filho. Achou-o tranqüilo, lendo o Alcorão. “Meu filho, disse o rei, por incrível que pareça, esse nojento escravo e esse vizir maluco alegam que enlouqueceste, pois os acusas de ter levado uma mulher que dormiu contigo aqui à noite.” - Pai, respondeu o filho, não agüento mais essa farsa. Tenho provas do que digo. Primeiro, este anel que ela me deu em troca do meu. Depois, quando acordei, tinha sangue embaixo do umbigo, o sangue da virgem que se entregara a mim. A água com que lavei o sangue está ainda no banheiro. Fiquei tão apaixonado por ela que, se não conseguir encontrá-la e casar-me com ela, ó pai, ficarei doente até morrer. O rei examinou a água e convenceu-se da veracidade das palavras ao filho, mas não conseguia penetrar o mistério e muito menos adivinhar quem era a moça e onde procurar por ela. E o filho foi definhando. Na China, a noite estava acabando quando os três Afarit devolveram a dama Budur a seu leito. Ao acordar pela manhã, sorriu e com os olhos ainda fechados estendeu os braços para apertar seu amante, mas só abraçou o ar. Não encontrando ninguém na cama, emitiu um grito tão agudo que sua governanta e suas nove escravas acorreram para junto dela. “O que aconteceu, minha ama?” perguntou a governanta. - Perguntas como se não soubesses, astuciosa bruxa. Dize-me logo onde está o jovem mais belo que a lua que passou a noite comigo e a quem entreguei meu corpo, meu coração e minha virgindade. Essa declaração causou tamanho escândalo que toda a corte foi perturbada. O rei acorreu aos aposentos da filha e disse-lhe: “Minha querida, que alucinações tomaram conta de ti? Por que essa conduta indecorosa?” Por resposta, Budur rasgou a camisa, do pescoço até os pés, bateu nas faces e afundou num mar de lágrimas. O rei chamou então todos os sábios, astrólogos,

doutores e alquimistas do reino e disse-lhes: “Minha filha Budur está em tal e tal estado. Quem conseguir curá-la a terá por esposa e herdará o trono depois de mim. Mas se aproximar dela sem a curar, terá a cabeça cortada.” Ora, a princesa Budur tinha um irmão de leite, Marjan, que havia estudado a magia e a feitiçaria em livros hindus e egípcios. Visitou-a em segredo, munido de um astrolábio, de livros mágicos e de uma lâmpada, e entendeu que Budur estava apaixonada por um jovem desconhecido, e não tinha nada mais. O único problema era descobrir o jovem. Marjan, que amava a irmã, decidiu tudo abandonar e percorrer os países na esperança de localizar, por um acaso feliz, o homem que lhe devolveria a alegria de viver. Para ajudá-lo nas buscas, Budur entregou-lhe o anel de Kamar Az-Zaman que lhe ficara no dedo. Marjan viajou de cidade em cidade e de ilha em ilha, ouvindo em toda parte notícias e rumores sobre a estranha alienação mental da princesa Budur. Seis meses depois, chegou à terra de Kholidan e lá começou a ouvir a história de Kamar Az-Zaman, vítima de alucinações que pareceram a Marjan similares às da princesa Budur. Um dia, encontrou-se com o vizir do rei Chahriman, o qual, conversando com ele, ficou impressionado com seus conhecimentos em todos os campos, notadamente na medicina, e pensou: “Este moço será sem dúvida capaz de curar o filho de meu soberano.” E convidou-o a visitar o palácio real. Na primeira entrevista que teve com Kamar Az-Zaman, Marjan convenceu-se de que ele era o jovem que sua irmã de leite procurava e que ela era a jovem que o príncipe procurava. Mostrou a Kamar Az-Zaman o anel de Budur. No mesmo instante, o príncipe curou-se completamente, e as cores da juventude voltaram-lhe às faces. Sem pedir licença ao rei, os dois jovens iniciaram imediatamente a viagem rumo à terra da princesa Budur. Quando lá chegaram, havia já quarenta cabeças penduradas na praça pública - as cabeças daqueles que haviam tentado curar a princesa sem o conseguir. Na entrada do palácio da princesa, os eunucos encarregados da segurança olharam com pena para esse novo pretendente, tão belo e que breve iria ter a cabeça cortada. Mas ele apanhou um papel e escreveu: “De Kamar Az-Zaman, filho do sultão Chahriman, para a princesa Budur, filha do rei Ghayur. Se tivesse que descrever toda a paixão de meu coração, não haveria bastante tinta no mundo. Contudo, se a tinta faltar, meu sangue escreverá o resto. Com esta mensagem, envio-te teu anel como prova indiscutível de que sou o jovem cujo coração transformaste em incêndio e em tempestade e que chora e clama por ti. Kamar Az-Zaman” O príncipe colocou o bilhete e o anel num envelope, selou-o e entregou-o ao eunuco. O escravo transmitiu-o a sua ama, dizendo: “Há um jovem astrólogo atrás da cortina, tão audacioso que alega ser capaz de curar as pessoas sem as ver. Enviou-te este papel.” Mal a princesa abriu o envelope e reconheceu seu anel, gritou de alegria e, empurrando o eunuco, correu até o amante e lançou-se nos seus braços. Beijaram-se como dois pombos que havia sido separados pela maldade do destino. O eunuco correu a informar o rei: “aquele jovem astrólogo é mais sábio que todos eles. Curou a princesa Budur antes mesmo de a ter visto.” O rei foi ao aposento da filha e, vendo que estava de fato curada, beijou-a entre os olhos, abraçou Kamar Az-Zaman e perguntou-lhe de onde vinha. “Venho de Kholidan. Sou o filho do rei Chahriman.” E contou toda a história. - Por Alá, comentou o rei, essa história é tão maravilhosa que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos, ensinaria a prudência, a reflexão, mas também

a audácia e a esperança. Mandou vir o cádi e as testemunhas e fez redigir o contrato de casamento entre Budur e Kamar Az-Zaman. A cidade foi decorada e iluminada durante sete dias e sete noites. O povo comeu, bebeu e se regozijou. E os dois enamorados amaram-se à vontade no meio dos festejos, agradecendo Àquele que os tinha feito um pelo outro. Numa noite, Kamar Az-Zaman viu seu pai num sonho, dizendo-lhe: “É assim que me abandonas, ó Kamar Az-Zaman? Vê , estou morrendo de saudade.” Quando acordou, disse à princesa Budur: “Amanhã devemos tomar o caminho de meu reino onde meu pai está doente. Apareceu-me em sonho, e está esperando por mim, chorando.” - Ouço e obedeço, disse Budur com meiguice. E logo foi procurar o rei. “Pai, disse-lhe, solicito tua compreensão para que acompanhe meu marido à terra de seus pais.” - Não tenho objeção, respondeu o rei, desde que nos venhais visitar de ano em ano. A princesa beijou a mão do pai, agradeceu-lhe a bondade e chamou Kamar Az-Zaman, que fez o mesmo. Depois, viajaram até o reino de Chahriman onde foram recebidos com grandes festejos e regozijos. Cada ano, Budur, acompanhada do marido, ia visitar os pais. E todos viveram em perfeita harmonia até seu último dia.

ALA EDDIM ABU-CHAMAT

Conta-se, ó afortunado rei, que vivia certa vez no Cairo um homem venerável que ocupava o cargo de síndico dos comerciantes. O mercado inteiro respeitava-o por sua honestidade, distinção, linguagem moderada e por suas riquezas e o grande número de seus escravos. Chamava-se Chams Eddim. Certa sexta-feira foi ao hammam, depois ao barbeiro e, após pedir a proteção de Alá contra o orgulho, olhou no espelho. Com tristeza, constatou que os fios brancos de sua barba eram mais numerosos que os fios pretos. “Uma barba branca,” disse para si mesmo, “é um sinal de velhice, e a velhice é um pré-aviso da morte. Pobre Chams Eddim! Estás no limiar do túmulo e não tens filho algum para suceder-te. Serás apagado como uma vela, e ninguém se lembrará de ti.” Quando chegou em casa, a mulher recebeu-o agradavelmente, desejando-lhe uma noite feliz. Mas ele cortou-lhe a palavra com rispidez: “Que conversa é essa? Existe ainda felicidade para mim?” “Que te aconteceu, homem?” retrucou a mulher. “Qual é a causa desse abatimento?” - A causa és tu mesma. Escuta, mulher, e tenta imaginar minha amargura quando chego ao mercado e vejo cada um de meus companheiros rodeado por dois, três ou quatro filhos, brilhantes promessas para o futuro, enquanto eu, somente eu, fico sozinho sem filhos. Às vezes, prefiro a morte a esta vida. E tu és a única agente de nossa esterilidade. Aproveitaste com perfídia nossa primeira noite para fazer-me jurar que nunca tomaria uma segunda mulher. Agora, juro por Alá que cortaria meu zib antes de to entregar, e nem beijos receberás mais de mim. Copular contigo é como copular com uma pedra. A mulher reagiu com raiva: “Perfuma a boca antes de falar de mim. Se achas que a esterilidade está em mim, abre os olhos. A esterilidade está em teus testículos frios. Secretam um líquido claro demais e sem germes de vida. Compra algo para esquentá-los e engrossar teu esperma - e verás se sou fértil ou não. Em qualquer farmácia, encontrarás o produto adequado.” O bom homem pensou nesse produto a noite toda e, cedo pela manhã, foi à primeira farmácia e disse ao

droguista: “Quero uma onça daquela mistura que esquenta os testículos do homem e engrossa-lhe o esperma.”

O droguista achou que o síndico ficara maluco e, para distrair-se, disse-lhe: “Por Alá, eu tinha um montão dela ontem mas toda a minha provisão se foi. É melhor procurar em outra farmácia.” O síndico foi a uma segunda e terceira e quarta farmácias e, finalmente, percorreu todo o mercado. Cada um aconselhava-o a procurar outro estabelecimento e todos riam-se dele pelas costas. Decepcionado, Chams Eddim sentou-se à porta de sua loja com ar infeliz. Viu-o nesse estado um sujeito chamado Samsam que fumava haxixe e praticava a magia. Perguntou a Chams Eddim qual era a causa de sua tristeza. Chams Eddim contou-lhe.

Samsam foi para casa e voltou logo com uma pasta preparada por ele mesmo, dizendo: “Eis uma pasta soberana que endurece os testículos e engrossa o fluido vital. Usa-a duas horas antes de copular; e se não furares as próprias paredes e engravidares tua mulher, poderás cortar-me a cabeça.”

Chams Eddim seguiu as instruções de Samsam e, quando montou em sua mulher, ambos ficaram surpresos com o empenho de seu zib. Nove meses depois, nascia-lhe um filho tão desenvolvido que parecia ter já um ano. A parteira declarou que nunca vira menino tão bonito e tão forte. Chamaram-no Ala Eddim Abu-Chamat ou, simplesmente, Abu-Chamat. Durante quatro anos, deram-lhe o leite de duas amas-de-leite e de sua própria mãe, de forma que se tornou igual a um jovem leão, enquanto permanecia tão lindo que todas as meninas da vizinhança o idolatravam. Mas ele nunca permitiu a nenhuma delas beijá-lo ou aproximar-se dele. Seus pais, receando o mau olhado, isolaram-no num sótão onde cresceu ao abrigo dos curiosos e dos indiscretos. Providenciaram instrutores que lhe ensinaram as ciências e as artes de que precisaria. Viveu assim enclausurado até a idade de quinze anos.

Um dia, Abu-Chamat perguntou à mãe o que seu pai fazia. Esta contou-lhe que seu pai era o síndico de todos os mercadores da cidade, um homem ao mesmo tempo importante e rico. -Amanhã, quero ir ao mercado com ele, declarou o menino. Não agüento mais viver isolado do resto da humanidade. Quando Chams Eddim voltou para casa, a mulher repetiu-lhe as palavras do filho e disse-lhe que ela também pensava que já era tempo de levar o filho ao mercado e revelar-lhe o mundo. Retrucou o marido: “Será que pensas que o mau olhado é mera superstição? Esqueces que a metade dos cemitérios é povoada com vítimas do mau olhado?” - Ó pai de Abu-Chamat, replicou a mulher, todo homem carrega seu destino em volta de seu pescoço e não pode escapar-lhe. O que está escrito está escrito, e os filhos devem seguir os pais na vida e na morte. o dia seguinte, Chams Eddim montou sua mula branca e levou o filho atrás dele. Abu-Chamat era tão belo e atraente que teria seduzido os próprios anjos. Quando chegaram ao mercado, os comerciantes maravilharam-se e começaram a sussurrar um ao outro: “Por Alá, vede que garoto gostoso Chams Eddim arrumou. É mais belo que a lua.” Outros diziam: “Quem é esse delicioso menino?

Nunca o vimos antes.” Todos pensaram que o venerável síndico tinha caído no vício da infância e mandaram dizer-lhe: “Não queremos por síndico um velho lascivo que se esfrega contra jovens garotos em público.” O homem, cheio de indignação, revelou-lhes que Abu-Chamat era seu próprio filho e contou-lhes por

que o tinha escondido até então. Apresentou provas, e todos passaram a felicitá-lo por ter um filho tão belo. Para celebrar o acontecimento e torná-lo ainda mais público, o síndico ofereceu um grandioso banquete a todos os seus amigos no melhor bosque da cidade. Ora, entre os convivas,

havia um certo mercador, talvez o melhor cliente do síndico, que era um veterano e inveterado pederasta e não poupava os lindos garotos da cidade, cujas boas graças sabia comprar com dinheiro e presentes. Seu nome era Mahmud, mas chamavam-no Mahmud Bilateral. Quando Mahmud Bilateral viu Abu-Chamat, seus órgãos entraram em comoção. E decidiu que o melhor meio de poder aproveitar-se do garoto seria viajar com ele em terras exóticas. Aproximou-se, pois, habilmente, dos companheiros de Abu-Chamat e prometeu-lhes vestes novas se conseguissem convencer Abu-Chamat a viajar com ele pelo mundo afora. Os garotos aproveitaram o banquete, onde uma mesa especial era reservada aos menores, para plantar dúvidas e desejos na mente de Abu-Chamat. Disse-lhe um deles: “Estávamos falando das maravilhas das terras longínquas: Damasco, Alepo, Bagdá. Teu pai é tão rico que sem dúvida já te fez visitar todas essas cidades. Fala-nos um pouco delas.” - Não sabes que fui criado num sótão e somente ontem saí para visitar a loja de meu pai? Não se pode ver muita coisa num sótão.

- Pobre Abu-Chamat, lamentou um dos garotos, foste privado das alegrias mais vibrantes da vida que são viajar e conhecer o mundo. - Talvez tenhais razão, replicou Abu-Chamat; mas a vida calma do lar é também uma delícia. - Pobre Abu-Chamat, disse outro garoto. Ele é como um peixe que não pode viver fora da água. - Ele é como uma mulher, disse um terceiro. Não pode dar um passo por si só. Ó Abu-Chamat, não tens vergonha de ser tratado como uma moça? Humilhado, provocado, o garoto correu para casa e anunciou à mãe que queria viajar imediatamente, senão se mataria. A mãe chorou, mas vendo-o decidido, fez sair do depósito todas as mercadorias que lhe pertenciam, mandou preparar camelos e camaleiros e, quando o marido chegou, alarmado por não ter mais visto o olho, a mulher revelou-lhe as inéditas exigências de Abu-Chamat. O próprio Abu-Chamat acrescentou: “Pai, se não me deixares partir, cobrir-me-ei com tapos de dervixe e sairei a errar, pés nus, pelo mundo.” O pai cedeu, ofereceu-lhe mais mercadorias e camelos. E o filho partiu. Quando Mahmud Bilateral soube da viagem de Abu-Chamat, preparou sua própria caravana e foi atrás dele. Pararam no mesmo oásis. Mahmud Bilateral convidou Abu-Chamat para sua tenda e ofereceu-lhe um lauto jantar. Mas, quando tentou aproximar-se dele, beijá-lo e acariciá-lo, Abu-Chamat rejeitou-o. E as duas caravanas se separaram, seguindo ambas, contudo, para Bagdá. Na véspera de entrar em Bagdá, a caravana de Abu-Chamat foi assaltada, e os camelos roubados. Abu-Chamat escapou sozinho e quis refugiar-se numa mesquita quando cruzou com dois homens que lhe perguntaram: “És um estrangeiro nesta cidade?” Respondeu: “Venho do Cairo, e meu pai é o síndico dos mercadores de lá.” - Agradece a Alá ter-te colocado em nosso caminho. Precisamos de um favor teu que pagaremos com 5 mil dinares, mercadorias no valor de mil dinares e um camelo que também vale mil dinares.

- Qual é o favor?”

- Deves saber, meu filho, disse o mais velho, que a lei determina que, quando um muçulmano se

Divorcia da mulher pela terceira vez ou diz-lhe três Vezes “Estás divorciada,” não poderá casar-se com ela novamente até que outro homem a tome por esposa legal e passe uma noite com ela, divorciando-se em seguida. Ora, uns dias atrás, este mancebo yue está comigo perdeu a calma e gritou à mulher, que é minha filha: “Sai de minha casa, repudio-te uma, duas, três vezes.” Minha filha cobriu o rosto com o véu, já que seu marido tornara-se um estranho para ela, recebeu de volta seu dote e regressou para minha casa. Agora, seu marido está aflito e deseja-a de novo. Ofereço-te o papel de marido interino. És um estrangeiro; portanto, ninguém precisa saber deste assunto, exceto nós quatro. - Aceito, disse Abu Chamat, desejando no seu coração que a mulher fosse bonita. Então, interveio o marido. “Novo amigo,” disse a AbuChamat, “agradeço-te a cooperação. Mas receio que a mulher te agrade e não queiras mais divorciar-te dela. Deves comprometer-te a me indenizar com 10 mil dinares se tal acontecer.” - Aceito, disse Abu-Chamat. E os três foram ao cádi e formalizaram todos esses compromissos. Depois, o pai da moça voltou para casa com AbuChamat, a quem pediu esperar no vestíbulo até que fosse avisar a filha e preparar os aposentos. Ora, o primeiro marido era muito ciumento. Querendo impedir que Abu-Chamat trepasse em sua mulher, procurou uma velha megera e expôs-lhe o caso, prometendo-lhe mil dinares se conseguisse impedir os dois jovens de ter relações íntimas. - É fácil, disse a bruxa. E foi à casa da mulher divorciada e perguntou a Abu-Chamat que esperava no vestíbulo: “Podes indicar-me onde encontrar a moça recém-divorciada? Venho todos os dias esfregar-lhe o corpo com pomadas especiais, embora ache difícil curar da lepra essa pobre infeliz.” - Alá me proteja, exclamou Abu-Chamat. Ela é leprosa? Eu sou o interino! - Alá te conserve bonito e saudável como és, meu filho, disse a mulher. É melhor para ti não te aproximares de uma pessoa assim doente. A meretriz deixou Abu-Chamat num estado de extrema confusão e foi à mulher e disse-lhe o mesmo acerca de Abu-Chamat, aconselhando-a a não arriscar a saúde e talvez a vida deitando-se com ele. Abu-Chamat esperou em vão pela aparição de sua nova esposa. Para passar o tempo, começou a cantar versos líricos numa voz mais melodiosa que a de Davi. A jovem mulher ouviu a voz e disse consigo mesma: “Que será que aquela bruxa depravada pretendia? Um leproso não pode ter uma voz tão serena. Por Alá, chamá-lo-ei e verei por mim mesma se a velha intrometida disse a verdade ou mentiu.” Apanhou um alaúde indiano e começou a cantar numa voz que atrairia os pássaros do céu: Amo um gamo com olhos lânguidos. Os ramos da floresta invejam-lhe o corpo esbelto. Eu canto seus encantos. Mas outros gozam sua intimidade. Deus distribui suas dádivas a quem quer. Ao ouvi-la, Abu-Chamat calou-se e pensou: “Por Alá, aquela velha intrigante mentiu por algum motivo. Uma leprosa não tem esta voz límpida.” E aproveitando a última nota da canção, respondeu com ritmos vivos que fariam os rochedos dançar: Saúdo aquela cujo corpo supera o das gazelas e cujas faces são as rosas mais lindas. À noite, olhava para mim e olhava para ela. E cada um de nós via a lua, sem que houvesse lua no céu. A moça sentiu-se invadida por emoções tão fortes que levantou a cortina que a separava do cantor e viu um jovem, belo como a lua em meio às nuvens. Convidou-o a entrar com um movimento dos olhos e do corpo tal que devolveria

o vigor ao mais decrépito dos velhos. Ambos tiveram a mesma idéia: tirar a roupa para desmentir as calúnias da bruxa. Abu-Chamat sentiu a herança dos pais mover-se no seu corpo. Palpitando de desejo, a moça disse-lhe: “Prova o que és ó Zacarias!” Incentivado por apelo tão explícito, Abu-Chamat tomou a mulher pelas coxas, apontou sua vara na direção do pórtico da vitória e atravessou o corredor e achou-se tão à vontade na sala interior como se o arquiteto os tivesse feito um para o outro. E recomeçou, enumerando segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e só parou na sexta-feira, que é dia de descanso para os muçulmanos. Ternamente abraçados, dormiram até o levantar do sol. No dia seguinte, descobriram que não queriam mais separar-se um do outro e ficaram procurando ardis para burlar o pagamento dos 10 mil dinares de multa, pois, dos 10 mil dinares, Abu-Chamat só possuía um dirhem! Zubaida - tal era o nome da mulher - disse-lhe: “O juiz encarregado de teu caso é um famoso pederasta. Sem dúvida, já te desejou quando foste assinar os compromissos. “Hoje, tenta-o com alguns movimentos discretos dos quadris, e ele te concederá um prazo para o pagamento da multa. Depois, Alá ajudará.” As expectativas de Zubaida concretizaram-se plenamente. Em vez de conceder os três dias que Abu-Chamat pediu com timidez, o juiz concedeu-lhe um prazo de dez dias. Zubaida recebeu a notícia com transportes de alegria e deu a Abu-Chamat cem dinares para fazer as compras necessárias a uma festa que celebrariam sozinhos e que duraria a noite toda. Comeram, beberam e estavam dançando e cantando quando ouviram bater à porta. Naquela noite, o califa Harun Ar-Rachid sentido-se deprimido, chamara seu vizir Jafar, seu porta-espada Masrur, seu poeta favorito Abu Nauas, e convidara-os a irem passear pelas ruas da cidade disfarçados em dervixes, e ver o que descobririam. Passando perto da casa do Abu-Chamat e Zubaida, ouviram cantos bonitos e bateram à porta. Abu-Chamat recebeu-os com um sorriso e ofereceu-lhes hospitalidade. E ao pedido de um dos dervixes (o próprio califa), Zubaida cantou atrás de uma cortina canções que emocionariam as pedras. O califa perguntou a Abu-Chamat quem era ele, e Abu-Chamat contou-lhe a sua história toda. O califa sentiu-se atraído por Abu-Chamat e disse-lhe: “Não te preocupes com os 10 mil dinares. Dirijo um convento de dervixes nesta cidade. Somos quarenta, e não sentiríamos falta de 10 mil dinares. Tu os receberás dentro do prazo.” Os dervixes passaram a noite deliciando-se com as canções de Zubaida e, antes de se retirarem, o seu chefe enfiou cem dinares de ouro por baixo de uma almofada. Na manhã seguinte, quando Abu-Chamat abriu a porta para sair, deparou com cinquenta mulas carregadas de caixas cheias de fazendas preciosas para o comércio e com uma quinquagésima primeira mula montada por um jovem escravo abissínio belo como um sonho, que segurava uma carta na mão. Assim que viu Abu-Chamat, saltou à terra e entregou-lhe a carta, dizendo: “Ó Abu-Chamat, fui enviado do Cairo por teu pai, meu amo Chams Eddim, para remeter-te estas mercadorias, cujo valor é superior a 50 mil dinares, e esta jóia rara como presente para tua mulher Zubaida.” Abu-Chamat abriu a carta e leu: “De Chams Eddim para seu filho Ala Eddim Abu-Chamat, com os melhores votos de felicidade.” Querido filho, soube do desastre que te atingiu na entrada de Bagdá. E ficamos, tua mãe e eu, surpresos ao saber que atuaste como intermediário num caso de divórcio. Pensamos, entretanto, que fizeste bem em ficar com a mulher, já que te agrada. “As mercadorias que te envio com o

pequeno Salim, o abissínio, valem muito mais que os 10 mil dinares que debes ao marido anterior.”

Tua mãe e eu gozamos de saúde e esperamos rever-te breve. Possas ser sempre feliz.” Abu-Chamat ficou tão satisfeito que não parou para pensar na verossimilhança dessas afirmações, e no tempo necessário para que as notícias chegassem ao Cairo e as mercadorias viajassem do Cairo a Bagdá. Correu a informar a mulher. Logo em seguida, chegou o pai de Zubaida com o primeiro marido. “Rogo-te ter pena de meu genro”, disse o pai de Zubaida a Abu-Chamat,” pois ele ama sua mulher e não pode viver sem ela. Alá enviou-te riquezas. Poderás assim comprar as mais belas escravas do mercado ou casar-te com a filha de um emir.” - Alá enviou-me riquezas para que possa compensar meu antecessor, corrigiu Abu-Chamat. Cedo-lhe as cinqüenta mulas com suas mercadorias e com Salim, o belo escravo abissínio. Contudo, se Zubaida deseja voltar para ele, dar-lhe-ei a sua liberdade. Consultada pelo pai, Zubaida respondeu: “Por Alá, ele nunca apreciou as flores de meu jardim. Nem pôde aproveitá-las. Sempre parava no meio do caminho. Prefiro ficar com o jovem que soube percorrer esse jardim em todas as direções.” o ouvir essas palavras, o primeiro marido teve uma crise. Seu fígado rompeu-se de repente, e ele morreu na hora.

Abu-Chamat viveu na felicidade com sua mulher. Todas as noites copulavam e promoviam concertos. No décimo primeiro dia do casamento, Abu-Chamat se lembrou da promessa dos dervixes, e disse à mulher: “Chefe dos dervixes ou Chefe dos gabarolas? Se estivesse esperando por sua ajuda, apodreceria na cadeia. Se o encontrar de novo, dir-lhe-ei o que penso dele.” Naquela mesma noite, iluminaram a casa e iam começar o concerto quando bateram à porta. Abu-Chamat foi abrir e encontrou os quatro dervixes. Riu-lhes na sua face e disse: “Sede bem-vindos, ó mentirosos. Alá me livrou de qualquer necessidade que me faria recorrer a vossa ajuda. Aliás, mesmo mentirosos, sois encantadores.” No decorrer da noitada, um dos dervixes, o poeta Abu-Nauas, sussurrou discretamente ao ouvido do anfitrião: “Caro amigo posso dirigir-te uma pergunta? Como podes acreditar que as cinqüenta mulas eram um presente de teu pai? Quanto tempo leva uma notícia para ir de Bagdá ao Cairo e para as mulas virem do Cairo a Bagdá?” - Por Alá, exclamou Abu-Chamat, minha alegria foi tão grande que não parei para pensar. Dize-me, ó dervixe, quem escreveu a carta e mandou os presentes? - Simpático Abu-Chamat, se fosses tão esperto quanto és bonito, terias reconhecido há muito tempo, por baixo dessas roupas, o próprio califa arun Ar-Rachid, Jafar Al-Barmaki, seu vizir, Masrur, seu porta-espada, e este simples poeta, teu escravo Abu-Nauas. Abu-Chamat inclinou-se diante do califa, agradeceu-lhe e solicitou seu perdão. O califa sorriu, acariciou-lhe levemente as faces e disse-lhe: “Esperarei tua visita amanhã no palácio.” Quando Abu-Chamat se apresentou ao califa no dia seguinte, foi nomeado representante dos mercadores de Bagdá, e o califa nunca mais passou um dia sem sua companhia. Pouco tempo depois, designou-o superintendente do palácio com honorários de milionário, e ofereceu-lhe ir ao mercado com Jafar escolher uma linda virgem por 10 mil dinares, que seria sua segunda esposa. Abu-Chamat escolheu uma jovem chamada Yasmina e amou a à primeira vista e apresentou-a a Zubaida, que a amou também. E Abu-Chamat viveu feliz entre suas duas

mulheres, consagrando, alternadamente, uma noite a cada uma delas. Na história intitulada Ala Eddim Abu- Chamat, deixamos Abu-Chamat superintendente do palácio de Harun Ar-Rachid, rico e coberto de honrarias, vivendo feliz com suas duas mulheres, Zubaida e Yasmina. Ora, quando, por convite do califa, Abu-Chamat tinha ido ao mercado de escravos com o vizir Jafar escolher sua segunda esposa, Yasmina, teve que vencer a concorrência contra o uáli da cidade, o emir Khaled, que queria comprar uma escrava para seu filho Bazaza. Esse filho, que acabara de chegar à puberdade, era tão feio que sua vista bastava para fazer uma mulher grávida abortar. Era estrábico, e tinha a boca tão grande quanto a vagina de uma vaca. Seu pai ó levava com ele ao mercado para que escolhesse ele mesmo sua companheira. O destino, que repousa entre as mãos de Alá, quis que os quatro interessados se encontrassem diante do mesmo leiloeiro. As moças oferecidas à venda eram de diversas cores, brancas, morenas, pretas, e de diversas raças, gregas, chinesas, abissínicas, persas. Por uma coincidência curiosa, Abu-Chamat e Bazaza escolheram a mesma candidata e insistiram nela; e quando Abu-Chamat ganhou a concorrência, Bazaza entrou em desespero, recusou qualquer outra candidata e, de volta para casa, absteve-se de comer e beber. Recolheu-se a sua cama, dizendo que queria morrer. Sua mãe concebeu um ódio mortal contra Abu-Chamat e, para vingar-se dele, recorreu a uma mulher cujo filho era um ladrão famoso, chamado Ahmed Danaf. Esse Ahmed Danaf era tão hábil que conseguia roubar uma porta na presença do porteiro e fazê-la desaparecer tão sutilmente como se a tivesse engolido. Podia tirar o kohl dos olhos de uma mulher enquanto ela elogiava-lhe a honestidade. Meu filho está na cadeia com as mãos atadas, informou a mãe de Ahmed Danaf à mãe de Bazaza. Mas, se conseguires retirá-lo de lá, será com certeza a única pessoa capaz de servir-te neste assunto. A mãe de Bazaza recorreu ao marido, e este foi à cadeia onde Ahmed Danaf estava preso e perguntou-lhe: “Ó Ahmed, tu te arrependes de teus crimes?” “Arrependo-me deles amargamente”, respondeu o criminoso.

O uáli levou-o então à presença do califa, solicitando clemência para ele. Surpreso de ver Ahmed Danaf ainda vivo, o califa gritou: “Ainda não morreste, ó ladrão Respondeu Ahmed: “Por Alá, ó Príncipe dos Crentes, nós os malandros custamos a morrer.” O califa gostou da piada e mandou vir um ferreiro para remover as cadeias do prisioneiro. Depois, disse-lhe: “Conheço tuas façanhas e, como desejo manter-te no caminho da retidão, designo-te chefe da polícia, já que ninguém conhece melhor que tu os ladrões de Bagdá.” Ahmed Danaf beijou a terra entre as mãos do califa e prometeu comportar-se com a máxima retidão. Depois, foi à taverna de Ibrahim celebrar seu novo título. Sua mãe encontrou-o lá, explicou-lhe a quem devia a sua libertação e acrescentou: “Deves, em retribuição, idealizar um meio de roubar a escrava de Abu-Chamat.” Ahmed assegurou-lhe que a coisa era simples e seria feita naquele mesmo dia. Ora, aquela era a primeira noite do mês, que o califa costumava passar com sua mulher predileta Zubaida. Antes de penetrar nos seus aposentos, sempre deixava sobre uma mesa no vestíbulo seu rosário de âmbar e turquesa, o sabre com punho de jade, incrustado de rubis, o lacre real e uma pequena lâmpada de ouro. Ahmed Danaf sabia desses detalhes. Esperou até que os escravos fossem dormir, escalou a parede do pavilhão da rainha e entrou no vestíbulo tão silenciosamente quanto uma sombra, levou os objetos e desceu com igual leveza. Correu até a casa de

Abu-Chamat, entrou no pátio, levantou uma das placas de mármore que formavam o pavimento e escondeu lá três dos quatro objetos roubados, ficando com a lâmpada de ouro a título de recompensa. Removeu todo e qualquer vestígio de sua visita e voltou à taverna de Ibrahim para continuar a celebração. Ilimitada foi a cólera do califa quando não encontrou pela manhã nenhum de seus objetos pessoais. Chamou o chefe da polícia e disse-lhe: “Se estes objetos que me são mais caros que todo o meu reino não forem recuperados até o fim do dia, tua cabeça e a de teu protetor o uáli irão enfeitar as paredes de meu palácio.” Ahmed respondeu: “Comandante dos Fiéis, o ladrão será descoberto. Só preciso de uma firma que me permita penetrar nas casas de todas as pessoas que têm função no palácio, inclusive o cádi, o vizir, Abu-Chamat e todos os outros.” O califa deu-lhe a firma, dizendo: “Juro pela sepultura de meus antepassados que mandarei o autor dessa ignomínia à forca, fosse meu próprio filho.” Munido da autorização, Ahmed levou dois dos guardas do cádi e dois dos guardas do uáli e foi fazer investigações. Visitou as casas de Jafar, do uáli, do cádi e finalmente a de Abu-Chamat. Chegando lá, disse a Abu-Chamat: “Não procurarei aqui nem em sonho pelos objetos roubados, sabendo que és o confidente favorito e fiel do califa. Basta que assines este papel e já me retirarei.” - Ao contrário, protestou Abu-Chamat, exijo que faças tuas investigações aqui como nos outros lugares. Resmungando que era apenas formalidade, Ahmed Danaf saiu negligentemente para o pátio e começou a bater nas placas de mármore com sua vara de latão. Quando bateu na placa que conhecemos, ouviu-se um som diferente, e Ahmed exclamou: “Por Alá, deve haver alguma velha galeria por aqui. Não me surpreenderia descobrir nela algum tesouro antigo.” Abu-Chamat disse aos guardas: “Levantai a placa.” Levantaram a placa e lá estavam o rosário, a espada e o selo do califa. “Por Alá!” gritou Abu-Chamat e desmaiou, enquanto Ahmed mandava vir o uáli, o cádi e testemunhas - os quais redigiram e assinaram um relatório sobre o acontecido. Quando o califa foi informado da traição de seu melhor amigo, estabelecida por provas irrefutáveis, permaneceu taciturno e sombrio durante uma hora; depois, disse: “Que seja enforcado.” O capitão dos guardas foi então à casa de Abu-Chamat e confiscou seus bens e suas duas mulheres. O pai de Bazaza apoderou-se de Yasmina para seu filho, como era seu direito; e o capitão deu asilo a Zubaida pra protegê-la. Pois esse capitão gostava de Abu-Chamat como de um filho, e não acreditou em sua culpa. “Um dia, pensou, esse mistério será desvendado. Até lá, tenho que salvar a vida de meu amigo.” Foi à cadeia, escolheu um condenado parecido com Abu-Chamat, tirou secretamente Abu-Chamat de sua cela e, na hora do enforcamento, substituiu-o pelo outro condenado. Depois, conseguiu esconder Abu-Chamat num saco e levá-lo até seu país, o Egito, pensando que um dia o verdadeiro criminoso seria desmascarado e Abu-Chamat voltaria para Bagdá. Já dissemos que a segunda mulher de Abu-Chamat, Yasmina, fora tomada pelo emir Khaled para satisfazer a paixão que seu filho sentia por ela. Quando Bazaza viu-a, relinchou como um cavalo e quis trepar nela. Mas a linda moça, sentindo um nojo incontrolável pelo garoto meio idiota e meio disforme, tirou um punhal escondido na roupa e disse-lhe: “Não me toques, senão mato-te e me mato em seguida.” A mãe de Bazaza correu cheia de raiva. “Como ousas resistir ao desejo de meu filho, insolente mercadoria?”

- Ó gente sem lei, retrucou a moça. Como pode uma mulher pertencer a dois homens ao mesmo tempo? Como pode um cachorro pastar na reserva do leão? Para castigar tamanha insubordinação, a mulher do uáli vestiu a bela Yasmina de empregada doméstica e disse-lhe: “Teu trabalho será descascar cebolas, acender o fogo, espremer tomates e preparar massa. E morarás com os escravos.” - Prefiro tudo isso a olhar para teu filho, redargüiu a moça. Bazaza estava ouvindo. Voltou para a cama e não se levantou mais. Poucos meses depois, Yasmina deu à luz um lindo menino, que havia concebido na primeira noite que passara com AbuChamat. Chamou-o Aslan, e ele cresceu na casa do uáli como se fosse seu filho.

E os anos foram passando. Um dia, quando Aslan já era um belo e atlético adolescente o destino quis que ele e Ahmed Danaf se encontrassem perto da taverna de Ibrahim. Ahmed convidou o jovem para beber com ele. Sentaram-se a conversar e beber. O chefe da polícia ficou bêbado. Tirou uma pequena lâmpada de ouro do bolso e acendeu-a para melhor distinguir uma moeda. Ao ver a lâmpada, Aslan gritou: “Que lâmpada linda! Nunca vi coisa igual. Por favor, faça-me presente dela.” - Como posso dar-te uma coisa que custou tantas vidas? Meu caro garoto, esta lâmpada matou um certo egípcio chamado Abu-Chamat, que era uma personalidade importante no palácio real. Aslan perguntou-lhe como isso acontecera. E Ahmed contou-lhe toda a história, gloriando-se, na sua embriaguez, de ter agido com tamanha engenhosidade. De volta para casa, o garoto repetiu à mãe a história de Ahmed e ficou atônito quando, ao ouvir a história, a mãe desmaiou. Quando voltou a si, Yasmina apertou o filho contra o peito e disse-lhe: “Filho querido, Alá revelou finalmente a verdade. O emir Khaled é teu pai adotivo. Teu verdadeiro pai era meu marido Abu-Chamat, que foi condenado no lugar do ladrão. Procura já o capitão dos guardas, que era o melhor amigo de teu pai, e relata-lhe o que descobriste. E jura-lhe que queres vingar teu pai.”

Quando o capitão dos guardas ouviu a história, regozijou-se excessivamente e disse a Aslan: “Confia em Alá: ele te vingará.” Eram palavras proféticas. O dia seguinte era o dia em que o califa jogava pólo com um grupo de jovens de que Aslan fazia parte. Um dos jogadores lançou a bola na direção do califa com tanta força que lhe teria estourado um dos olhos, não fosse a velocidade e destreza com que Aslan desviou-a a um metro da cabeça do califa. O califa sorriu para o jovem, dizendo: “Ó belo atirador, ó filho de Khaled.” Com isso, pôs fim ao jogo e mandou reunir os notáveis da corte e, chamando Aslan, disse-lhe: “Ó descendente valoroso do uáli de Bagdá, desejo que escolhas tua própria recompensa. O garoto beijou a terra entre as mãos do califa e respondeu: “Peço vingança, ó Comandante dos Fiéis. O sangue de meu pai clama debaixo da terra, e seu assassino continua vivo e impune.” O califa estranhou essas palavras: “O que é isto que estás dizendo de teu pai? Teu pai está aqui ao meu lado com excelente saúde, graças a Alá.” - Ó Comandante dos Fiéis, o emir Khaled é o melhor pai adotivo que qualquer menino possa ter. Meu pai verdadeiro é Abu-Chamat, que era superintendente do palácio real. Os olhos do califa se escureceram: “Meu filho, não sabes que teu pai traiu seu sultão?” - Alá preserve a memória de meu pai de tal vergonha, exclamou Aslan. O traidor de Vossa Majestade encontra-se ao vosso lado esquerdo, ó Príncipe dos Crentes: é Ahmed

Danaf. Mandai que Ihe façam uma busca, pois ele leva no bolso a prova de sua infâmia. O califa tornou-se tão amarelo quanto o açafão e gritou, numa voz terrível, ao chefe da guarda: “Faze a busca na minha presença.” A lâmpada de ouro do califa foi encontrada nos bolsos de Ahmed. - Donde te veio esta lâmpada? gritou Harun Ar-Rachid. - Comprei-a, ó Comandante dos Fiéis. - De quem? Ahmed não soube responder. O califa mandou torturá-lo. E ele logo confessou toda a verdade. Foi enforcado na hora. Quando tinha sido feita justiça, o califa pediu novamente a Aslan para escolher a própria recompensa. Aslan disse: “Ó Príncipe dos Crentes, peço-vos que me devolvais meu pai.” Harun Ar-Rachid chorou: “Meu filho, como posso devolver alguém que já está na eternidade?” A essas palavras, o capitão da guarda adiantou-se e disse: “Ó Comandante dos Fiéis, concedei-me segurança para que fale.” - Fala. - Trago-vos boas notícias, ó Comandante dos Fiéis. Abu-Chamat, vosso fiel amigo e servidor, está vivo. E ele contou como Ihe havia salvo a vida, certo como estava de que sua inocência seria comprovada um dia. Harun ArRachid ficou radiante porque nunca deixara de pensar em Abu-Chamat e de amá-lo. Gritou: “Vai logo buscá-lo onde estiver e traze-o à minha presença.” O califa recebeu Abu-Chamat com grande emoção e festejou esplendidamente o seu regresso.

Abu-Chamat agradeceu a Alá seus favores e regozijou-se por ter um filho tão bonito. Viveu em Bagdá muitos anos com três esposas: Zubaida, Yasmina e a princesa Miriam que conhecera no exílio.

A DOUTA ESCRAVA SIMPATIA

Conta-se que vivia certa vez em Bagdá um mercador muito rico e cumulado com honrarias e privilégios. Mas Alá o privara de uma felicidade: Não tinha filho - nem mesmo uma filha. Na medida em que envelhecia e o peso dos anos encurvava-lhe as costas, aumentava seu desespero por nada conseguir de suas numerosas esposas. Um dia, porém, após ter distribuído esmolas e visitado santos e rezado com fervor, deitou com sua mulher mais jovem e, pela graça de Alá, engravidou-a. No fim de nove meses, a mulher deu à luz um menino tão lindo quanto um pedaço de lua. A título de agradecimentos a Alá, o mercador alimentou os pobres, as viúvas e os órfãos durante sete dias, e chamou seu filho Abu-Husn. A criança foi alvo de todos os cuidados como uma jóia rara. Quando atingiu a idade em que se começa a aprender, deram-lhe instrutores de todas as ciências e artes. Abu-Husn tornou-se assim ao mesmo tempo um adolescente instruído e de mágica beleza. Sua graça juvenil, o frescor de suas faces, as flores de seus lábios foram assim celebrados pelo poeta: Embora a primavera já tenha passado sobre as roseiras, aqui há botões que ainda não abriram. Neste agradável jardim que não conhece as mudanças, Abu-Husn reinará com dois cetros reunidos: a beleza e a graça. Abu-Husn iluminou assim os últimos anos de seu velho pai. Quando o pai sentiu aproximar-se o termo inelutável, chamou a si Abu-Husn e disse-lhe: “Meu filho, a minha hora chegou. Lego-te grandes riquezas que devem durar por toda a tua vida e a de teus filhos e netos. Aproveita-as sem excesso, agradece ao Doador e sê moderado e bom para com todos.” E o santo homem morreu. Abu-Husn quis seguir os conselhos do pai, mas

seus camaradas levaram-no para outros caminhos. Frequentou músicos e dançarinas, seguiu todos os caprichos, gastou imoderadamente - e, um dia, acordou para verificar que só lhe restava de todas as suas riquezas uma única jovem escrava.

Agora, parai, e admirai os caminhos do destino. Decretou ele que essa jovem seria a maravilha suprema das mulheres do Oriente e do Ocidente. Era chamada Simpatia. E nunca um nome foi mais apropriado a seu dono. Era ereta como a letra Alef. Sua boca parecia ter sido selada por Soleiman para nela guardar as pérolas mais preciosas. Seus seios eram como duas romãs separadas por um vale de sombras e luzes acima de um umbigo que parecia o centro de um planeta. E suas ancas! Deixavam impressa no divã a marca de curvas suaves. Disse dela um poeta: Se ela aparecesse aos pagãos, largariam seus ídolos e a adorariam. E se tomasse banho de mar, ao contato de sua doçura, a água perderia seu sal e viraria doce.

Tendo verificado que estava arruinado, Abu-Husn caiu numa desolação que lhe roubou o apetite e o sono e pôs-lhe a vida em perigo. Mas sua escrava Simpatia decidiu tudo fazer para salva-lo. Vestiu-se tão elegantemente quanto pôde, usando o que lhe sobrava de jóias, e procurou seu amo. “ para por à fim a tuas desgraças com minha ajuda,” disse-lhe. “Leva-me ao califa Harun Ar-Rachid e oferece-me a ele por 10 mil dinares. Se ele achar o preço alto, pede-lhe que me examine para dar-se conta de que valho mais do que isso.” Na sua devassidão, Abu-Husn nunca reparara nas dádivas raras de sua bela escrava. Levou-a ao califa. O califa interessou-se por ela e perguntou-lhe: - Como te chamas? - Meu nome é Simpatia. - Ó Simpatia, és mesmo instruída e podes citar os ramos de saber nos quais te destacas? - Meu amo, estudei a sintaxe, a poesia, o direito, a música, a astronomia, a aritmética, a jurisprudência. Conheço de cor o Livro Sublime. Sei o número de suras, versículos, vocábulos, letras de que se compõe. Conheço as leis e o dogma. Conheço a lógica, a arquitetura, a filosofia. Sei compor poemas. Além disso, sei cantar, dançar e toco o alaúde e a flauta. Quando , vestida e perfumada, caminho balançando os quadris, posso matar. Quando toco em alguém dou-lhe a vida, e quando me afasto dele dou-lhe a morte. O califa ficou assombrado e disse a Abu-Husn: “Vou mandar os mestres da ciência porem à prova tua escrava. Se ela vencer, não apenas te darei 10 mil dinares como te cumularei de honrarias. Se ela fracassar, continuará a ser tua.” O califa mandou reunir os maiores sábios, poetas, gramáticos, médicos, astrônomos, filósofos, juriconsultos e teólogos. À ordem do califa, sentaram-se todos em uma roda, enquanto Simpatia pôs-se no meio deles, sorridente e com o rosto coberto com um véu transparente. Dirigindo-se à assembléia, declarou Harun Ar-Rachid: “Fiz-vos comparecer aqui, ó sumidades, para que examineis esta adolescente quanto à variedade e profundidade de seus conhecimentos. Não vos acanheis em exibir vossa própria A capacidade e erudição.” Todos os presentes inclinaram-se e , pondo as mãos sobre os olhos e as frentes, responderam: “Obediência a Alá e a vós, ó Comandante dos Fiéis.” As perguntas mais diversas choveram sobre Simpatia. A todos respondeu com infalível segurança e exatidão. Eis algumas das perguntas e respostas mais notáveis: - Quais são as principais obrigações de nossa religião? - As obrigações indispensáveis de nossa religião são cinco: a profissão de fé (“Não há Deus senão

Alá, e Maomé”é o mensageiro de Alá”), as orações, a caridade, o jejum de Ramadã e a peregrinação a Meca. - Quais os atos de fé mais meritórios? - São seis: recitar as orações, distribuir esmolas, jejuar, visitar Meca, combater os maus instintos e participar da guerra santa. - O que é guerra santa? - É a guerra sustentada contra os descrentes quando o islã está em perigo. Só pode ser uma guerra defensiva. Armado, o crente deve andar para a frente e nunca recuar. - Qual é o fruto ou a utilidade das orações? - A verdadeira oração não tem utilidade terrena. Deve ser considerada apenas como um laço espiritual entre a criatura e seu Criador. É suscetível de produzir dez resultados imateriais: ilumina o coração, alegra o compassivo, irrita o demônio, atrai a piedade, expulsa o mal, preserva da aflição, protege contra os inimigos, fortalece o espírito vacilante e aproxima o escravo de seu Mestre e Senhor. - Fala-nos do jejum. - O jejum consiste em abster-se de comer, beber e ter relações sexuais todos os dias do mês de Ramadã, do levantar ao pôr-do sol. É bom também evitar toda conversa fútil e ler exclusivamente o Alcorão. - Qual é o valor do quinhão do pobre que todo crente deve pagar? - Se o crente possui até vinte dirhams de ouro, nada deve. Acima dessa importância, a proporção devida é de três por cento. Assim, um carneiro é pago a cada cinco camelos, um camelo a cada vinte e cinco camelos, e assim por diante. -Podes dizer-nos o que é uma coisa, a metade de uma coisa e menos que uma coisa. -O crente é uma coisa; o hipócrita é a metade de uma coisa e o descrente é menos que uma coisa. - Podes contar-nos em que versículo o Profeta julga os descrentes? - No versículo que proclama: “Os judeus dizem que os cristãos estão no erro; e os cristãos dizem que os judeus estão no erro. Neste ponto, ambos estão certos.” - Qual é a causa de todas as doenças? - Nossos erros e excessos alimentares: comer antes que a refeição anterior tenha sido digerida; comer sem ter fome. A gula é causa da maioria das doenças que afligem a humanidade. - Dá-nos uma clara definição da cópula. -A cópula é o ato que une os sexos do homem e da mulher. É um ato benéfico: revigora o corpo e eleva a alma. Afasta a melancolia; acalma o fogo da paixão, promove o amor, satisfaz o coração, consola da ausência do amado e cura a insônia. - Podes dizer-nos que coisa vive sempre na prisão e morre quando respira o ar? - É o peixe. - Explica o seguinte: “arrasto longas caudas atrás de mim. tenho um olho, mas não me é dado ver; faço vestidos que não me é dado usar.” - É a agulha. Um astrônomo perguntou-lhe: “Achas que choverá este mês?” Respondeu, dirigindo-se a Harun Ar-Rachid: “Ó Príncipe dos Crentes, peço-vos emprestar-me vossa espada por um momento para que corte a cabeça deste agnóstico sem fé.” Ouvindo essas palavras, o califa e todos os sábios deram gargalhadas. E Simpatia prosseguiu: “Deverei ensinar-te, ó astrônomo, que há cinco coisas que somente Alá conhece: a hora da morte, o sexo do feto no útero materno, quando choverá, o que acontecerá amanhã e onde morreremos.” Naquela altura, o sábio Ibrahim Ibn Sirah levantou a mão direita e testemunhou publicamente que a escrava Simpatia o ultrapassava em conhecimentos e sabedoria e era a maravilha dos tempos. O califa levantou-se por sua vez e disse: “Possas Alá aumentar ainda mais tuas qualidades, ó Simpatia, e abençoar os que te trouxeram para este mundo e os que te ensinaram.” E mandou entregar a Abu-Husn 10 mil dinares de ouro, colocados em cem sacos. Depois virou-se novamente para Simpatia e perguntou-lhe: “Dize-me, ó adolescente maravilhosa, preferes entrar no meu harém e ter um palácio e

uma comitiva próprias, ou voltar para a casa deste moço?” Simpatia beijou a terra entre as mãos do califa e respondeu: “Possa Alá continuar a abençoar o soberano do mundo. Vossa escrava prefere voltar para a casa de quem a trouxe para cá.” Em vez de sentir-se ofendido, o califa presenteou Simpatia com 5 mil dinares de ouro, dizendo-lhe: “Possas ser tão destra no amor quanto o és na dialética.” E todos saíram felizes, abençoando o saber de Simpatia e a generosidade de Harun Ar-Rachid.

O SIMPLÓRIO E O TRATANTE

Certo sujeito simplório seguia por uma estrada, arrastando seu asno atrás de si pelo cabresto, quando um par de malandros o viu; e um disse ao outro: “Vou tomar o asno daquele camarada.” Perguntou o outro: “Como irás fazê-lo?” “Segue-me e verás,” respondeu o primeiro. O gatuno foi até junto do asno, despreendeu-o do cabresto e entregou-o ao companheiro. Depois passou o cabresto pelo seu próprio pescoço e seguiu o João Bobo até ver que o companheiro tinha sumido com o asno; então, parou. O idiota puxou o cabresto, mas o patife não se mexeu. O burriqueiro virou-se e, vendo o cabresto no pescoço de um homem, perguntou: “Quem és tu?” Respondeu o tratante: “Sou teu asno, e minha história é espantosa. Sabe que eu tenho uma velha mãezinha muito piedosa e, um dia, cheguei junto a ela muito embriagado. Ela me disse: “Ó meu filho, arrepende-te ante o Altíssimo por esses teus pecados.” Mas eu tomci meu bordão e bati-lhe, e ela me amaldiçoou, e me transformou num asno e fez-me cair em tuas mãos. Contudo, hoje, minha mãe lembrou-se de mim e seu coração ansiou por mim; e ela me perdoou ante o Altíssimo, e o Senhor restituiu-me minha forma antiga entre os filhos de Adão.” Gritou o bobo: “Não há Majestade e não há Poder senão em Alá, o Glorioso, o Onipotente! Com Alá sobre ti, ó meu irmão, perdoa-me o que tenho feito contigo, montando em ti, e tudo o mais.” Então, o simplório deixou o patife ir embora e voltou para casa, bêbado de pesar e inquieto, como se tivesse tomado vinho. Sua mulher perguntou-lhe: “Que te incomoda, e onde está o jumento?” “Não sabes o que era aquele jumento; mas eu te contarei,” respondeu ele. Contou-lhe a história toda, e a mulher exclamou: “Ó, ai de nós, ai de nós pela punição que receberemos do Todo- Poderoso! Como pudemos usar um homem como uma besta de carga, durante todo esse tempo?” E deu esmolas, e fez penitência, e suplicou o perdão dos Céus. O homem ficou algum tempo em casa, ocioso e inútil, até que a mulher lhe disse: “Por quanto tempo vais ficar sentado em casa, sem fazer nada? Vai ao mercado, compra-nos outro asno e vai fazer teu trabalho com ele.” Então, ele foi ao mercado, parou junto ao local de venda de asnos, e lá viu seu próprio animal exposto à venda. Aproximou-se dele e, encostando a boca ao seu ouvido, disse-lhe: “Pobre de ti, que nunca procedes bem. Com certeza andaste bebendo novamente e batendo em tua mãe. Mas, por Alá, nunca mais te comprarei.” E deixou-o ali e foi-se embora.

AS VIAGENS DE SINDIBAD O MARINHEIRO

Embora talvez não tivesse saído de sua casa, ou nem sequer existisse, Sindibad o Marinheiro é o mais célebre dos viajantes - é mais celebre que Cabral, Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, mais que os descobridores dos pólos e os escaladores do Himalaia. Suas viagens nas Mil e uma noites fazem a delícia de crianças e adultos. Ele mesmo as conta. Começa assim: “Deveis saber que meu pai era um grande mercador. Dava generosamente aos necessitados e, quando morreu, legou-me uma fortuna considerável em espécie, terras e aldeias. “Comecei logo a gastar com imoderação, pensando que meus bens eram inesgotáveis, até que, um dia, acordei um homem pobre. Lembrei-me então das palavras sábias de meu pai: “O túmulo é mais confortável que a pobreza.” “Preferindo a aventura à mendicância, como diz o provérbio, vendi o pouco que me restava, conseguindo juntar assim 3 mil dracmas, comprei com esta soma mercadorias variadas, entrei num navio com outros mercadores e fui de terra em terra e de ilha em ilha, vendendo e comprando, tentando assim recuperar minha fortuna.” Não sabia Sindibad o Marinheiro o que o esperava ao iniciar essa aventura. Fez ao todo sete viagens, cada uma delas mais cheia de episódios extraordinários que as outras. As duas viagens mais repletas de maravilhas são a terceira e a quarta, que damos adiante na íntegra. Mas há também acontecimentos que desatam a imaginação em três outras. Ei-los: “Um dia,” conta Sindibad em sua primeira viagem, “após navegarmos semanas sem avistar terra, chegamos a uma ilha verdejante que parecia o Jardim do Éden. O capitão mandou lançar a âncora e deixou-nos desembarcar. “Fomos todos à terra, levando mantimentos e utensílios de cozinha. Alguns acenderam fogo e começaram a preparar com ida e lavar roupa. Outros satisfaziam-se, como eu próprio, em passear naquele paraíso terrestre. “Estávamos assim absorvidos em nossas tarefas e prazeres quando, de repente, a ilha estremeceu com tamanha violência que fomos jogados ao chão. Enquanto permanecíamos deitados, tontos de espanto, vimos o capitão chamar-nos com gestos desesperados e voz angustiante: “Salvai-vos, passageiros! Largai tudo e vinde depressa a bordo! Isto não é uma ilha. É uma baleia gigante! Vive neste mar há gerações, e as árvores desceram na areia do mar amontoada no seu lombo. Vós a despertastes com vossas fogueiras. Agora está se movendo. Fugi antes que ela mergulhe no mar e vos afogue. Apressai-vos! O navio está se afastando!” “Os passageiros abandonaram roupa, mantimentos e utensílios e correram para o navio. Alguns o alcançaram. Outros ficaram em cima da baleia e morreram quando ela mergulhou no mar. “Eu tinha ficado em cima da baleia; mas Alá me socorreu pondo a meu alcance uma tábua de salvação. Agarrando-me a ela, e fazendo esforços extenuantes com pés e braços, cheguei a uma pequena ilha vizinha...” Na segunda viagem, o navio que levava Sindibad ancorou numa ilha. O clima e o tempo eram tão agradáveis que Sindibad dormiu debaixo de uma árvore. “Quando acordei, não vi nenhum dos meus companheiros e descobri que o navio tinha ido embora sem que ninguém notasse minha ausência. “Dando-me conta de que meus lamentos de nada adiantariam, trepei numa árvore para evitar encontros fatais com algum animal feroz ou algum inimigo. Olhando em todas as direções, avistei ao longe algo redondo, enorme e branco. Desci e fui até lá, e vi que se

tratava de uma cúpula desmedida. Andei em volta dela, mas não encontrei nenhuma porta de entrada.” Enquanto refletia no que poderia fazer para penetrar e me refugiar nela, notei que o dia se transformava rapidamente em noite escura. Supus que fosse uma nuvem espessa a obscurecer o sol, embora achasse o fenômeno impossível em pleno verão. Ergui, pois, a cabeça para verificar e vi uma ave de tamanho e asas colossais que ocultava o sol. “Não conseguia acreditar no que via até que me lembrei de que viajantes e marujos me haviam falado de um pássaro de dimensões terrificantes chamado abutre que vivia numa ilha distante e era capaz de levantar um elefante. Concluí que aquela ave era o abutre e que a cúpula branca e lisa nada mais era que um de seus ovos. “Fiquei certo de minhas conclusões quando vi a ave descer a terra e cobrir o ovo para chocá-lo. Nesta posição, ela deixou as duas patas pendentes de cada lado do ovo, e adormeceu. “Vista de perto, cada uma das patas parecia maior que o tronco de uma velha árvore. Veio-me então a idéia da salvação. Desfiz o tecido que envolvia meu turbante, torci-o numa corda sólida que enrolei em volta da cintura e amarrei numa das unhas da ave. Pois, pensei, este abutre acabará por voar, e depois pousará em algum lugar mais próximo dos homens que esta ilha isolada. Levantar-me-á com ele e me depositará onde pousar.” Foi assim que Sindibad o Marinheiro se salvou mais uma vez. Um dia, Sindibad decidiu não mais viajar. “Devo contar-vos, meus amigos, que após voltar da sexta viagem, afastei da mente toda idéia de enfrentar outra vez o desconhecido e quis, antes, gozar preguiçosamente a vida. Mas meu destino me perseguiu. O califa arun Ar-Rachid quis que eu levasse uma carta sua e presentes ao rei de Sarandib. Vi-me, pois, obrigado a partir. Embarquei em Basra. “O vento favoreceu-nos e, após dois meses, chegamos em Sarandib”.

Entreguei a carta e os presentes do califa e, desculpando-me junto ao rei por não poder demorar em sua Terra, reembarquei num navio que vinha para Basra. “O vento continuou a favorecer-nos por algum tempo; mas, um dia, quando estávamos a uma semana da ilha de Sin, irrompeu um vendaval terrível. E uma chuva torrencial nos inundou. O capitão subiu ao alto do mastro, de onde examinou o horizonte. Quando desceu, estava lívido. Puxou a barba, bateu com os punhos no rosto e disse em tom de desespero: “A corrente nos desviou de nossa rota, atirando-nos aos confins dos mares do mundo. Chorai e dizei adeus à vida. Estamos todos perdidos.” “Tirou então um livro escondido no peito e folheou-o atentamente; depois, virando-se para nós, declarou: “Meu livro mágico confirma meus piores temores. A terra que vedes ao longe é a Região dos Reis, onde nosso senhor Soleiman Ibn Daud está sepultado.

Monstros marinhos pululam nessas costas, e o mar está cheio de peixes gigantes que podem engolir de uma vez um navio inteiro. Agora sabeis o pior. Adeus!” “Ficamos gelados pelo medo e o horror. De repente, o navio foi levantado e depois depositado entre as ondas, enquanto um bramido mais terrível que o trovão chegava do mar. Os ventos e as ondas remoinhavam a nosso redor, e vimos um monstro marinho do tamanho de uma montanha avançar para nós, seguido por outro monstro ainda maior e por um terceiro monstro igual aos dois primeiros juntos. “Este último, abrindo uma goela do tamanho de um vale entre duas colinas, tragou três quartos de nossa embarcação, com tudo que ela continha. Tive apenas tempo de recuar até o alto do convés e saltar às águas antes

que o monstro engolisse todo o navio e sumisse nas profundezas do mar, com seus dois companheiros.” Mas uma vez, superando os perigos graças a sua sorte e engenhosidade, Sindibad voltou para Bagdá, são, salvo e rico. Entre outras curiosidades que contou, disse que havia escalado uma montanha tão alta que chegou a ouvir os anjos cantarem louvores ao Senhor dos Mundos. Desta vez, era mesmo a última viagem. Viveu na felicidade em Bagdá até que foi visitado por aquela que interrompe as alegrias, quebra as amizades, destrói os palácios e edifica os túmulos: a amarga morte. Gloria Àquele que vive para sempre!

A TERCEIRA VIAGEM DE SINDIBAD O MARINHEIRO

Pouco a pouco fui invadido pelo enfado diante da monótona ociosidade em que vivia em Bagdá. Minha alma ansiava pela movimentação e as novidades das viagens e pelo lucro do comércio. A ambição é a mãe de todas as desgraças. Mas só o aprendemos ao custo elevado da experiência. Comprei uma grande quantidade de mercadorias de valor, levei-as até Basra e embarquei no primeiro navio, com muitos outros de meus amigos e colegas. Passamos de porto em porto, vendendo e comprando com lucros elevados. Um dia, quando navegávamos em pleno oceano, vimos nosso capitão, que estava perscrutando o horizonte, bater de repente no rosto, arrancar os pêlos da barba, rasgar a farda e gritar: “Ventos adversos desviaram-nos de nossa rota e estão-nos empurrando para um mar sinistro e uma ilha de onde ninguém jamais voltou com vida. Estamos irremediavelmente perdidos.” Enquanto o capitão falava, vimos nosso navio ser invadido por um exército de seres estranhos, mais numerosos que uma praga de gafanhotos. Eram hirsutos, como macacos, porém mais feios, com faces pretas, olhos amarelados e corpos de anões. Suas caretas e gritos aterrorizaram-nos. Parecia que estavam amaldiçoando e ameaçando-nos, mas falavam uma língua que não conhecíamos. Enquanto permanecíamos imobilizados pelo medo, eles tomaram posse do leme e escalaram os mastros. Desfraldaram as velas, cortando as cordas com os dentes. Dirigido por eles e empurrado pelo ventos, nosso navio encalhou na praia. Os macacos apanharam-nos então um por um e nos depositaram em terra firme. Deixando-nos lá, voltaram ao navio, que conseguiram repor a flutuar, e desapareceram com ele.

Abandonados e desamparados, avançamos para o interior da ilha onde descobrimos fontes de água doce e árvores frutíferas. Pelo menos, pensamos, poderemos nos manter vivos por algum tempo.

Em seguida, percebemos entre as árvores uma grande construção que parecia abandonada. Fomos até ela e entramos. O interior era composto de uma sala imensa onde os únicos móveis eram utensílios de cozinha estranhos e espetos de assar carne de comprimento incomum. O chão estava coberto de ossos, uns já secos, outros ainda frescos. Um cheiro nauseabundo invadiu-nos as narinas. Mas como estávamos exaustos, deixamo-nos cair por cima dos ossos e dormimos. Mal o sol se tinha posto, quando um barulho parecido com um trovão nos acordou, e vimos a figura de um gigante descer através do teto. Era mais alto que uma palmeira e mais feio que todos os macacos juntos. Seus olhos vermelhos brilhavam como dois tições ardentes. Tinha dentes longos e pontudos como os de um javali; a boca tinha as dimensões de uma abertura de poço; as orelhas

desciam até os ombros como as de um elefante; e as unhas eram recurvas como garras de leão. Trememos de terror, depois ficamos paralisados. O gigante sentou-se num banco e pôs-se a nos examinar um a um em silêncio. Depois, veio até mim, agarrou-me pela pele da nuca e apalpou-me todo como um açougueiro examina um carneiro. Não me achando a seu gosto, emagrecido como estava pelas viagens e o cansaço, atirou-me ao chão e apanhou meu vizinho, avaliando-o como fizera comigo e acabando por rejeita-lo também. Procedeu assim com todos até chegar ao capitão, que era gordo e carnudo e mais alto que qualquer um de nós. Tomou-o entre os dedos, deitou-o no chão e com um só movimento do pé quebrou-lhe o pescoço, fendeu-o em dois da boca ao ânus, enfiou cada parte num dos espetos enormes que estavam lá, acendeu o forno e pôs-se a virar e revirar o corpo do capitão até que ficou satisfatoriamente assado. Retirou-o então do fogo e dividiu-o em pedaços como se faz com uma galinha e devorou-o num fechar e abrir dos olhos. Depois, chupou os ossos e atirou-os ao chão. Satisfeito, estirou-se num banco e, breve, estava roncando como um búfalo. Dormiu até o levantar do sol e, então, foi embora como tinha vindo, deixando-nos meio mortos de ansiedade. Saímos daquele edifício e vagueamos pela ilha em busca de alguma gruta ou outro esconderijo. Mas nada conseguimos, pois a ilha era plana e árida. Ao cair da noite, pensamos que o menor dos males ainda era retornar à morada do gigante. Mal havíamos entrado, quando o gigante preto anunciou sua chegada com um barulho que parecia um trovão. Da mesma forma que na noite anterior, escolheu um de nós, assou-o e devorou-o. E roncou de novo como um animal até de manhã. Assim que foi embora deliberamos afogar-nos no mar antes de sermos devorados daquela maneira horrível. Mas, objetaram alguns: “Por que não tentar matar o monstro em vez de nos matarmos a nós mesmos?” Acrescentei: “E por que não construir uma jangada com os paus de que a praia está cheia para fugir desta ilha assim que o tivermos matado? Iremos para outra ilha onde a clemência de Alá talvez nos envie um navio que nos transporte de volta a nosso país. Se naufragarmos e perecermos, nossa morte será um martírio que contará a nosso favor no Último Dia.” Todos concordaram. Construimos a jangada, colocamos nela frutos e ervas comestíveis e voltamos à morada do monstro. E assistimos mais uma vez à morte bárbara de um de nossos companheiros. Mas assim que o monstro adormeceu e começou a roncar, apanhamos dois dos enormes espetos de ferro, aquecemo-los no fogo até que se tornaram rubros e, apanhando-os pelo lado frio, enfia-mo-los com força nos olhos do gigante. Emitiu um grito pavoroso e, levantando-se, procurou localizar-nos e pegar-nos com as mãos estendidas, mas conseguimos facilmente nos desviar e evitá-lo.

Desesperado, dirigiu-se para a porta às apalpadelas e saiu, dando berros de dor. Persuadidos de que o ogro morreria de seus ferimentos, corremos com alegria até a praia e embarcamos na jangada rumo ao alto mar, quando o vimos correndo em nossa direção, guiado por uma mulher de sua espécie e ainda mais horrorosa que ele. Não podendo nos atingir, puseram-se a apedrejar-nos. Muitas pedras acertaram, e todos meus companheiros, menos dois, foram afogados. Nós, os três sobreviventes, conseguimos remar para fora do seu alcance. No alto mar, os ventos jogaram-se contra nós durante dois dias e duas noites e, depois, empurraram-nos para uma ilha. Lá encontramos frutas que nos permitiram continuar a sobreviver e, à noite, trepamos numa árvore e dormimos. Quando

abrimos os olhos pela manhã, a primeira coisa que vimos foi uma cobra enorme, tão grossa quanto o tronco da árvore onde estávamos. Aproximou-se de nós com olhos flamejantes e uma boca aberta do tamanho de um forno. Abocanhou um de meus companheiros e engoliu-o. Ouvimos os ossos do infeliz estalar no ventre da serpente. Depois, satisfeita, desceu da árvore e foi embora. Gememos: “Por Alá, cada nova modalidade de morrer é mais detestável que a anterior. Não há salvação senão em Alá.” Embora meio tontos de medo, descemos da árvore e, percorrendo a ilha, conseguimos água doce e frutas para nos manter vivos. E encontramos uma árvore tão alta que parecia fora do alcance de qualquer réptil. Ao cair da noite trepamos até o cume e procuramos dormir. Mas de repente, ouvimos um silvo monstruoso e o ruído de ramos quebrados. Antes que pudessemos esboçar um movimento, a cobra tinha apanhado meu companheiro que estava sentado um pouco abaixo de mim. Ouvi outra vez o sinistro estalar de ossos quebrados. Fiquei imóvel no alto da árvore até de manhã, e só então tive a coragem de descer. Pensei em me jogar no mar e acabar com uma vida exposta e todo momento a perigos tão medonhos. Mas o espírito humano é soberbo. Resolvi, antes, me defender contra a cobra, elevando tábuas em volta de mim como um refúgio e fixando-as no chão. À noite, a cobra voltou e fez mil tentativas de chegar até mim através das tábuas; mas não o conseguiu. Pela manhã fui à praia e, sem crer nos meus olhos, avistei ao longe um navio com todas as velas desfraldadas. Ao vê-lo, desatei a gesticular e gritar, feito louco. Desenrolei o pano de meu turbante, amarrei-o a um galho de árvore, ergui-o tanto quanto pude e pus-me a agitá-lo, pedindo socorro. O destino quis que meu desespero não passasse despercebido. O navio virou de bordo e dirigiu-se para minha ilha, e breve o capitão e seus homens me recolheram. Deram-me roupa para cobrir a nudez e comida, que engoli com voracidade. E bebi água com um alívio que nunca conhecera na vida. Pouco a pouco, meu coração acalmou-se, e o repouso invadiu meu corpo como um bálsamo. Satisfiz então a curiosidade de todos, contando minha história. Fizemos uma excelente viagem até a ilha de Salahita, onde lançamos a âncora. Os mercadores desembarcaram para cuidar de seus negócios. Fui o único a permanecer a bordo, não tendo mercadorias para vender ou trocar. O capitão aproximou-se de mim e disse: “És pobre e estrangeiro e acabas de passar por grandes provações. Por isso, ajudar-te-ei a recompor a tua vida, esperando que me agradeças, invocando sobre mim as bênçãos de Alá. Fica sabendo que, anos atrás, havia conosco um viajante que esquecemos numa ilha. Nunca mais tivemos notícias dele, e não sabemos se está vivo ou morto. Suas mercadorias continuam guardadas conosco. Minha intenção é entregá-las a ti. Vende-as, fica com uma comissão e entrega-me o preço apurado para que o encaminhe à família do infeliz, em Bagdá.” Agradei ao capitão, e ele chamou um ajudante e mandou-o retirar do depósito as mercadorias guardadas sob o nome de Sindibad o Marinheiro. Gritei com espanto: “Mas eu sou Sindibad o Marinheiro!” Então, fixando o capitão, reconheci-o como o homem que me tinha esquecido quando dormi naquela ilha no começo de minha segunda viagem. Tremendo de emoção, perguntei-lhe: “Não me reconheces?” E lembrei-lhe as peripécias daquela viagem. Enquanto falava, um dos mercadores, voltando para o navio, olhou-me atentamente e me reconheceu. O capitão acabou por se lembrar também de mim. Tomou-me nos braços como se fosse um irmão e

felicitou-me por estar ainda vivo. Depois, mandou entregar-me as minhas mercadorias, que vendi com um lucro enorme. Deixamos a ilha de Salahita e atravessamos mares desconhecidos, onde vi tantos prodígios que enumerá-los todos seria impossível. Vi, por exemplo, um peixe que parecia uma vaca e outro que parecia um asno.

Finalmente, chegamos a Basra com a permissão de Alá, e naveguei pelo rio até Bagdá. Fui à minha rua e à minha casa, onde senti a felicidade de estar rodeado por parentes e amigos. Distribuí presentes a todos e ajudei os órfãos e as viúvas, pois voltava desta viagem bem mais rico do que da viagem anterior.

A QUARTA VIAGEM DE SINDIBAD O MARINHEIRO

As delícias da vida de Bagdá não me fizeram esquecer as viagens; e minha alma perdida não se detinha nos sofrimentos e perigos pelos quais havia passado nessas viagens, mais apenas nos belos descobrimentos e nas horas felizes. No fim, não consegui mais resistir às suas induções. Vendi minha casa e demais propriedades, comprei mercadorias e fui a Basra. Lá embarquei num grande navio em companhia de alguns dos mais conhecidos mercadores da cidade. Passamos de mar em mar e de ilha em ilha, vendendo e comprando com grandes lucros quando, um dia, estando em pleno oceano, ouvimos o capitão gritar de repente: “Lançai a âncora! Estamos perdidos!” Um temporal violento agitou o mar em volta de nós, batendo no navio e dismantelando-o. Fomos todos arrastados pelas ondas, inclusive o próprio capitão e os marinheiros. Pela graça de Alá, consegui agarrar-me, com alguns outros, a uma tábua do barco e, após esforços desesperados, fomos jogados na praia de uma ilha, mais mortos que vivos. Exaustos, passamos a noite deitados sobre a areia. Pela manhã, conseguimos levantar-nos e avançar para o interior. Lá avistamos uma habitação no meio de um bosque, e vimos uma multidão de pretos nus saírem daquela casa e, sem dizer uma palavra, cercar-nos e conduzir-nos a um salão onde um rei estava sentado num trono. O rei mandou-nos sentar e fez-nos servir uma variedade de carnes desconhecidas para nós. O aspecto dos pratos não me apeteceu, e abster-me de comer enquanto meus companheiros, esfomeados, devoravam as iguarias. Mais ainda, os negros começaram a esfregar nossos corpos com uma pomada cujo efeito, ao que descobri, era dilatar o corpo e aumentar o apetite. Consegui desviar-me habilmente e evitar a pomada. Mas meus companheiros deixaram-se esfregar e ficavam cada vez mais gordos; e quanto mais gordos ficavam, mais comida engoliam. Logo depois, descobri o objetivo que movia esses negros. Eles se alimentam de carne humana crua e usam a pomada para tornar suas vítimas mais gordas e mais suculentas. Seu rei, um ogro, um Ghul, prefere carne grelhada e devora um prisioneiro por dia. Assim, ao recusar as carnes e desviar-me da massagem, tinha praticamente salvo minha vida sem saber. Pois a fome e o medo deixaram-me a sombra do que era: pele e ossos. Vendo-me assim, os nativos desprezaram-me, julgando que era impróprio para suas refeições. Quanto a meus companheiros, à medida que seu peso aumentava, sua inteligência diminuía. Num determinado ponto, tornavam-se bestiais, verdadeiros animais de matadouro. Todos os dias, um guarda os levava a pastar no prado. Aproveitei o pouco caso que se fazia de mim para fugir um dia

da casa onde morávamos. Errei pela ilha durante seis dias e seis noites, escondendo-me na grama ao menor sinal de perigo e me alimentando de raízes e folhas verdes. Na manhã do sétimo dia, cheguei à outra extremidade da ilha. Lá vi homens brancos, vestidos como nós, ocupados a colher grãos de pimenta nas árvores. Rodearam-me, e falaram comigo na minha língua, o árabe. Conteí-lhes a minha história. Ficaram espantados de que eu tivesse podido salvar-me dos devoradores de carne humana. Deram-me de comer e beber; depois, levaram-me a seu rei, que residia numa ilha vizinha. Nessa ilha, densamente povoada, vi numerosos cavaleiros montados em esplêndidos cavalos, porém sem sela nem estribos. Descrevi esses objetos de conforto ao rei. Disse-me que nunca ouvira falar neles. Propus fazer uma sela para que ele a experimentasse. Aceitou, e quando experimentou a sela, ficou tão satisfeito que me cobriu de presentes e honrarias. O vizir e todos os dignitários do rei também quiseram selas. Com os presentes recebidos, tornei-me o homem mais rico da cidade. Para me conservar perto dele, o rei casou-me com uma rapariga de alta linhagem, rica e bela. Ao mesmo tempo, presenteou-me com um palácio inteiramente mobiliado e com escravos dos dois sexos e tudo mais. Vivi lá em perfeito conforto, embora sonhasse secretamente em voltar um dia para Bagdá. Quando, porém, um acontecimento está predeterminado pelo destino, ninguém pode desviá-lo. Nossos projetos e nossa vontade são jogos infantis diante dos decretos da fatalidade. Um dia, a esposa de meu vizinho morreu. E descobri com horror que, naquela ilha, uma tradição imperiosa determinava que, em caso da morte de um cônjuge, o sobrevivente fosse sepultado vivo com o defunto. Apavorado, visitei o rei para saber se, eventualmente, o costume se aplicaria a mim, já que eu era um estrangeiro. “Sem dúvida, respondeu o rei. A lei se aplica a todos, mesmo ao rei.” Passei a viver na infelicidade, apesar de verificar todos os dias que minha mulher gozava de perfeita saúde. Considerava que ser enterrado vivo não era menos horrível que ser devorado por canibais. E, de repente, um dia, aconteceu o que devia acontecer. Inesperadamente, minha mulher adoeceu e faleceu. Vi-me diante do inevitável, quando o rei me visitou e disse-me que eu era tão estimado e querido que ele próprio e toda a corte assistiriam a meu enterro. De fato, andaram ao meu lado quando chefiar a procissão fúnebre atrás do ataúde que continha o corpo de minha mulher, coberto de jóias e ornamentos. Na hora do sepultamento, procurei comover o coração do rei, chorando e repetindo: “Eu sou um estrangeiro e não é justo que seja submetido a vossas leis.” Ninguém se importou com minhas súplicas e argumentos. Passaram as cordas por baixo de meus braços e amarraram às minhas costas o jarro de água e os sete pães que tradicionalmente são o último presente dos parentes e amigos ao cônjuge que vão enterrar vivo. Baixaram-me à sepultura com o ataúde de minha mulher, fecharam a entrada e foram embora. A pestilência do subterrâneo obrigou-me a tapar o nariz, mas aproveitei um resto de luz para inspecionar aquele jazigo repleto de cadáveres antigos e recentes. Embora lamentasse minha sorte e me censurasse por ter empreendido essa viagem e me ter casado numa terra exótica, estava decidido a não me deixar morrer passivamente. Sentindo sede e fome, aproveitei com parcimônia as pequenas provisões que tinha, pensando no futuro. Vivi assim vários dias, habituando-me gradativamente ao cheiro nauseabundo daquela caverna cheia de ossadas. Chegou um dia em que não tinha mais nem água nem

pão. Recitei as preces e encomendei minha alma a Alá quando a tampa do buraco foi removida e vi descer o ataúde de um homem morto e uma mulher viva, provida da jarra de água e dos sete pães. Esperei que tivessem fechado o buraco e, armado de um grande osso, aproximei-me silenciosamente da mulher, dei-lhe três golpes mortais a apoderei-me da sua provisão. Quando essa nova provisão estava esgotada, o destino mandou uma mulher morta e um marido vivo. Matei o homem e fiquei com a água e os pães. E vivi assim por muito tempo. Certo dia, acordei com um ruído estranho. Peguei num osso e segui uma sombra que se movia. De repente, vi algo que me pareceu um raio de luz, por onde a sombra escapou. Sem crer no que via, dei-me conta de que estava diante de um buraco cavado por animais selvagens, atraídos pelos cadáveres lá acumulados. Segui as pegadas desses animais e achei-me de súbito ao ar livre, sob o firmamento. Caí de joelhos e agradei a generosidade do Altíssimo. Examinei o terreno e achei-me ao pé de uma montanha à beira-mar, uma montanha tão escarpada que não tinha comunicação com a cidade. Decidi esperar ali alguma outra oportunidade enviada por Alá. Entrava pelo buraco na caverna para matar os novos hóspedes e apoderar-me de suas provisões. Breve, com a expectativa da salvação, apoderei-me também das jóias, diamantes, braceletes, colares, pérolas, rubis, adornos de ouro e prata que os mortos levavam para a outra vida. Acumulei assim uma fortuna incalculável. Certa manhã, vi passar um navio muito perto do monte. Ergui-me às pressas e pus-me a fazer gestos largos, a correr na praia e soltar brados e gritos. A tripulação do navio acabou por ver meus sinais e enviou um barco em meu socorro.

Levaram-me com minha bagagem. A bordo, o capitão perguntou-me: “Quem és tu e como conseguiste alcançar aquele monte? Desde que navego por estas paragens, nunca avistei lá se; não animais ferozes e aves de rapina. Jamais um ser humano.” Conte-lhe minha história. E ele aceitou levar-me de volta a meu país. Navegamos sem novidade durante dias e dias de ilha em ilha e de mar em mar. Eu ia recordando minhas aventuras e perguntando a mim mesmo se eram fatos ou sonhos. Enfim, pelo poder de Alá Todo Poderoso, chegamos a Basra e, dias depois, a Bagdá. Minha família e meus amigos festejaram meu regresso. E eu, carregado de tesouros, cumulei a todos com presentes, sem esquecer os pobres, as viúvas e os órfãos.

E jurei nunca mais desafiar o mar.

A BELA ZUMÚRROD E ALI CHAR

Conta-se, ó afortunado rei, que vivia certa vez, nos tempos antigos, um rico mercador de Khorassan chamado Majd, o Glorioso. E ele tinha um filho mais belo que a lua, chamado Ali Char. Um dia, o mercador, carregado de anos e pressentindo a chegada da morte, chamou o filho e disse-lhe: “Meu filho, o fim de meus dias está à vista. Queria, pois, fazer-te algumas recomendações.” Ali Char respondeu com lágrimas nos olhos: “Por favor, fala, meu pai.” - Recomendo-te que não cries laço algum com o mundo. Pois este mundo é como uma fornalha. Se não te queima com seu fogo e não te cega com suas faíscas, com certeza sufocar-te-á com sua fumaça. Um poeta disse: Aquele com o afeto do qual gostarias de contar não existe. Como não existe o amigo que te ampare

quando o destino te antagoniza. Yve, pois, sozinho, e não confies em ninguém. Tal é meu conselho. Não tenho outro. Ouvindo essas palavras, Ali Char respondeu: “Pai, obedecer-te-ei em tudo e farei o que me recomendas.” O moribundo acrescentou: “Nunca desprezes os conselhos dos que têm mais experiência que tu e nunca bebas vinho, pois ele te rouba o miolo e faz de ti um objeto de escárnio para os outros.”

- Tens mais recomendações a dirigir-me, amado pai?

- Meu filho, lembra-te de que os homens são três: o homem inteligente reflete e só depois age; o sábio reflete e, antes de agir, consulta; o tolo age sem refletir e sem consultar. “Faze o bem sempre que puderes. Mas não esperes ser pago de volta, nem com favores nem com gratidão. E não desperdices as riquezas que te deixo. Nada inspira respeito como as riquezas que os homens têm. Um poeta disse: Quando meu dinheiro é pouco, meus amigos são mais raros ainda. Quando me torno rico, todos os homens declaram-se meus irmãos. Quantos inimigos me procuram por causa de minha riqueza. E quantos amigos fogem de mim por causa de minha pobreza. “Finalmente, lembra-te da sábia recomendação de Malek Ibn Dinar: “Se quiseres salvar a tua alma, desobedece-lhe; se quiseres perdê-la, obedece-lhe.” Com essas palavras, o santo homem entregou a alma a Deus. Durante um ano, Ali Char continuou o comércio do pai e seguiu-lhe os conselhos. Mas passado esse prazo, deixou-se levar pelos impudicos mancebos filhos de meretrizes e pelos adúlteros sem vergonha, e começou a freqüentar-lhes as mãos e as irmãs, afundando-se cada vez mais na depravação. Raciocinava que devia gastar a fortuna deixada pelo pai, se não quisesse deixá-la a outros por sua vez. Abusou tanto que acabou por vender sua loja, a casa, os móveis e até a própria roupa. Então, lembrou-se das últimas palavras do pai, pois todos os amigos que tinham aproveitado assiduamente seus gastos, desculparam-se, um após o outro, de não atender a seus apelos. E o dia chegou em que teve que mendigar o pão de porta em porta, e descobriu que o túmulo é uma morada mais confortável que a pobreza.

Enquanto andava certa vez na rua, viu um ajuntamento de compradores, vendedores, corretores em volta de uma escrava branca de elegante e formosa aparência. Media cinco pés de altura, tinha rosas no lugar das faces, seios arredondados e um traseiro de acender o fogo da cobiça em qualquer homem. Ali Char ficou deslumbrado. Esqueceu sua miséria e misturou-se com os mercadores, os quais, ignorando ainda a sua situação, pensavam que vinha comprar a escrava com as riquezas herdadas do pai. O pregoeiro tomou lugar ao lado da escrava e bradou por cima daquele mar de cabeças: “aproximai-vos, meus senhores, cidadãos, homens do deserto. Eis aqui a rainha das luas, a pérola das pérolas, a nobre e casta virgem Zumúrrod, jardim cheio de flores, fonte de todas as volúpias. Abri o leilão!” “Abro com quinhentos dinares”, gritou um mercador. Outro gritou: “E dez.” Então, um comerciante velho, disforme e horrendo, chamado Rachid Addim, esbravejou: “E cem!” Mas quando uma voz superou-lhe a oferta, dizendo: “E dez”, o velho bradou: “Mil dinares!” Os outros candidatos permaneceram em silêncio. O leiloeiro virou-se para o proprietário da escrava e perguntou-lhe se achava a oferta de Rachid Addim satisfatória. Respondeu: “Acho-a satisfatória. Mas jurei não vender esta escrava senão com seu consentimento.”

Consultada, a bela Zumúrrod olhou o velho com desdém e repetiu os versos do poeta: Não gosto de cabelo branco. Passarei a vida mastigando algodão? “Por Alá, tens razão de recusar, disse o pregoeiro a Zumúrrod. Mil dinares nada são. Tu vales pelo menos 10 mil dinares.” Acrescentou: “Esta adolescente não é somente mais bela que a lua. Eu fiquei surpreso ao descobrir tudo o que ela sabe fazer: sabe escrever com sete canetas. Conhece a arte de bordar; e qualquer tapete que lhe sai das mãos vale cinqüenta dinares no mercado. Além disso, conhece milhares de poemas.” Depois, perguntou aos licitantes: “Ninguém quer levar esta pérola pelo preço oferecido?” “Eu,” gritou uma voz. Zumúrrod olhou para o dono da voz e viu que, embora não fosse muito feio, tinha a barba pintada para fazê-lo parecer mais jovem. “Vergonha!” gritou a escrava, e disse ao pretendente: Mudar de barba como mudar de cara, tomando-te um verdadeiro espantalho? À tua vista, qualquer mulher grávida abortaria.

Outro licitante aceitou o preço. Olhando-o, Zumúrrod verificou que tinha um só olho, e desatou a rir. Depois, perguntou-lhe: “Não conheces a charada do zanolho? Ei-la: Conta-me se pudeses a diferença entre um mentiroso e um zanolho. Não podes? Não te censuro. Pois não existe entre eles diferença alguma. O pregoeiro disse então a Zumúrrod: “Querida ama, olha para todos esses candidatos e dize-me qual deles te agrada para que te ofereça a ele.” Quando o olhar da moça caiu sobre Ali Char, sentiu-se atraída por um violento desejo, pois ele era belo. Indicou-o ao leiloeiro. Disse o leiloeiro a Ali Char: “Grande é tua sorte de adquirir este tesouro pela centésima parte de seu valor real.” Ali Char inclinou a cabeça, rindo à ironia do destino: “Pensam que sou bastante rico para comprar esta escrava, quando não possuo dinheiro suficiente para comprar um pedaço de pão.” Zumúrrod sentiu-o embaraçado e adivinhou sua pobreza. Aproximou-se dele e entregou-lhe discretamente mil dinares. Com eles, Ali Char comprou a bela escrava e levou-a. Zumúrrod não se surpreendeu ao ver a pequena e miserável casa onde seu dono morava. Deu-lhe mais mil dinares e disse-lhe: “Corre ao mercado e compra tudo que nos é necessário em móveis e alimentos. Compra também uma peça de seda de Damasco, carretéis de fios de sete cores diferentes, agulhas e um dedal de ouro.” Quando Ali Char voltou, Zumúrrod preparou o almoço, mobiliou a casa e, em pouco tempo, teceu um belíssimo tapete que encarregou Ali Char de vender, “por um preço não inferior a cinqüenta dinares.” Acrescentou: “Vende-o a qualquer mercador estabelecido, mas não a alguém de passagem; pois serias então a causa de nossa separação. Nós temos inimigos que nos espreitam.” Viveram assim um ano inteiro, unidos e felizes. Certa manhã do ano seguinte, Ali Char deixou a casa com mais um tapete tecido por Zumúrrod e foi ao mercado para entregá-lo a um pregoeiro. Mas um cristão passou por lá, um desses indivíduos que pululam na entrada dos mercados e assediam os clientes com ofertas desonestas. Aproximou-se de Ali Char e ofereceu comprar-lhe o tapete diretamente, sem a interferência do pregoeiro, por cem dinares. Ali Char caiu na tentação, vendeu o tapete por cem dinares, mas voltou para casa preocupado e incomodado por apreensões. No caminho da volta, reparou que o cristão o estava seguindo. “Por que me segues, maldito cristão?” - Ó meu mestre, é inteiramente por acaso que estou aqui. Mais já que te encontro, deixa-me pedir-te um gole de água. Estou sofrendo de sede. “Por Alá”, pensou Ali Char, “não será dito que um muçulmano negou um pouco de água a um cão

raivoso.” Mas o cristão, em vez de esperar à porta, insinuou-se para dentro da casa. Gritou-lhe Ali Char: “O que estás fazendo, ó cachorro, filho de cachorro? Como ousas entrar na minha casa sem minha permissão?” O cristão desculpou-se e prometeu sair assim que tivesse tomado a água. Mas ficou lá após beber e disse a Ali Char: “Estou vendo que és caridoso e generoso, meu mestre, e não te assemelhas àquela gente descrita pelo poeta neste versos: Já se foram os generosos Cujas mãos eram rios e mares. Agora, o mundo todo pratica a avareza, dizendo: “Deves pagar” quando um faminto pede um pedaço de pão. Obedecendo às tradições de hospitalidade de seu povo, Ali Char ofereceu ao cristão diversas iguarias, e este exclamou: “Que liberalidade, meu mestre! Há aqui comida para dez pessoas.” Depois, apanhou uma banana e, aproveitando a distração do anfitrião, injetou nela uma dose de benj capaz de anestésiar um elefante, e ofereceu-a a Ali Char com palavras hipócritas sobre as boas relações entre hóspede e anfitrião. Mal havia Ali Char engolido a banana, perdeu os sentidos. O cristão fez sinal a seus cúmplices que esperavam na rua e, juntos, seqüestraram Zumúrrod. Tentaram, primeiro, convencê-la a renegar sua religião e abraçar o cristianismo. Diante de sua recusa, estenderam-na no chão e bateram nela. Mas, a cada golpe, ela respondia: “Não há Deus senão Alá, e Maomé é o mensageiro de Alá.” Por fim, levaram-na e foram embora. Quando os vapores do benj se haviam dissipado, Ali Char levantou-se e, não encontrando Zumúrrod, deu-se conta, tarde demais, de sua imprudência. Desesperado, saiu pelas ruas chorando e gemendo. Uma boa mulher deteve-o e perguntou-lhe quando havia perdido a razão. Respondeu com os versos do poeta: Minha doença é a ausência da amada. Ó médico, não consultes nem pergunte. Traze-a de volta E estarei curado na hora. A velha compreendeu e ofereceu-se para ajudá-lo a encontrar a amada. Pediu-lhe um cesto de mascate cheio de bugigangas que ela iria oferecer de porta em porta nas casas e haréns e assim tentar descobrir o paradeiro de Zumúrrod. Ali Char chorou de alegria e, após beijar a mão da venerável mulher, correu a comprar-lhe o que precisava. E ela, disfarçada em vendedora ambulante, passou de casa em casa, oferecendo suas mercadorias. Na casa de um cristão que fingia ser muçulmano, viu uma mulher estendida sobre uma esteira. Pela descrição que Ali Char lhe fizera de Zumúrrod, concluiu que era ela. Conseguiu aproximar-se e, certificando-se que era mesmo Zumúrrod, acertou com ela um plano de fuga para aquela mesma noite. Quis o destino que, naquela noite, um audacioso ladrão estivesse rondando a mesma casa para assaltá-la. Quando Zumúrrod saiu com a velha, o ladrão pôs a mão sobre ela e levou-a. Aterrorizada, perguntou-lhe quem ele era. Respondeu: “Sou Ionan o Curdo, da quadrilha de Ahmed Danaf. Somos quarenta, todos robustos e perversos. Há muito tempo não vemos carne fresca. Assim, a noite de amanhã será a mais abençoada de tua vida, pois todos montaremos em ti e rebolaremos entre tuas pernas até o sol raiar.” Zumúrrod percebeu todo o horror da situação, mas confiou em Alá e se deixou levar. Na gruta dos ladrões, Ionan chamou a mãe, uma velha que cuidava do serviço doméstico, e entregou-lhe a jovem, dizendo: “Trata bem esta gazela. Vou cuidar de alguns assuntos, e, amanhã à tarde virei com meus camaradas para montar nela.” Uma vez a sós, virou-se a velha para Zumúrrod e disse-lhe: “Minha filha, que felicidade para ti! Vais ser furada por quarenta homens vigorosos. Por Alá, tens a sorte de ser jovem e apetitosa.” Zumúrrod não

respondeu, mas pensou: “Nunca me deixarei furar por esses quarenta ladrões lascivos que me encherão de esperma como um navio à deriva.” E arquitetou um plano. Na manhã seguinte, mostrou-se despreocupada e alegre, e disse à velha: “Que havemos de fazer para passar o tempo? Não queres vir comigo ao sol, minha boa mãe, e deixar-me catar os piolhos de tua cabeça e alisar-te o cabelo? A velha, que não conhecia tais cuidados havia anos, ficou encantada e seguiu Zumúrrod. Vencendo o nojo, esta pôs-se a catar aos punhados os piolhos de toda espécie que enchiam a cabeça da velha e, depois, penteou-lhe vagorosamente o cabelo de tal modo que a velha foi invadida por um delicioso torpor e adormeceu. Sem perder tempo, Zumúrrod entrou na gruta, vestiu-se de homem, envolveu a cabeça num lindo turbante, montou um cavalo e se foi, galopando. Dois dias depois, chegou às portas de uma cidade onde uma multidão soltou gritos de alegria ao vê-la. Emires, chefes militares, notáveis, prosternaram-se diante dela, gritando: “Viva o nosso novo sultão!” Não compreendendo o que se passava, Zumúrrod interrogou um dos emires e ouviu-o dizer-lhe: “É tradição em nossa cidade que, quando o rei morre sem deixar herdeiros, reunamo-nos neste lugar e aguardemos. O primeiro homem a chegar, coroamo-lo rei, seja ele um mendigo ou um príncipe. Nossa sorte é ter desta vez um rei tão jovem, belo e de nobre aparência.” Zumúrrod, que tinha a mente fértil em recursos, acolheu a notícia com serenidade, e disse: “ Ó meus fiéis súditos, não penseis que sou algum turco de baixa extração. Sou o herdeiro de uma família nobre e rica, percorrendo o mundo em busca de divertimentos. Aceito ser vosso rei.” Depois, iniciou seu reinado abrindo os cofres públicos; fez liberalidades aos soldados e aos pobres, ofereceu vestes honoríacas aos dignitários, cumulou com favores eunucos e serventes. Aboliu a maioria dos impostos e corrigiu muitos abusos. Foi adorada por todos. Passou assim um ano feliz, porém nunca esqueceu Ali Char. Cantava: Minha saudade de ti renova-se todas as manhãs, e as lágrimas nunca abandonam meus olhos. A separação é dura para quem ama. Aproveitando o primeiro aniversário de seu reinado, concebeu um plano capaz de reuni-la um dia com seu amado se ele por acaso visitasse a cidade. Decidiu oferecer uma vez por mês um banquete real a todos os estrangeiros em visita a seu reino. O comparecimento era obrigatório. Quem faltasse seria enforcado. E um dia, Ali Char veio a um desses banquetes. Ela o reconheceu, mas ele não a reconheceu. Dominou suas emoções e perguntou-lhe: “Qual é o teu nome, ó moço amável, e que vieste fazer em nossa cidade?” - Ó afortunado rei, meu nome é Ali Char, filho de Majd. Meu pai era um mercador na terra de Khorassan. Continuei seu comércio, mas depois fui vítima de uma grande desgraça. Gente perversa raptou a mulher que amo. Percorro o mundo à sua procura. Foi assim que visitei esta cidade. Minha amada é mais bela que a luz. Todos os dias dirijo a seu espírito estes versos do poeta, esperando que um dia, seu espírito me ouça. Se o Nilo tivesse a abundância de minhas lágrimas, não deixaria no mundo terra seca. Transbordaria sobre o Hijaz, o Egito, o Iraque E todo o Oriente Médio. Sê, portanto, compassiva, ó amada, e dize-me depressa a data do encontro. Zumúrrod mandou seus eunucos trazer a mesa de areia divinatória e a caneta de cobre. Quando os recebeu, desenhou figuras e hieróglifos, refletiu uma hora, depois declarou: “Ó Ali Char, olho de Majd, a areia confirmou tua história. Falaste a verdade. Confirma também que teus apelos foram ouvidos. Breve, Alá te

devolverá a mulher que amas. Deu ordens então á seus escravos para levarem Ali Char ao hammam, vesti-lo como vestes reais e reconduzi-lo a sua presença ao cair da noite. O povo, informado desses fatos pela tagarelice dos servidores, começou a conjecturar sobre os motivos que levariam o rei a tratar aquele moço bonito com tanto carinho e a recebê-lo em seu aposento à noite. Na hora marcada, Zumúrrod tirou a roupa, vestiu uma simples camisola de seda, fechou as cortinas, estendeu-se num sofá e deu ordens para introduzir Ali Char.

Quando este entrou, disse-lhe: “Amável jovem, aproxima-te de mim.” Tomou-o pela mão e disse lhe: “Sabes que me agradas muito? Por favor, inclina-te e esfrega-me os pés.” Ali Char o fez. E o rei disse: “Agora esfrega-me as pernas e as coxas. Ali Char admirou-se de que as pernas e coxas do rei fossem tão claras e macias. - Agradável jovem, disse o rei, tuas mãos são bem hábeis. Sobe até meu umbigo. Depois, mandou Ali Char abaixar as calças e estender-se sobre o estômago. E o rei cobriu-o, mas Ali Char não sentiu nada furá-lo. Disse o rei: “Deves saber, querido Ali Char, que meu zib só se levanta quando manipulado com os dedos. Manipula-o..! dize adeus à vida.” E Zumúrrod tomou a mão de Ali Char e depositou-a sobre a parte curva de sua mercadoria. Ali Char sentiu algo redondo e elevado e gordinho e quente e vibrante. Este rei tem uma entrada, pensou Ali Char com assombro. É a coisa mais prodigiosa de que já ouvi falar.” Assim estimulado, seu zib superou as hesitações e levantou-se até os últimos limites da ereção. Era exatamente o que Zumúrrod esperava. Desatou a rir disse a Ali Char: “Ainda não reconheceste tua escrava, ó meu amo?” Ali Char olhou o rei de mais perto e reconheceu sua amada. Tomou-a nos braços e abraçou-a com transportes vibrantes de alegria. E ela perguntou: “Ainda hesitas?” Pulou então sobre ela como um leão pula sobre uma ovelha. E abriu nela um túnel. Zumúrrod acompanhou-o com delírio, abaixando-se com ele, ondulando com ele, revolvendo com ele, respondendo a seus gritos com gemidos até que o barulho atraiu os eunucos. Levantaram as cortinas para ver se seu rei precisava de seus serviços, e viram com espanto o rei estendido sobre as costas e intimamente coberto pelo jovem; mas nada disseram. Quando chegou a manhã, Zumúrrod envergou suas vestes reais e mandou reunir no pátio do palácio os vizires, chefes militares, notáveis e outros habitantes, e declarou: “Ó fiéis súditos, tendes meu consentimento para ir até a estrada onde, um dia, me encontrastes, buscar alguém para reinar sobre vós. Por mim, resolvi abdicar ao trono e ir viver no país deste adolescente que escolhi por amigo de meus dias.” Os assistentes responderam: “Atenção e obediência!” E foram postar-se às portas da cidade à espera do primeiro homem que seria o novo rei. Por sua vez, os escravos de Zumúrrod correram a arrumar os preparativos da viagem: encheram caixas e caixas de provisões, vestuário, ouro, jóias. Zumúrrod e Ali Char subiram num palanquim, de veludo e brocado nas costas de um dromedário e, seguidos tão-somente por dois jovens eunucos, regressaram ao Khorassan, onde reencontraram sua casa e seus parentes. Distribuíram presentes e liberalidades e viveram felizes por muitos anos até a chegada da sombra malvada que separa os entes queridos e destrói o que se levou uma vida para construir. Glória a Alá que vive tranqüilo de eternidade em eternidade!

UARDAN, O AÇOUGUEIRO, E A FILHA DO VIZIR.

Conta-se, entre tantas outras histórias, que vivia certa vez no Cairo um homem chamado Uardan que era açougueiro de profissão. Todos os dias, uma jovem de notável beleza, mas de olhos cansados e cor pálida, vinha a sua loja, seguida por um carregador. Comprava carnes e testículos de carneiro, pagava com moedas de ouro, colocava as carnes e os testículos no cesto do carregador e ia percorrer o mercado, comprando algo em cada loja. Repetiu essa rotina diária tantas vezes que Uardan foi invadido pela curiosidade e quis desvendar o mistério que se escondia atrás da jovem. Um dia, o carregador da moça passou sozinho em frente do açougue. Uardan aproveitou para oferecer-lhe de presente uma cabeça de carneiro e dizer-lhe: “Estou perplexo a respeito da moça que te emprega todos os dias. Quem é ela? De onde vem? Que faz com os testículos de carneiro? Por que sua face e olhos estão sempre cansados?” - Por Alá, respondeu o carregador, estou tão curioso a seu respeito quanto tu. Mas contar-te-ei o que sei. Quando todas as compras estão feitas, minha ama vai ao mercador cristão da esquina e adquire por um dinar vinho velho de qualidade e, depois, me conduz até a entrada dos jardins do vizir. Lá, veda-me os olhos com um pedaço de pano, toma-me pela mão e vamos andando até uma escada, que descemos juntos. Seus servidores levam o cesto cheio e me entregam outro vazio, com meio dinar pelo meu trabalho. Depois, conduzem-me de volta até a entrada dos jardins, libertam-me os olhos e me mandam embora. Nunca consegui saber o que fazia com toda essa quantidade de carnes, frutas, amêndoas, que me faz carregar até aquele subterrâneo todos os dias. - Aumentaste minha perplexidade, ó carregador, disse Uardan. No dia seguinte, decidido a esclarecer o mistério a qualquer custo, Uardan esperou que a mulher passasse por sua loja com as compras e seguiu-a de modo a não ser descoberto. Na entrada dos jardins do vizir, escondeu-se atrás de uma árvore, e quando, após dispensar o carregador, a moça dirigiu-se aos fundos do jardim, Uardan tirou os sapatos e continuou a segui-la tão furtivamente quanto um gato. Viu-a parar diante de uma rocha, virar a rocha sobre si mesma graças a determinado gesto e desaparecer numa escada que descia na terra. Após deixar passar um momento, Uardan aproximou-se da rocha, manipulou-a com o jeito que observara a moça usar e desceu a escada. E eis o que descobriu, como ele mesmo me contou: “Assim que meus olhos se habituaram à escuridão, vi uma porta fechada de trás da qual vinha uma tempestade de risos e grunhidos. Dirigi-me para lá, olhei pelo buraco da fechadura e vi, abraçados em cima de um divã e se debatendo em mil contorções lascivas, a moça que eu estava seguindo e um macaco enorme, com um rosto quase humano. “Após um momento, a moça libertou-se do abraço do macaco, pôs-se de pé, tirou toda a roupa e voltou a deitar, completamente nua, no mesmo divã. E vi o macaco saltar sobre ela e cobri-la. Quando tinha terminado o ato, levantou-se, deu dois passos e cobriu-a de novo. Repetiu o mesmo ato dez vezes seguidas, enquanto ela lhe respondia com prazer e emoção como se fosse um homem. Finalmente, os dois se separaram, exaustos, e deitaram-se em total imobilidade. “Mesmo em meio a meu espanto, disse a mim mesmo: Agora ou nunca.” E, quebrando a porta com o ombro, precipitei-me na sala, brandindo minha faca de açougueiro, e cortei com um golpe a cabeça do macaco. A moça, abrindo os olhos, viu-me de faca em

punho, exalou um grito de terror tão angustiado que receei vê-la cair morta. Mas, percebendo que eu não lhe queria mal, recobrou pouco a pouco os sentidos e me reconheceu. Então disse: “Ó Uardan, é assim que recompensas uma cliente fiel?” - Ó inimiga de tua própria salvação, bradei, não são os homens bastante fortes para que tenhas que procurar o gozo com tais substitutos? - Ó Uardan, respondeu, escuta enquanto te contar a causa de tudo isso e talvez me perdoes. Sou filha única do vizir. Até a idade de 15 anos, vivi tranqüilamente no palácio paterno. Mas, um dia, um escravo preto ensinou-me aquilo que tinha que aprender de alguma forma e tomou de mim aquilo que tinha para dar. Talvez saibas que não existe nada igual a um negro para inflamar o interior de uma mulher, especialmente quando esse esterco preto é o primeiro que o jardim recebe. Meu jardim tornou-se tão esfomeado que precisava do preto para alimentá-lo a todo momento. “Após um certo tempo, o negro morreu na sua tarefa, e eu contei minha desgraça e meu abandono a uma velha comadre. Abanou a cabeça e disse: “A única coisa que pode substituir um negro é um macaco, minha filha. Os macacos são inimitáveis neste ato.” “Pensei: “Por que não tentar?” Um dia, estava na janela do palácio quando um circo passou à minha frente. Incluía vários macacos. Tirei meu véu e fixei meu olhar no maior deles. Imediatamente, o animal quebrou as suas cadeias e fugiu. Deu uma volta imensa e entrou no palácio. Correu diretamente até meu aposento, tomou-me nos braços e fez mais de dez vezes seguidas o que o viste fazer hoje. Guardei-o em segredo. Mas, um dia, meu pai ouviu falar de minha tara e quase me matou. Tive que construir este subterrâneo para proteger meu amante e continuar a gozar os prazeres com ele. “Todos os dias, trazia-lhe comida e bebida. Infelizmente, hoje, o destino me traiu. Descobriste meu esconderijo e mataste meu companheiro.” “Tentei consolá-la, dizendo: “Uma coisa está certa, ama querida. Posso substituir merecidamente o macaco. Podes julgar por ti mesma.” E montei nela naquele dia e todos os dias seguintes. E meu desempenho era igual ao do macaco e do negro mortos. “Assim mesmo, as coisas estragaram-se. A moça ficava cada vez mais quente e mais insaciável, e um homem, por mais vigoroso que seja, não é um macaco. Agüentei o que podia. Depois, consultei uma mulher entendida em preparos químicos e mágicos. “Não saberias como reduzir o apetite tempestuoso de uma mulher?” perguntei-lhe. - A coisa é fácil, disse, para quem sabe preparar as misturas que preparo. “Preparou uma mistura de ervas e disse-me para copular com minha amiga e logo em seguida colocar-lhe o produto entre as coxas. Segui as instruções, e qual não foi meu espanto ao ver dois vermes saírem dali e andarem pelas pernas da mulher. Examinando-os, vi que eram duas enguias, uma amarela e outra preta. “Quando contei essas coisas à curandeira, disse-me: “Dá graças a Deus. Essas duas enguias eram a causa dos desejos imoderados de que te queixavas. Uma delas nasceu da copulação com o negro, a outra da copulação com o macaco. Agora, a mulher será como as demais mulheres.” “E assim foi. Como gostava dela, pedi-a em casamento, e como estava acostumada a mim, ela aceitou. Vivemos felizes. Mas reconheço que, muitas vezes, lamento aquele incêndio de desejos que as ervas da curandeira apagaram em minha mulher.”

YAMLIKHA, A RAINHA DAS SERPENTES.

Conta-se, ó afortunado rei, que vivia certa vez, na antiguidade dos tempos e antes do desenrolar de muitos séculos, um sábio grego chamado Daniel. Tinha muitos discípulos que lhe escutavam respeitosamente o ensino, mas não tinha um filho. Para herdar-lhe os livros e manuscritos. Após esgotar os outros recursos, Daniel apelou para o Senhor dos Mundos e, no mesmo instante, sua mulher concebeu. Durante os meses de gravidez da mulher, o sábio, dando-se conta de que era muito velho, pensou: “A morte está próxima. Meu filho talvez não encontre meus livros e manuscritos intatos quando estiver na idade de lê-los.” Assim presumindo, pôs-se a condensar seus 5 mil manuscritos em cinco folhas. Depois, reduziu estas a uma única folha. Quando sentiu o fim chegar, jogou os livros e manuscritos no mar para que ninguém os possuísse e entregou a folha de papel à mulher, dizendo-lhe: “Não verei nosso filho. Deixo-lhe contigo esta essência de todos os conhecimentos. Entrega-a quando ele reclamar a sua herança. Se souber ler este manuscrito e compreender o que ler, será o homem mais sábio de seu tempo. Desejo que lhe dê o nome de Hassib.” Depois, o sábio entregou a alma a Deus. No devido tempo, a mulher deu à luz um menino que foi chamado Hassib. A mãe pediu aos astrólogos que lhe estabelecessem um horóscopo. Disseram-lhe: “mulher, teu filho viverá muitos anos e amontoará saber e riqueza, desde que escape a um perigo que lhe ameaça a mocidade. Quando o menino atingiu a idade de cinco anos, a mãe mandou-o à escola. Mas ele nada aprendeu. Retirou-o da escola e tentou interessá-lo em alguma profissão. Mas ele insistia em passar os dias em permanente ociosidade. Quando atingiu os quinze anos, os sábios aconselharam a mãe a casá-lo para despertar nele o senso da responsabilidade. A mãe escolheu uma noiva adequada e casou-o com ela. Mas o casamento de nada adiantou. Hassib recusava-se a empreender qualquer atividade. Alguns vizinhos, que eram lenhadores, sugeriram então à mulher comprar para seu filho um asno e um machado e deixá-lo ir com eles às florestas e ser um lenhador. A mulher aceitou a sugestão, e um milagre se produziu. Hassib amou sua nova profissão e tornou-se um excelente lenhador, ajudando assim a sustentar a mãe e a esposa. Certo dia, enquanto cavava a terra em volta de um velho tronco, desenterrou uma placa de mármore solidamente fixada no solo. Chamou os companheiros e, juntos, levantaram a placa e descobriram um buraco por baixo dela. Olhando de mais perto, viram que no fundo do buraco havia uma sala cheia de jarras alinhadas. Supondo que as jarras continham um tesouro antigo, ajudaram Hassib a descer até a sala. Lá ele abriu uma jarra e achou-a cheia de mel. Embora decepcionados, os lenhadores calcularam que o mel lhes daria um bom lucro e alçaram as jarras uma a uma. Quando a última jarra tinha sido levantada, recusaram-se a ajudar Hassib a subir e deixaram-no no buraco, raciocinando: “Se o ajudarmos a salvar-se, vai querer sua cota do lucro. E ele nada vale. Melhor que pereça lá.” De volta, contaram à mãe e à esposa de Hassib que, no decorrer de um temporal, surgira um lobo que devorou Hassib e seu asno. As mulheres choraram. Mas nada podiam fazer. Os lenhadores apuraram tamanho lucro com a venda do mel que desistiram de seu ofício árduo, e cada um deles abriu uma loja. Vendo-se traído e abandonado, Hassib não se deixou abalar. Percorrendo a gruta, reparou em uma fenda numa das paredes, a qual deixava passar uma luz tênue. Introduziu o machado na fenda e conseguiu alargá-la. E descobriu que se tratava, na realidade, de uma porta. Abriu a porta e

achou-se numa galeria que terminava num lindo lago ao pé de uma colina de esmeralda. A beira do lago, viu um trono de ouro incrustado com pedras preciosas e cercado por 12 mil cadeiras de ouro, prata, esmeralda, cristal, aço, ébano. Sentou-se no trono e logo ouviu cantos melodiosos e viu uma longa fila de pessoas descendo da montanha para o lago. Quando se aproximaram, reparou que eram todas mulheres de excessiva beleza, mas cuja metade inferior terminava num órgão alongado e rastejante como o das serpentes. Quatro delas carregavam sobre os braços erguidos uma grande bandeja sobre a qual a rainha estava de pé, graciosa e sorridente. Hassib desceu imediatamente do trono, e as quatro mulheres depositaram nele a rainha. As outras mulheres ocuparam as 12 mil cadeiras. Todas cantavam em grego e tocavam címbalos. Depois, a rainha, que tinha reparado na presença de Hassib, acenou-lhe, convidando-o para aproximar-se, e disse-lhe: “Sê bem-vindo a meu reino subterrâneo, ó jovem que um destino benéfico conduziu até aqui. Conta-nos tua história e dize-nos o que desejas.” Hassib contou sua história do início ao fim. Encantada, a rainha disse-lhe: “Permaneça conosco alguns dias. E eu te ajudarei a passar o tempo, contando-te uma história que te será útil quando voltares à terra dos homens.” Foi assim que a rainha Yamlikha, soberana subterrânea, contou em grego ao jovem Hassib, filho do sábio Daniel, e às 12 mil mulheres-serpentes sentadas em volta dela em cadeiras de pedras preciosas, a seguinte deslumbrante história.

HISTÓRIA DE BULUKYA

Havia certa vez no reino de Israel um soberano muito sábio que, no seu leito de morte, recomendou a seu filho e herdeiro, Bulukya, fazer um inventário completo de tudo que o palácio continha. Após a morte do pai, Bulukya, já rei, seguiu a sugestão paterna e, ao abrir uma certa caixa de ouro, encontrou nela um pergaminho no qual leu: “Quem deseja ser senhor e dono dos homens, gênios, pássaros e animais, precisa apenas usar o anel que o profeta Soleiman tem no dedo, na Ilha dos Sete Mares onde está sepultado. É o anel que ornava o dedo de Adão, pai dos homens, no Paraíso. Para atingir a Ilha dos Sete Mares, não adiantam navios. Quem quer chegar lá deve localizar o vegetal mágico cujo sumo, esfregado na planta dos pés, torna o homem capaz de andar sobre a superfície do mar. Essa planta só cresce no reino subterrâneo da rainha Yamlikha.” Após ler esse pergaminho, o rei reuniu os sacerdotes, mágicos e sábios de Israel e perguntou-lhes se havia entre eles quem conseguiria guiá-lo até o reino da rainha Yamlikha. Todos apontaram para Affan, que possuía as chaves da magia, astronomia, alquimia e feitiçaria. Perguntou-lhe o rei: “Ó Affan, és mesmo capaz de guiar-me até a terra dessa rainha escondida?” “Sou “ respondeu Affan. Imediatamente, os dois cobriram-se com capas de peregrinos e foram até o deserto. Num determinado ponto, disse Affan: “Chegamos.” Desenhou um círculo na areia, fez as invocações lso rituais, e logo a terra se abriu e revelou um caminho que ia descendo. Seguindo o caminho, os dois chegaram a essa lagoa que vêes aí, ó Hassib. Recebi-os com minha cortesia costumeira. Quando me expuseram o objetivo de sua visita, conduzi-os ao jardim onde as plantas desataram a falar, cada uma na sua língua própria, exaltando seus vários poderes. No meio dessa sinfonia perfumada, ouvimos uma planta cantar em harmonia com

a brisa que a acariciava: “Aquele que esfregar os pés com meu sumo maravilhoso, poderá andar sem se molhar sobre todos os mares de Alá.” - Esta é a planta que procurais, disse a meus visitantes. E deixei Affan colher todas as flores que quisesse, esmagá-las e recolher o suco num grande frasco que eu lhe dera. Depois, perguntei a Affan e ao rei por que queriam atravessar os mares. Contaram-me. Disse-lhes: “Não sabeis que é impossível a qualquer mortal depois de Soleiman possuir aquele anel? Acreditai em mim. Desisti desse projeto e colhei, antes, as plantas que asseguram uma juventude eterna a quem as comer.” Mas não consegui convencê-los. Despediram-se de mim e partiram. Tomaram o caminho da ilha que fica do outro lado dos sete mares. Quando chegaram às margens do primeiro mar, esfregaram as solas dos pés com o suco que levavam. Depois, entraram com precaução na água; mas quando se deram conta de que podiam caminhar sobre a água mais facilmente que sobre a terra, adquiriram confiança e andaram mais rapidamente. No quarto dia, chegaram a uma ilha que pensaram ser o paraíso de tão bela que era com suas flores, rouxinóis e árvores. Passaram naquela ilha o dia todo e, à noite, subiram numa árvore para dormir. Mas antes de fechar os olhos, sentiram a ilha tremer e viram um monstro desmedido chegar com as ondas, segurando nas mandíbulas uma pedra preciosa que iluminava como um archote. Atrás dele, vinha uma multidão de outros monstros iguais, segurando também na boca pedras luminosas. Ao mesmo tempo, do interior da ilha surgiram tantos leões, tigres, leopardos e outros animais selvagens que só Alá poderia avaliar-lhes o número. Os monstros do mar e os monstros da terra encontraram-se na praia e passaram a noite conversando. Com os primeiros raios do dia, separaram-se e voltaram cada qual para sua morada. Bulukya e Affan, que não haviam conseguido fechar os olhos toda a noite, desceram rapidamente da árvore, correram até a praia, esfregaram os pés com o suco mágico e entraram no segundo mar. Atravessaram-no sem problemas até que chegaram a uma ilha coberta de árvores frutíferas, e cujos frutos tinham uma particularidade inédita: cresciam na árvore já preparados com açúcar. Os dois viajantes ficaram na ilha sete dias, para deleite do jovem soberano que gostava excessivamente de frutas cristalizadas. Depois, entraram no terceiro mar, que atravessaram em quatro dias e quatro noites. No quinto mar, chegaram a uma ilha cujas montanhas eram de cristal com grandes veios de ouro. Suas árvores tinham flores amarelas lustrosas. De noite, cintilavam como estrelas. Disse Affan a Bulukya: “Esta é a Ilha das Flores de Ouro. Quando essas flores murcham e caem das árvores, viram pó e se transformam em ouro. Esta ilha é um pedaço do sol que caiu na terra nos tempos antigos.” No sexto mar, Affan e Bulukya passaram por outra ilha coberta de árvores. Mas lá as frutas das árvores eram cabeças humanas, umas rindo, outras chorando. Fugiram com horror desse espetáculo e entraram no sétimo mar. Era um mar imenso. Dias e noites, eles andaram sem descansar, comendo peixes crus apanhados ao acaso e agüentando a sede. Finalmente, avistaram uma ilha que esperavam ser a que procuravam. Entraram nela e acharam-na cheia de árvores carregadas de frutos. Bulukya estendia a mão para apanhar uma maçã, quando uma voz terrível saiu de dentro da árvore, gritando: “Se tocares nesta fruta, serás cortado em pedaços.” Ao mesmo tempo, um gigante apareceu-lhes, ao qual Bulukya, aterrorizado, disse: “Ó chefe dos gigantes, estamos morrendo de fome e sede. Por que nos impedes

de tocar nessas maçãs?” - Como ousas alegar que ignoras o motivo, ó rei sem memória? Esqueces-te que Adão, o pai de tua raça, rebelou-se contra Deus e comeu a fruta proibida? Desde então, tem sido minha missão guardar esta árvore e matar quem tenta apanhar-lhe as frutas. Procura teu alimento alhures.” Deixaram-no e começaram a procurar o túmulo de Soleiman. Depois de terem vagueado na ilha um dia ou dois, chegaram a uma colina de âmbar nos flancos da qual abria-se uma gruta magnífica cujo teto e paredes eram de diamantes. Estava iluminada dia e noite. Entraram nela e foram caminhando, e na medida em que avançavam, a claridade aumentava e a abóbada alargava-se. De repente, chegaram a uma sala imensa cavada no diamante. No meio da sala, havia uma cama de ouro maciço, sobre a qual jazia o corpo de Soleiman Ibn Daud. O anel mágico estava no dedo anular da mão direita. Affan aproximou-se do trono e pediu a Bulukya que repetisse as palavras esotéricas que lhe ensinara para que o anel deslizasse do dedo real. Mas Bulukya equivocou-se e recitou as palavras na ordem inversa. O erro foi fatal para o sábio Affan. Uma gota de diamante líquido caiu sobre ele e o queimou, reduzindo-o a um pouco de cinza. Bulukya fugiu daquela gruta e correu até a praia, onde quis passar o suco mágico nos pés para iniciar a marcha de volta. Mas lembrou-se de que o frasco tinha sido queimado com Affan. Teria morrido lá, abandonado e desesperado, rememorando amargamente os meus conselhos, não fosse pela aparição repentina de um exército de Afarit, Marids e Ghuls que dominavam aquela ilha e a inspecionavam naquele momento. Bulukya solicitou-lhes que o ajudassem a voltar para seu reino. Mas eles só podiam levá-lo até seu próprio rei, o poderoso Sakhr, senhor da Terra-Branca onde outrora reinou Chedad Ibn Aad. Bulukya aceitou e, num piscar dos olhos, foi levado por cima de mares e montanhas até o palácio do rei Sakhr. O rei o recebeu com todos os refinamentos da hospitalidade árabe e, após contar-lhe a história de seu povo, mandou levá-lo até a entrada de seu país. E o anel de Soleiman, que permite a quem o possuir dominar os mundos e adquirir a imortalidade, continua na Ilha dos Sete Mares. E lá ficará, protegido pelos gênios, até o fim dos tempos.

OS TRÊS DESEJOS

Conta-se, ó afortunado rei, que havia certa vez um homem de boa fé que passara a vida na expectativa daquela noite milagrosa, prometida pelo Livro aos fiéis convictos, a Noite das Possibilidades, durante a qual um homem piedoso pode ver satisfeito todo e qualquer desejo. Numa das últimas noites de Ramadã, o santo homem, que jejuara rigorosamente o dia todo, sentiu-se de repente visitado pela divina graça. Chamou a mulher e disse-lhe: “Esta noite, sinto-me puro diante do Eterno e tenho a certeza de que esta será a noite que espero há tantos anos, a minha Noite das Possibilidades. Já que meus desejos serão atendidos pelo Remunerador, quis trocar idéias contigo para melhor determinar os desejos que vou formular, pois tu tens sido para mim uma mulher de bons conselhos.” - A quantos desejos tens direito? perguntou a mulher. - A três. - Tu bem sabes que a perfeição do homem e seu deleite maior são enraizados em sua virilidade. Homem algum pode ser perfeito se for casto ou impotente ou um eunuco. Assim sendo, quanto maior o zib de um homem, tanto maior será sua virilidade e sua

aproximação da perfeição. Inclina-te, portanto, humildemente diante de Todo-Poderoso e pede-lhe que teu zib cresça com munificência. O homem não hesitou. Inclinou-se e, virando as palmas das mãos para o céu, solicitou: “Ó Benfeitor, ó Generoso, ó Todo Poderoso, aumenta meu zib com munificência.” O desejo foi atendido com a mesma rapidez com que foi formulado. De repente, o santo homem viu seu zib intumescer e crescer até que pareceu o aparelho de um elefante. A mulher ficou tão apavorada que passou a fugir cada vez que o marido queria experimentar nela seu novo tesouro. Chorava e lamentava: “Como ousaria enfrentar esse poderoso instrumento, capaz de furar a rocha mais dura? Pelo nome de Alá, eu não pedi tanto nem preciso de tanto. Solicita que seja diminuído. Será teu segundo desejo.” O santo homem resignou-se, levantou os olhos ao céu e disse: “Alá, ó Generoso, ó Compassivo, rogo-te, livra-me deste generoso presente e dos problemas que me valeu.” No mesmo instante, a parte inferior do seu abdome tornou-se totalmente lisa, sem sinal algum de zib ou de testículos, como se fosse o ventre de uma menina impúbere. Será supérfluo descrever até que ponto essa nova mudança desagradou ao santo homem e ainda mais a sua mulher, que começou a amaldiçoá-lo e acusá-lo de querer enganá-la. Então, a raiva do homem ultrapassou todos os limites, e ele amaldiçoou a mulher com veemência: “Vê aonde levam teus conselhos estúpidos, ó mais abjeta das mulheres! Tinha direito a três desejos e poderia tê-los usado para obter grandes riquezas neste mundo e no outro. “Agora, dois já foram gastos inutilmente e estou numa situação pior do que antes. Como me sobra um desejo, pedirei ao Senhor que restaure o que estava no início, e não terei ganho coisa alguma.” Seu desejo foi atendido, e tudo voltou ao estado original. O infeliz desperdiçou os três desejos, mas tirou de sua desventura a lição de que o homem deve satisfazer-se com o que tem.

UM CALIFA ESTRANHO

Conta-se que, certa noite, o califa Harun Ar-Rachid, sofrendo de insônia, mandou chamar seu vizir Jafar Al-Barmaki e seu guarda-costas Masrur e disse-lhes: “Tenho o coração oprimido. Para me distrair, gostaria de errar pelas ruas de Bagdá e chegar ao Tigre.” Imediatamente, vestiram-se todos de mercadores e andaram até o rio. Lá encontraram um barqueiro velho e disseram-lhe: “Ó velho, eis um dinar. Poderias levar-nos no teu barco pelo rio para gozarmos o frescor da brisa?” - Qual é o objetivo de vosso pedido, senhores? E qual é a graça? Não conheceis as ordens? “É proibido a grandes e pequenos, jovens e velhos, nobres e plebeus, navegar no Tigre. Quem desobedecer terá a cabeça cortada.” Não vedes o barco do califa dirigindo-se para cá? Surpresos, perguntaram-lhe: “Estás certo de que o próprio califa está no barco?” - Existe alguém em Bagdá que não conhece o califa Harun Ar-Rachid? Sim, é ele que está no barco com seu vizir Jafar e o portador de sua espada, Masrur. Harun Ar-Rachid, que nunca dera as ordens mencionadas e ficara afastado do rio o ano todo, interrogou Jafar com os olhos. O vizir, que estava igualmente intrigado, disse ao barqueiro: “Eis dois outros dinares. Leva-nos até aquela sombra para que possamos ver o califa sem sermos vistos.” Após alguma hesitação, o barqueiro levou-os e escondeu-os por baixo de um arco. De lá viram o barco real passar com luzes, movimentos e

escravos dançando e cantando. Num trono de ouro sentava-se um jovem, suntuosamente vestido, e tendo à sua direita um homem estranhamente parecido com Jafar e, à sua esquerda, o suposto Masrur, segurando uma espada nua. velho, perguntou o califa ao barqueiro, tens certeza de que o califa passeia no rio nesse barco iluminado todas as noites? - Ele tem feito isso todas as noites nos últimos doze meses. - Somos estrangeiros nesta cidade, disse o califa, e gostamos de ver coisas curiosas. Se eu te der dez dinares, esperarás por nós amanhã aqui nesta hora? O barqueiro agradeceu e prometeu ser fiel ao compromisso. Na noite seguinte, os três dignitários voltaram e, levados pelo barqueiro, esconderam-se debaixo do arco e observaram o barco iluminado passar. - Ó vizir, disse Harun Ar-Rachid, nunca teria acreditado no que estou vendo se me tivessem contado. E virando-se para o barqueiro, disse-lhe: “Eis outros dez dinares. Segue aquele barco e não tenhas medo de ser visto, pois estamos na escuridão e eles, em plena luz. Gostaríamos de ver aquela iluminação de mais perto e por mais tempo.” Logo depois, viram o falso barco real atracar e seus ocupantes desembarcarem e entrarem num grande parque onde se puseram a cantar, dançar e divertir-se. O califa e seus dois companheiros também desembarcaram, entraram no parque e se misturaram com os outros. Mas alguém reconheceu-os como estranhos ao grupo e levou-os até o pseudocalifa. Perguntou-lhes o califa: “Como e por que viestes aqui?” Responderam: “Somos mercadores estrangeiros que visitamos esta cidade pela primeira vez. Estávamos passeando e entramos neste parque sem saber que era proibido entrar nele.” - Já que sois estrangeiros, sede nossos hóspedes, disse o estranho califa. Senão, teria que mandar cortar-vos a cabeça. O convite foi aceito e entraram todos num palácio tão suntuoso quanto o palácio do califa. A festa prosseguiu com danças, canções, bebidas e guloseimas. No lado direito do salão, uma porta abriu-se e dois negros entraram carregando sobre as espáduas um trono de marfim no qual sentava-se uma jovem escrava tão brilhante quanto o sol. Estava tocando o alaúde e cantando: Como pudeste encontrar a paz quando eu estava longe e infeliz? Como pudeste encontrar bálsamo quando eu estava perto e partindo? Ai de mim! Vazio está o quarto perfumado onde espera em vão nossa cama colorida. E vazia está a sala de mármore onde morrem os ecos das canções de amor. Assim que o falso califa ouviu esta canção, rasgou a roupa e desmaiou. Harun Ar-Rachid e seus companheiros repararam que seu corpo estava coberto de marcas de flagelo. - Pena que um jovem tão bonito carregue esses estigmas que o denunciam como um criminoso fugitivo, disse o califa. Mamelucos apressaram-se em acordar o jovem e cobri-lo com vestidos tão suntuosos quanto os que rasgara. - Pergunta-lhe a causa dessas marcas, pediu o califa a Jafar. Mas Jafar opinou que seria melhor não se precipitar para não despertar suspeitas. - Pergunta, insistiu o califa. Senão teu corpo estará buscando uma cabeça quando voltarmos ao palácio. Jafar obedeceu. O jovem sorriu e disse: “Já que sois estrangeiros, contar-vos-ei minha história. Ela é tão estranha que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos, serviria de aula a quem gosta de instruir-se.” E começou: “Meus senhores, eu não sou o Comandante dos Fiéis, mas apenas Mohamed-Ali, filho do síndico dos joalheiros de Damasco. Quando meu pai morreu, legou-me muito ouro e prata, inúmeras pérolas, rubis e esmeraldas. Legou-me também edifícios, terras, jardins, lojas e este palácio com seus escravos e escravas. “Um dia, estava na minha loja quando

vi appear de um cavalo ele arreado uma jovem de beleza lunar. Entrou acompanhada de seus servidores, e perguntou-me: Não és Mohamed-Ali o joalheiro?” Respondi: “Não sou apenas Mohamed-Ali. Sou também teu escravo.” “- Terias algum adorno bonito que possa agradar-me? “Mostrei-lhe os mais belos colares que tinha. Nenhum lhe agradou. Lembrei-me então que meu pai comprara certa vez um colar de inigualável beleza que guardara num cofre especial. Trouxe-o. Assim que a jovem o viu, exclamou: “É este o colar, quanto custa? que sempre procurei. “- Meu pai pagou 100 mil dinares por ele. Se te agrada, terei prazer em oferecer-te de graça. “- Aceito-o pelo preço original e mais 5 mil dinares a título de juros, replicou a jovem com um sorriso. Por favor, traze-o até minha residência e lá receberás o preço. “Mandei meus escravos fecharem a loja e segui-a. “Quando cheguei, esperava-me no seu aposento sem véu, sentada num trono de ouro, com meu colar em volta de seu pescoço. Vendo-a assim, senti meus miolos fundirem e a fortaleza de meu coração desmantelar-se. “A senhora acenou a suas escravas para que saíssem, veio até mim e disse: “Mohamed-Ali, luz de meus olhos, amo-te; e tudo que fiz hoje era apenas uma manobra para trazer-te até aqui.” “Deixou-se cair nos meus braços, banhando-me no langor de seus olhos. Beijei-a, enquanto ela empurrava seus seios contra mim. Compreendi que não devia recuar e quis fazer o que tinha que ser feito. Mas no momento em que o menino, já completamente acordado, clamava lascivamente pela mãe, a jovem disse-me: “Que pretendes fazer com ele, meu senhor? Guarda-o, porque minha casa não está aberta. Alguém terá que quebrar a porta. Se pensas que estás lidando com alguma mulher comum, desengana-te. Sou a filha de Yahia Ibn Khalid Al-Barmaki, irmã do vizir Jafar. E sou virgem.” ao ouvir essas palavras, meus senhores, mandei o menino voltar para seu sono e desculpei-me por ter desejado que ele participasse da hospitalidade estendida a seu pai. “- Nada tens que lamentar, disse a moça. Chegarás ao que queres, mas pelo caminho legal. Gostarias de casar-te comigo? “Respondi que nada me agradaria mais. Imediatamente , mandou chamar o cádi e as testemunhas e declarou-lhes: “Eis Mohamed-Ali, filho do síndico. Pediu-me em casamento e ofereceu-me este colar por dote. Aceitei e consinto.” Nosso contrato de casamento foi redigido e assinado na hora e fomos deixados a sós. “Quando a despi, vi que era realmente uma pérola não-furada, um cavalo que nenhum cavaleiro montara. Passei com ela uma noite que resumiu todas as alegrias de minha vida. “Vivemos assim um mês inteiro. No começo do mês seguinte, disse-me certa vez: “Devo ir ao hammam por poucas horas. Jura que não te levantarás desta cama até que volte.” Jurei, e ela saiu. “Ora, quis o destino que, minutos depois, chegasse uma anciã e me dissesse: “Ó Mohamed-Ali, a senhora Zubaida, a esposa do Comandante dos Fiéis, enviou-me para pedir-te que fosses imediatamente ao palácio, pois deseja falar-te.” Respondi: ?r senhora Zubaida honra-me com esse pedido, mas não posso sair de casa até o regresso de minha mulher.” “- Meu menino, disse a velha, aconselho-te a atender sem demora a dona Zubaida em teu benefício, a menos que queiras fazer dela tua inimiga. Sua inimizade é perigosa. “:Atendi, esperando que minha mulher compreendesse e me desculpasse. A senhora Zubaida recebeu-me com um sorriso e perguntou: “Luz de meus olhos, não és o amante da irmã do vizir?” “ “- Sou teu escravo, respondi. “- Em verdade, não exageraram em descrever o charme de tuas maneiras e de tua voz. Estou

satisfeita. Mas quero que cantes alguma coisa para mim. “Quando fui libertado e voltei para casa, encontrei minha mulher dormindo. Deitei a seu lado e comecei a acariciar-lhe as pernas. Mas ela me deu um pontapé tão violento na virilha que caí da cama. “Traidor perjuro!”, gritou. “Quebraste teu juramento e foste visitar a senhora Zubaida! Não posso ir ensinar-lhe a não debochar dos maridos de outra mulheres. Por isso, pagarás por ambos.” E chamou o chefe de seus eunucos, o terrível Sauab, e disse-lhe: “Corta a cabeça deste traidor.” “Nesse momento, todos os escravos da casa, que eu costumava tratar com bondade, acorreram e solicitaram sua compreensão: “Como iria ele adivinhar que uma simples visita a dona Zubaida iria desagradar-te tanto? Ele desconhecia a rivalidade e inimizade que existe entre vós duas. Por favor, trata-o com clemência. Pouparei a sua vida, “concedeu ela finalmente. “Mas deixarei no seu corpo uma lembrança indelével de sua traição.” E mandou infligir-me as torturas de que vedes os vestígios. “Quando me restabeleci, vendi tudo que tinha, comprei esse grande barco e quatrocentos escravos e escravas, disfarcei-me de califa e entreguei-me à alegria de viver, ao canto e à dança. Passei assim um ano inteiro, tentando esquecer as conseqüências que sofri por ter-me intrometido sem querer numa briga de mulheres”. Após ouvir esta história, o califa voltou para seu palácio, preocupado em encontrar um meio de reparar a injustiça feita àquele homem bom. No dia seguinte, revestido de sua autoridade, mandou vir Mohamed-Ali e disse-lhe: “Gostaria de ouvir de tua própria boca a história que contaste ontem à noite a três mercadores estrangeiros.” Surpreso, Mohamed-Ali repetiu a história. Perguntou-lhe o califa: “Ainda amas a tua mulher e a queres de volta?” - Tudo que recebo das mãos do califa é bem-vindo. Então disse o califa a Jafar: “Traz-me tua irmã.” Quando a mulher chegou, disse-lhe o califa: “Ó filha de Yahia, nosso fiel emir, eis Mohamed-Ali. O que passou, passou. Neste momento, quero dar-te a ele como esposa.” - Os presentes de nosso senhor são sempre generosos. O califa mandou vir o cádi e as testemunhas. Os dois jovens foram casados de novo, e o califa fez de Mohamed-Ali um de seus amigos mais íntimos.

O BELO ADOLESCENTE TRISTE

Fica sabendo, ó meu irmão, que eu também sou filho de rei, e minha história é tão incomum que se fosse escrita com uma agulha no canto interno dos olhos serviria de lição a toda pessoa que gosta de se auto aperfeiçoar. Nasci na terra de Kabul onde meu pai, Tigamos, é rei. Ao mesmo tempo poderoso e justo, ele tem sob sua suserania sete reis tributários. Desde a minha infância, meu pai cuidou que fosse instruído nas ciências, nas artes e nos esportes, de maneira que aos quinze anos já era considerado um dos cavalheiros mais finos do reino. Dirigia as caçadas e as corridas, sentado no meu cavalo, mais veloz que um antílope. Certo dia, durante uma caçada, ao crepúsculo, vi a poucos passos uma gazela airosa que, ao me ver, fugiu como uma flecha. Segui-a com meus sete mamelucos até que chegamos a um rio caudaloso onde esperávamos acuá-la e prendê-la. Ela, porém, se jogou no rio e nadou com velocidade até a outra margem. Apeamos sem demora, confiamos nossos cavalos a um dos mamelucos, saltamos num barco de pescar que estava lá e fomos em perseguição à gazela. Mal atingimos o meio do rio, perdemos o comando da embarcação e fomos levados pela

correnteza. Passamos assim aquela noite e o dia seguinte, incapazes de controlar a violência da água e do vento, receosos, a cada minuto, de bater contra alguma rocha e morrer afogados. Foi só na manhã do segundo dia que conseguimos desembarcar numa terra coberta de árvores e atravessada por um córrego. Mas um homem refrescava os pés no córrego. Quando nos viu, pulou, e seu corpo dividiu-se em dois na altura da cintura. Somente a metade superior veio a nós. De repente, de todos os cantos do jardim, apareceram outros homens iguais a ele. Jogaram-se sobre três mamelucos e começaram a comê-los vivos. Eu e os três outros pulamos no barco, preferindo ser engolidos pela água do que por aqueles monstros. Dois dias depois, desembarcamos novamente numa terra coberta de árvores frutíferas e flores aromáticas. Percorrendo este novo asilo, chegamos a um palácio vazio, com pavilhões de cristal. Entramos. Na sala principal, havia um trono de ouro. Sentei-me nele. Mas logo ouvimos um barulho parecido com o tumulto do oceano e vimos uma procissão entrar no palácio, composta de emires, vizires e outros notáveis, todos eles macacos. Uns eram anões; outros, gigantes. O vizir, um macaco de estatura enorme, veio até mim, inclinou-se respeitosamente e informou-me, numa voz humana, que seu povo me reconhecia como rei e meus três mamelucos como comandantes do exército. Informou-nos também que estavam prestes a atacar seus vizinhos e inimigos, os Ghuls. Não tínhamos escolha. Montamos em três cães enormes que nos trouxeram e encabeçamos a marcha das forças armadas. E chegamos logo à terra dos Ghuls, os seres mais horrendos que já vira. Alguns tinham cabeças de touro e corpos de camelo. Outros eram como hienas. Outros tinham formas tão estranhas que não se assemelhavam a nada que conhecêssemos. Quando os Ghuls nos viram, arremessaram sobre nós uma chuva de pedras, às quais nosso campo respondeu da mesma forma numa batalha terrível. Eu e meus mamelucos usamos nossos arcos e matamos muitos Ghuls, o que nos assegurou a vitória e encantou meus novos vassalos. Incompreensivelmente, esses vassalos me abandonaram após a vitória. E, montado no meu cão, recomecei a errar naquela terra desconhecida. Um dia, cheguei à cidade dos judeus, que viviam lá desde o tempo de Soleiman. Ao entrar, ouvi um pregoeiro gritar: “Quem quiser ganhar mil libras de ouro e uma jovem escrava, trabalhando apenas uma hora, que me siga.” Segui-o. Na realidade, era o único a segui-lo. Levou-me a um velho judeu que me recebeu com muita simpatia, deu-me um saco contendo mil peças de ouro e me apresentou a uma jovem de grande beleza. - Fica com ela três dias e três noites, disse-me. Depois, irás fazer o trabalho pelo qual estás sendo pago. A moça era virgem. Passei com ela as únicas horas felizes de minha vida. No terceiro dia, o velho judeu deu-me uma mula e uma faca e disse-me: “Mata esta mula e separa-lhe a pele do corpo.” Obedeci. Então, disse-me: “Deita sobre esta pele e junta-a em volta de teu corpo. Um abutre gigante vai levar-te no seu bico até o cume de uma montanha. Deixa-te levar sem esboçar um movimento - senão serás morto na hora.” No alto da montanha para onde o abutre me levou, encontrei um palácio suntuoso e alguém esperando por mim na porta. “Descansa e diverte-te neste palácio, entrando nos aposentos que quiseres com uma única exceção: o aposento que abre com esta chave de ouro,” disse-me o homem. E partiu. Passei dias naquele palácio vazio, lutando contra a tentação de abrir a porta proibida. No fim, minha curiosidade prevaleceu. Abri a porta proibida. Havia lá uma piscina e

quatro moças nuas tomando banho, como se quatro luas se estivessem refletindo na água. Apaixonei-me por uma delas, denominada Chams, Sol. Esperei até que estivessem todas dentro da piscina e, correndo mais rapidamente que a luz, apanhei a roupa da jovem que amava. Disse-me: “Adolescente bonito, como ousas apoderar-te do que não te pertence?” Respondi: “Minha pomba, sai da água e vem falar comigo.” Respondeu com suavidade: “Luz de meus olhos, se fizer o que me pedes, estarei plantando uma faca no meu próprio coração.” Assim mesmo, consegui pegá-la e levá-la até o trono de rubi que estava lá. Vendo que não poderia escapar, cedeu a meus desejos e, pondo seus braços em volta de meu pescoço, deu-me beijo por beijo e carinho por carinho, enquanto suas irmãs sorriam para nós e vigiavam para que não fôssemos surpreendidos. Momentos depois, meu velho protetor abriu a porta e entrou. Levantamo-nos em sua homenagem. E ele dirigiu a cada um de nós duas palavras carinhosas e incentivou-nos a nos casar, dizendo a Chams: “Minha filha, este moço que te adora é de ilustre linhagem. Seu pai é um rei. Farás bem em aceitá-lo por esposo e eu persuadirei teu pai, rei Nasr, a abençoar-vos.” - Ouço e obedeço, disse a moça. No dia seguinte, apresentou-me ao pai, o rei Nasr, dono dos gênios, o qual me abraçou e ordenou grandes festas para celebrar o casamento. Mandou também confeccionar um trono tão vasto que, nos seus degraus, podiam ficar em pé duzentos gênios machos e duzentos gênios fêmeas. Sabendo que meus pais estavam ansiosos por minha volta, mandou um exército inteiro de gênios levantar o trono em que minha mulher e eu estávamos sentados e carregá-lo através do espaço até o palácio de meu pai em Kabul. A viagem, que leva normalmente dois anos, foi feita em dois dias. Meus pais regozijaram-se e celebraram minha volta e meu casamento com festas mais suntuosas que tudo que tinha sido visto até então. No fim do ano, que passou como uma primavera, minha mulher quis rever seu pai e mãe. Concordei alegremente; mas, para minha infelicidade, foi uma viagem azarenta. Subimos em nosso trono e nossos Afarit carregaram-nos. Viajávamos de dia e descansávamos de noite. Uma noite, Chams quis tomar banho num belo rio onde paramos. Tentei dissuadi-la, mas insistiu. Estava no meio da água com suas escravas como a lua no meio das estrelas quando lançou um grito lancinante e caiu morta. Uma serpente das águas, particularmente venenosa, a mordera no calcanhar. Vendo Chams morta, desmaiei. E fiquei tanto tempo desmaiado que julgaram-me morto. Mas, ai de mim, eu devia sobreviver à minha amada para chorá-la e construir-lhe o túmulo que vês. Quanto a esse segundo túmulo, é o meu próprio. Aqui vivo, chorando e remembering com nostalgia os anos que passamos juntos enquanto se esgota o tempo insuportável que me separa do dia em que dormirei para sempre ao lado de Chams, longe do reino a que renunciei, longe do deserto deste mundo. Nascestes de barro e viraste homem. E aprendeste a retórica e as ciências. Depois, morreste e voltaste à terra como se tivesses sido sempre barro.

OS ARTIFÍCIOS DE DALILA, A TRAPACEIRA

Conta-se, ó afortunado rei, que vivia em Bagdá no reinado de Harun Ar-Rachid, um homem chamado Ahmed Danaf, que se destacara a tal ponto no roubo e na fraude que o califa, sempre atento a usar qualquer talento, nomeou-o

chefe da polícia, com vencimentos de 5 mil dinares de ouro por mês, guarda de honra e tudo mais. Naquela mesma época, vivia na mesma cidade, uma temível megera chamada Dalila, conhecida sob a alcunha de Dalila, a Trapaceira. Vendo as recompensas que Ahmed recebia por ser um grande ladrão, jurou à filha, Zainab, a Embusteira, que inventaria embustes que fariam esquecer os de Ahmed. Começou por cobrir a face com um véu, vestir um manto de sufi com mangas tão largas que varriam o chão e pendurar rosários no pescoço. Assim disfarçada, saiu pelas ruas a repetir: “Alá! Alá!” em alta voz, rezando com a língua, enquanto o coração corria na companhia dos demônios e os olhos procuravam algo a explorar. Dentro em pouco, passou por um palácio suntuoso e parou para pensar. Ora, esse palácio pertencia ao chefe de guarda do califa, um homem rico e influente, mas violento e mal educado. Chamavam-no Mustafá Terror-das-Ruas, porque, com ele, os socos vinham primeiro, e só depois as explicações. Esse homem era casado com uma linda mulher chamada Khatum a quem jurara, na noite da primeira penetração, nunca tomar uma segunda esposa. Naquela manhã, Mustafa tinha tido uma briga com ela. Pois, apesar de seus cabelos brancos, Mustafa estava sem filho algum, enquanto todos os homens com quem lidava tinham dois, três ou mais filhos. - Sai da minha frente, tinha gritado ele para a mulher. O dia em que te conheci foi um dia nefasto para mim. - O que está ocorrendo? perguntara a mulher. - Está ocorrendo que és uma tola estéril, um vale de pedras em que desperdicei minhas sementes. A mulher respondera no mesmo tom: “Digo-te que a culpa é tua. És um mulo estéril, com um nariz chato. Teus testículos só contêm água e sementes mortas.” - Achas? Na volta tomarei outra mulher, e veremos, retrucara o homem e saíra. Khatum lamentou então sua falta de paciência e de engenhosidade e ficou à janela, preocupada. Naquele momento, Dalila a viu coberta de jóias e de vestidos luxuosos e bela como a lua. “Dalila,” disse a bruxa a si mesma, “chegou a hora de abrir o saco de teus artifícios.” Parou debaixo da janela a repetir: “Alá! Alá! Vós todos os amigos de Deus, abri caminho para mim.” “Talvez,” pensou a mulher de Mustafa, “Alá me conceda sua graça por intermédio desta santa mulher,” e mandou Abu-Ali, o administrador da casa, convidá-la a subir.

A bela Khatum jogou-se aos pés da mulher e beijou-lhe as mãos. “Minha filha”, disse a astuta Dalila, “vim porque Alá inspirou-me a idéia de que precisavas de meus conselhos.” Khatum ofereceu à visitante toda espécie de iguarias conforme as tradições da hospitalidade árabe, mas Dalila negou-se a tocar em qualquer delas, explicando: “Não tenho apetite senão para as iguarias do Paraíso. Por isso, ando sempre de jejum, exceto cinco dias por ano.” Khatum ficou ainda mais impressionada e contou à mulher seu drama com o marido. - Vê-se, minha filha, replicou a velha, que nunca ouviste falar das virtudes de meu amo, o Xequê Pai-dos-Impulsos, o Santo Multiplicador-das-Gravidezes. Uma única visita a este santo transforma qualquer mulher estéril num campo frutífero. Se quiseres, levar-te-ei até ele hoje mesmo e, quando voltares, deixa teu marido penetrar em ti; e ficarás grávida no ato. Ouvindo essas promessas, a ingênua Khatum ficou encantada, pôs seus vestidos mais ricos, cobriu-se de jóias e seguiu a mulher. Quando chegaram perto da loja de Sidi Muhsim, um formoso jovem mercador, ainda solteiro, Dalila pediu a Khatum que a esperasse e entrou na loja. - Amigos teus te recomendaram a mim, disse a Sidi Muhsim. Aquela moça é

minha filha. Seu pai morreu, legando-lhe uma fortuna imensa. Está saindo de casa pela primeira vez, pois acaba de atingir a idade do casamento. Apressei-me a sair com ela, conforme o aviso dos sábios: “Oferece tua filha cedo e teu filho tarde.” Uma inspiração divina e os elogios de teus amigos trouxeram-me até aqui. Não queres casar-te com ela? Se és rico, serás mais rico. Se precisas de dinheiro, ela te dará o dinheiro deixado pelo pai, e terás duas lojas em vez de uma.

O mercador olhou para Khatum, e seu corpo e seu coração se derreteram. - Aceito com gratidão tua proposta. Mas minha mãe, que era uma mulher experimentada, me fez jurar, antes de morrer, que examinaria pessoalmente qualquer virgem com quem quisesse me casar a fim de prevenir surpresas humilhantes. - Neste caso, levanta-te e segue-me. Prometo mostrar-te tua noiva completamente nua.

O jovem mercador levantou-se, levou uma bolsa de mil dinares para enfrentar qualquer eventualidade e seguiu a velha charmuta, que pensava com alegria: “Agora, sábia Dalila, prepara-te para sacrificar este jovem touro.” Ao passar pela loja do tintureiro Hajji Mahmud - um homem famoso no mercado pela dualidade de suas inclinações, tendo sua faca sempre pronta para cortar tanto machos como fêmeas - Dalila pediu aos dois jovens para esperar e dirigiu-se a ele. - Com certeza és Hajji Mahmud?

- Sou, sim, senhora, que queres de mim? - Amigos têm-me falado muito de ti nos termos mais lisonjeiros. Agora, olha para esse belíssimo casal formado por meu filho e minha filha, cuja educação quase me arruinou. A velha casa onde vivem comigo está ameaçada de ruir; já mandei reformá-la. Mas os trabalhos só ficarão prontos daqui a um mês. Até lá, preciso alugar uma casa para instalá-los. Falaram-me da casa que tens disponível. Por isso vim a ti. O tintureiro olhou para os dois jovens e regozijou-se. “Ó Hajji Mahmud, disse a si mesmo, eis biscoito com manteiga para teus velhos dentes!” E disse à mulher: “A verdade é que disponho do primeiro andar da casa onde moro; mas preciso de parte dele eventualmente para hospedar certos clientes que vêm de longe.” - Não te preocupes com isto, disse a mulher. Será nosso prazer partilhar esse andar contigo. O homem não se conteve mais, esperando muito dessa coabitação, e entregou as chaves dos dois andares a Dalila. Dalila levou os dois jovens à casa de Hajji Mahmud e, após pedir a Sidi Muhsim que esperasse, levou Khatum a um quarto do primeiro andar e disse-lhe: “Minha filha, no térreo desta casa mora o venerável Santo Multiplicador-das-Gravidezes. Iremos visitá-lo dentro de um momento. Só receio uma coisa. Ele tem por ajudante um filho idiota que não pode ver uma dama vestida como estás vestida sem pular sobre ela e rasgar-lhe a roupa e quebrar-lhe as jóias. Penso que seria melhor que tirasses a roupa e as jóias. Guardá-las-ei num lugar seguro até que voltemos da visita.” A jovem mulher, feliz com a prometida gravidez, tirou imediatamente a roupa e as jóias e entregou-as a Dalila. Esta disse que iria avisar o santo e voltar para levá-la a ele. Trancou a porta, guardou o pacote num canto e foi procurar o jovem comerciante. -A tua noiva virá logo toda nua para que a possas examinar conforme a promessa feita a tua mãe. Mas aconteceu uma coisa desagradável. Quando os vizinhos souberam que tenciono casar-te com minha filha, foram dizer-lhe: “Será que tua mãe não agüenta mais sustentar-te para que queira casar-

te com um homem atingido de sarna e lepra? Que podia fazer senão prometer-lhe, como prometeste a tua mãe, mostrar-lhe seu noivo nu antes do casamento? - Apelo para Alá contra a língua dos caluniadores, gritou o moço, e tirou espontaneamente toda a roupa. - És tão são quanto bonito, disse a velha. E vendo-o dobrar a roupa com o cinto, a bolsa com mil dinares e o punhal de prata e ouro, disse-lhe: “É muito perigoso deixar essas coisas tentadoras por aqui. Vou guardá-las num lugar seguro até depois da visita de tua noiva.” Embrulhou-as e levou-as, prometendo voltar logo com a noiva nua. Apanhou o outro pacote, trancou a porta e foi embora. Voltou à loja do lascivo tintureiro, elogiou a beleza de sua casa e disse-lhe: “Vou agora transportar os móveis para lá. “Posso pedir-te um favor? Eis um dinar. Compra com ele pão e carne e leva-os a meus filhos que não comem desde ontem. E, por favor, almoça com eles.” - Quem tomará conta de minha loja? - Teu aprendiz. - Seja, disse o tintureiro que se alegrava já com a perspectiva de almoçar com os dois jovens. Dalila foi dispor dos dois embrulhos; e quando voltou à loja, disse ao aprendiz: “Teu amo manda-te ir encontrar-se com ele na mercearia onde está comprando pão e carne.” - Ouço e obedeco. Assim que o aprendiz saiu, Dalila começou a juntar todos os objetos que podiam ser carregados. Enquanto isso, viu um burriqueiro passar na porta da loja, com seu asno. - Por Alá, disse-lhe, conheces meu filho, o tintureiro? - Ninguém o conhece melhor do que eu. - Saberás, bom amigo, que meu filho está falido. Pediu-me juntar os bens de seus clientes para devolver-lhes. Eis um dinar. Aluga me teu asno para levar esses objetos. Enquanto esperares por mim, quebra o que puderes dos móveis desta loja para que o cádi não encontre nada para confiscar. - Com prazer, disse o burriqueiro. Pois teu filho tem sido sempre bom para comigo. E nada cobrarei pelo serviço. O tintureiro comprou o pão e a carne e dirigiu-se para sua casa. Seu caminho passava pela loja. Viu, pois, o que o burriqueiro estava fazendo. - Pára! Pára! gritou. O burriqueiro parou e disse: “Meu coração está contigo. Graças a Alá, evitaste a cadeia.” - O que estás dizendo? - Foste declarado falido e estou quebrando as coisas para que o cádi não encontre nada para confiscar. - Quem te contou isto? - Tua mãe que juntou os bens dos clientes, alugou meu burro e foi entregá-los. - Ai de mim! Minha mãe morreu há anos, gemeu o tintureiro. Compreendendo o logro de que era vítima, pôs-se a bater no peito e gritar alto: “Desgraça! Desgraça! Meus bens estão perdidos. Os meus e os dos meus clientes.” O burriqueiro pôs-se a chorar, por sua vez, e a gritar: “Desgraça! Desgraça! Desgraça! Meu asno está perdido! Tintureiro de meu traseiro, devolve-me o asno que tua mãe levou.” Hajji Mahmud lançou-se sobre o burriqueiro e surrou-o, gritando: “Onde está minha mãe a quem conbaste meus bens, ó burriqueiro mais burro que todos os burros.” Um dos vizinhos raciocinou: “Já que a velha alugou a casa de Hajji Mahmud para instalar os filhos nela, por que não a procuram lá e põem as coisas em ordem?” Foram lá. Bateram em vão à porta. Depois, quebraram-na e entraram. Encontraram um homem nu no térreo e uma mulher nua no primeiro andar. - Onde está vossa mãe? perguntaram-lhes. - Nós não somos irmãos, e ela não é a mãe de nenhum de nós. Roubou-nos até a roupa e deixou-nos neste estado. E contaram toda a história. As quatro vítimas da trapaceira juntaram-se e foram ao califa. “Como iria descobrir uma velha mulher entre tantas velhas mulheres que vivem nesta cidade?” perguntou o califa. Mas depois, lembrou-se de que

designara Ahmed Danaf chefe da polícia justamente porque conhecia todos os ladrões de Bagdá. Chamou-o e ordenou-lhe localizar a velha megera e levá-la a sua presença. - Ouço e obedeço, disse Ahmed e, em menos tempo do que se leva para contar o fato, localizou Dalila, a Trapaceira e levou-a à presença do califa. A velha trapaceira jogou-se aos pés do califa e disse: “Califa de Alá, não roubei pelo prazer de roubar, mas somente para chamar a atenção de Vossa Majestade sobre mim. Sempre fui uma mulher virtuosa e pobre, e nunca roubei seja o que for, mas nunca recebi de Vossa Majestade a menor atenção, enquanto Ahmed Danaf, por ser o maior ladrão desta cidade, foi nomeado chefe da polícia com vencimentos de 5 mil dinares de ouro por mês.” O califa achou notável mais esta burla da famosa trapaceira e riu gostosamente. Depois, mandou indenizar todas as vítimas de Dalila e nomeou-a chefe do khan, tendo sob suas ordens quarenta negros e quarenta cães de caça afegãos. “Tua cabeça responderá pela perda de qualquer um dos pombos, os quais são mais caros a meu coração que meus próprios filhos.” Assim foi recompensada por sua vez a arte de enganar e roubar de Dalila, a Trapaceira. Louvado seja Aquele que ensinou aos califas a tolerância e a generosidade!

A HISTÓRIA QUE É TODA MENTIRAS

Certa noite, tomado de insônia, o califa Harun Ar-Rachid mandou chamar o poeta Abu-Nauas e disse-lhe:- Ó Abu-Nauas, estou agitado e oprimido. A única coisa capaz de me divertir seria ouvir uma história tecida de mentiras da primeira à última palavra. Se puderes improvisar essa história, recompensar-te-ei generosamente; mas se puseres nela um grão de verdade sequer, juro que farei com que a tua cabeça se separe do teu corpo. Este estranho pedido fez o pobre Abu-Nauas sentir-se bem indisposto, especialmente na região do seu pescoço. Mas ninguém escapa à vontade de um califa. O poeta pediu vinho, bebeu e começou a falar: “Sabei, ó Comandante dos Fiéis, que quando meu pai nasceu, minha avó entregou-me a criança e me pediu que a distraísse. Levei meu pai no ombro e saí para a rua. Mas meu pai chorava, e chorava, e chorava; e nada conseguia acalmá-lo até que viu um cesto de ovos à porta de uma quitanda; então, sossegou de repente e, indicando o cesto, disse: “Quero um desses!” Comprei-lhe um ovo, e ele ficou radiante. Quando voltamos para casa, deixou cair o ovo. O ovo quebrou-se, e dele saiu um pinto. E o pinto começou logo a crescer. Cresceu tanto que se tornou igual a um camelo. Não podeis imaginar, ó Comandante dos Fiéis, a quantidade de alimentos que esse pinto devorava. Meu avô começava a se preocupar quando uma boa idéia assomou-lhe à mente. Disse-me ele: “Meu filho, por que não levas esse galo pela manhã à floresta e o carregas de lenha para o fogão? Assim o fiz; mas no dia seguinte, a ave amanheceu doente, com um ferimento nas costas. E imaginai a nossa surpresa quando deste ferimento vimos surgir, todo verde, um broto de noqueira. Dentro de pouco tempo, o broto tornou-se uma noqueira gigante, com doze ramos tão grandes e tão esparsos que não era possível ouvir-se de um ramo para outro. Quando chegou a época de colher as nozes, doze homens foram encarregados de proceder à colheita. E quando acabaram, meu avô mandou-me ver se não tinham esquecido algumas frutas entre a folhagem. Examinei a árvore e descobri,

apenas, uma noz, na ponta de um ramo. Apanhei o que me pareceu ser uma pedrinha e atirei-a de encontro à noz. A noz caiu. Mas, para meu deslumbramento, o que julgara ser uma pedra, era, na verdade, um torrão de lama seca que começou a se estender numa gigantesca planície até cobrir todos os ramos da nogueira. Naturalmente, meu avô ficou encantado de ver tantas terras adicionadas às propriedades que já possuía. Mandamos construir escadas e subir o gado para cultivar a nova terra; e tão vasta era ela que precisamos de doze bois trabalhando um mês inteiro para lavrá-la. Quando o solo ficou pronto, perguntamos a alguns lavradores qual seria a planta mais indicada. Todos aconselharam o sésamo. Semeamos a área de sementes de sésamo. E mal tínhamos acabado de plantar, eis que vieram outros lavradores e perguntaram o que havíamos semeado. Quando respondemos: “Sésamo,” puseram-se a rir, dizendo: “Sésamo! Onde se viu plantar sésamo em terra virgem? Deveriam ter plantado melancia, que é a melhor planta para o solo virgem.” Meu avô olhou para mim com tristeza e mandou-me apanhar todas as sementes de sésamo que tínhamos semeado na imensa planície. Obedeci e apanhei todas as sementes sem um murmúrio sequer. Quando tinha reunido todas elas, meu avô contou-as e achou que faltava uma, e mandou-me procurá-la. Busquei-a por toda parte, mas não houve meio de encontrá-la. À tardinha, porém, quando voltava para casa desesperado, vi uma formiga arrastando a semente perdida. “Não me escaparás,” gritei-lhe, e tentei apoderar-me do sésamo, puxando-o para meu lado; mas a formiga não o largava e o puxava também. Nenhum de nós se dava por vencido até que, por fim, o sésamo partiu-se em dois e, por Alá, um rio de óleo de sésamo espalhou-se entre a formiga e eu. Sem exagero, ó Comandante dos Fiéis, era um rio tão largo e profundo quanto o próprio Tigre. Então, plantamos novamente a terra, desta vez com sementes de melancia. E quando as melancias amadureceram, fui encarregado de vigiá-las. Certo dia de calor, quis comer uma melancia. Passei a vista por todo o campo e escolhi a maior de todas. Depois, saquei da minha adaga e tentei abrir a melancia. Mas a minha adaga entrou na fruta e desapareceu. Não podia eu segui-la, dentro da melancia, e deixar minhas plantações sem vigia. E não queria perder meu facão. Pensei e pensei e então tive uma idéia luminosa: decidi cortar a minha cabeça, com a minha espada, e pô-la por cima da torre de vigia. Assim ficava livre para ir procurar a minha adaga. Sem hesitar, pus meu plano em execução. Quando entrei na melancia, achei-me dentro de uma cidade. Tudo nela era-me novo e desconhecido. As ruas estavam cheias de gente. Todavia, olhando com atenção, verifiquei que todos aqueles homens eram, como eu próprio, sem cabeça, embora parecessem acertar o caminho sem dificuldade. Comecei a andar e, logo depois, dei com uma multidão reunida em volta de um pregoeiro que perguntava em alta voz: “Quem perdeu uma cabeça?” Quando me aproximei, vi que se tratava da minha cabeça. Gritei-lhe: “Essa é a minha cabeça.” Mas outros reclamavam a mesma cabeça. Então o pregoeiro gritou: “Lançarei esta cabeça ao ar e, no pescoço onde ela cair, ficará.” A cabeça subiu no ar e, quando desceu, veio diretamente para o meu pescoço. Olhei em volta de mim e, pela vida do meu senhor, não havia nem cidade, nem campo de melancia, nem nogueira, nem galo do tamanho de um camelo; nem pai recém-nascido, nem nada de todas as coisas que lhe contei, ó Príncipe dos Fiéis!” Harun Ar-Rachid ficou de tal maneira satisfeito que desatou a rir. E acrescentou:

“Não é sem razão que te chamam o príncipe dos poetas. Nunca ouvi história tecida de tantas mentiras. E embora pusesse nela alguma verdade lá pelo fim, fizeste-o com tanta habilidade que não te pedirei conta disto e te compensarei conforme mereces.” E Harun Ar-Rachid premiou Abu-Nauas com um rico traje de seda e um saco cheio de ouro.

JUDAR, O PESCADOR, E O SACO ENCANTADO

Conta-se, ó afortunado rei, que vivia certa vez um mercador chamado Omar. Tinha ele três filhos: Salim I, Salim II e Judar, o mais jovem. Havia-os criado até a maturidade; porém sempre preferiu Judar, o que levava seus dois irmãos invejá-lo e odiá-lo. Quando Omar, que era muito velho, notou esse ódio, receou que Judar fosse molestado por seus irmãos após a sua morte e, na presença do cádi, partilhou seus bens em quatro partes iguais: uma para cada filho e uma para a mulher. Após a morte do pai, os três irmãos arruinaram-se em processos que Salim e Salim moveram contra Judar. Depois, Salim e Salim maltrataram, burlaram e roubaram a mãe. E ela se refugiou junto a Judar, o qual, embora empobrecido, a acolheu com todo carinho. Os dois Salim caíram rapidamente na miséria, pois não conheciam profissão alguma e eram preguiçosos e malvistos. Procuraram a mãe, chorando. Uma mãe é sempre compassiva.

Passou a servir-lhes as sobras da casa de Judar, dizendo-lhes, todavia: “Comei rapidamente e saí. Se vosso irmão vos surpreender aqui, poderá virar-se contra mim.” Um dia, contudo, enquanto comiam, Judar chegou. Mas em vez de zangar-se, sorriu para seus irmãos, abraçou-os e convidou-os a morar com ele. Sua mãe gritou: “Meu filho, possa Alá abençoar-te e aumentar tua prosperidade: és o mais generoso de todos nós.” Judar ia cada manhã lançar sua rede ao mar, e viviam, ele, a mãe e os irmãos, do produto de sua pesca. Certa vez, jogou a rede três dias seguidos sem nada apanhar. No quarto dia, foi a uma praia mais distante no lago Karun e enquanto se preparava para lançar a rede às águas, viu um mouro deslocando-se em sua direção, montado numa mula. O mouro apeou, cumprimentou Judar e disse-lhe: “Ó Judar, filho de Omar, preciso de teus préstimos. Se me obedeceres, recolherás grandes vantagens. Serás meu amigo e o encarregado de meus negócios.” O jovem prometeu obedecer. Disse o mouro: “Recita a Fatiha para dar à tua promessa um caráter sagrado.” Judar recitou a Fatiha. Disse então o mouro: “Amarra meus braços atrás das minhas costas com estas cordas, joga-me no mar e espera. Se as minhas mãos saírem da água em primeiro lugar, lança tua rede e traze-me às costas. Pois não sei nadar. Mas se forem meus pés que emergirem primeiro, considera-me morto. Leva então esta mula e este saco ao mercado e procura por Chamaia, o judeu. Pagar-te-á cem dinares pela mula. Teu único dever será guardar o segredo.” Judar seguiu as instruções do mouro, e ao ver os pés emergirem primeiro, montou a mula e foi ao mercado onde localizou o judeu. O judeu pagou-lhe os cem dinares prometidos e recomendou-lhe o segredo por sua vez. Judar levou muitas provisões para casa, onde encontrou os irmãos famintos. No dia seguinte, voltou à mesma praia e foi abordado por outro mouro igual ao primeiro; e tudo se passou exatamente como no dia anterior. No terceiro dia, outro mouro apareceu, e Judar amarrou-o e jogou-o às águas da mesma forma. Mas, desta vez, foram as mãos e a cabeça do

mouro que emergiram. Judar lançou sua rede e salvou o homem. Quando ele chegou á costa, Judar reparou que ele segurava um peixe vermelho em cada mão. “Por Alá,” disse a Judar, “salvaste-me a vida.” Retrucou Judar: “Por recompensa, conta-me a história de teus dois irmãos afogados, destes dois peixes e do judeu Chamaia.” - Como adivinhaste, os dois mouros que se afogaram eram meus irmãos, chamados Abdel-Salam e Abdel-Ahad. Meu nome é Abdel-Samad. O que tomaste por judeu é também meu irmão, um verdadeiro muçulmano. Nosso pai, Abdel-Uadud, era um mágico poderoso. Ensinou-nos a magia, a feitiçaria, a arte de descobrir e levantar os tesouros mais bem escondidos. Tornou-nos capazes de mandar nos Jins, nos Marids e nos Afarit. “Todavia, para levar-nos a competir entre nós e nos aprimorar na luta com o mundo, deixou escondido o maior de todos os tesouros, o Chamardal, que contém três objetos milagrosos: primeiro, um anel tão extraordinário que seu possuidor torna-se dono do mundo, capaz de derrotar reis e sultões; segundo, um globo que permite a seu possuidor visitar todas as regiões da terra sem sair de casa, pois, ao virar o globo, cada região visada se desliga e vem até o dono do globo; terceiro, um unguento que, passado nas pálpebras, permite ver os tesouros escondidos em qualquer montanha ou planície. “Ganhará os três objetos milagrosos de Chamardal aquele de nós que apanhar estes dois peixes vermelhos e conseguir a cooperação de Judar, filho de Omar, que só pode ser encontrado nas margens do lago Karun. Meus dois irmãos morreram na tentativa de apanhar estes dois peixes. Eu os consegui e te encontrei. Queres vir comigo ao Marrocos, perto das cidades de Fez e Meknes, e ajudar-me a localizar e levar o tesouro? Dar-te-ei tudo que me pedires e serás meu irmão para sempre. E poderás voltar quando quiseres para teu país e tua casa.” - Ó meu senhor, respondeu Judar, tenho minha mãe e dois irmãos a sustentar. Quem os alimentará se viajar contigo? - Toma estes mil dinares e entrega-os a tua mãe, e promete-lhe que estarás de volta dentro de quatro meses. Judar foi entregar os mil dinares à mãe e obter sua bênção. Quando voltou, o mouro colocou-o atrás de si nas costas da mula e voaram. No caminho, Judar sentiu fome e disse ao mouro: “Senhor, acho que esqueceste de trazer provisões para a viagem.” - Não preciso trazer provisões. Tenho este saco encantado. Dele posso tirar todos os pratos que desejar. Estás com fome? Judar reconheceu que estava. Num instante, o mouro tirou do saco peixes, aves, carnes, frutas, doces, todos preparados com requinte e servidos em pratos de ouro. - Come, meu amigo, disse o mouro. - Meu senhor, com certeza colocaste no saco antes da viagem vários cozinheiros e muitos mantimentos. - O saco é encantado, só isso! respondeu o mouro com um sorriso. É servido por um Afrit que nos traria num piscar de olhos até mil pratos árabes, mil pratos egípcios, mil pratos indianos, mil pratos chineses. No decorrer da viagem, o mouro perguntou a Judar: “Sabes a que distância já estamos do Cairo?” - Por Alá. não! - Nestas duas horas, disse o mouro, já percorremos um mês de viagem. Pois esta mula é uma jiniêh e viaja um ano num dia. Quando chegaram a Fez, foram à casa do mouro. Descarregaram a mula. O mouro pronunciou umas palavras mágicas, e ela sumiu no ventre da terra. Semanas depois, disse Abdel-Samad: “Chegou o dia em que vamos recuperar o tesouro de Chamardal. Para tanto devemos superar diversas provas, cada uma mais difícil que a outra.

Sentes-te preparado? - Sim, respondeu Judar. Foram então ao lugar indicado no meio do deserto onde, sob o efeito de palavras mágicas, portas misteriosas se abriram, dando acesso a galerias, jardins, casas, palácios. Numa das casas, encontraram a mãe de Judar. Era a primeira prova. Judar, seguindo as instruções de Abdel-Samad, ordenou à mãe: “Despe-te.” - Meu filho, gritou a mulher, eu sou tua mãe.

- Despe-te, repetiu Judar. Senão, corto-te a cabeça. Na realidade, não era sua mãe e sim uma mera aparição. Mas se ele tivesse fraquejado e tido pena dela, teria sido imediatamente abatido por gênios malvados. Após dias passados assim em meio a aparições mágicas, provas imprevistas e outras manifestações de terror, Abdel-Samad salvou o tesouro de Chamardal. Agradeceu a Judar pela indispensável cooperação e convidou-o a pedir o que quisesse. Judar pediu o saco encantado. O mouro entregou-o sem hesitar e acrescentou: “Devo-te mais que este saco. Leva também este outro saco, cheio de ouro e jóias, para que nunca mais conheças a preocupação em tua vida.” Judar agradeceu e, montado na mula mágica, voltou para o Cairo e foi diretamente à sua casa. E qual foi a sua pena quando viu a mãe vestida de farrapos e sentada na soleira da porta a pedir esmolas. Ela contou-lhe que seus irmãos a haviam maltratado e arrancado dela todo o dinheiro que lhe dera. Vendo a casa vazia, Judar encheu-a imediatamente de mantimentos, graças ao saco encantado. Quando Salim e Salim souberam da volta do irmão e de suas riquezas, procuraram-no mais uma vez, e ele recebeu-os mais uma vez festivamente. E viveram juntos, comendo o que lhes apetecesse. Mas a natureza incuravelmente malvada daqueles dois irmãos prevaleceu de novo. Observando e aproveitando a indiscrição da mãe, souberam do saco encantado e roubaram-no. Depois, tramaram com o capitão de um navio, e este enviou seus marinheiros para raptar Judar e jogá-lo no porão, acorrentado. Mas Deus teve pena dele. Um mercador de Jedá passou por acaso no porão, viu Judar, gostou dele e tomou-o a seu serviço numa peregrinação a Meca. Lá, outro acaso feliz o pôs no caminho de Abdel-Samad, que estava cumprindo o dever da peregrinação. Reconheceu-o e mostrou-lhe a bondade de um pai. Presenteou-o com quinhentos dinares e ofereceu-lhe o anel mágico que fazia parte do tesouro de Chamardal. Judar voltou para casa mais uma vez rico e honrado, e acolheu novamente seus irmãos e perdoou-lhes todas as ignomínias. E, aproveitando o anel mágico, mandou o Afrit edificar um palácio mais suntuoso que o palácio real. Com o tempo, o rei, Chams Ad-Daula, ouviu falar de Judar e do esplendor de seu palácio. Um dia, foi visitá-lo. Por sua vez, Judar ouviu falar da filha do rei, uma adolescente mais bela que a plena lua, e pediu-a em casamento. O rei concordou. Os dois jovens foram unidos pelos laços do matrimônio e por uma ardente paixão recíproca, que aumentou ainda mais a amizade entre Judar e Chams Ad-Daula. Judar foi nomeado vizir. E quando o rei morreu, foi ele mesmo proclamado rei, sendo sempre tolerante e generoso para com seus irmãos. Mas estes nunca conseguiram superar sua inveja e sua perversidade. Um deles, aproveitando a oportunidade de um banquete real do qual participava, colocou veneno no prato do rei seu irmão e o matou. O povo chorou o rei bondoso Judar, e os sábios disseram que ele foi vítima tanto de seus irmãos malvados quanto de sua própria generosidade, excessiva e indiscriminada. Pois o provérbio diz: “Faça o bem, mas saiba a quem.” Num sentido aproximado, Kisra, o grande rei da

Pérsia, escrevera ao filho: “Meu filho, cuidado com a compaixão: ela enfraquece o governo; e cuidado com a falta de compaixão: ela provoca a rebelião.”

ABDALA TERRA E ABDALA MAR

Conta-se - mas Alá é mais bem-informado - que havia certa vez um pescador chamado Abdala, que tinha uma mulher e nove filhos a sustentar e era muito pobre. Sua rede constituía seu único sustento, sua loja, sua profissão e a porta de segurança de sua casa. Lançava-a ao mar todos os dias, vendia o que apanhava e gastava o que recebia, dizendo: “O pão de amanhã virá amanhã.” Chegou um dia em que a mulher deu à luz um décimo menino (pois seus outros nove filhos eram também varões pela graça de Alá!), e não havia em casa sequer um pedaço de pão para comer. Abdala saiu, dizendo que iria lançar a rede em nome do recém-nascido. Pediu as bênçãos de Alá e lançou a rede. Quando a retirou, estava cheia de estrume, areia, cascalhos e algas marinhas, sem uma sombra de peixe. Entristecido e surpreso, o pescador gritou: “Terá Alá criado essa criança sem prover-lhe o sustento? Não pode ser. Ele tomou a si satisfazer as necessidades de todas as suas criaturas, o Generoso, o Sábio. Glorificado seja seu nome.” Andou na praia e lançou a rede noutra lugar. Quando quis retirá-la, estava muito pesada. Nela encontrou um burro morto e fedendo. O pescador revoltou-se e pensou: “Este azar vem de minha mulher. Quantas vezes disse-lhe que o mar nada mais tinha para nós e que deveríamos mudar de profissão. Mas ela fica repetindo: “Alá karim! Alá karim! Sua generosidade não tem limites. Não desesperes, ó pai de meus filhos! Onde está a generosidade de Alá? Simbolizará este asno morto o destino de meu último filho?” Por um tempo, Abdala ficou paralisado pela decepção, mas acabou reagindo, pediu perdão a Deus por suas dúvidas, e jogou mais uma vez a rede ao mar. Sentiu-a mais pesada ainda do que da segunda vez. Depois de trazê-la para a costa com muitos esforços, teve a estupefação de encontrar nela um ser humano um filho de Adão que tinha cabeça, faces, barba, corpo e braços como os outros homens, mas acabava em rabo de peixe. Abdala não teve dúvida de que estava na presença de um Afrit, um daqueles que se tinham rebelado contra nosso mestre Soleiman Ibn Daud e tinham sido encarcerados em barris de cobre e jogados no mar. Com o tempo, pensou o pescador, o metal apodreceu; o Afrit escapou e segurou-se na minha rede para vir à terra. E pôs-se a correr na praia, aterrorizado e gritando: “Tem pena de mim, tem pena de mim, ó Afrit de Soleiman!” Mas o homem da rede chamou-o: “Vem para perto de mim, ó pescador, e não tenhas medo. Eu não sou nem Afrit nem Marid nem Ghul. Sou um homem como tu. Se me ajudares a sair desta rede, cumular-te-ei com riquezas.” O pescador se acalmou e aproximou-se com prudência da estranha criatura. E esta repetiu: “Não sou nem Afrit nem Marid nem Ghul. Sou um homem que crê em Alá e em Maomé, seu profeta. - E quem te jogou no mar? - Ninguém me jogou no mar. Eu nasci lá. Sou um dos filhos do mar, um povo numeroso que vive nas profundezas marítimas. Vivemos no mar como vós viveis na terra e como os pássaros vivem no ar. Somos muçulmanos e seguimos os preceitos do Livro. Tua rede me captou pelo decreto do destino. Mas agora quero ser-te útil. Aceitas entrar num pacto comigo pelo qual cada um jura ser amigo do outro, dar e receber presentes? Por exemplo, tu virias aqui

todos os dias trazendo-me as frutas da terra: uva, figos, melancia, melão, pêssegos, ameixas, romãs, bananas, tâmaras. E eu te traria os frutos do mar: coral, pérolas, crisólitos, águas-marinhas, esmeraldas, safiras, rubis. Encheria a própria cesta na qual tu me trarias frutas. Aceitas? - Quem não aceitaria? respondeu o pescador com alegria. Mas, primeiro, vamos selar nosso pacto com a autoridade da Fatiha. O homem do mar concordou, e os dois recitaram a primeira surá do Alcorão em alta voz. Então, Abdala libertou seu cativo. - Qual é teu nome? Perguntou-lhe - Abdala, respondeu o homem do mar. Se, por acaso, não me encontrares aqui quando vieres pela manhã, chama-me por este nome e logo sairei das águas e virei a teu encontro. E qual é o teu nome, meu irmão? - Chamo-me também Abdala. - Que auspiciosa coincidência, gritou o outro. Tu és Abdala Terra e eu sou Abdala Mar. Espera que te traga já um primeiro presente. E o homem mergulhou no mar. Quando saiu após um momento, suas duas mãos estavam carregadas de pérolas, corais, esmeraldas, jacintos, rubis e outras pedras preciosas, que ofereceu ao pescador, dizendo: “Lamento que seja tão pouco hoje porque não disponho de cestas. Mas quando me trouxeres uma cesta, enchê-la-ei até a beirada. E não esqueças nosso pacto. Volta para cá a cada levantar do sol.” Depois, despediu-se do pescador e desapareceu no mar. Abdala estava maravilhado. Voltou para a cidade, bêbado de alegria. Parou à porta do benevolente padeiro que tinha sido bom para com ele nos dias sombrios. “Irmão,” disse-lhe, “a fortuna começa a andar no meu caminho. Tu sempre me disseste: “Se tens pouco dinheiro, paga o que podes. Se nada tens, leva todo o pão de que precisas para tua família e paga-me quando a prosperidade descobrir o caminho de tua casa.” Meu bom amigo, a prosperidade já é meu conviva. Contudo, o que te ofereço hoje é pouco em vista de tua cordialidade quando a necessidade me esmagava. Aceita este presente agora. Muito mais virá.” Falando assim, o pescador ofereceu ao padeiro mais da metade das jóias que Abdala Mar lhe trouxera. Pediu-lhe algum dinheiro, e foi ao mercado comprar carne, vegetais, frutas e doces. Abdala contou à mulher tudo que lhe acontecera e, cedo no dia seguinte, voltou à praia carregando um cesto cheio de todas as frutas. Não vendo Abdala Mar, bateu as mãos e chamou: “Onde estás, Abdala Mar?” Imediatamente, uma voz respondeu-lhe de baixo das ondas: “Aqui estou.” E logo o outro apareceu e recebeu com agradecimentos o cesto de frutas. Mergulhou e voltou com o cesto sobrecarregado de esmeraldas, águas-marinhas, topázios, diamantes e os demais frutos esplêndidos do oceano. Na volta, Abdala Terra deu a metade do cesto ao padeiro. Depois, escolheu as amostras mais finas de cada espécie e cor e levou-as aos joalheiros do mercado. O síndico dos joalheiros perguntou-lhe: “Tens mais dessas?” Respondeu Abdala: “Tenho um cesto cheio.” - Prendei este homem, gritou o síndico. É o ladrão que roubou as jóias da rainha. Juntaram-se todos os joalheiros, e cada um atribuiu ao pescador algum roubo de jóias cujo autor não fora identificado. Abdala guardou silêncio, nem confirmando, nem negando as acusações. Deixou-se levar ao sultão pelo síndico e os joalheiros, que esperavam vê-lo confessar seus crimes e ser enforcado na hora. Disse o sultão a seu eunuco-chefe: “Leva estas jóias a tua ama, rogando lhe dizer se são as jóias que perdeu.” Ao ver as jóias, a rainha ficou maravilhada e respondeu: “Não são minhas. Eu encontrei meu colar. Estas são bem mais belas que as minhas e não têm iguais no mundo. Corre, ó eunuco, e pede ao rei para

comprar um colar destes para nossa filha Ikbal.” Quando o rei ouviu a resposta da rainha, censurou duramente o síndico e os joalheiros por haverem prendido e maltratado um homem inocente. - Ó rei do tempo, defendeu-se o síndico, nós sabíamos que este homem era um pobre pescador; assim, quando vimos essas jóias entre suas mãos e soubemos que possuía ainda um cesto cheio delas, concluímos que essa riqueza era grande demais para ser adquirida honestamente. Essa resposta enfureceu o rei ainda mais. Gritou: “Ó mentes vulgares, ó heréticos, ó almas presas à terra! Não sabeis que qualquer fortuna, não importa quão maravilhosa e repentina, é possibilidade no destino de todo verdadeiro crente? Desgraçados, tivestes a impudência de condenar este homem sem interrogá-lo e sem nada verificar sob o texto absurdo de que tal riqueza era grande demais para ele. Vós o tratastes de ladrão e o desonrastes. Não pensastes um minuto em Alá que distribui seus favores sem a mesquinhez comum aos joalheiros? Sumi da minha frente e possa Alá recusar-vos suas dádivas.” Após consolar Abdala, perguntou-lhe o rei como havia obtido esses tesouros. Abdala contou-lhe toda a sua aventura com o homem do mar e o pacto que fizeram. O rei maravilhou-se com a generosidade de Alá para com seus fiéis, e disse ao pescador: “Esta fortuna estava escrita no teu destino. Devo apenas avisar-te que as riquezas precisam de proteção e que um homem rico deve ocupar uma alta posição. Querendo defender-te contra as incertezas do futuro, casar-te-ei com minha filha única Ikbal, que já está na idade certa, e nomear-te-ei meu vizir, ligando-te assim ao trono antes de minha morte.” E assim foi feito. Abdala, que fora um pescador e era agora vizir do rei, desempenhou-se de suas novas funções a contento de todos e nunca esqueceu de carregar as frutas de cada estação a seu amigo Abdala Mar em troca de pedras e metais preciosos. Assim, cada manhã suas riquezas aumentavam de um cesto cheio de jóias. Um dia, os dois Abdalas se detiveram a conversar na praia, e Abdala Terra perguntou a Abdala Mar: “Nunca me falaste de teu país. Ele é belo?” Respondeu Abdala Mar: “É muito belo. Se quiseres, posso levar-te comigo às profundezas do mar e mostrar-te as suas inúmeras maravilhas. Visitarás minha casa e serás meu hóspede.” - Mas como poderei sobreviver no mar? A água penetraria meu corpo e me afogaria. Eu nasci para viver na terra. - Não te preocupes com isso, retrucou Abdala Mar. Dar-te-ei um unguento que, passado no teu corpo, permitir-te-á permanecer comigo no mar tanto tempo quanto desejares sem te prejudicar de maneira alguma. Abdala Terra concordou, e seu companheiro mergulhou e voltou logo com o unguento. E os dois amigos entraram juntos no mar. Quando atingiram as profundezas, Abdala Terra abriu os olhos e viu campinas marinhas que nenhum olho terrestre havia visto desde a aurora dos tempos. Viu florestas de coral vermelho, de coral branco, de coral cor-de-rosa. Viu cavernas de diamantes sustentadas por pilares de rubi, crisólitos, berilo, topázio, ouro. Viu peixes como flores, peixes como frutas, peixes como pássaros, peixes como búfalos, vacas, cachorros e alguns até como homens. Andou entre montes de pérolas, esmeraldas, ouro, diamantes. Deslumbrado, Abdala Terra perguntou a Abdala Mar: “Será que existem cidades no teu país, similares às cidades da terra?” “Se há cidades em meu país? repetiu Abdala Mar. Pela vida do Profeta, se passasses mil anos conosco, mostrar-te-ia uma nova cidade por dia e em cada cidade mil maravilhas - e não terias visto dez por cento das cidades de meu país... Como

nosso tempo é limitado, quero que visites agora minha cidade e conheças minha família.” E Abdala Mar levou seu companheiro através dos espaços marítimos até que chegaram a sua cidade. Parou diante de uma casa e disse-lhe: “Entra, irmão. Este é meu lar.” E chamou a filha. Logo apareceu uma linda adolescente cujo longo cabelo flutuava na água. Tinha seios, ventre, grandes olhos verdes com sobrelhas pretas e um corpo delgado, mas não tinha nem pernas nem nádegas, pois o corpo terminava com uma cauda. Após considerar com curiosidade o homem da terra, a moça desatou a rir. “Pai, quem é esse sem-cauda?” “Este é o meu amigo Abdala Terra que me tem trazido aquelas frutas de que tanto gostas,” respondeu o pai. “Vem cumprimentá-lo.” Antes que pudessem terminar a conversação, apareceu na soleira da porta a mulher de Abdala Mar, carregando duas crianças nos braços. Assim que viu o filho de Adão, colocou as crianças no chão e riu gostosamente. “Por Alá, como pode alguém viver sem cauda?” Mãe e filha repetiram juntas: “um sem-cauda.” E dançaram e riram. Abdala Terra ofendeu-se e disse ao amigo: “Será que me trouxeste aqui para fazer de mim um objeto de zombaria para tua mulher e filha?” Respondeu Abdala Mar: “Não lhes dê atenção. Como as mulheres da terra nossas mulheres têm pouco juízo.” Enquanto falavam, entraram dez altos e vigorosos homens-mar e disseram ao dono da casa: “Nosso rei ouviu falar no teu convidado sem-cauda e deseja conhecê-lo e ver como é feito. Pois ouviu dizer que tem alguma coisa extraordinária atrás e outra coisa ainda mais extraordinária na frente.” Os dois Abdala foram logo ao palácio real. Ao ver o homem da terra, o rei sorriu e exclamou: “Como acontece de não teres cauda, ó visitante de outro mundo?” - Não sei, Majestade. Todos os homens da terra são como eu. - E como chamas essa coisa que tens no lugar da cauda atrás? - Alguns chamam-na traseiro; outros a chamam nádegas; outros a chamam bumbum. - E para que serve? - Para sentar-se nela quando se está cansado. Nas mulheres é um ornamento muito apreciado, especialmente quando visivelmente saliente. - E como chamas essa coisa que tens na frente?

- Zib, respondeu Abdala.

- E para que serve?

- Para muitas coisas que não posso explicar por respeito a Vossa Majestade. Posso apenas adiantar que em nosso mundo nada é mais apreciado num homem que um bom e poderoso zib. Um de nossos poetas escreveu: O que vale a vida sem um zib e tudo que um zib representa? O rei e a sua corte riram mais do que nunca a essas respostas. E Abdala Terra levantou os braços ao céu, dizendo: “Glorificado Alá que criou o traseiro para ser uma glória num mundo e um motivo de escárnio num outro.” Finalmente, disse o rei: “Ó sem-cauda, teu traseiro me agrada tanto que podes pedir o que quiseres.” “Só tenho dois pedidos, Majestade;” respondeu o visitante: “ser devolvido à terra, e levar comigo muitas das jóias do mar.”

O rei disse-lhe: “Podes levar tudo que conseguires carregar.” Abdala voltou à terra sob o peso das mil jóias que conseguiu carregar, visitou seu rei, contou-lhe a história de sua visita marinha e ofereceu-lhe muitas das jóias trazidas. O rei ficou encantado, mas disse a Abdala: “Não gostaria de ver-te visitar aquela gente indelicada outra vez. O provérbio diz: “Copo que cai, nem sempre permanece

inteiro.” Abdala concordou. E todos viveram em paz e felizes até que foram visitados pelo demônio da morte, demolidor das alegrias e separador dos amigos.

AS ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS DA VIDA

Ao inspecionar certo dia o seu reino, acompanhado por seu vizir Jafar, o califa Harun Ar-Rachid viu, sendo retirado do rio Tigre, o corpo de uma mulher assassinada. O califa comoveu-se e disse a Jafar: “Se não descobrires o assassino desta pobre mulher, serás enforcado no seu lugar.” Jafar teve sorte, pois o assassino se apresentou por si mesmo ao califa e contou a seguinte história: “Sabei, ó Comandante dos Fiéis, que esta mulher era minha mulher, mãe de meus três filhos. Amava-a, e ela me amava. No início deste mês, adoeceu e disse-me: “Tenho, ó Ali, o desejo de comer uma maçã.” Corri ao mercado, determinado a comprar maçãs até por um dinar a unidade. Mas não havia maçãs no mercado. E um agricultor me disse: “Esta fruta é rara. Só pode ser encontrada em Basra no jardim do califa.” “Por amor à minha mulher fiz a viagem até Basra em quinze dias e quinze noites. E convenci o jardineiro do califa a me vender três maçãs por três dinares cada. Ao voltar, encontrei minha mulher ainda mais doente. Colocou as três maçãs de lado e não as comeu. “Fui à minha loja e comecei a comprar e vender quando vi passar um negro alto e forte, segurando na mão uma das três maçãs. Disse-lhe: “Ó bom escravo, conta me onde conseguiste esta maçã para que consiga outra igual para mim.” Respondeu: “Foi-me dada por minha amante. Voltei ontem de viagem e fui visitá-la. Encontrei-a doente com três maçãs a seu lado. me: “Meu como de marido foi até Basra comprá-las para mim.” Comi e bebi com ela, e fiquei com uma das três maçãs.” “Ao ouvir estas palavras, ó Comandante dos Fiéis, o mundo ficou preto aos meus olhos. Fechei minha loja e voltei para casa. Lá, vi apenas duas maçãs. “Onde está a outra maçã?” perguntei à mulher. Respondeu languidamente que não sabia. “Convenci-me de que as palavras do escravo eram verídicas e, na minha raiva, saquei de meu punhal, matei minha mulher e joguei-a no Tigre. De volta para casa, achei meu filho mais velho chorando. “Por que está chorando, meu filho? Perguntei-lhe”. Respondeu: “ Tomei uma das três maçãs da mamãe para brincar com ela; mas um negro alto e forte arrancou-a das minhas mãos. Chorei e contei-lhe que meu pai tinha ido até Basra comprar três maçãs para curar a doença de mamãe. Mas ele não me deu atenção. Levou a maçã e foi embora.” Aí, entendi a trama e lamentei meu erro. Mas era tarde demais. Sou culpado. Mereço a morte, ó Comandante dos Fiéis,” concluiu o comerciante. O califa ficou furioso contra o escravo caluniador e mandou Jafar descobri-lo dentro de três dias. “Senão, serás enforcado em seu lugar.” Jafar não teve sorte desta vez. Procurou em vão pelo escravo criminoso. No terceiro dia, estava se despedindo da família antes de se apresentar à força quando, ao abraçar a filha, sentiu algo redondo dentro de sua roupinha. - O que é isto, minha filha? perguntou. - É uma maçã, respondeu. Rohan, nosso escravo, trouxe-a há quatro dias e só aceitou me dar contra dois dinares. Jafar chamou seu escravo e perguntou-lhe: “Onde conseguiste esta maçã?” Respondeu: “Ó meu amo, a mentira às vezes nos salva. Mas eu falarei a verdade. Há cinco dias, passando na rua, vi-a nas mãos de um menino desconhecido e arranque-a. O garoto chorou e disse que seu pai tinha ido até Basra comprar três maçãs para

curar a mãe doente. Mas não me importei. Trouxe a maçã e dei-a a esta minha pequena ama.” Jafar ficou abismado ao saber que toda a tragédia fora causada por seu escravo. Levou o escravo ao califa e fê-lo repetir a história. O califa maravilhou-se com tantas coincidências e riu até que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Perdoou o escravo e fez um rico presente ao viúvo infeliz.

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

Conta-se, ó rei afortunado, que viveu outrora numa cidade da China cujo nome esqueci (pois só Alá é onisciente) um alfaiate pobre que tinha um filho chamado Aladim. Este filho revelou-se um maroto desde a mais tenra idade. Em vão procurou o pai dar-lhe alguma instrução ou ensinar-lhe o próprio ofício. Aladim só queria brincar na rua com seus camaradas. E seu pai acabou por morrer de desgosto. Nem isso, porém, tornou Aladim melhor. Ao contrário, libertado da vigilância paterna, deu-se mais intensamente à vagabundagem, voltando para casa apenas na hora das refeições. Sua desgraçada mãe labutava dia e noite, fiando lã e algodão para sustentar-se e sustentá-lo. Assim mesmo, como Alá é generoso, Aladim chegou à idade de quinze anos um lindo garoto, bem-feito de corpo, com uma pele de jasmim e dois olhos negros cheios de sedução. Certo dia, enquanto brincava numa praça pública com vagabundos de sua espécie, um dervixe, que era um mouro, parou e ficou fitando atentamente as crianças. E acabou concentrando sua atenção em Aladim. Esse dervixe, que vinha dos confins do Marrocos, era um insigne feiticeiro, muito versado na astrologia, na fisiologia e em outras ciências ocultas, capaz de levar duas montanhas a baterem uma contra a outra. Enquanto olhava mais e mais atentamente para Aladim, dizia consigo mesmo: “Este é o jovem de que preciso. Este é o jovem que andei procurando e pelo qual deixei meu país e empreendi esta longa viagem.” Chamou de lado um dos outros rapazes e informou-se com ele sobre Aladim: seu pai, sua mãe, sua posição na vida e tudo mais. Munido dessas informações, abordou Aladim com um sorriso e, levando-o a um lado, disse-lhe: “Meu menino, não és Aladim, filho do alfaiate?” - Sou Aladim, respondeu, mas meu pai morreu há muitos anos. A estas palavras, o dervixe tomou Aladim nos braços e começou a beijá-lo enquanto derramava abundantes lágrimas. - Por que choras, meu senhor? perguntou Aladim, surpreso. Conhecias meu pai? - Meu filho, respondeu o mouro com voz trêmula, como conseguiria reter as lágrimas, sendo teu tio e havendo sido bruscamente informado do falecimento de meu irmão, teu pai? Querido sobrinho, deixei minha pátria e enfrentei os perigos de uma longa viagem só para vir abraçar meu irmão.

E como que sufocado pela emoção, acrescentou: “Querido sobrinho, meu sangue te reconheceu assim que te vi. Quando me separei de meu irmão, não tinhas ainda nascido. Assim mesmo, reconheci-te. Serás meu consolo e substituirás teu pai no meu coração. Quem deixa um filho não morre.” O homem tirou então dez dinares de ouro do cinto e deu-os a Aladim. Depois, perguntou-lhe onde a mãe morava. Aladim apontou-lhe a casinha da mãe. O mouro tirou outros dez dinares de ouro e deu-os a Aladim, dizendo: “Entrega-os à viúva de meu irmão, dize-lhe que estou ansioso por rever os lugares onde meu irmão viveu, e que a visitarei amanhã pela manhã.” Aladim beijou a mão do homem e

correu alegremente para casa. “Mãe, gritou, meu tio chegou a esta cidade após uma longa viagem” - Que tio é este? Estás zombando de mim, meu filho? - Não estou zombando, não, mãe, o homem é mesmo o irmão de meu pai. Contou-me tudo e virá amanhã pela manhã visitar-te. - Será que eu não conheci todos os irmãos de meu marido? pensou a mulher. -Mulher de meu irmão, disse o feiticeiro no dia seguinte ao chegar. Deves estar surpresa de ver-me pela primeira vez ou talvez me censures por não vos ter procurado quando meu irmão estava vivo. Deixei esta terra trinta anos atrás e tenho viajado pela Índia e o Sind. Estive também no Egito e morei na cidade maravilhosa do Cairo. Depois, fui para o Marrocos onde morei vinte anos. “Nada, entretanto, fez-me esquecer a terra natal e meu querido irmão. E cresceu em mim o desejo de revê-los antes de morrer. Um dia, levantei-me, recitei a Fatiha, montei no meu cavalo e deixei a minha casa. Após enfrentar muitos perigos e agüentar muitos sacrifícios cheguei à minha cidade pela ajuda de Alá. Percorrendo as ruas à procura da residência de meu irmão, avistei este garoto brincando com seus companheiros na praça. Mal o vi senti meu coração florir dentro de mim. O sangue chamou o sangue, e reconheci o meu sobrinho. Toda a minha fadiga desvaneceu-se.” E virando-se para Aladim, perguntou lhe: “Que profissão exerces, meu filho? Que trabalho desempenhas para ajudar a tua mãe a manter a casa?” Aladim baixou a cabeça de vergonha, e foi a mãe que respondeu: “Disseste profissão, ó irmão de meu marido? Uma profissão para Aladim? Por Alá, não sabe fazer coisa alguma. O dia todo ele corre com os patifes e vagabundos do bairro. Seu pai morreu de desgosto, e eu mesma sinto que estou declinando com rapidez.” A mulher chorou, e o mouro falou severamente a Aladim: “Ignorava essas coisas, meu sobrinho. Não tens vergonha, Aladim? Graças à bondade de Alá, existem centenas de homens em nossa cidade capazes de ensinar-te seja que profissão preferes. Só cabe a ti escolher. Estou pronto a pagar as despesas necessárias.” Aladim continuou de cabeça baixa e não respondeu. O marroquino compreendeu que as profissões manuais desagradavam a Aladim, e disse-lhe: “Se preferes o comércio, estou pronto a montar uma grande loja para ti no melhor ponto do mercado. Assim poderás aprender a comprar e vender e tornar-te igual aos mais respeitadores mercadores.” Ao ouvir esta proposta, e imaginando-se um importante comerciante vestido de roupa de seda e turbante de feltro, Aladim sentiu-se imensamente feliz e sorriu para o tio como para dizer: “Certamente, aceito.” O feiticeiro disse-lhe: “Agora, que estás determinado a tornar-te homem de importância, um comerciante de prestígio com loja própria, tenta mostrar-te digno desta posição.” Depois, o homem levou o sobrinho às melhores lojas e comprou-lhe as roupas mais lindas e mais caras. Vestido com elas, Aladim parecia um filho de rei. Ao mesmo tempo, o dervixe apontava-lhe as mercadorias que compraria para a loja que lhe montaria e ensinava-lhe os segredos do comércio. No dia seguinte, começariam a montar a loja. Aladim não conseguiu fechar os olhos naquela noite. Cedo pela manhã, foi ao encontro de seu tio. Este levou-o sem dizer aonde iam, e foram andando. Saíram da cidade e atingiram o pé de uma montanha no limiar do deserto, um lugar habitado apenas pela presença de Deus. Este lugar era o alvo do mouro. Era para chegar lá que ele tinha deixado o Marrocos e a China. Mas Aladim estava cansado e temeroso. “Onde estamos, meu tio? E aonde vamos?” queixou-se. O dervixe procurou

tranqüilizá-lo. Fê-lo sentar-se numa rocha a seu lado, colocou o braço afetuosamente em volta de seu pescoço e disse-lhe: “Descansa um pouco. Vou te mostrar coisas que nenhum olho humano já viu. Aqui e agora, irás contemplar um jardim mais belo que todos os jardins da terra. Esquecerás teu cansaço e abençoarás o dia em que me conheceste.” Aladim não compreendia como iria ver um jardim naquele deserto desolado. E ficou ainda mais perplexo. O dervixe dirigiu-se a ele de novo: “Levanta-te agora, Aladim, e apanha algumas raízes secas.” Aladim cumpriu a ordem. O dervixe acendeu as raízes. Em seguida, tirou da bolsa uma caixa de tartaruga, abriu-a e extraiu dela uma pitada de incenso que lançou no fogo. Elevou-se então uma fumaça densa que o feiticeiro abanou de um lado para o outro com a mão, ao mesmo tempo que pronunciava fórmulas mágicas numa língua desconhecida. De repente, a montanha tremeu, os penedos deslocaram-se pela base, a terra se abriu. E no fundo do buraco apareceu uma placa de mármore horizontal, com um anel de bronze para segurá-la. Ao ver tudo isso, Aladim ficou apavorado, soltou um berro, virou as costas e fugiu. Mas num salto o mágico agarrou-o, fitando-o com olhos flamejantes de raiva. E segurando-o pela orelha deu-lhe uma bofetada tão violenta que Aladim caiu no chão. O dervixe visava a assegurar-se assim um domínio total sobre ele, mas acariciou-o logo em seguida para recuperar a sua boa vontade, pois, sem sua colaboração, não atingiria o objetivo de sua viagem. E disse-lhe: “Só te bati para fazer um homem de ti e não te ver perder por tolice os tesouros que te estão destinados. És meu único parente. Amo-te como a um filho. Quero tornar-te o homem mais rico da terra. Faze o que te peço e dividiremos entre nós as riquezas imensas que vamos descobrir.” - Dize-me o que queres que faça, e o farei, disse Aladim. - Primeiro, desce comigo no buraco, segura o anel e levanta a placa. (Era proibido ao próprio dervixe tocar neles.) Aladim obedeceu e ergueu a placa. Avistou então um subterrâneo com uma escada de doze degraus que descia até uma porta de cobre vermelho com dois batentes. O mouro disse-lhe: “Meu filho, desce até aquela porta. Ela se abrirá por si mesma para ti. Entra e atravessa os três pátios que se estenderão à tua frente. Nos dois primeiros, verás jarras cheias de ouro. Não as toques, pois, se o fizeres, serás transformado numa pedra preta. No terceiro pátio, encontrarás nova porta igual a esta. Ela também se abrirá para ti e te revelará um jardim magnífico cheio de árvores frutíferas. Lá também não pares. Continua a andar, e chegarás a uma escada de trinta degraus que te levará a um terraço. Lá verás sobre um pedestal de bronze uma pequena lâmpada de cobre. Apanha-a, esconde-a no peito, volta a mim pelo caminho da ida, entregame a lâmpada, e seremos ricos e gloriosos para sempre.” O mouro tirou um anel de seu dedo e colocou-o no dedo de Aladim, dizendo: “Este anel te protegerá contra qualquer perigo.” Aladim seguiu o roteiro traçado e chegou até a lâmpada que o tio descrevera. Apanhou-a, escondeu-a na roupa e tomou o caminho da volta. Mas ao passar pelo jardim, reparou que as frutas penduradas nas árvores eram, na realidade, pedras de vidro colorido muito vistosas. Recolheu uma enorme quantidade delas, segurando-as de todos os modos até parecer um asno carregado. Quando voltou ao buraco inicial, o mouro perguntou-lhe: “Onde está a lâmpada?” - Está comigo. - Dá-me imediatamente. - Como posso fazê-lo? Está entre as mil frutas que apanhei nas árvores. Ajuda-me, primeiro, a sair daqui. Mas o dervixe, receando que Aladim tivesse descoberto o segredo da lâmpada e

pretendesse guardá-la para si mesmo, e sendo ele próprio impedido pela magia de descer naquele buraco, perdeu a cabeça e gritou com uma voz terrível: “Filho de cachorro, entrega-me a lâmpada ou morre.” - Ajuda-me, primeiro, a sair daqui, insistiu Aladim. Irritado, o mouro pronunciou palavras mágicas que fizeram a placa de mármore tapar novamente a entrada do subterrâneo, pensando ter assim condenado Aladim a morrer sufocado naquele buraco. E espumando em convulsões, foi-se de volta para a África, sua terra. Esse mouro, como já adivinhou sem dúvida meu soberano rei, era um mágico temível do interior do Marrocos. Não era relacionado com Aladim por qualquer parentesco. Nasceu e cresceu numa família de mágicos malvados. E passou a vida tentando localizar aquela lâmpada e o garoto destinado a apanhá-la. Sepultado naquele buraco, Aladim pensou que morreria de fome e de medo. Mas aconteceu que esfregou, sem saber como, o anel que lhe fora colocado no dedo pelo mágico. Imediatamente, um Afrit, negro e alto, materializou-se à sua frente, dizendo: “Sou o mestre da terra e das ondas, mas escravo do anel e do dono do anel. Que desejas, meu amo?” Aladim dominou seu terror e disse: “Ó mestre da terra e das ondas, tira-me desta caverna.” Imediatamente, a terra abriu-se e Aladim achou-se fora do buraco, em pleno sol. Viu à distância sua cidade natal e voltou rápido para casa e contou sua aventura à mãe, chamando o dervixe de mágico, intrigante, mentiroso, feiticeiro, embusteiro, cachorro, demônio e tudo mais. Sentindo fome e não havendo nada em casa para comer, deliberou com a mãe vender a lâmpada que trouxera da caverna e comprar mantimentos. Mas assim que a mãe esfregou a lâmpada para limpá-la, um enorme Afrit apareceu, dizendo: “Sou o mestre da terra, ar e mar, mas o escravo da lâmpada e do dono da lâmpada. Que queres de mim, meu amo?” Aladim respondeu: “Estou com fome. Traze-me um excelente repasto.” O gênio desapareceu e reapareceu um momento depois, carregando uma bandeja de prata maciça com doze pratos de ouro contendo as comidas mais variadas e deliciosas. Quando, no dia seguinte, Aladim quis chamar o gênio de novo, sua mãe disse-lhe: “Morrerei de medo se chamares os gênios da lâmpada e do anel outra vez. Detesto a magia e aconselho-te jogar fora este anel e esta lâmpada.” Em atenção à mãe, Aladim decidiu obter dinheiro com a venda dos pratos de ouro que o gênio lhe trouxera cheios de comida. Levou um deles a um joalheiro judeu, que era mais astucioso que o demônio. - Quanto queres por ele? perguntou o judeu. - Conhecês-lhe o valor melhor do que eu. Prefiro depender de tua boa-fé. “tendo verificado que o prato era mesmo de ouro maciço, o judeu tirou da gaveta um único dinar - que representava a milésima fração do valor do prato - e entregou-o a Aladim, dizendo: “Toma-o, meu filho. Por Moisés e Aarão, nunca daria tamanha importância a outrem; mas espero convencer-te a tratar comigo no futuro.” Aladim, que nunca vira pratos de ouro nem lhes conhecia o valor, aceitou o dinar, confiando na boa-fé do joalheiro judeu. Agora, devo contar-vos algo que vossa mocidade talvez não tenha ainda descoberto: os judeus são inimigos jurados dos fiéis, e consideram legítimo roubá-los e enganá-los em qualquer circunstância. Assim, cada vez que Aladim precisava de dinheiro, levava um dos pratos de ouro ao judeu e recebia um dinar por ele. Um dia, felizmente, encontrou um joalheiro de sua religião, o qual passou a comprar-lhe cada prato por duzentos dinares. Desta forma, Aladim tornou-se um homem rico. Aproveitando esta experiência, descobriu que os

frutos que trouxera daquele jardim subterrâneo, pensando que eram bugigangas de vidro, eram, na realidade, pedras preciosas de incomensurável valor. Aladim se sentiu mais rico ainda, e escondeu essas jóias num buraco sem mesmo falar delas à mãe. Um dia, quando passava na rua, ouviu dois pregoeiros do sultão anunciarem: “Comerciantes e transeuntes, saibei que por ordem de nosso amo e senhor, o sultão, deveis fechar vossas lojas e retornar a vossas casas. Pois a pérola das pérolas, a maravilhosa, a jovem princesa Badr Al-Budur, a mais bela das luas cheias, filha de nosso glorioso sultão, vai passar por aqui a caminho do hammam. Aqueles que ousarem desobedecer, espreitando pelas portas ou janelas, terão a escolher entre a espada, a fogueira e a forca.” Ao ouvir essa proclamação, Aladim foi tomado por um desejo irresistível de ver a princesa, cuja beleza era celebrada por todos. Em vez de ir para casa, correu ao hammam e escondeu-se atrás da porta principal. Pôde assim ver Badr Al-Budur chegar entre suas mulheres e seus eunucos, uma lua que faz empalidecer as estrelas. Aladim concebeu uma paixão espontânea e incurável pela princesa. Perdeu o apetite e o sono. Emagreceu. Empalideceu. mãe ansiosa, explicou: “Não estou doente, mas não voltarei a ser eu mesmo até que receba do rei a mão de sua filha em casamento.” - Enlouqueceste, meu filho? Considera nossa modesta condição e a deles. Mesmo que queiras aventurar-te a fazer o pedido, quem o transmitirá ao rei? - Quem poderia eu encarregar de tal missão senão tu, querida mãe? A mãe desatou a chorar e recusou encarregar-se de tal missão. Mas, sob a influência dos argumentos e carícias do filho, e diante de suas ameaças de suicidar-se, disse: “Mas que presentes tens para colocar aos pés do soberano com teu pedido?” Aladim tirou de seu esconderijo as pedras preciosas e arrumou-as sobre uma bandeja pela cor, o formato, o tamanho. A mãe teve que proteger os olhos contra tamanho brilho e gritou: “Esplendor! Esplendor!” Aladim comprou vestidos lindos para a mãe. E ela levou o presente e foi ao palácio real. O rei ficou deslumbrado com a beleza das pedras e disse a seu vizir: “Não achas que este Aladim que me presenteia com estas pedras é mais digno de minha filha que qualquer filho de rei?” O vizir mudou de cor, pois ele sonhava com a mão da princesa para seu filho. Solicitou ao rei um prazo de três meses para arrumar um dote mais precioso que as pedras de Aladim. O rei, que era conhecedor de pedras preciosas, sabia que ninguém seria capaz de tal façanha. Atendeu, assim mesmo, à solicitação do vizir para não magoá-lo. Disse à mãe de Aladim: “Anuncia a teu filho que seu pedido foi aceito. Mas o casamento só poderá realizar-se dentro de três meses.” Aladim alegrou-se de modo indizível. Dois meses depois, contudo, ao passar pela rua, sua mãe viu uma movimentação festiva de grandes proporções e perguntou o que era. -Estás brincando? responderam-lhe. Todo mundo sabe que hoje o rei dá a filha Badr Al-Budur em casamento ao filho do vizir. A mulher voltou para casa e deu a notícia a Aladim. A reação de Aladim foi melhor do que a mãe receava. “Trancou-se em seu quarto e esfregou a lâmpada. Logo apareceu o Afrit, pro clamando: “Sou o mestre da terra, do ar e das ondas, mas escravo da lâmpada e do dono da lâmpada. Quais são tuas ordens, meu amo?” Disse Aladim: “O rei recebeu de mim um presente de jóias e me prometeu a mão da filha Badr Al Budur. Agora, está casando-a com o filho do vizir sem sequer devolver-me o presente. Não posso admitir isso. Esta noite, quando os nubentes deitarem na cama nupcial, e antes que tenham tempo de se tocar mutuamente, levanta a cama

com os dois jovens e carrega-a até aqui. Cuidarei do resto.” Quando, terminadas as festividades, os dois nubentes se recolheram a seu aposento e deitaram na cama, sentiram a cama sendo levantada. Num fechar e abrir dos olhos, estavam no quarto de Aladim. Disse Aladim ao Afrit: “Apanha este alcoviteiro e tranca-o na latrina.” O Afrit levou o filho do vizir à latrina, colocou-lhe a cabeça no buraco e soprou sobre ele de tal forma que o petrificou como madeira. Virando-se para a princesa, disse Aladim: “Estás mais segura aqui do que no palácio de teu pai. Embora me fosses prometida, não te tocarei até que te tornes minha mulher legítima.” Estendeu-se ao lado dela, vestido, colocou uma espada entre eles dois e dormiu. No dia seguinte, ordenou ao Afrit libertar o noivo, coloca-lo de novo na cama ao lado da princesa e levar a cama de volta ao palácio do rei. Quando o rei e a rainha entraram na manhã seguinte no aposento da filha para se inteirar como tinha passado a noite nupcial, encontraram a filha chorando. Interrogando-a, ouviram sua história e pensaram que fosse vítima de algum pesadelo passageiro. Mas ficaram profundamente perturbados pelo aspecto do genro, correndo ao banheiro para lavar as imundícies de seu rosto. A noite seguinte foi a repetição da primeira. Pela manhã, ao ouvir novamente o relato da filha, o rei disse: “Filhinha querida, a culpa é minha por te ter casado com um jovem patife incapaz de cuidar de ti.” Chamou o vizir e desfez o casamento. Quando Aladim ouviu a notícia de que Badr Al-Budur estava divorciada ainda virgem, gritou na sua alegria: “Abençoada seja a lâmpada milagrosa!” E enviou de novo a mãe ao palácio renovar seu pedido de casamento. Disse-lhe o rei: “Dize a teu filho que o casamento será celebrado quando me tiver enviado quarenta pratos de ouro maciço cheios de jóias iguais àquelas que me trouxeste a primeira vez.” A mãe se desesperou, mas para Aladim a coisa era fácil. Esfregou a lâmpada e pediu ao Afrit os pratos e as jóias exigidas pelo rei, acrescentando: “Os pratos devem ser carregados por quarenta escravas jovens e belas como a lua e guardados por quarenta escravos negros, vistosamente trajados.” Seu desejo foi cumprido, e a procissão entrou no palácio do rei, acompanhada pela mãe de Aladim, a qual, dirigindo-se ao rei, disse que estava trazendo, em nome do filho, o dote solicitado. O rei perguntou a sua corte: “Que podemos dizer de um homem capaz de trazer tais jóias em menos tempo que levamos para pedi-las?” Os vizires, emires e demais dignitários que rodeavam o trono inclinaram-se em sinal de assentimento. E o rei disse à mãe de Aladim: “O casamento já está decidido”. Informado pela mãe, Aladim quis fazer uma entrada suntuosa no palácio. Esfregou a lâmpada e ordenou ao Afrit: “Quero que me tragas um cavalo de raça sem igual no mundo e uma túnica que os especialistas avaliariam em mil milhares de dinares de ouro. E quero quarenta e oito belíssimas escravas, cada uma com um vestido diferente e tendo suspenso ao pescoço um saco contendo 5 mil dinares de ouro.” O gênio desapareceu e logo reapareceu com tudo que lhe fora pedido. Aladim fez uma entrada majestosa no palácio de seu futuro sogro. O rei recebeu-o no alto da escada e disse-lhe: “Não há rei no mundo que não te desejasse por genro, ó Aladim”. O cádi e as testemunhas foram chamados, e o contrato de casamento celebrado na hora. O rei perguntou a Aladim: “Meu filho, não queres entrar no quarto de minha filha esta noite e consumir o casamento?” Respondeu: “Ó rei do tempo, se ouvisse o apelo de meu amor, entraria em vossa filha esta mesma noite. Mas prefiro que a consumação do casamento se faça num

palácio digno de meu amor e que pertença só a ela. Para tanto, solicito que Vossa Majestade me permita usar a vasta área que fica em frente a vosso palácio”.O rei concordou e acrescentou: “Que não haja demora, porque quero ver minha posteridade antes de morrer”. Aladim tranqüilizou-o e, voltando para casa, esfregou a lâmpada. - Agradeço teu bom empenho, disse ao Afrit. Agora, quero que construas para mim imediatamente um palácio completo digno de minha noiva na área vazia que fica em frente ao palácio real. Espaço, luxo, jóias, pedras preciosas, jardins encantados, torres: não te esqueças de nada e não economizes em nada. Quero o palácio mais luxuoso que já tenha sido construído. - Ouço e obedeço, respondeu o Afrit. Na manhã seguinte, o Afrit apresentou-se a Aladim para anunciar-lhe: “Mestre da lâmpada, tuas ordens foram cumpridas. Rogo-te vir ver o resultado.” Aladim ficou deslumbrado com o novo palácio. Mas o vizir, ao ver o palácio surgido da noite para o dia, disse ao rei: “Não há dúvida de que o genro de Vossa Majestade é um feiticeiro habilidoso.” - Tua insinuação me surpreende, ó vizir, retrucou o rei. Será que continuas a ter mágoa do jovem? Entretanto, debes saber que um homem capaz de oferecer os presentes que ele me ofereceu deve ser bastante rico e poderoso para construir um palácio por meios naturais numa única noite. Com certeza, a inveja te está cegando. A entrada da princesa Badr Al-Budur em seu novo lar foi de um esplendor histórico. Quatrocentos escravos, alternadamente brancos e pretos, com tochas de ouro, formaram duas alas entre as quais a princesa passou de um palácio a outro, acompanhada pela mãe de Aladim. À noite, um conjunto de quatrocentas dançarinas, vestidas como flores, executaram danças que só se vêem no Paraíso. Outros grupos de cantoras acrescentaram suas canções festivas. As jovens eram tão belas que cada uma poderia dizer à lua: “Some que eu tomo teu lugar.” Suas vozes eram tão melodiosas que poderiam dizer aos rouxinóis: “Calai-vos e ouvi-nos cantar.” Durante anos e anos, a vida de Aladim foi uma cadeia ininterrupta de dias felizes. Gozava do amor da mulher, da mãe, do povo e da admiração do rei, seu sogro. No entanto, nunca esquecia a sua infância de pobreza. Ajudou as camadas menos favorecidas da população e tornou-se o ídolo de todos. Sua coragem também se manifestou ao derrotar certas tribos que se rebelaram contra o sultão. Quando o rei morreu, Aladim herdou o trono e continuou na felicidade até a chegada do demônio da morte, demolidor de todas as alegrias e ladrão de todas as vidas.

CONVITE À PAZ UNIVERSAL

Conta-se que um xeque venerável possuía uma bela criação de aves domésticas que produziam ovos e frangos grandes e apetitosos. Ora, naquela capoeira havia um grande e maravilhoso galo, de voz ressonante e plumagem vistosa que, além dos seus distintivos físicos, era dotado de sabedoria e sagacidade e conhecia as zonas sombrias do coração. Sabia também ser justo e atencioso para com suas esposas e evitar provocar nelas ciúmes e ressentimentos. Era citado como modelo em tudo, e seu dono chamava-o Voz-da-Aurora. Certo dia, Voz-da-Aurora saiu a descobrir as terras que se estendiam para além da capoeira. Encantado com o que via, foi picando os grãos de trigo ou cevada ou milho que encontrava pelo caminho até que, levado mais longe do que planejara,

achou-se num sítio selvagem que nunca visitara e onde tudo lhe parecia estranho e hostil. Começou a preocupar-se e soltou alguns gritos ansiosos. Enquanto procurava o caminho da volta, viu uma raposa correndo na sua direção. Temendo por sua vida, voltou as costas e voou com toda a força de suas asas até o alto de um muro em ruínas onde a raposa não era capaz de atingi-lo. A raposa chegou ao pé do muro e, vendo que lhe era impossível subir até o galo, levantou a cabeça para ele e disse-lhe: “A paz esteja contigo, ó figura de bom augúrio, ó meu irmão, ó companheiro encantador.” Mas Voz-da-Aurora não respondeu à saudação nem olhou na direção da raposa. A raposa não desanimou e disse-lhe: “Ó meu prezado e bonito amigo, por que não olhas para mim nem me saúdas quando te trago notícias maravilhosas?” O galo permaneceu calado e inamistoso. A raposa tornou: “Ó meu irmão, se soubesses de que boa notícia encarregaram-me de te trazer, descerias imediatamente para me abraçar e beijar-me na boca.” Mas o galo permaneceu indiferente, e fixava ao longe seus olhos redondos. - Fica sabendo, meu irmão, disse de novo a raposa, que nosso senhor leão, sultão dos animais, e nossa senhora águia, sultana das aves, acabam de reunir uma assembléia no meio de um prado cheio de flores e de córregos, com a participação de todos os animais da Criação, tigres, hienas, leopardos, lince, panteras, chacais, antílopes, lobos, carneiros, rolas, codornizes e demais aves e animais. Nessa assembléia, decretaram que, de hoje em diante, a segurança, a fraternidade e a paz reinarão em toda a extensão da terra habitada; que laços de afeto mútuo e de simpatia ligarão todas as aves e todos os animais domésticos e selvagens, sepultando-se para sempre os antagonismos e ódios raciais. “Também proclamaram que fosse quem fosse que não aplicasse essas novas normas seria levado diante deles para ser sumariamente julgado e condenado. Ademais, designaram-me seu único representante para divulgar essas decisões em toda parte e para levar até eles quem estiver desobedecendo às citadas determinações. “É por isso, deleitável irmão, que me vês aqui a oferecer-te minha amizade e as relações mais fraternas.” Mas o galo parecia nem ouvir nem se interessar.

A raposa, sentindo já a carne tenra da ave sob os dentes, insistiu: “Meu irmão, não te dignas nem lançar um olhar sobre a representante de nossos senhores o leão e a águia? Devo lembrar-te que, se permaneceres nesse mutismo, terei que comunicar tua conduta ao conselho da assembléia. E receio que sejas então condenado à morte, pois nossos amos estão determinados a concretizar a paz universal, mesmo que tenham que destruir, a serviço desse nobre ideal, a metade das aves e dos animais.” O galo, que se tinha mantido numa altiva indiferença, esticou o pescoço e virou-o um pouco para que ele e a raposa pudessem ver-se diretamente e disse: “Ao contrário, minha irmã, ouvi tuas palavras com toda a atenção, e inclino-me diante de tua qualidade de mensageira e comissária de nossa ama a águia. Meu silêncio não era rebelião, mas a necessidade de fixar a atenção numa coisa que vejo por além desta planície e que me preocupa.” - E o que vês ao longe? exclamou a raposa. Espero que não seja nada calamitoso. O galo esticou o pescoço um pouco mais e disse: “Minha irmã, como não percebes o que vejo, quando Alá te concedeu a graça desses olhos penetrantes?” - Mas enfim, dize o que vês. Tua posição nesse muro te permite ver o que não vejo daqui. O galo Voz-da-Aurora respondeu: “Em verdade, vejo um bando de falcões correndo para cá. E vejo qualquer coisa que anda com quatro patas, de pernas

altas, de feitio longo e delgado, de cabeça fina e pontiaguda e de orelhas longas. - Será um cão lebréu? perguntou a raposa, tremendo dos pés à cabeça. - Não sei se é um cão lebréu, mas é certamente um cão audacioso. Ao ouvir estas palavras, a raposa exclamou: “Vejo-me na obrigação de despedir-me de ti, ó meu irmão.” E voltou as costas e desatou a correr. - Espera, espera, minha irmã, espera por mim, gritou o galo. Eu desço. - É que tu não sabes, mas eu tenho uma grande antipatia pelo cão lebréu que não é meu amigo nem pessoa de minhas relações- Mas não me disseste que vinhas proclamar o decreto da paz e da amizade entre todos os animais domésticos e selvagens? - Sim, é verdade, mas esse cão faltou ao nosso congresso e receio que não tenha sido informado das decisões tomadas e prossiga na sua inimidade contra mim. Que Alá te proteja até minha volta. Tendo assim falado, a raposa desapareceu ao longe. E o galo, que escapou da morte graças a sua finura e sagacidade, voltou feliz para sua capoeira e contou às aves sua aventura. As galinhas se regozijaram, e os galos celebraram sua vitória com um canto sonoro.

EMBUSTES DE UMA MULHER

Conta-se, ó afortunado rei, que havia uma jovem senhora da nobreza cujo marido estava sempre viajando para perto e para longe. Com o tempo, a tentação da carne tornou-se irresistível, e um jovem de lindas proporções estava lá para tornar a tentação ainda mais poderosa. Amaram-se com intensidade e satisfizeram-se mutuamente com alegria, levantando-se para comer, comendo para deitar, deitando para fornicar. Um dia, o jovem entrou numa briga, e o uáli mandou encarcerá-lo. Ao saber disto, a mulher se enfureceu e concebeu um plano audacioso para libertá-lo. Vestiu-se e enfeitou-se com o máximo requinte, e solicitou e obteve uma audiência com o uáli. Após saudá-lo, disse: “Ó meu senhor uáli, amo de todos nós, o tal jovem que mandaste encarcerar é meu irmão e o único sustento da família. Seu acusador é um patife, e as testemunhas prestaram falso testemunho. Vim solicitar-te a sua libertação. Se recusares meu pedido, a nossa casa cairá em ruínas e eu morrerei de fome.” O uáli sentiu seu coração e seu corpo violentamente agitados pela beleza da mulher. Respondeu: “Estou disposto a libertar teu irmão em certas condições. Vai agora para minha casa. Quando as audiências terminarem, irei conversar contigo sobre o assunto”. Compreendendo o que o uáli queria, a moça disse consigo mesma: “Juro por Alá, ó barba suja, que jamais tocarás em mim nem mesmo na eternidade”. Mas em voz alta disse: “Ó meu senhor uáli, não seria melhor que viesses à minha casa onde poderemos conversar mais à vontade? Pois ir para tua casa me constrangeria demais”. - E onde fica a tua casa? perguntou o uáli. - Na rua tal e tal. Esperar-te-ei esta tarde ao pôr-do-sol. E saiu, deixando o uáli numa deliciosa expectativa. Foi então ao cádi, que era um velho caduco, e disse-lhe: “Ó meu senhor cádi, rogo-te baixar os olhos da justiça sobre minha causa.” “Quem te oprimiu?” perguntou o cádi. - Um malvado, um velhaco que levou meu irmão, único sustento de minha família, para a cadeia com falsas testemunhas. Rogo-te interceder por mim para que meu irmão seja libertado. Ao ver e ouvir a mulher, o cádi sentiu despertarem nele desejos que pareciam mortos. Respondeu: “Cuidarei pessoalmente do caso de teu irmão. Vai agora para o harém de minha casa. Irei

procurar-te assim que sair daqui, e conversaremos. Tudo farei para atender a teu pedido.” “Filho da puta” disse a mulher consigo mesma. “Nem no Dia do Julgamento deixarei um caduco como tu possuir-me.” E acrescentou em alta voz: “Ó amado mestre, não será melhor esperar-te na minha casa onde ninguém nos perturbará?” - E onde fica a tua casa? A moça indicou-lhe o endereço e acrescentou: “Esperar-te-ei hoje momentos depois do pôr-do-sol.” De lá, foi ao ministro do rei e repetiu as mesmas alegações. - A coisa é fácil, disse o ministro. No entanto, vai agora até o harém de minha casa. Irei procurar-te, e conversaremos a respeito. . - Pela vida de tua cabeça, ó meu amo, respondeu a moça. Sou uma mulher tímida e não teria a coragem de ir até teu harém. Minha casa é mais apropriada para nossa conversa. Esperar-te-ei hoje mesmo uma hora após o pôr-do-sol. Deu-lhe o endereço e foi ao palácio do rei. Mal a viu, o rei maravilhou-se com sua beleza e disse consigo mesmo: “Por Alá , este é um prato a ser devorado quente.” Depois, perguntou-lhe: “Que queres de mim? Alguém te oprimiu?” - Não pode haver opressão enquanto viver nosso amo o rei. - Em que posso ajudar-te? - Dando-me uma ordem para a libertação de meu irmão. Foi encarcerado pela iniquidade de um malandro e de umas falsas testemunhas. - A coisa é fácil, disse o rei. Vai espera-me no meu harém, minha filha. A justiça seguirá seu curso. - Neste caso, aventurou-se a responder, não será preferível esperar Vossa Majestade na minha casa? Vossa Majestade sabe que tal conversação requer diversos preparativos: banho, perfumes e tudo mais. Poderei tomar essas providências mais facilmente em minha casa, que passará a ser, a partir desta noite, um verdadeiro palácio digno de receber Vossa Majestade tantas vezes quantas quiser. - Seja, disse o rei. Após entenderem-se sobre o lugar e a hora, a mulher foi procurar um carpinteiro e disse-lhe: “Quero que me mandes hoje mesmo no fim da tarde um armário com quatro compartimentos, um acima do outro. Cada um deve ter porta independente e boa fechadura.” - Por Alá, respondeu o carpinteiro, não conseguirei encarregá-lo hoje mesmo. - E se te pagar o que quiseres? - Neste caso, o armário estará pronto. E não quero por ele nem prata nem ouro, mas um certo favor que podes adivinhar. - Aceito, disse a moça. Mas neste caso, manda pôr cinco compartimentos no armário. E vem à minha casa esta noite após mandar entregar o armário, e conversaremos até a madrugada. Deu seu endereço ao carpinteiro e foi para casa. Arrumou cinco roupões de cores e cortes diferentes, preparou comidas e bebidas, encheu a casa de flores, banhou-se e perfumou-se e sentou-se à espera de seus convidados. No fim da tarde, o carregador do marceneiro entregou o armário, e ela mandou colocá-lo na sala de visitas. Logo em seguida, bateram à porta. Era o uáli. Sua anfitriã levantou-se em sua honra, beijou a terra entre suas mãos, convidou-o a sentar-se e ofereceu-lhe refrescos. Ele quis abraçá-la imediatamente, mas ela se afastou com jeito, dizendo: “Vamos fazer a coisa com refinamento, meu amo. Não gostarias de tirar a roupa, primeiro, para ficar mais livre em teus movimentos?” O uáli concordou, encantado, e pôs um dos roupões, que a moça lhe apresentou. Logo, porém, ouviu-se bater à porta. -Estás esperando alguém? perguntou o uáli de mau humor. Ela respondeu, fingindo terror: “Por Alá, não. Mas havia esquecido que meu marido vinha para casa esta noite. É com certeza ele que está batendo à porta.” -Que iremos fazer? Perguntou o uáli, perturbado. Que será de mim? - Não te preocupes. Ele não demorará a sair de novo. Deixa-

me esconder-te neste armário. Abriu o compartimento mais baixo e obrigou o uáli a se acomodar nele, acocorado. Trancou o compartimento e foi abrir a porta. Era o cádi. Recebeu-o da mesma forma, convidando-o a se libertar da roupa e colocar um roupão. Assim que ele quis lançar-se sobre ela, deteve-o e perguntou: “Meu amo, escreveste a ordem para a libertação de meu irmão?” O cádi escreveu a ordem lá mesmo. A moça guardou a ordem e quis oferecer refrescos. Mas logo bateram à porta. - O que será? perguntou o cádi. Estás esperando visitas? - Por Alá, não. Deve ser meu marido, disse a mulher, fingindo estar aterrorizada, e obrigou o cádi a ocupar o segundo compartimento do armário. Trancou o compartimento e foi abrir a porta. Era o ministro. Foi tratado da mesma forma. O rei chegou por sua vez e teve que acomodar-se num compartimento onde, sendo gordo, quase quebrou os ossos e foi tomado de uma raiva surda. Enfim, chegou o carpinteiro e foi encarcerado no último compartimento de seu próprio armário. A moça levou então a ordem do juiz aos guardas da prisão, os quais libertaram-lhe o amante sem nada perguntar. Os dois voltaram para a casa da moça, e, para celebrar tantos eventos, copularam lá mesmo, longa e demoradamente, e com bastante agitação e ruídos. Os cinco prisioneiros do armário tudo ouviam, mas nenhum deles ousou levantar a voz. Por fim, os dois amantes juntaram tudo que tinha valor na casa, inclusive as roupas magníficas dos altos dignitários. Venderam o restante e foram embora viver num outro reino. Dois dias depois, os cinco infelizes do armário foram tomados simultaneamente da necessidade de urinar. A urina do carpinteiro caiu sobre a cabeça do rei, a do rei sobre a cabeça do ministro, a do ministro sobre a cabeça do cádi e a do cádi sobre a cabeça do uáli. Todos, menos o rei e o carpinteiro, gritaram: “Que nojo!” O cádi reconheceu a voz do ministro, e o ministro, a voz do cádi. Disseram: “Felizmente, o rei escapou desta sujeira de aventura.” Mas o rei interveio: “Ficai quietos, eu também estou no armário.” Neste momento, o marido da mulher chegou da viagem. Entrou na casa e achou-a vazia. Ouvindo vozes humanas saindo do armário, supôs que eram Afarit. Chamou os vizinhos, e todos concordaram em pôr fogo no armário para acabar com os gênios. Ouvindo isso, o cádi chamou do interior do armário: “Boa gente, não somos nem Afarit nem assaltantes. Somos Fulano, Sicrano e Beltrano.” E contou como a mulher os tinha enganado. Os vizinhos quebraram as fechaduras do armário e encontraram cinco homens pálidos, acanhados e disfarçados em roupões esquisitos. Todos consolaram-se de sua desgraça, rindo e improvisando versos que falavam mal das mulheres. Disse o cádi: As mulheres são demônios que a vida nos impõe. Proteja-nos Alá das perfídias dos demônios. São elas as causas de todas as desgraças, tanto na vida mundana como na religiosa. O uáli fez-lhe eco: As mulheres, embora simulem a virtude, são como presas que as águias revolvem. Hoje dão-te seu corpo e suas juras. Mas amanhã, outro terá suas pernas e o resto, como o khan onde passas a noite, substituindo-te depois quem não conheces. O rei disse ao desolado marido: “Não te aflijas, pois nomeio-te meu segundo vizir.” Depois, mandaram buscar roupa decente e foram embora.

DUAS GAZELAS SEM CLARINETE

Sabereis, ó meu senhor e coroa de minha cabeça, que quando entrei para o serviço da polícia no Cairo, sob as ordens de nosso chefe Alam Eddim, já gozava de grande fama. Todo filho de alcoviteiro, todo filho de cachorro, todo filho de criminoso e todo filho de prostituta me temia e fugia de mim como se fosse a febre amarela. Quando rodava a cavalo pela cidade, as pessoas apontavam para mim e se inclinavam até o chão. Mas eu não ligava para elas mais que para uma mosca que tivesse pousado no meu zib e andasse nele com orgulho. Um dia, estava sentado na corte do uáli quando algo pesado caiu no meu colo. Apanhei-o e verifiquei que era uma bolsa lacrada contendo cem dinares. Olhei em todas as direções, mas não vi ninguém. Agradei a Alá e escondi a filha no seio do pai. No dia seguinte, meu serviço levou-me ao mesmo local, e outra bolsa com cem dinares caiu no meu colo. Também não havia ninguém olhando. Mandeí a segunda filha fazer companhia à primeira. No terceiro dia, tomei minhas precauções. Assim que cheguei ao local do serviço, fechei os olhos e fingi que estava dormindo. Logo, senti uma mão macia procurar algo na vizinhança de meu umbigo. Como não tinha, naquela zona, nada que a pessoa certa não pudesse levar, continuei imóvel. Mas quando ela apanhou o próprio tesouro, agarrei-lhe a mão e, abrindo os olhos, vi que a proprietária da aventureira mão era uma adolescente bela como uma fada. Fitava-me rindo. Ó meu senhor sultão, era um autêntico jasmim. “Bom dia”, disse-lhe. “O tesouro e o dono do tesouro são teus. Dize-me apenas de que jardim és a rosa.” Então, a jovem fez sinal para que me levantasse, e disse: “Segue-me, se desejas saber quem sou.” Sem hesitação, levantei-me e segui-a. Quando chegamos a um beco sem saída, fez-me sinal de que podia aproximar-me. Aproximei-me dela, sorrindo, e tirei meu instrumento para fora. Ela, porém, olhou-o com desprezo e disse: “Deixa-o onde estava, capitão Munhem.” - Ouço e obedeço, respondi. Mas, dize-me, ó filha da retidão, se meu zib não te tenta, por que me ofereceste duas bolsas cheias e remexeste no meu umbigo e me trouxeste a este lugar escondido tão próprio para o jogo que estás recusando? - Ó capitão Munhem, respondeu, és o homem que mais confiança me inspira nesta cidade. Eis por que me dirigi a ti; mas é por um motivo bem diferente do que supões. Sou uma mulher apaixonada por outra mulher. Um fogo queima-me dia e noite. Ela é a própria filha do cádi. E entre nós aconteceram coisas que pertencem aos mistérios do amor. Há também entre nós um pacto e um juramento de que nenhuma de nós jamais se casará ou será tocada por um homem. Tornamo-nos inseparáveis. Comíamos no mesmo prato. Bebíamos no mesmo copo. Dormíamos na mesma cama. Mas agora, o maníaco que ela tem por pai, desconfiado, isolou-a e ameaçou cortar-me mãos e pés se eu tornar a penetrar na sua casa. Sei que ela ficou doente por causa de nossa separação, como eu própria fiquei doente. É para ajudar-me a ter algum contato com ela que apelei para ti. - E desde quando as moças se transformaram em rapazes e que espécie de paixão pode uma mulher sentir por outra mulher? repliquei na minha surpresa. Pode uma galinha montar em outra galinha? - Cala-te, ó chefe, porque esse é um dos mistérios do amor que poucas pessoas conseguem compreender. Basta-te saber que conto contigo para me ajudar a penetrar na casa do cádi. - E como poderei conseguir coisa tão complexa e perigosa? perguntei. - Se não sabes, então ouve e obedece, disse-me. Esta noite, sairei de casa vestida como um pavão, com meus vestidos mais bonitos e velada

de tal modo que ninguém, senão tu, me reconhecerá. Irei sentar-me na rua perto da casa do cádi. Tu e os guardas às tuas ordens, achando que uma moça assim vestida não deve ficar na rua sozinha, pois corre o risco de ser violentada e roubada, me interrogarão. Direi que saí do bairro onde moro para fazer compras e me perdi. Surpreendida pela escuridão, fiquei esperando que alguma família de respeito me permitisse passar a noite em sua casa. Tu e teus guardas terão pena de mim, passarão em revista os que poderiam acolher-me e, como estarei perto da casa do cádi, a ele pedirão esse asilo. O cádi me fará entrar no seu harém, e assim ficarei junto da minha amada. Achei o plano brilhante, digno da temível astúcia feminina.

Concordamos sobre a hora do encontro, e cada um seguiu seu caminho. À meia-noite, executamos o plano ponto por ponto e, quando o cádi disse: “Que ela seja bem-vinda. Minha filha cuidará dela”, confiei-lhe o fardo explosivo. No dia seguinte, voltei para retomá-la. O cádi recebeu-me gritando: “Vergonha dos homens ordinários! Plantaste uma ladra na minha casa, que me roubou toda a minha fortuna! Tens de encontrá-la, senão queixar-me-ei ao sultão que te fará saborear a morte.” Como lhe pedisse mais explicações, contou-me que a jovem a quem ele dera asilo a meu pedido desaparecera, levando um cinturão dele que continha 6 mil dinares, “tudo quanto eu possuía.” Acrescentou: “Tu conheces essa ladra. De ti exijo meu dinheiro.” Fiquei mudo de espanto. Depois, pedi-lhe um prazo de três dias para localizar a moça. Concordou, renovando, contudo, suas ameaças, caso minhas pesquisas não tivessem êxito. Pensando na minha tarefa, achei-a inteiramente impossível e desesperadora. Como reconhecer aquela mulher entre todas as mulheres veladas que circulam nas ruas do Cairo? E como procurá-la nos haréns sem provocar uma rebelião? Preferi, pois, passar os três dias em casa a chorar sobre minha sorte e me despedir da vida. No quarto dia, dirigia-me à casa do cádi para entregar meu pescoço à força quando, passando numa rua, percebi a moça numa janela. Não se escondeu. Ao contrário, fez-me sinal para entrar. Antes que pudesse dirigir-lhe as queixas e insultos que preparara, mostrou-me dois cofres cheios de jóias, rubis, esmeraldas, diamantes e outras pedras preciosas. Depois, mostrou-me um terceiro cofre cheio de moedas de ouro e disse: “Quando se é rica como sou, rouba-se por roubar? Tirei os 6 mil dinares daquele cara de merda para que morresse de raiva, sabendo a que ponto é avaro! Podes, se quiseres, tirá-los deste cofre e devolver-lhe. Mais do que isso, porém, está em jogo.” E explicou: “O cádi deve estar esperando por ti sobre brasas para te condenar. Vai até ele e torna te acusador em vez de réu. Dize-lhe que procuraste por mim em toda a cidade, que ouviste guardas e testemunhas e que tudo indica que eu não saí da sua casa e que, provavelmente, fui vítima lá mesmo de alguma agressão. E pede sua autorização para investigar a casa. Ele concordará logo para provar sua inocência. Percorre a casa toda antes de chegar à cozinha. Não me encontrando, baixa a cabeça e põe-te a lamentar e te desculpar por o teres importunado. Então, entra como por acaso na cozinha e olha dentro de uma grande bilha de óleo. Nela encontrarás, e a todos os presentes mostrarás, meu véu, minha camisa, minhas meias todas manchadas de sangue. Não precisarás de muita habilidade para reduzir o homem a nada, pois, com sua idade e respeitabilidade, ele não quererá ser objeto de escândalo e te pagará o que quiseres para abafar o caso.” Mais uma vez, a estratégia da moça revelou-se

infalível. O cádi caiu diante de mim como uma árvore atingida por um raio. Depois, disse-me: “Bom capitão Munhem, este é realmente um caso enigmático. Somente Alá é capaz de esclarecê-lo. Mas se o deixares entre nós, não estarás perdendo.” E colocou nas minhas mãos um saco cheio de dinheiro. Deixei-o mais morto que vivo e corri a levar a notícia à moça. Recebeu-a rindo, e disse: “Agora ele não viverá muito tempo.” De fato, três dias depois, morreu de uma ruptura da vesícula biliar. Quando procurei a moça para apresentar meus pêsames, fui informado pelos serventes de que tinha ido para uma fazenda que possuía perto de Tantah, às margens do Nilo, acompanhada pela filha do cádi. Procurei em vão descobrir-lhes o paradeiro. E continuo a não compreender o que duas gazelas podem fazer juntas sem a presença de um clarinete.

JÓIAS DE GOHA

Conta-se, ó afortunado rei, nos antigos anais dos sábios, que vivia certa vez na cidade do Cairo um camarada de aparência idiótica que ocultava, sob uma bufonaria extravagante, uma fonte inesgotável de sagacidade e saber. Era o mais divertido, o mais instruído e o mais irônico homem de seu tempo. Seu nome era Goha. Não exercia profissão alguma, embora substituísse vez ou outra o pregador nas mesquitas. Certa vez, perguntou a um grupo de homens: “Ó muçulmanos, sabeis por que Alá não deu asas ao camelo e ao elefante?” Responderam: “Nós não sabemos. Mas tu, para quem nenhuma ciência tem segredos, podes com certeza esclarecer-nos.” Explicou Goha: “Se o camelo e o elefante tivessem asas pousariam nas flores em vossos jardins e, sendo muito pesados, esmagariam as flores.” Outra vez, um amigo bateu na porta de Goha, dizendo: “Em nome da amizade, ó Goha, empresta-me teu burro, pois preciso fazer uma viagem urgente.” Goha, que não confiava no homem, respondeu: “Atenderia com prazer a teu pedido. Infelizmente, já vendi meu asno.” Neste momento, o asno pôs-se a zurrar e zurrar. O amigo gritou: “Mas teu asno está aqui!” Numa voz que simulava profunda ofensa, Goha replicou: “Se confias na palavra de um asno mais do que na de um sábio, és um tolo e não quero mais ver tua cara.” Outra vez, Goha estava viajando com uma caravana que dispunha de poucos mantimentos. Na hora da refeição, sentaram-se para comer e dividiram igualmente o que havia. Todos sabiam que Goha tinha um apetite de camelo. Naquele dia, porém, retraiu-se discretamente. Seus companheiros insistiram para que apanhasse o rolo de pão e o ovo cozido que eram seu quinhão. Respondeu: “Não! Não! Pelo nome de Alá, comi e ficai felizes! Mas se fizerdes mesmo questão de que coma algo, que cada um de vós me dê a metade de seu rolo de pão e a metade de seu ovo, pois meu estômago não pode engoli-los inteiros.” Goha foi certa vez ao açougue e disse ao dono: “Estou oferecendo uma festa hoje em casa. Dá-me o melhor pedaço de um cordeiro gordo!” O açougueiro deu-lhe um lombo de carneiro de peso considerável. Goha levou-o para casa e pediu à mulher que preparasse quebabs temperados com cebola. E foi dar uma volta no mercado. Assim que saiu, a mulher preparou a carne às pressas e comeu-a toda com o irmão. Quando Goha voltou, esfomeado, com o apetite aguçado pela expectativa, a mulher serviu-lhe um pão mofado e um pedaço de queijo grego. -

Onde estão os quebabs? perguntou. - O gato comeu-os todos quando saí por um momento. Goha levantou-se sem dizer uma palavra, apanhou o gato e pesou-o na balança da família. Não pesava nem a metade da carne comprada. Goha virou-se para a mulher com raiva: “Sórdida filha de mil cachorros, se este peso é da carne, cadê o gato? E se é do gato, cadê a carne?” Certa noite, os amigos de Goha disseram-lhe: “Ó Goha, como sabes tudo sobre a astronomia, dize-nos o que acontece à lua após o último quarto.” - Não vos ensinaram nada na escola? ironizou Goha. Após o último quarto, Alá tritura a lua para fazer estrelas. Uma vez, Goha sentiu o desejo de copular e tirou sua herança de seu esconderijo. Uma abelha pousou na ponta do tesouro. Goha encheu-se de orgulho e exclamou: “Por Alá, és sábia, ó abelha. Descobriste a melhor fonte de mel de todo o jardim.” Um dia, o terrível conquistador Timur Lenk, que não era somente zarolho e coxo, mas também extremamente feio, estava conversando com Goha enquanto o barbeiro real cortava-lhe o cabelo. Quando o homem passou-lhe o espelho, olhou-se a si mesmo e pôs-se a chorar. Goha pôs-se a chorar também. Quando ambos haviam chorado e suspirado durante três horas, Timur-Lenk se acalmou, mas Goha prosseguiu nas suas lamentações. - Qual é o problema? perguntou o conquistador, surpreso. Chorei porque vi minha feiúra no espelho, enquanto tu, que não tens motivos para sentir-te infeliz, continuas a verter lágrimas. - Só posso responder com franqueza e respeito, ó soberano do mundo. Se choraste três horas por uma simples olhada à tua feiúra no espelho, será surpreendente que teu escravo chore horas ilimitadas por ter que olhar para essa mesma feiúra ao longo dos dias. Em vez de ficar enraivecido, Timur-Lenk riu até que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Numa ocasião, Goha deitou-se na relva pela estrada num dia de calor e segurou sua preciosa vara na mão. Um transeunte gritou-lhe: “Que estás fazendo, ó sem-vergonha?” Não vejo vergonha alguma num pai levando o filho para respirar o ar puro. Aliás, ó homem de mau augúrio, para o limpo e o puro, todas as coisas são limpas e puras, e não há vergonha alguma em cuidar das coisas que ficam abaixo de nossas cinturas. Um dia, o califa perguntou a Goha: “Ó Goha, sabes quantos doidos há em Bagdá?” - A relação seria um pouco longa, meu senhor, respondeu. - Assim mesmo, peço-te prepará-la, e vê que seja completa. Goha deu uma risada e disse: “Como detesto qualquer trabalho pesado, farei uma lista das pessoas de bom senso que vivem em Bagdá. Os que não figurarem nela são os doidos.” O mestre dos provérbios disse: “Quando alguém é um cão, filho de um cão, neto de um cão, e toda a sua linhagem é formada de cães, como poderá deixar de ser um cão e de agir como cão?” Disse também: “Felizes os cegos e os surdos porque não se expõem às calamidades que resultam para nós do que entra pelos olhos e os ouvidos.” Dizem a Goha: “O tempo passa.” E ele não compreende, pois nada vê passar. Dizem a Goha: “Nossa hora chegará.” E ele, examinando o céu azul, o acha vazio e nada vê chegar. Os homens com quem dialoga mostram-lhe um relógio: “Vê. Cada vez que esta pequena agulha faz a volta do quadrante, um dia se vai.” Goha pergunta: “Será este o tempo? E em que m interessa? A agulha gira sem tocar em mim.” Dizem-lhe: “A cada volta da agulha, a cada palavra que pronuncias, o tempo passa.” - E se eu ficar calado? - O tempo passa da mesma forma. - Para os outros, não para mim. - Para ti como para os outros. - E se eu for dormir no deserto? - O tempo passará assim mesmo, pois em teu peito teu coração continuará a bater. - E se

fizer parar meu coração? - Farás parar o tempo. Uma turma de jovens maliciosos, querendo brincar, convidam Goha a uma festa. Ele aceita e fica surpreendido com a magnífica recepção que lhe reservam. Mas sua surpresa dura pouco. Incapaz de discernir a ironia nos discursos enfáticos que lhe dirigem, breve sente-se igual a eles. Uaddah As-Salem, Makram Kendi e Abu-Zeid apressam-se em volta dele e enchem-no de guloseimas e de adulações. Goha sente um bem estar celestial. Responde espontaneamente a todas as perguntas e ri com os outros, sem perceber que se riem dele. - Suponhamos, diz Uaddah, que uma beduína, montada num camelo, seja detida no seu caminho por uma ponte, pois a sua cabeça ultrapassa a altura da ponte. Que deve ela fazer? - Demolir a ponte, responde gravemente Makram Kendi. - Cortar as pernas do camelo, retruca Abu-Zeid no mesmo tom sério. - Por quê? reclama Goha. Basta-lhe abaixar a cabeça. Ao ouvir essas palavras, os moços apoderam-se de Goha, beijam-lhe as faces, abraçam-no com força e gritam: “Ó flor da inteligência! Tu, o mais formoso entre nós!” Goha aperta as mãos que se lhe estendem e, a garganta sufocada pela emoção, repete:

- Basta-lhe abaixar a cabeça.

- Vem cá, Mohamed, grita Uaddah a um servente. O filho de Hajji Mahmud falou! Está morrendo de sede. Traze bebidas! Um dia, Goha recebeu a visita de um de seus amigos, que o encontrou estendido num divã, com os pés cruzados sob o corpo, à maneira oriental, o narguilé na boca e, sobre uma grande mesa, sua bebida e seus aperitivos.

- Dize-me como te arranjas para viver tão bem quando não fazes nada o dia todo, disse o amigo.

- É muito simples, replicou Goha. Com minhas economias, comprei o único poço da aldeia, e meu asno gira a roda doze horas por dia, fornecendo-me jarras e jarras de água, que vendo a toda a população. - Mas quem te diz que teu asno não pára de trabalhar? Do interior de tua casa, não podes vigiá-lo. - Quando a sineta que amarrei a seu pescoço deixa de tocar, sei que ele não está mais trabalhando. - Mas supõe que teu asno se senta e agita a cabeça da direita para a esquerda: pensarás que está trabalhando quando está repousando. - Quando meu asno se tornar tão inteligente assim, concluiu Goha, então tomará meu lugar e eu girarei a roda do poço.

O CÁDI-MULA E O COBRADOR DE IMPOSTOS

Contam, ó afortunado rei, que vivia antigamente numa das cidades do Egito um cobrador de impostos cuja profissão obrigava-o a ficar muito tempo fora de casa. Como, por outro lado, faltava-lhe força, no sentido dado pelas mulheres a esta palavra, sua esposa não hesitou em aproveitar as freqüentes ausências. Arrumou um amante lindo como a lua e sempre pronto a satisfazê-la. Amava-o tanto que, além de devolver seus serviços em espécie, ainda dava-lhe bastante dinheiro em reconhecimento pelos seus dotes extraordinários. Glorificado seja Alá, que dá poder a uns e impotência a outros! Certo dia. O marido da moça arreou sua mula para ir cobrar impostos. É pediu à mulher preparar-lhe provisões para a viagem. Impaciente para vê-lo partir, a mulher pôs-se imediatamente ao trabalho, mas constatou que faltava pão. O marido ofereceu-se para ir buscá-lo na

padaria. Enquanto o marido estava comprando pão, surgiu o amante, pensando que já tinha o campo livre. Chegou, gritando que precisava na hora de trezentos dinares.

- Meu amor, não disponho dessa importância nem sei onde consegui-la assim de imediato.

- Mas eis a mula, minha irmã, insistiu o jovem. Dá-me a mula. Poderei vendê-la por trezentos dinares.

- Enlouqueceste? Quando meu marido voltar e não encontrar a mula, que fará senão bater em mim?

Mas o amante soube usar argumentos que levaram a moça a aceitar o risco de apanhar. Entregou a mula, tendo, contudo, o cuidado de ficar com os arreios. Ao voltar com o pão, o marido foi ao estábulo para carregar a mula e só encontrou o elmo pendurado num prego e a sela jogada por cima do feno. Gritou para a mulher: “Onde está a mula?” Respondeu: “Ele acaba de sair. Parou na soleira e me disse que iria administrar a justiça no divã.”

- Ousas brincar comigo, berrou o marido, levantando a mão.

Não sabes que posso esmagar-te com um só golpe?

- O nome de Alá esteja sobre nós dois, retrucou a mulher sem se perturbar. Por que brincaria contigo? Por que iria enganar-te? Mesmo que tentasse fazê-lo, como conseguiria, sendo tu tão penetrante e astuto e bem mais inteligente que eu? Mas devo confessar-te um segredo que não te revelei antes por medo de atrair alguma desgraça sobre nós: a mula é enfeitiçada e, às vezes, transforma-se num cádi.

- Olá! Olá! cantou o cobrador, rindo. Encontra algo melhor.

Mas a moça cortou-lhe a palavra, dizendo: “A primeira vez que vi um homem estranho sair de nosso estábulo, entrei em pânico, cobri o rosto com uma dobra de meu vestido e preparava-me para fugir quando ele se aproximou de mim, dizendo numa voz grave e educada: “Fica calma, minha senhora. Eu não sou um estranho. Sou a mula de teu marido. Por natureza, sou um ser humano, um cádi. Fui transformado em mula por certos inimigos maldosos, adestrados na magia. Mas sendo assim mesmo bons muçulmanos, deixam-me vez ou outra retomar minha forma humana e ir ao divã exercer minhas funções. É meu destino viver ora como cádi, ora como mula, até que Alá, na sua bondade, quebre o feitiço e me liberte de meus desafetos. Bondosa ama, rogo-te, em nome de teus próprios pais, nada contes a teu marido, o cobrador de impostos, porque, sendo um homem íntegro e religioso, se vier a saber que possui uma besta enfeitiçada sob seu teto, será capaz de querer livrar-se de mim e talvez me venda a algum agricultor que me sobrecarregue de trabalho da aurora ao crepúsculo, alimentando-me com feijão podre. Eu não agüentaria isso, depois de me ter habituado aos modos generosos e distintos de teu marido. Mais uma coisa, bondosa ama: rogo-te solicitar ao nobre cobrador de impostos que não me pique o traseiro quando está com pressa, porque sou muito sensível naquela parte do corpo.” “Tendo assim falado, nossa mula, isto é o cádi, foi para o divã onde poderás encontrá-lo. Minha opinião é que não o vendas, mas o reconquistes com jeito, porque ele é não somente um animal sóbrio que nunca solta ventosidades e raramente exhibe seu aparelho, como é também um jurista que poderá dar-te bons conselhos quando vieres a precisar deles.”

- Por Alá, esta é mesmo uma história estranha. Mas, não mencionou ele quando voltaria? Preciso ir perceber impostos em tantas cidades...

- Não, não mencionou hora alguma. Mas se aceitas uma sugestão minha, apesar de seres bem mais capaz que eu, sugerir-te-ia ir ao divã com um punhado de feijão na mão e fazer sinais ao cádi, de longe, de que precisas de seus serviços de mula. Como ele tem o senso do dever, e também porque gosta de feijão, deixaria sua cadeira de cádi e seguir-te-ia até a casa.

- Tu és mesmo uma mulher engenhosa, exclamou o homem. Seguirei tua sugestão.

Chegando ao tribunal, o cobrador de impostos colocou-se atrás dos querelantes, com um punhado de feijão na mão, e começou a fazer sinais ao cádi. O cádi o reconheceu como chefe dos cobradores de impostos e supôs que tinha alguma mensagem urgente a lhe transmitir. Deixou o tribunal e seguiu-o.

Quando os dois estavam já bastante afastados, o cobrador de impostos inclinou-se e sussurrou ao ouvido do cádi: “Por Alá fiquei penalizado ao saber de teu infortúnio. Não te zangues porque vim procurar-te. É que tenho várias cidades a visitar e não podia esperar o fim dos julgamentos. Por favor, vira mula tão rápido quanto puderes, pois já é tarde demais.” O cádi recuou com horror. Para amenizá-lo, o cobrador de impostos tomou um tom mais amável: “Juro por Alá que nunca mais te picarei no traseiro, sabendo que és particularmente sensível naquela parte do corpo. E oferecer-te-ei uma dupla ração de feijão à noite.” O cádi já estava certo de que lidava com um louco perigoso, fugido de algum manicômio. Vendo que não havia ninguém por perto para socorrê-lo, preferiu tomar o caminho da persuasão e disse suavemente: “Prezado amo, lamento não poder me libertar agora do tribunal. Mas toma esses trezentos dinares e vai comprar uma mula que possa atender às tuas necessidades.” E deu trezentos dinares ao homem, calculando que poderia recuperá-los, cobrando taxas duplas dos querelantes. O cobrador de impostos foi ao mercado das mulas e, enquanto procurava uma mula para comprar, reconheceu a sua, e ela também o reconheceu e pôs-se a ornear. Mas o homem sentiu-se ofendido diante de tamanha ousadia e replicou: “Por Alá nunca te comprarei outra vez. Preciso de uma mula que seja sempre mula. Uma mula que é ora mula, ora cádi, não me convém.” E comprou por trezentos dinares uma mula melhor que aquela. Assim, todo mundo saiu satisfeito: a mulher que recebeu em coitos suplementares o valor da mula, o amante que resolveu seu problema com os trezentos dinares, o marido que obteve uma mula melhor que aquela que possuía, e o cádi, que escapou do perigo e recuperou os trezentos dinares, dobrando as taxas cobradas.

AS AVENTURAS DO BASTARDO REAL

Conta-se - mas só Alá sabe tudo - que havia certa vez três amigos, todos genealogistas de profissão, que viviam numa antiga cidade da Arábia. Dotados de sutileza, eram capazes de subtrair a carteira de um avarento sem que ele o percebesse. Reuniam-se todos os dias para planejar as trapaças que aplicariam, visando a divertir-se mais do que a lucrar. Pois seus embustes eram mais espirituosos que maldosos. Colocavam o que ganhavam numa bolsa comum e gastavam a metade em mantimentos e a outra metade na compra de haxixe, com

que se embriagavam todas as noites. Sua embriaguez também nada tinha de vulgar. O haxixe aumentava, ao contrário, sua agudez mental e inspirava-lhes expedientes que faziam as delícias de quem as testemunhasse. Certo dia, dirigiram-se cedo ao jardim que rodeava o palácio do rei, e lá fingiram uma briga entre si com insultos e palavrões lançados em voz alta. O sultão, que passeava no jardim, foi incomodado pelos gritos e mandou prender os três brigões e levá-los à sua presença. Interrogados, responderam: “Nós exercemos três profissões diferentes e estávamos disputando sobre qual delas é a melhor. Perdemos a cabeça na discussão. Daí as invectivas e as grosserias. Esquecemos da presença do sultão nosso senhor. Merecemos ser castigados.” Perguntou o sultão: “Que profissões são essas?” O primeiro beijou a terra entre as mãos do sultão e respondeu: “Sou genealogista de pedras finas e conheço todos os segredos das genealogias lapidárias.” - Por Alá, disse o sultão, tens mais o aspecto de um patife que de um sábio. Mas talvez as duas coisas não sejam incompatíveis. Em todo caso, explica-me em que consiste a genealogia lapidária. - E a ciência da origem e da raça de todas as pedras preciosas e a arte de distinguir, num simples olhar, as pedras genuínas das falsas. “Porei à prova teu saber”, disse o soberano. E, dirigindo-se ao segundo genealogista, perguntou: “E tu?” Respondeu: “Sou genealogista de cavalos. Posso ao primeiro relance saber em que tribo nasceu tal cavalo, e em que terra foi criado, e quais foram suas doenças passadas e que doenças lhe ameaçam o futuro. E sei curar qualquer doença de cavalo, por mais incurável que a tenham declarado.” - Tu também me pareces mais um patife que um cientista. Porei à prova teu saber. E tu? perguntou ao terceiro amigo. - Ó rei do tempo, minha profissão é mais importante e mais difícil que as deles. Sou um genealogista de seres humanos. Olhando para um homem e ouvindo-lhe a vibração da voz, sei se ele é bastardo ou não, e quais foram seus pais e antepassados. Olhando para uma mulher, mesmo velada, adivinho-lhe a raça, a origem, a profissão e também a conduta dos pais. Todos reconhecem que sou um genealogista infalível. - Eis uma coleção surpreendente de talentos, exclamou o rei. Vou guardar-vos aqui e comprovar vossas habilidades. Se forem autênticas, sereis recompensados. Se forem meras alegações, sabereis como morrem os falsificadores. Virando-se para seu grão-vizir, pediu-lhe dar a cada um dos sábios um apartamento no palácio e uma ração cotidiana de pão e carne, além de água à vontade. No dia seguinte, um dos reis vizinhos enviou ao sultão um diamante de descomunal tamanho, que parecia o mais puro e precioso dos diamantes. O sultão pediu ao suposto genealogista de pedras preciosas opinar sobre o diamante. O genealogista tocou levemente a pedra com o polegar e disse: “Sua origem é impura, e ela contém um verme no seu seio.” O soberano ficou furioso e gritou: “Ó filho de alcoviteiros! Esta pedra é um presente de um rei a outro. A luz brilha através dela, e ousas desclassificá-la.” E chamou um de seus carrascos e ordenou-lhe: “Fura o fundamento deste mentiroso.” Mas o grão-vizir, que era prudente e amava a justiça, implorou ao sultão, dizendo: “Ó rei do tempo, não será melhor comprovar as palavras deste homem antes de condená-lo?” O rei concordou e mandou abrir o diamante. Dentro dele havia um verme! - Como o soubeste? perguntou o rei, um tanto confuso. - Tenho dedos muito sensíveis, respondeu o genealogista. O sultão mandou dobrar a sua ração. Dias depois, o soberano recebeu de presente um cavalo árabe esplêndido. Mandou chamar o segundo

genealogista e pediu-lhe opinar sobre o cavalo. Respondeu: “Ó rei do tempo, este cavalo é de rara beleza e de raça excelente. Tem todas as características dos melhores cavalos árabes e seria o soberano dos cavalos não fosse uma séria imperfeição.” O rei empalideceu e, após insultar o sábio, mandou-o dizer qual era a imperfeição. Respondeu: “Ó Comandante dos Fiéis conquanto o pai deste cavalo era um grande cavalo de raça, a mãe era a fêmea de um búfalo do mar.” Ao ouvir essas asserções, o rei explodiu e chamou um de seus carrascos para cortar a cabeça do homem. Mais uma vez, porém, o grão-vizir interveio com o mesmo argumento, acrescentando que, neste caso, a verificação era simples, já que todo cavalo de raça tem seu pedigree pendurado ao pescoço. O rei concordou e mandou o encarregado do cavalo exhibir-lhe o pedigree. O pergaminho dizia que o potro tivera por pai um garanhão puro sangue e por mãe uma fêmea de búfalo marinho. O rei perguntou ao genealogista como chegara àquela verdade escondida com um simples olhar. Respondeu: “A coisa foi fácil, ó meu amo e senhor. Bastou-me ver os cascos do cavalo.” E mostrou ao rei como eram rachados, grossos e compridos, como os dos búfalos, em vez de serem lisos, leves e redondos como os dos cavalos. O rei maravilhou-se com a dobrar-lhe a razão, ciência do homem e mandou Diante de tais provas da capacidade dos dois genealogistas, o sultão chamou o terceiro e perguntou-lhe: “Persistes na tua alegação de que podes descobrir a origem de qualquer homem ou mulher, olhando para eles - origem que só a mãe conhece e o pai geralmente ignora? Estás pronto a demonstrar tua ciência diante de nossos olhos?” - Persisto nas minhas afirmações, ó rei do tempo, e estou pronto a demonstrá-las. - Neste caso, segue-me. O rei levou o genealogista à presença de sua favorita e disse-lhe: “Beija a terra diante de tua ama e olha-a para me dizer, depois, o que tiveres descoberto.” O genealogista respondeu logo: “Já a examinei, ó rei do tempo.” O rei levou o genealogista à sala do trono, mandou que todos se retirassem e ficou sozinho com ele e o grão-vizir. - Que descobriste em tua ama? perguntou o soberano. - Todas as perfeições da beleza. - Não se trata disso, retrucou o rei, mas das suas origens. Que descobriste a este respeito? - A coisa é delicada, ó rei do tempo, e não sei se devo falar ou calar. - Fala, gritou o soberano. - Pela vida de nosso amo e senhor, essa dama seria a mais perfeita das criaturas se não tivesse um defeito original que prejudica suas perfeições pessoais. Ao ouvir a palavra “defeito”, o rei ficou branco de raiva, sacou de sua cimitarra e saltou sobre o genealogista, gritando: “Cachorro, filho de cachorro, esta lâmina vai te ensinar a falar.” Mas o grão-vizir interveio pela terceira vez, rogando ao rei que deixasse o genealogista explicar-se. O rei concordou, e o genealogista disse: “rei do tempo, minha ama, a tua digna favorita, é um ideal de beleza e perfeição, mas a sua mãe foi uma dançarina pública, uma mulher livre da tribo errante dos Ghazyias, praticamente uma prostituta.” O soberano quase sufocou de raiva e mandou seu grão-vizir trazer imediatamente à sua presença o pai da favorita, que era um intendente no palácio. Sob as ameaças do rei, o pai confessou a verdade, que coincidia com o que o genealogista revelara. O soberano esqueceu sua raiva e maravilhou-se com a ciência Do genealogista, fumador de haxixe. “Como chegaste às tuas conclusões?” perguntou-lhe. O genealogista respondeu: “Em primeiro lugar, há a minha ciência e minha intuição. Em segundo lugar, o fato de que as mulheres da raça Ghazyia têm todas, como a tua favorita, sobancelhas

muito espessas e ligadas por cima do nariz e os olhos mais negros de toda a Arábia.” O rei abençoou a ciência do homem e mandou dobrar-lhe a ração. Depois, ficou acordado a noite toda, pensando na sua própria origem. “Será que sou mesmo o descendente legítimo de tantos reis?” Pela manhã, mandou chamar o genealogista e disse-lhe: “Agora, ó pai da ciência, quero ouvir-te falar da minha origem.” “Só poderei falar, ó rei do tempo,” retrucou imediatamente o genealogista, “se me concedes a garantia da vida, pois o que me pedes dizer pode ser perigoso para mim.” O soberano concedeu-lhe garantia de vida, e o genealogista, após pedir ao rei que ficassem os dois a sós, disse: “Ó rei do tempo, tu não és somente um bastardo, és um bastardo de baixa extração.” Ao ouvir essas palavras terríveis, o rei empalideceu, tornou-se surdo, cego e paralítico. Quando voltou a si, disse ao genealogista: “Duras foram as tuas palavras. Assim mesmo, se forem verdadeiras, abdicarei de meu trono e instalar-te-ei nele, pois não serei mais digno de reinar. Mas se tuas palavras se revelarem mentirosas, mandarei cortar te o pescoço.” - É permitido, disse o genealogista. O soberano correu então, espada nua na mão, ao apartamento da rainha-mãe e disse-lhe: “Conta-me a verdade ou cortar-te-ei em pedaços: sou ou não sou o filho do rei, meu pai?” - Para falar sem preâmbulos nem rodeios, tu és o filho de um cozinheiro. A coisa aconteceu assim: Quando o sultão, teu antecessor, se casou comigo, copulamos segundo o costume, mas não tivemos filhos. Ele tomou uma segunda e terceira mulher com o mesmo resultado negativo. Receando ser pouco a pouco relegada, decidi salvar a minha posição e preservar o trono. Certo dia, o sultão quis comer frango recheado. Quando o cozinheiro veio apanhar o frango, examinei-o e achei-o forte e bem-feito. Fiz-lhe sinal para entrar. E houve então o que houve. Logo em seguida, plantei um punhal no seu coração e mandei duas de minhas confidentes levarem seu corpo e sepultá-lo em segredo. Nove meses depois, dia por dia, nasceste. Houve regozijos em todo o reino e, no devido tempo, herdaste o trono. Juro pelo Profeta que contei tudo que sei. Só Alá sabe mais. O rei não disse palavra, mas saiu dos aposentos da mãe chorando. Foi reencontrar o genealogista e disse-lhe: “Por Alá, ó boca da verdade, como descobriste que eu era o que sou?” Respondeu: “Ó meu amo e senhor, quando nós três genealogistas demonstramos nosso saber daquela maneira sensacional, mandaste dobrar a ração de cada um de nós, além de nos dar água à vontade. Pela natureza e a mesquinhez da recompensa, pensei que só poderias ser um filho de cozinheiro, descendente de cozinheiros. Os reis, filhos de reis, não recompensam com pão e carne, mas com vestes reais e tesouros de ouro. Assim raciocinando, adivinhei a tua baixa extração adúltera. Não tenho mérito nisso.” Quando o genealogista acabou de falar, o sultão levantou-se e disse-lhe: “Tira a roupa.” O genealogista obedeceu. O soberano, despojando-se de suas vestes e insígnias reais, revestiu-o com elas, usando as próprias mãos. Depois, fê-lo subir ao trono e beijou o chão a seus pés. Mandou então entrar o grão-vizir, os demais vizires e todos os dignitários do reino e apresentou-lhes o genealogista como seu legítimo soberano. O novo sultão mandou vir seus dois amigos e nomeou-os guardiões de sua direita e de sua esquerda. E foi um grande rei. O abdicante sultão vestiu-se de dervixe peregrino e saiu do palácio sem nada levar. Tomou o caminho das terras do Egito e fixou-se no Cairo, satisfeito em poder fazer o que quisesse, andar e parar à vontade, livre dos cuidados e cargos da realeza. Repetia: “Louvado seja

Alá! Ele dá a uns o poder com seus fardos e preocupações e a outros a pobreza com o desprendimento e a alegria do coração. E talvez sejam estes os mais favorecidos.”

UMA MULHER VIRTUOSA

Conta-se, ó afortunado rei, que havia certa vez um grande astrônomo casado com uma linda mulher que não se cansava de vangloriar-se da própria virtude, repetindo: “Ó meu marido, acho que não existe mulher igual a mim pela castidade.” Como possuía um rosto inocente e agradável, o astrônomo acreditava nela e elogiava-lhe a decência e a pureza junto a seus amigos. Certo dia, como exaltasse a virtude da mulher na presença de estranhos, um deles levantou-se e disse: “És um mentiroso, meu senhor.” “Como sou mentiroso?” replicou o astrônomo, o rosto pálido de indignação. “Ou mentiroso ou tolo,” prosseguiu o contraditor calmamente, “pois o fato é que tua mulher é uma libertina! E a culpa é mais tua que dela, pois perdes-te nas estrelas e esqueces-te da terra e dela, e ela tem que resolver seu problema com outros. Seu caso não é único. Não conheces esta confissão do poeta? Ela gritou, sob a influência de seus desejos insatisfeitos numa noite sem lua e sem estrelas: “Ó muçulmanos, não se levantam vossos zibs? Nenhum de vós é capaz de socorrer uma mulher angustiada?” Assim provocado, meu zib ergueu-se de repente e respondeu: “Estou indo. Estou indo.” E ela se assustou, perguntando:

“Quem bate à minha porta?”

Respondi: “Um varão que ouviu o teu apelo”.

Furei-a quatro vezes seguidas.

E ela, extasiada, disse-me: “Ava o coito!”

Respondi: “Ava!”!

O astrônomo saltou sobre o atrevido desconhecido, querendo estrangulá-lo e beber-lhe o sangue. Mas os presentes os separaram, dizendo ao velho cientista: “Desafia-o a provar suas palavras. Se não o conseguir, poderás legalmente verter-lhe o sangue.”

- Mas como posso fazê-lo?

- Finge que precisas viajar por três ou quatro dias. E logo que fores embora, volta em segredo, esconde-te em frente a tua casa e fica observando o que se passará nela. O astrônomo concordou e foi para casa com a barba trêmula, e disse à mulher: “Querida, levanta-te e prepara-me provisões, pois preciso viajar por três ou quatro dias, e no máximo seis.” “Queres matar-me de saudade, querido?” lamentou a mulher. “Por que não me levas contigo pa: a que te sirva e cuide de ti se estiveres doente? Como pode teu coração deixar-me definhar sozinha?” “Sem dúvida, esta mulher é a eleita de Deus,” pensou o astrônomo. Depois, disse-lhe: “Luz de meus olhos, estarei ausente apenas quatro dias ou, no máximo, seis.” - Estou infeliz a abandonada, gemeu a mulher. E não sou amada. O astrônomo procurou consolá-la, prometendo trazer-lhe muitos presentes da viagem. E foi embora, enquanto ela caía em pranto nos braços de suas servas. Duas horas depois, o astrônomo voltou, entrou em seu jardim sem ser visto e recolheu-se a um esconderijo de onde podia observar o que se passaria na sua casa. Mal tinha-se instalado lá, quando viu um quitandeiro que vendia cana-de-açúcar na

vizinhança entrar na casa e viu a mulher ir a seu encontro, balançando os quadris e rindo. O quitandeiro ofereceu-lhe uma cana-de-açúcar que trazia na mão, e ela perguntou: “É esta tudo que me trazes, ó rei das canas-de-açúcar?” Respondeu o quitandeiro: “Ó minha senhora, esta cana que estás vendo nada é em comparação com aquela que não vês.

- Onde está ela? Onde está ela? gracejou a mulher. Quero vê-la, quero vê-la.

O quitandeiro exibiu-a. Depois, perguntou: “Como vai o mexeriqueiro de meu cu, o excelente astrônomo?” - Possa Deus quebrar-lhe os ossos do primeiro ao último, respondeu a mulher. Foi viajar por quatro ou seis dias, e espero que algum minarete caia sobre ele e lhe desarticule o pescoço. Depois de chupar a cana-de-açúcar, colocou-a no lugar próprio. E os dois amaram-se e divertiram-se de todos os modos. Por fim, o quitandeiro foi-se, mas o infeliz astrônomo viu seu lugar logo ocupado por um açougueiro da vizinhança. A mulher foi a seu encontro, balançando os quadris, e disse-lhe: “Salve, ó pai dos pássaros. Que será que me trazes hoje?” O homem beijou-a e respondeu: “Trago-te um pinto para ser engrossado, um pinto que somente tu sabes engrossar.” Respondeu imediatamente: “Podes deixar comigo.” E usou com o excelente pinto as manobras que usara com a cana-de-açúcar. Depois, o honesto comerciante ajeitou a roupa e foi embora. Momentos depois, o infeliz sábio viu o burriqueiro do quarteirão entrar no aposento de sua mulher e ouviu-a perguntar-lhe, rindo: “Que me trouxeste hoje, ó pai dos burros?” - Uma banana, uma excelente banana, ó minha senhora. Ela suspirou: “Querido, não entendo, pois não vejo nada em tua mão, nem a sombra de uma banana.”

- Ó rainha de meu coração, minha banana receia o mau olhado e fica escondida até a hora certa. Ei-la.

Antes que a banana fosse completamente consumida, o astrônomo teve um enfarte, emitiu um grito angustiado e caiu morto. Depois, ficou comprovado que a mulher preferia bananas a canas-de-açúcar e a pintos, pois casou-se com o burriqueiro.

O CEGO QUE SE FAZIA ESBOFETEAR

Desde a minha infância, ó Comandante dos Fiéis, fui condutor de camelos. E graças à minha perseverança, comprei oitenta camelos que alugava para negócios ou peregrinação, aumentando constantemente meu capital. Só tinha um sonho: tornar-me o homem mais rico de minha profissão em todo o Iraque. Um dia, voltando com meus animais de Basra após despachar mercadorias destinadas à Índia, parei perto de um poço para permitir a meus camelos refrescarem-se e pastarem. Enquanto estava lá, vi um dervixe aproximar-se de mim. Cumprimentamo-nos e convidéi-o a partilhar comigo o pão e a água, conforme as tradições do deserto. E ficamos a conversar, e falei-lhe de meu sonho. Após ouvir-me sem me interromper, disse: “Ó Baba-Abdala, trabalhas e labutas visando a um resultado modesto, quando o destino pode num piscar dos olhos tornar-te não somente mais rico que todos os condutores de camelos do Iraque, como o homem mais rico do planeta. Nunca ouviste falar dos tesouros escondidos embaixo do solo?” Respondi que estava a par dessas coisas e sabia que certos dervixes possuíam segredos que podiam fazer do mais pobre o

homem mais rico. O dervixe parou de mexer com a areia e disse: “Ó Baba-Abdala, ao me encontrar hoje, encontraste o próprio destino.” - Se for assim, estou pronto a aceitar-lhe as dádivas com um coração reconhecido. - Então, levanta-te e segue-me. Levantei-me e andei atrás dele através de vales e planícies até que chegamos ao sopé de uma montanha íngreme. “Este é o lugar”, disse o dervixe, parando diante de um grande rochedo. Acendeu um pequeno fogo, jogou nele incenso, pronunciou palavras que não entendi. E logo, uma coluna de fumaça se elevou no ar e o rochedo abriu-se ao meio, dando passagem a uma caverna. Entramos e achamo-nos numa grande sala repleta de montões de moedas de ouro e de jóias. Seguindo o conselho do dervixe, desprezei as moedas de ouro, que dariam uma carga muito pesada, e enchi os sacos com jóias, mais leves e mais preciosas, lamentando apenas possuir oitenta camelos em vez de oito mil. O dervixe apanhou um pequeno vaso de ouro que continha, ao que me disse, uma pomada para os olhos. Saímos da gruta, e outras palavras incompreensíveis fizeram a rocha fechar-se e retomar seu aspecto normal. “Baba-Abdala,” disse o dervixe, “voltaremos agora ao lugar onde nos encontramos e lá partilharemos essas riquezas na amizade e na igualdade.” Enquanto andávamos, a ganância fez seu trabalho em minha cabeça: “Com que direito esse dervixe ficará com a metade do tesouro que talvez estivesse escrito em meu nome, e só pudesse ser aberto na minha presença?” raciocinei comigo mesmo. “E com que direito ficaria com quarenta de meus camelos?” Quando o momento da partilha chegou, disse ao dervixe: “Ó santo homem, que vais fazer com quarenta camelos e suas cargas, já que tua vida é consagrada a Alá? Não estarás cobrando um preço alto demais por me ter indicado o tesouro?” O dervixe não se zangou, mas respondeu num tom ameno: “O que estou levando não é para mim, mas para distribuir aos indigentes e necessitados. Quanto ao que chamas de preço cobrado, esqueces que um centésimo do que te dei faria de ti o homem mais rico de Bagdá?” Assim mesmo, aceitou ficar apenas com vinte camelos. Mas mal tínhamos iniciado nossos caminhos, eu para Bagdá e ele para Basra, a inveja e a ingratidão voltaram a apossar-se de mim. Corri atrás dele e convenci-o a ficar apenas com dez camelos. Assim mesmo, não me dei por satisfeito. Minha avidez crescia em vez de diminuir. Voltei a argumentar e solicitar e me humilhar e ameaçar, a fim de convencê-lo a ceder-me todos os camelos. No fim, ele desistiu de qualquer participação e disse-me: “Meu irmão, faze bom uso das riquezas que Alá te concedeu e lembra-te, às vezes, do dervixe que encontraste no ponto em que teu destino mudou.” Mas em vez de me regozijar por ter ficado com todo o tesouro, fui dominado mais uma vez pela avareza, e me convenci de que o pequeno vaso de ouro com a pomada também me pertencia, pois o dervixe poderia obter tantos vasos iguais quantos quisesse. Usei novamente minhas manhas e solicitações, e mais uma vez o dervixe cedeu. Quis também que ele me revelasse a utilidade da pomada e o modo de usá-la, pensando: “Se ele recusar, sou mais forte que ele, saberei como subjugá-lo e, se for necessário, matá-lo.” Mas ele atendeu-me com um sorriso, dizendo: “Se passares esta pomada no teu olho esquerdo, verás todos os tesouros escondidos no mundo e o lugar onde estão escondidos. Mas se a passares no teu olho direito, ficarás cego dos dois olhos.” Pedi-lhe aplicar a pomada no meu olho esquerdo para que eu aprendesse como usá-la. E ele, sempre calmo e agradável, atendeu. Depois, disse-me: “Agora, fecha o olho

direito e abre o esquerdo.” Todas as coisas habituais desapareceram e vi grutas subterrâneas e marinhas, troncos de árvores gigantes com buracos cheios de ouro e mil outros esconderijos transbordando de pedras preciosas, ouro, prata e tudo mais. Fiquei encantado, mas minha natureza perversa prevaleceu sobre mim mais uma vez. Pensei: “Será possível que a mesma pomada aplicada num ou noutro olho possa produzir efeitos opostos? Não será que o dervixe me está enganando? Não será que, aplicada no olho direito, a pomada me permitirá conquistar todos os tesouros que vi com o olho esquerdo?” Pedi ao dervixe como último favor que aplicasse a pomada no meu olho direito. Ele teve um movimento de impaciência e disse-me: “Baba-Abdala, não sejas o inimigo de ti mesmo. Se insistires, arrepende-te-ás por toda a tua vida. Separemo-nos antes como amigos, e que cada um siga seu caminho.” Mas na minha teimosia e desconfiança, ameacei-o. Ele tornou-se pálido e disse-me num tom duro que não lhe conhecia: “Ficarás cego pelas próprias mãos.” E aplicou a pomada no meu olho direito. E, de fato, tornei-me imediatamente cego. Estendi as mãos, suplicando: “Salva-me, salva-me, meu irmão.” Mas não houve resposta. Ouvi-o juntar os oitenta camelos, conduzi-los e ir embora. Caí no chão, e teria morrido lá de remorso e aflição, não fosse por uma caravana que, tendo pena de mim, trouxe-me até Bagdá. Desde então, eu, que tive nas mãos as riquezas da terra, vivo mendigando o pão de cada dia. Meu arrependimento por ter sido tão ávido, avaro, ingrato e estúpido e por ter estragado assim as dádivas de Alá penetrou profundamente no meu coração. E, para me castigar, jurei que, cada vez que recebo uma esmola, pedirei à mão caridosa dar-me uma bofetada. -Ó Baba Abdala, disse o califa, teu crime foi grande, mas a compaixão de Alá é maior para os que se arrependem. Não te atormentes mais. E para te evitar esta vida de mendicância, mandarei o vizir estabelecer um por dia até o fim de tua vida.

O CÁDI E O POTRO

Conta-se, ó afortunado rei, que havia certa vez um casal de pobres que tinha uma filha mais bela que a lua. O cádi da cidade pediu-a em casamento, e os pais concordaram, embora fosse ele tremendamente feio, estrábico, velho e com a barba parecida com o pêlo de um porco-espinho. Pois o cádi era rico e respeitado, e os pais queriam um genro que lhes melhorasse a vida. Casaram-na com um homem cuja frente era preparada para comos. Para compensar suas desvantagens, o marido cumulou a jovem esposa com presentes. Satisfazia-lhe todos os caprichos. Mas nada disso a consolava de viver com os desejos reprimidos e insatisfeitos. Ora, o cádi tinha a seu serviço um jovem escriba que ele apreciava e de quem falava à mulher. Também falava ao escriba de sua mulher, queixando-se de sua frieza. Assim Deus cega o marido que quer destruir, levando-o a elogiar diante da mulher algum homem bonito ou generoso. Pois a mulher encontrará logo meios para chegar ao homem e entregar-se a ele. Ao ouvir o marido elogiar o jovem escriba, a moça sentiu o poder do amor tomar conta de seu coração. E não tardou a idealizar estratégias que a aproximaram dele. Entregou-lhe seu corpo e ele retribuiu, usando a vigorosa moeda que faltava ao cádi. Para tornar seus encontros seguros, a moça passou a pendurar um lenço branco na janela que dava para o jardim como sinal de que o juiz estava ausente,

e um lenço vermelho como sinal de que estava em casa. Um dia, a moça ouviu batidas à porta, acompanhadas de gritos, quando acabava de pendurar o lenço branco. Abriu a porta e encontrou o marido carregado por eunucos, tendo passado mal no divã. Despiu-o, colocou-o na cama e cobriu-o. E ele caiu logo no sono. Quanto a ela, para compensar sua contrariedade, foi ao hamam sem se lembrar de trocar o lenço. Vendo o lenço branco, o namorado pulou do terraço vizinho e escalou a parede até a janela do quarto onde costumava encontrar a amante nua, esperando por ele por baixo dos lençóis. Como o lugar tinha sido deixado no escuro para favorecer o sono do doente, o intruso distinguiu mal as coisas. Foi deitar-se na cama conforme seu hábito e estendeu a mão para entre as pernas do adormecido, pensando que era a mulher do cádi. Mas sua mão encontrou a entrada fechada por algo mole e flácido. Com um grito de horror, retirou a mão e quis pular da cama; mas o cádi segurou-o e, fortalecido pela raiva, conseguiu dominá-lo, carregá-lo e trancá-lo numa arca, sem procurar identificá-lo. Sentindo-se curado pelo esforço e a emoção, decidiu verificar, primeiro, se o intruso estava em conluio com sua mulher. Pensou: se forem amantes, matarei os dois; senão, matarei apenas o intruso. Informado pelos serventes de que a mulher fora ao hammam, foi à sua procura. Da porta, chamou-a com tamanhos gritos e ameaças que ela se lembrou do lenço e adivinhou o que acontecera. Num dos corredores do hammam, avistou uma pobre mulher vendendo amendoins. Foi até ela e disse-lhe: “Bondosa tia, eis um dinar de ouro. Podes dar-me emprestados por uma hora teu véu branco e tua capa?” A vendedora concordou com alegria. E a mulher do cádi, disfarçada, saiu do hammam e passou pelo marido sem ser reconhecida. Correu para a casa, libertou o amante e, juntos, prepararam uma cilada. Por uma feliz coincidência, uma das burras havia dado à luz um potro no dia anterior. Pegaram o potro e colocaram-no no baú, no lugar do amante. E este foi embora. A mulher, disfarçada, voltou ao hammam. Achou o marido ainda à porta, gritando de raiva e amaldiçoando aos berros todos os hammams, os que constroem hammams, os que administram hammams e os que se utilizam de hammams.

A mulher passou novamente por ele sem ser reconhecida, e ele até lhe disse: “Mande minha mulher sair imediatamente senão vou destruir esse hammam.” A mulher devolveu o véu e a capa à vendedora de amendoins, colocou os próprios vestidos e saiu. Tão logo o cádi a viu, abordou-a com raiva: “Onde estavas, vil rameira? Estou esperando por ti há mais de duas horas. Segue-me já, perversa, traidora, meretriz!” A mulher deteve o passo e exclamou: “Por Alá, o que há contigo? Enlouqueceste? Por que armas este escândalo na rua?” - Basta de hipocrisia e perversidade, gritou o cádi. Poderás tentar defender-te lá em casa. Quando chegaram a casa, o cádi trancou a mulher num quarto e foi chamar o xeque da zona e quatro testemunhas para qualificar o adultério, conforme a lei. Muitos vizinhos também acorreram. O cádi libertou a mulher e levou-a à presença de todos. Ela recolheu-se a um canto, cobriu a face com véu e gemeu: “Desgraça! Desgraça! A doença perturbou a mente de meu pobre marido. Enlouqueceu. Amaldiçoou-me. Trouxe homens estranhos para o harém! Desgraça! Desgraça!” De fato, o cádi apareceu às testemunhas num estado de febre alta e de delírio. Seu rosto estava amarelo, a barba tremia, os olhos irradiavam fogo. Alguns tentaram acalmá-lo. Mas ele gritava: “Vede! Vede! Não

a escuteis. Este é seu último dia! O dia do julgamento.” Dizendo isto, abriu a arca. O potro levantou a cabeça, abanando as orelhas e considerando a todos com olhos redondos e ternos. O cádi foi tomado de espasmos e convulsões. Pulou sobre a mulher para estrangulá-la; ela, porém, correu em volta da sala, gritando por socorro. Vendo os lábios do cádi cobertos de espuma, as testemunhas jogaram-se entre os dois e contiveram o homem pela força, enquanto balbuciava palavras ininteligíveis, misturadas com ameaças. O xeque, embora lamentando ver o cádi em tal estado, sentiu-se no dever de dar ordem para que o mantivessem imobilizado até que se acalmasse. “Disse alguém: “Como pode um homem sentir ciúme de um potro nascido ontem?” Retificou outro: “Pensou que era um homem.” Disse um terceiro: “Alá tenha pena dele. É um respeitável velho cádi.” “Velho demais”, replicou um literato que freqüentava as bibliotecas. - Aí está a desgraça. Existe um poema que descreve bem a situação desse homem e de sua mulher. Ei-lo:

Disse-me com raiva por ter-me convidado a algo que não foi
Se não trepar em mim como é teu dever de marido,
Não me censures se procurar outro.
Teu zib parece feito de cera:
Quanto mais o acarício,
Tanto mais mole ele se torna.

A mulher aproveitava a distração dos presentes para fazer caretas ao marido e zombar dele, o que piorava-lhe o estado, até que as veias do seu pescoço estouraram e, cuspidando sangue, faleceu na hora. Possa Alá ter compaixão de sua alma! Era um juiz íntegro. E deixou uma herança bastante gorda para que sua viúva pudesse casar-se com o homem que sabia satisfazê-la.

DESTINO OU MERECEMENTO?

Minha história é simples. Fui um cordoeiro por toda a minha vida, especializado em cânhamo, como meu pai e meu avô tinham sido antes de mim. Minha renda mal dava para sustentar a mulher e os filhos. Mas como não tinha capacidade para exercer outra profissão, estava satisfeito e não me queixava a Deus nem atribuía minha pobreza senão a minha ignorância e estupidez. Conheci dois homens ricos, Saad e Saadi, que vinham habitualmente descansar e conversar perto de minha loja e assim tornaram-se meus amigos. Um dia, ouvi-os discutir um assunto que me interessou: Será a riqueza adquirida por certos homens o resultado de sua capacidade e aplicação ou um presente do destino? - Ó Saadi, disse finalmente Saad, vejo que nenhum de nós irá convencer o outro sem provas. Proponho, portanto, que localizemos um homem pobre e honesto e coloquemos um pequeno capital em suas mãos. U estado de sua fortuna nos meses seguintes provará quem de nós dois está certo: tu que deixas tudo por conta do destino, ou eu que acredito que cada homem é o arquiteto de sua vida. Escolheram-me para sua experiência e deram-me duzentos dinares de ouro,

perguntando: “Achas que com este capital poderás desenvolver teu negócio e tornar-te rico?” Respondi: “Serei mais rico que todos os cordoeiros de Bagdá juntos.” Ao ver os dinares de ouro na mão, senti-me num êxtase e procurei escondê-los em algum lugar seguro. Após muito deliberar comigo mesmo, tirei dez dinares para minhas despesas e coloquei o restante nas dobras da barra com que costumo envolver meu turbante. Depois, comprei um lombo de carneiro e dirigi-me para casa. Mas enquanto caminhava, a cabeça agitada por sonhos de riqueza, um falcão faminto desceu do céu e, antes que me desse conta do que estava acontecendo, arrebatou meu lombo de carneiro no bico e meu turbante nas garras e voou. Após gastar os dez dinares, recaí na miséria anterior. Dez meses depois, os dois amigos vieram visitar-me para verificar quem deles tinha acertado. Recebi-os com olhos baixos, e disse-lhes: “O destino continuou a antagonizar-me, e estou em piores condições do que antes.” E contei-lhes o que havia acontecido. Saadi sorriu maliciosamente pela decepção do amigo. Mas Saad disse-me: “Não duvido de tuas palavras, embora possa suspeitar que gastaste os duzentos dinares na devassidão. Seja como for, não quero deixar meu amigo Saadi triunfar tão facilmente. Eis outros duzentos dinares de ouro. Tenta novamente a sorte, e não vás escondê-los no teu turbante.” E foram embora. Voltei para casa, procurando onde esconder o dinheiro. Reparei numa velha jarra cheia de farelo. Amarrei o dinheiro num pano e enfiei-o no fundo da jarra. Enquanto saí para fazer compras, um vendedor ambulante passou na rua, vendendo pacotes de um preparado de ervas com o qual as mulheres lavam o cabelo no hammam. Não tendo dinheiro, minha mulher trocou dois pacotes daquela pasta pela jarra de farelo. Quando voltei, procurei a jarra com os olhos para me tranquilizar e, não a vendo, perguntei à mulher por ela. Contou-me. “Ó mulher desafortunada!” gritei. “Trocaste meu destino, teu destino e o destino de nossos filhos por um punhado de ervas.” Sabendo o que fizera sem querer, ela pôs-se a lamentar-se, censurar-me por não lhe ter revelado o segredo em tempo e falar sem parar como fazem as mulheres diante das desgraças. “Uê! Uê! Vendi o destino dos meus filhos a um mascate que não conheço e que nunca poderei encontrar de novo.” Quando, longos meses depois, Saad e Saadi reapareceram, recebi-os com ar ainda mais constrangido e contei-lhes o que acontecera. Saad disse que não iria refazer a experiência mais uma vez; mas Saadi declarou: “Ó Hassan, eu também gostaria de ajudar-te. Como não sou tão favorecido quanto meu amigo Saad para seguir-lhe o exemplo, só posso dar-te este pedaço de chumbo que algum pescador parece ter perdido quando arrastava sua rede pelo caminho. Se tal for o decreto do destino, este pedaço de chumbo virá a ser-te mais útil que minas de prata.” À noite, voltei para casa, coloquei o pedaço de chumbo em qualquer lugar, julgando que de nada me serviria, e dormi. Ora, na manhã seguinte, ao preparar sua rede, um pescador vizinho reparou que faltava nela o pedaço de chumbo indispensável, e veio perguntar-me se dispunha, por acaso, de tal pedaço. Dei-lhe o pedaço que Saadi me oferecera. Grato, o pescador disse-me: “Jogarei a rede da primeira vez em teu nome e o que recolher será teu.” O curioso é que, o dia todo, ele pescou peixes pequenos e, somente na primeira vez, apanhou um peixe grande, de um cúbito de comprimento, e fiel à sua promessa, trouxe-me. O peixe sendo maior que nossas panelas, minha mulher teve que cortá-lo em pedaços para fritá-lo. Dentro dele encontrou uma bola de

vidro do tamanho de um ovo de pomba. À noite, essa bola de vidro iluminou a casa mais que a lâmpada. No dia seguinte, a história de nossa descoberta espalhou-se por toda a cidade graças à língua comprida de minha mulher. Logo recebeu ela a visita de uma certa judia da vizinhança, cujo marido era um joalheiro. Após contemplar longamente a bola de vidro, disse à minha mulher: “Agradece a Deus esse pedaço de vidro sem valor. Tenho outro igual e gostaria de completar o par. Ofereço-te, pois, por esta coisa insignificante, a enorme importância de dez dinares de ouro.” Minha mulher, preferindo usar a bola como lâmpada, recusou a oferta. Quando voltei para casa, contou-me. Disse-lhe: “Se a coisa não tivesse valor, jamais uma filha de judeus ofereceria dinheiro por ela. Tenho a certeza de que ela voltará e aumentará sua oferta. Aconselho-te a não vender a bola sem me consultar.” Falei assim, lembrando-me das palavras de Saadi de que aquele pedaço de chumbo me tornaria rico se o destino assim o determinasse. Por Alá, a judia voltou e, usando as mesmas manhas e chamando a jóia “aquela coisinha sem valor” e “aquela miséria”, ofereceu por ela assim mesmo cem dinares de ouro. Era óbvio naquela altura que o achado era uma jóia rara, de valor inestimável. Ofereci-a à judia por 100 mil dinares, dizendo: “Outros joalheiros que conhecem essas raridades melhor que teu marido me ofereceriam mais ainda. Mas eu nunca fui ganancioso. E juro por Alá que não aumentarei este preço.” Após protestar como diante de uma ousadia escandalosa, a judia disse: “Comprar e vender não é comigo. Falarei a meu marido. Se ele se interessar, virá procurar-te. Até lá, promete-me não vender a outrem esse vidrinho de nada.” Prometi, e a mulher saiu apressada. Como previra, o joalheiro judeu apresentou-se em nossa casa naquela mesma noite. Via-se no seu rosto toda a astúcia de seu povo de porcos e sua determinação de arrancar-me o destino das mãos. Após queixar-se do tempo, dos maus negócios, das dificuldades que atravessava, após dizer que mal ganhava o pão dos filhos, jurando constantemente por Aarão e Jacó, disse que só queria aquela brincadeira de vidro para agradar à mulher grávida, pois “nós os homens devemos submeter-nos às fantasias de nossas esposas nesta fase, senão corremos o risco de ter filhos deformados.” Pediu-me ver o ovo. Mandeí tirá-lo das mãos das crianças que brincavam com ele; fechei portas e janelas e coloquei o ovo em cima de um consolo. A casa ficou iluminada como se fosse meio dia. O judeu ficou tão maravilhado que deixou escapar o segredo de que aquela bola era uma das jóias que haviam pertencido a Soleiman. Lamentou, logo em seguida, suas palavras, mas não soube como retirá-las. Finalmente, perguntou-me que preço pretendia pelo ovo; respondi: “100 mil dinares, como disse à tua mulher. E se não tivesse dado minha palavra, que um bom muçulmano sempre respeita, aumentaria o preço dez vezes ou mais, agora que sei que a jóia pertenceu a Soleiman.” O judeu levantou-se com ar trágico: “Queres arruinar-me?” perguntou. “Se vendesse minha joalheria e minha casa e meus filhos e minha mulher e a mim mesmo, não conseguiria juntar esta soma. Pensei que a tivesses mencionado a minha mulher por brincadeira.” Vendo-me, todavia, firme, e receando que eu voltasse atrás na minha palavra, disse: “O dinheiro está aí.” E chamou pela janela seus servidores que esperavam com sacos cheios de dinares. Achando-me assim fabulosamente rico, parei de trabalhar, fechei a loja e construí uma casa suntuosa. Dei a minha família todo o conforto e luxo possíveis e distribuí presentes generosos a

parentes, amigos e aos necessitados. Um dia, Saad e Saadi procuraram saber de mim. Encontrando a loja fechada, pensaram que eu tinha morrido. Mas os vizinhos indicaram-lhes minha nova morada. Vieram até mim, surpresos e alegres e, após ouvirem minha história, Saadi regozijou-se e disse triunfalmente a Saad: “Vês?” Estávamos ainda conversando, quando meus filhos que brincavam no jardim entraram em casa, carregando o ninho de uma grande ave que um de meus escravos apanhara no alto de uma palmeira. Para meu espanto, verifiquei que este ninho tinha sido construído na base de uma banda de turbante - minha banda e meu turbante. Dentro deles encontrei os cento e oitenta dinares embrulhados exatamente como os havia colocado. Não tínhamos ainda nos recuperado da excitação produzida por esse milagre, quando um dos meus servidores entrou com uma jarra de farelo que reconheci logo ser aquela jarra. O servidor explicou que a comprara para um de nossos cavalos. Procurei dentro da jarra e encontrei os duzentos dinares. Desde então, eu e meus dois amigos temos dirigido nossas vidas pela hipótese de que ninguém é capaz de prever as maravilhas do destino quando ele for generoso. Saad, que era um pouco poeta, compôs estes versos: Quando o destino for generoso para contigo, sê generoso para com os outros: Nem a liberalidade te perderá se ele for favorável; nem a parcimônia te salvará se ele for adverso.

PRIMEIRO SOU OSSO; DEPOIS, MÚSCULO, DEPOIS, CARNE. QUEM SOU?

Antes de aceitar-me como marido, ó meu amo sultão, minha prima (que Alá lhe perdoe!) disse: “Sim, vamos nos casar se tal é a vontade de Deus, mas só posso aceitar-te se concordares de antemão com minhas três condições.”

- Quais são? perguntei.
- Nunca fumar haxixe. Nunca comer melancia. Nunca sentar-te numa cadeira.
- Tuas condições são bastante duras, minha prima, e não entendo o motivo que te leva a impô-las. Assim mesmo, aceito-as.

Casamo-nos e vivemos muitos anos em tranqüila união. Mas um dia, meu espírito começou a ser torturado pela curiosidade. Dizia a mim mesmo: “Qual é a razão de ser dessas condições? Por que proibir-me coisas tão simples e tão comuns? Há aí um mistério que daria meus olhos para desvendar.”

Decidido a desobedecer as três condições de uma só vez, entrei na loja de um amigo, sentei-me numa cadeira, pedi-lhe que me oferecesse uma fatia de melancia bem gelada e fumei haxixe. Devo acrescentar que encontrei em tudo isso conforto, prazer e sonhos deliciosos. Mas, ó grande sultão, mal cheguei em casa, minha mulher correu e cobriu o rosto com véu, como se eu fosse um estranho e olhou-me com cólera incontida: “Cachorro, filho de cachorro é assim que honras teus compromissos? Vem comigo até o cádi, pois insisto em divorciar-me.” Quando chegamos à presença do cádi, ela exclamou: “Ó nosso senhor cádi, vossa serva estava legalmente casada com esta abjeção aí, que jurou, antes da cerimônia nupcial, que observaria determinadas exigências. Durante algum tempo, respeitou-as; mas agora, quebrou-as todas de uma vez, e eu peço o divórcio, a devolução de meu dote e de meus pertences.” O cádi perguntou quais eram aquelas exigências, e minha mulher as enumerou - e acrescentou: “agora

este malandro sentou-se numa cadeira, comeu melancia e fumou haxixe.” E apresentou provas tão peremptórias que não tive a coragem de avançar objeção alguma. Mas o cádi tinha uma alma compassiva, e teve pena de mim. Antes de pronunciar a sentença, disse a minha mulher: “Ó filha de parentes nobres, estás dentro de teus direitos, mas ficar-te-ia bem ser clemente.” A mansidão do cádi provocou não a clemência, mas uma tempestade de palavras negativas. O cádi e os presentes tentaram persuadi-la a adiar pelo menos o processo até que tivesse tempo para refletir. Falaram com tanta sensibilidade e persuasão que minha mulher, embora pronta para argumentar o dia todo, consentiu em reconciliar-se comigo, à condição de que o cádi fosse capaz de responder a uma pergunta que ela lhe dirigiria. - Aceito, disse o cádi. Qual é a pergunta, boa mulher?

Respondeu: “Primeiro, sou osso; depois, viro músculo; e finalmente, viro carne. Quem sou?”

O cádi acariciou a barba e refletiu longamente; depois declarou: “Hoje estou exausto pela longa sessão e não consigo responder a perguntas tão complexas. Mas, de noite, consultarei meus livros de jurisprudência e, se te dignares voltar amanhã pela manhã, encontrarás minha resposta pronta.” O juiz apressou-se a despachar os querelantes e voltou para casa onde ficou tão absorvido no problema que deixou de jantar. Pesquisou em livros de jurisprudência, gramáticas, enciclopédias, sem conseguir encontrar a sombra de uma resposta. Na manhã seguinte, estava ainda preocupado com o problema. “Primeiro, sou osso; depois, viro músculo; e finalmente, viro carne. Quem sou?” repetia: “Sim, quem é? Sim, sim, sim, quem é? Quem é, em nome de Alá?” Finalmente, gritou: “Desisto! Parece que nunca foram escritos livros sobre o assunto.” Sua filha de quatorze anos, que estava servindo-lhe o desjejum, ouviu-lhe as últimas palavras e reparou em sua preocupação. Perguntou-lhe: “Qual é a causa de tua infelicidade, querido pai? Por que suspiras e te atormentas?” - Porque não vejo saída para uma situação em que me meti, minha filhinha, respondeu. Não consegui encontrar em qualquer de meus livros a resposta a uma pergunta que me foi feita e que me comprometi a responder. Por causa disso, não vou poder reconciliar um casal separado. - Qual é essa pergunta? Fala-me dela, pediu a menina, pois nada é impossível para a sabedoria de Alá. O cádi contou-lhe toda a história e repetiu-lhe a pergunta da mulher do capitão. - Ó pai, consideras mesmo esta pergunta difícil? Exclamou a garota. É mais fácil que água corrente. A resposta resume-se assim: no que diz respeito ao vigor e à resistência, o zib do homem é um osso entre as idades de quinze e trinta e cinco anos; um músculo entre as idades de trinta e cinco e sessenta; depois, não é nada mais que um inútil pedaço de carne pendurada. O cádi alegrou-se sem limites, dizendo: “Glorificado seja Alá que outorga a inteligência às menores de suas criaturas. Não somente me salvaste a honra, minha filha, como preveniste a destruição de um lar. Sê abençoada.”

Correu ao tribunal onde teve que esperar bastante tempo até que minha mulher aparecesse, arrastando-me com ela. - Ó nosso senhor cádi, lembras-te de minha pergunta, e encontraste a resposta? perguntou minha mulher. - Tua pergunta é fácil demais, ó filha de parentes nobres, respondeu o cádi. Todo mundo sabe que o zib do homem é como um osso, forte e vigoroso, entre as idades de quinze e trinta e cinco anos. Vira como um músculo entre as idades de

trinta e cinco e sessenta, menos vigoroso, mas ainda atuante. Após os sessenta, torna-se um mero pedaço de carne pendurada. Minha mulher reconheceu logo nesta resposta a sutileza da filhinha do cádi, e disse maliciosamente: “Por Alá, muitos homens formados não teriam sido capazes de encontrar tal resposta. Felicito-te pela tua filha, meu senhor. Com quatorze anos, ela já tem a experiência de um adulto.” Acenou para mim, e saímos juntos, deixando o cádi numa confusão de que não se recuperaria até o fim de seus dias.

UM PARASTTA MODELO

Conta-se que o califa Al-Ualid, filho de Iazid, da dinastia dos Omaiadas, comprazia-se na companhia de um certo comilão cujo nome passou a caracterizar a profissão dos parasitas, que se convidam a si mesmos a bodas e banquetes. O nome desse famoso comilão era Tufail dos Festins. Ao lado de sua gula, o homem era inteligente, culto, espirituoso, cínico, com boas réplicas e atitudes simpáticas. Foi ele que estabeleceu o código do bom parasita nestes versos:

Aquele que for convidado a uma festa
deve comportar-se com a segurança
de um dominador;
entrar com ar alegre e ocupar o melhor lugar
sem prestar atenção a ninguém
para que cada conviva o considere
um homem de importância;
desprezar os pratos como indignos
de tão alto personagem;
e, contudo, manobrar para ter perto de si
o melhor vinho e os melhores cigarros;
e enquanto trincar e engolir os frangos
pedaço a pedaço,
lançar olhares de homem superior,
rodeado por homens que não lhe chegam da altura.

Certa vez, um mercador de projeção convidou alguns amigos a um jantar de peixes selecionados. Quando a voz bem conhecida de Tufail foi ouvida falando ao porteiro, um dos convivas exclamou: “Alá nos proteja do parasita. Escondamos pelo menos esses peixes maiores e só deixemos nas bandejas os peixes menores. Depois de ter ele engolido estes peixes e ido embora, daremos prosseguimento a nossa festa.” Quando, após saudar os presentes, Tufail se sentou à mesa, satisfez-se com uma insignificante fatia de peixe. Os convivas alegraram-se e perguntaram-lhe: “Bem, mestre Tufail, o que achas destes peixes? Não parecem agradar-te.” - Há muito tempo que estou de relações cortadas com o mundo dos peixes. Mais ainda, detesto-os. Meu pai morreu afogado no mar, e esses selvagens o devoraram. - Aí tens a ocasião de vingar-te deles, comendo-os por tua vez, disseram vários convivas. -Tendes razão, mas esperai um instante. Apanhou um peixe magricela e aproximou-o do ouvido, parecendo escutar sua

conversa. - Sabeis o que este pedacinho de peixe está me dizendo? perguntou finalmente aos demais. - Por Alá, como iremos saber? responderam. Disse Tufail: “Está me dizendo: “Eu não tinha ainda nascido quando teu pai foi devorado no mar. Se quiseres vingá-lo, ataca os peixes grandes que se refugiaram lá no canto. Foram eles que se jogaram sobre o santo homem e o devoraram.” O anfitrião e seus convidados se deram conta de que o olfato treinado do parasita havia localizado os peixes e desmascarado a malícia dos que queriam enganá-lo. Não vendo escapatória, preferiram rir gostosamente, e trouxeram a bandeja escondida para a mesa, dizendo ao parasita: “Come, em nome de Alá. E tomara que sofras uma terrível indigestão”.

ALI-BABA E OS QUARENTA LADRÕES

Conta-se, ó rei afortunado, que viviam antigamente, numa das cidades da Pérsia, dois irmãos chamados Kassem e Ali-Baba. Quando seu pai morreu, herdaram o pouco que tinha, gastaram-no e, breve, acharam-se numa completa indigência. Kassem resolveu seu problema casando-se com uma donzela que possuía casa, comida e beleza. Ali-Baba, destituído de ambição, fez-se lenhador e, graças a seu empenho e parcimônia, conseguiu comprar sucessivamente três burros, que usava para transportar a lenha que cortava na floresta e vendia no mercado. Certo dia, enquanto se preparava para carregar os asnos, ouviu como o tropel de um exército. Não sabendo o que era e receando o pior, trepou numa árvore e se escondeu na sua ramagem. De lá, avistou um grupo de cavaleiros armados que avançavam para o lado onde ele estava. Vendo-os de perto com seu aspecto feroz, Ali-Baba concluiu que eram salteadores e ladrões. Contou-os. Eram exatamente quarenta. A um sinal de seu chefe, os homens pararam e apearam. Cada um pegou o alforje cheio que trazia na garupa e, juntos, andaram até um grande rochedo. O chefe adiantou-se e, dirigindo-se ao rochedo, gritou: “Abre-te, Sésamo!” Imediatamente, o rochedo abriu-se em dois, dando acesso a uma gruta interna. Os ladrões entraram, e lá dentro, o chefe gritou de novo: “Fecha-te Sésamo!” E o rochedo se fechou. Pasmado, Ali-Baba decidiu permanecer no seu esconderijo até ver o que os quarenta homens fariam depois. Breve, a rocha abriu-se, e os quarenta ladrões saíram, carregando seus alforjes vazios, montaram nos cavalos e foram embora. Após esperar um tempo suficiente, Ali-Baba desceu da árvore e, levado por uma curiosidade que transformava sua pusilanimidade habitual em audácia, foi até o rochedo e bradou: “Abre-te, Sésamo!” E a rocha abriu-se. Com espanto, em lugar de um antro de trevas e horrores, viu uma extensa galeria que levava a uma sala espaçosa, iluminada por fendas no teto. Entrou e achou-se diante de tantos tesouros acumulados (tecidos finos, montões de lingotes de ouro, sacos cheios de moedas, pedras preciosas cobrindo o chão) que teve a certeza de que a gruta e seus tesouros estavam lá desde o tempo de Soleiman e Al-Iskandar. Passado o primeiro susto, Ali-Baba encheu três sacos grandes de lingotes e moedas de ouro, carregou-os sobre seus três burros e foi para casa. Encontrando a porta fechada, gritou: “Abre-te, Sésamo!” E a porta abriu-se. Diante dos enormes sacos cheios de ouro, a mulher de Ali-Baba concluiu que ele se tinha associado a uma quadrilha de ladrões e começou a berrar: “Ai de mim! Que calamidade! A desgraça vai entrar em nossa

casa com estes malditos sacos.” Mas Ali-Baba, após despejar todo o ouro dos sacos no seu pequeno quarto, contou à mulher de onde vinha esse ouro e arrematou: “É o Retribuidor que quis assim recompensar nossa pobreza honesta.” A mulher passou da revolta à alegria e quis contar as moedas e os lingotes. Objetou Ali-Baba: “Ajuda-me, antes, a cavar um poço no chão da cozinha para esconder este ouro; senão, arriscamo-nos a atrair sobre nós a cupidez dos vizinhos e da polícia.” Mas a mulher insistiu em ir pedir emprestada uma rasa aos vizinhos para medir o ouro. O marido acabou concordando, mas recomendou-lhe não deixar escapar uma palavra sequer sobre os sacos. A mulher prometeu e foi pedir a rasa à esposa de Kassem, o irmão de Ali-Baba. Esta, que sempre tratara a família do cunhado com bastante menosprezo por causa de sua pobreza, ficou atônita com o pedido. “Para que esses pobres-diabos precisam de uma rasa que só serve aos proprietários de grandes provisões de grãos?” pensou. Presa à curiosidade, foi à cozinha e besuntou com sebo o fundo da medida, do lado em que o utensílio pousa, e entregou-a à mulher de Ali Baba com palavras inéditas de amabilidade. A mulher voltou para casa, contou quantas vezes pôde encher e esvaziar a rasa de moedas e lingotes de ouro e, alegre, devolveu na hora o utensílio à mulher do cunhado, sem ter percebido que um dinar se havia agarrado ao sebo no fundo da medida. Quando a velhaca mulher de Kassem virou a medida e descobriu uma moeda de ouro em vez de favas, cevada, aveia como conjecturara, seu coração ferveu de ciúmes e inveja. “Desde quando esses miseráveis têm tanto ouro para pesar e medir?” Seu furor era tal que mandou chamar imediatamente o marido e, assim que ele atravessou a soleira da porta, bombardeou-o com berros furibundos, metendo-lhe debaixo do nariz a peça de ouro: “Vês? Este dinar não passa dos restos desses trapaceiros. Achas-te rico e achas teu irmão pobre? Desengana-te. Ele não se contenta em contar o ouro. Mede-o como os mercadores medem o grão!” E contou-lhe o que descobrira e como o descobrira. Acrescentou: “Agora, compete a ti descortinar o mistério e investigar a fonte dessa fortuna.” Kassem, em vez de se alegrar com a felicidade do irmão, encheu-se de um ciúme bilioso. Correu à casa de Ali-Baba, e sem preâmbulo ou salamaleques, interpelou o irmão como se interpela um criminoso: “Sim, continuas a simular pobreza enquanto na tua cabana tens ainda mais ouro que piolhos e percevejos.” Ali-Baba acabava de esconder o ouro na fossa e, temendo a maldade e a cupidez do irmão, alegou que não atinava com o que o irmão dizia. Mas Kassem mostrou-lhe o dinar e revelou-lhe o estratagema da mulher. Ali-Baba, não podendo mais negar e levado por sua bondade natural, respondeu: “Tu és generoso, ó meu irmão, envia seus benefícios independentemente de nosso merecimento.” E contou ao irmão a sua aventura na floresta, deixando apenas de citar a frase mágica. Acrescentou: “Nós somos irmãos. O que me pertence te pertence. Quero oferecer-te a metade do que trouxe da caverna.” Mas o malvado Kassem, sem agradecer ao irmão, quis também saber como entrar e sair da gruta, e Ali-Baba acabou por lhe dizer. Cedo no dia seguinte, Kassem partiu para a floresta com dez mulas, reconheceu o rochedo, usou a fórmula mágica e entrou na gruta. Ficou deslumbrado à vista de tantas riquezas amontoadas, e dominou-o o desejo de tornar-se dono de todos aqueles tesouros. Mas verificou que, para transportá-los, precisaria de todos os camelos que viajam dos confins da China às fronteiras do Irã. Contentou-se

daquela vez em encher de moedas de ouro tantos sacos quantos suas mulas podiam carregar. Voltando ao rochedo, gritou: “Abre-te, Cevada!” Mas o rochedo não se moveu. Kassem deu-se conta de que tinha esquecido, sob o impacto da emoção, o nome do grão que integrava a fórmula mágica. Tentou todos os nomes que lhe assomavam à mente: “Abre-te, Centeio!” “Abre-te, Milho!” “Abre-te, Arroz!” Não usou o único nome certo, e o rochedo permaneceu fechado. Era, literalmente, a aplicação da advertência do Profeta acerca dos perversos: “Alá privá-los-á do dom da inteligência e deixá-los-á a tatearem nas trevas. Assim, cegos, surdos e mudos, perderão o caminho do regresso.” Por volta de meio-dia, os quarenta ladrões retornaram à caverna, encontraram Kassem no estado de um animal feroz acuado, esquartejaram-no, não se preocuparam muito em descobrir como entrara e voltaram às estradas em busca de caravanas para saquear. Como Kassem não regressasse para casa nem naquela noite nem no dia seguinte, sua mulher alarmou-se e, com falsas palavras de afeto, foi à casa de Ali-Baba pedir que a ajudassem a encontrá-lo. Ali-Baba, que amava o irmão, ficou preocupado com ele e foi procurá-lo na floresta. Chegando à porta do rochedo e vendo lá traços de sangue, mandou a porta abrir, pressentindo o pior. Encontrou o corpo do irmão cortado em pedaços. Chorou. Mas de que adiantavam as lágrimas? Só lhe restava prestar ao irmão as últimas homenagens. Colocou os pedaços do corpo em sacos, carregou-os no seu burro, cobrindo-os de ramos contra o olhar dos curiosos, e voltou para casa. A cunhada tinha ficado lá à espera de notícias. Ali-Baba contou-lhe o acontecido tão delicadamente quanto possível, e acrescentou: “Alá é generoso e deu-me riquezas para além de minhas necessidades. Se, depois da tragédia irremediável que te atinge, ainda for possível encontrar qualquer coisa capaz de consolar-te, ofereço-te a metade dos bens que Alá me concedeu e a integração em minha família na qualidade de segunda esposa. Na mãe de meus filhos, encontrarás uma amiga. E assim viveremos unidos e felizes, e cultivando a memória do defunto amado.” Alá, que pode tudo, iluminou o coração desta alcoviteira e libertou-a de todas as taras. Aceitou a oferta de Ali-Baba e transformou-se numa mulher de bem. Era necessário, em primeiro lugar, costurar o corpo. Ali-Baba tinha uma semente chamada Manara, que era bonita e fértil em recursos. Recorreu ela a um velho remendão de outro bairro e convenceu-o com seis dinares de ouro a se deixar levar e a executar o serviço de olhos vendados. E ele costurou o corpo com perfeição. Faltava apresentar a morte trágica de Kassem como morte natural. Durante três dias, Manara foi comprar remédios nas farmácias, espalhando a notícia de que Kassem fora atingido de escarlatina e recolhera-se à casa do irmão. Cada dia, ao comprar novos remédios, dizia que a doença piorava, de forma que quando, no terceiro dia, os gritos das mulheres anunciaram a morte de Kassem, a vizinhança aceitou o fato sem nada suspeitar. Manara lavou o corpo reconstituído, perfumou-o e, com a ajuda de Ali-Baba, vestiu-o com a mortalha. E Kassem foi sepultado com todas as honras religiosas e civis. Supondo que o cadáver do intruso continuava a putrefazer-se na caverna, os quarenta ladrões abstiveram-se de freqüentar o esconderijo durante um mês inteiro. Quando voltaram à gruta e não encontraram o cadáver, preocuparam-se e reuniram-se para avaliar o perigo. “O homem que matamos tinha um cúmplice”, disse o chefe. “Enquanto não o identificarmos e liquidarmos, nossas vidas e essas

riquezas que nossos antepassados e nós temos feito tantos sacrifícios para juntar estarão correndo perigo. Após discutir longamente o assunto, concordaram no seguinte plano: enviariam um voluntário deles à cidade para tentar identificar o intruso. Se conseguisse, seria coberto de louvores. Se falhasse, teria a cabeça cortada. Um deles ofereceu-se para a tarefa. Disfarçando-se em dervixe, foi à cidade e, por sorte sua, a única loja que encontrou aberta era a do remendão que costurara o corpo de Kassem. Entrou, fez-se amigo do homem e felicitou-o pela habilidade com que estava confeccionando uns chinélos de luxo. Lisonjeado, o remendão replicou: “O que terias dito se me tivesses visto coser os seis pedaços de um morto e restituir-lhe a forma?” O falso dervixe ficou encantado com a coincidência, e disse estar curioso por visitar a casa onde essa operação fora feita. O remendão explicou-lhe que o haviam conduzido lá de olhos vendados. Mas, como o dervixe lhe colocou dois dinares de ouro na mão, acrescentou: “Assim mesmo, acho que poderei localizar a casa, guiado por meus dedos.” O ladrão vedou-lhe os olhos e foram andando juntos pelas ruas da cidade. De repente, o remendão gritou: “É aqui!” Estavam, de fato, diante da casa de Ali-Baba. O ladrão marcou a porta com um pedaço de giz que trouxera. Não sabia que assinava assim o decreto de sua morte. Pois, ao voltar para casa, a astuta Manara reparou no sinal e pensou: “Esta marca não se fez por si mesma. A mão que a traçou só pode ser a de um inimigo. Precisamos despistá-lo e desviar o golpe que prepara.” Com um giz, foi repetir a marca em todas as portas da rua. Quando os ladrões entraram na cidade para assaltar a casa marcada, viram que todas as casas exibiam a mesma marca. O infeliz voluntário teve a cabeça cortada. Outro voluntário ofereceu-se e, aproveitando as informações do primeiro, foi ao remendão e convenceu-o a levá-lo àquela casa. Desta vez, o ladrão marcou a porta com um sinal vermelho. Mas Manara percebeu o sinal e repetiu a façanha. E a quadrilha perdeu mais um de seus componentes. Convencido de que somente ele resolveria o problema, o chefe tomou a tarefa a si. Tendo localizado a casa de Ali-Baba graças ao remendão, fixou-a na mente sem deixar marca alguma na porta. Depois, mandou confeccionar trinta e oito talhas de barro com gargalo largo e bojo redondo. Encheu uma de azeite e mandou seus trinta e sete companheiros esconderem-se nas outras, armados e prontos para a ação. E esclareceu: “Quando lançar cascalhos sobre as talhas, todos saíreis e me seguireis.” Carregou as talhas em cavalos e foi, chefiando o cortejo, até a casa de Ali-Baba. Encontrou-o sentado na soleira da porta. Saudou-o e disse-lhe: “Ó meu senhor, teu escravo é mercador de azeite e não conhece ninguém nesta cidade, mas ouviu falar em tua generosidade. Conceder-lhe-ás a hospitalidade esta noite, a ele e a seus animais carregado de azeite?” Ali-Baba atendeu ao pedido com sua cordialidade nata, ofereceu ao mercador jantar e cama, e a liberdade de colocar suas talhas no pátio e deixar os cavalos descansarem lá. Ora, naquela noite, faltou de repente azeite na casa, e Manara, levada por sua vivacidade habitual, disse: “Não nos pode faltar azeite quando há tanto azeite em nosso pátio.” Pegou uma bilha e introduziu-a numa das talhas. Mas em vez de recolher azeite, a bilha bateu na cabeça do ladrão escondido naquela talha. Acordado, o homem perguntou: “Já está na hora?” Manara adivinhou logo a trapaça e respondeu: “Ainda não, meu rapaz. Deixa o chefe descansar.” Foi a todas as talhas e repetiu a operação. Só na última, encontrou azeite. Logo idealizou um plano. Tirou bastante azeite daquela

talha, ferveu-o e foi despejando boa quantidade dele em cada uma das trinta e sete talhas. Os trinta e sete ladrões foram queimados e morreram com sofrimentos horríveis. No meio da noite, o mercador de azeite despertou e, indo à janela, atirou nas talhas os cascalhos que trazia na algibeira. Mas nenhuma cabeça irrompeu do gargalo. Foi verificar e descobriu que seus companheiros estavam todos queimados e fumegavam. Apavorado, pulou por cima do muro do pátio e fugiu. Quando Ali-Baba acordou pela manhã, foi levado por Manara às talhas, e compreendeu o perigo mortal que ameaçara a ele e a sua família e como a maravilhosa servente os salvara. Ambos, ajudados pelo escravo Abdala, sepultaram os ladrões numa grande fossa aberta no jardim, sem chamar a atenção dos vizinhos. E todos passaram semanas celebrando a volta da segurança e regozijando-se. Entretanto, o chefe dos ladrões não desistira. Disfarçou-se em mercador chamado Hassan, abriu uma loja ao lado da loja do filho de Ali-Baba e estabeleceu boas relações com ele, passando a cumulá-lo com favores e convites. Ali Baba, sabendo disso, quis retribuir essas gentilezas e convidou Hassan a uma grande festa em sua casa. Na festa, Manara improvisou-se em dançarina e dançou com tanta graça e agilidade que encantou a todos. Dançou a dança dos véus, a do lenço, a do cajado. Dançou as danças dos judeus, dos gregos, dos etíopes, dos persas, dos beduínos. Depois, dançou a dança ondulosa da espada, carregando um punhal que ora brandia no ar ora escondia no seio. De repente, parou na frente de Hassan, saltou sobre ele como uma gata selvagem e enterrou-lhe o punhal no coração. Indignação e espanto foram as primeiras reações de Ali-Baba e de seu filho. Mas Manara os acalmou, dizendo: “Louvores a Alá que guiou o braço de uma rapariga fraca para vos salvar do chefe de vossos inimigos! Verificai se este suposto mercador Hassan não é, na realidade, o falso mercador de azeite e o capitão dos quarenta ladrões que há muito vos persegue.” E arrancou a longa barba postiça com que o bandido se disfarçava. Ali-Baba reconheceu logo o chefe dos ladrões que havia observado do alto da árvore. Enternecido, Ali-Baba apertou Manara ao peito, beijou-a nos olhos e disse-lhe com voz comovida: “Manara, filha querida, queres entrar na minha família, casando-te com meu filho, este belo rapaz que vês aí?” Ela aceitou, e o casamento foi celebrado na alegria geral. Por prudência, Ali-Baba esperou muito tempo antes de voltar à gruta. Mas quando lá voltou, achou que ninguém a tinha visitado depois do longínquo dia em que havia retirado de lá o cadáver do irmão. Desta forma, todas aquelas riquezas incomensuráveis, acumuladas pelos quarenta ladrões em não se sabe quantos anos, passaram a pertencer exclusivamente a ele. Aproveitou-as com moderação e viveu com a família na felicidade. Louvado seja Alá que, de um lenhador que possuía apenas três burros, fez o homem mais rico e respeitado de sua cidade!

UM CÁDI ASTUTO

Não esqueçamos que Deus colocou os juízes no mundo para julgar as aparências. É somente Ele que julgará as intenções e os pensamentos escondidos. Conta-se que havia certa vez no Cairo um cádi que cometeu tantas prevaricações e pronunciou tantos julgamentos iníquos que foi demitido de seu alto ofício e teve que viver dos recursos de sua engenhosidade.

Um dia, quando sua cabeça estava tão vazia quanto seu bolso e seu bolso tão vazio quanto seu estômago, chamou o único escravo que lhe restava e disse-lhe: “Estou adoentado hoje e não posso sair de casa. Para nos sustentar, deves ou percorrer as ruas à procura de algum biscate ou enviar-me algum infeliz que precise de um parecer jurídico.” O escravo saiu com a intenção de molestar algum transeunte e arrastá-lo até o juiz para ser multado. Assim, mal cruzou com um cidadão pacífico carregando um cesto no ombro, tropeçou nele e enviou-o ao chão. A vítima levantou-se furiosa e avançou para castigar o agressor. Mas quando reconheceu nele o escravo do cádi, virou as costas e fugiu de encontro tão perigoso. “Todos me conhecem como conhecem meu amo,” resmungou o escravo desanimado. “Devo achar outros meios.” Na primeira esquina, cruzou com um homem levando uma bandeja com um magnífico peru, recheado e guarnecido com tomates e alcachofras. Seguiu-o e viu-o entrar numa cozinha pública e entregar a ave ao mestre do forno, dizendo que voltaria para apanhá-la uma hora mais tarde. “Esta é a minha oportunidade,” decidiu o escravo. Menos de uma hora depois, entrou na cozinha pública, dizendo: “Salve Mustafa!” O mestre do forno reconheceu-o e respondeu: “Salve Mobarak! Há muito tempo que meus carvões nada assam para teu amo. Trouxeste algo hoje?”

- Nada, exceto o peru.

- Mas este não te pertence, meu irmão.

- Não fales assim, ó xeque. Eu vi esse peru sair do ovo materno, alimentei-o, matei-o, recheei-o e o enviei a ti.

- Se for assim, estou pronto a to entregar, disse o cozinheiro.

Mas que direi ao homem que o trouxe?

- Acho que ele não voltará, replicou Mobarak num tom evasivo. Mas se voltar, ele deve gostar de uma boa piada. Poderás dizer-lhe que tão logo o peru foi colocado no fogo, deu um grito agudo e voou. Agora, dá-me logo aquela ave, por favor. Acho que já está bem assada. O cozinheiro riu e entregou o peru a Mobarak, o qual correu para a casa do cádi e ajudou-o a limpar o prato. Quando, minutos depois, o dono do peru voltou para levá-lo, o cozinheiro disse-lhe: “Tão logo coloquei-o no forno, deu um grito agudo, voou para longe, e não voltou mais.” O homem não gostou nada da piada e gritou com raiva: “Ó nada, ousas brincar nas minhas barbas?” Das palavras passaram às imprecações e das imprecações aos socos. Uma multidão se formou em volta deles. “Estão brigando acerca da ressurreição de um peru recheado,” disseram os vizinhos, a maioria dos quais apoiavam o cozinheiro cuja honestidade nunca fora posta em dúvida. Entre os espectadores, havia uma mulher grávida. Quando o cozinheiro aplicou um pontapé no seu adversário, o golpe se desviou e atingiu a mulher, que emitiu um grito igual ao de uma galinha ultrajada e abortou na hora. Seu marido, informado, correu com um cacete enorme na mão, gritando: “Vou sodomizar este cozinheiro e seu pai e seu avô! Vou eliminar toda a raça dos cozinheiros da face da terra!” O mestre do forno, não querendo enfrentar essa fúria, fugiu, subiu ao terraço e deixou-se cair no terraço vizinho. Quis o destino que ele caísse com seu peso enorme sobre um mouro que dormia num canto. As costelas do mouro foram quebradas, e ele morreu na hora. Os outros mouros acorreram e prenderam o cozinheiro, e arrastaram-no até a casa do juiz. O dono do peru e o marido da mulher grávida juntaram-se a eles. Armando-se de seu ar mais solene, o cádi

começou por recolher depósitos dobrados de cada litigante e, apontando o dedo para o primeiro réu, o cozinheiro, perguntou: “Que tens a dizer a respeito do peru?” Achando que era melhor aderir à tese do escravo do juiz, o cozinheiro respondeu: “Por Alá, ó representante da justiça humana e divina, assim que coloquei a ave no forno, emitii um grito agudo e, mesmo recheado e guarnecido, levantou vô, foi-se e não mais voltou.”

Ao ouvir essas palavras, o dono do peru gritou: “Filho de cachorro, ousas contar tais tolices a nosso amo o cádi?” Mas o cádi repreendeu-o com indignação: “E tu, tens a audácia, ó ímpio infiel, de duvidar de que Aquele que ressuscitará todas as criaturas no Dia predestinado, recolhendo-lhes os ossos dispersos pelos quatro cantos da terra, é incapaz de devolver a vida a um simples peru que tinha ainda a totalidade de seus ossos e só lhe faltavam as plumas?”

Impressionada com a argumentação do juiz, a multidão gritou: “Glória a Alá que ressuscita os mortos!” e pôs-se a vaiar e apupar o dono do peru até que ele foi embora, lamentando sua falta de fé.

Então, o cádi virou-se para o marido da mulher que havia abortado e perguntou-lhe: “E tu, que tens contra este homem?” O marido expôs sua queixa. E o juiz pronunciou a seguinte sentença: “O caso é claro. O cozinheiro causou sem dúvida o aborto com o golpe que desfechou na mulher. A lei de Talião se aplica. Tu, o marido lesado, ganhaste a tua causa. Autorizo-te, portanto, a levar tua mulher à casa do réu e deixá-la lá até que esteja grávida outra vez. Também poderá continuar a viver com o réu e às suas custas até o sexto mês de gravidez, já que o aborto aconteceu no sexto mês da primeira gravidez. Ouvindo essa sentença, o marido declarou: “Ó nosso amo o cádi, desisto de minha queixa. Possa Alá perdoar meu adversário.

Abordando então o caso do mouro, perguntou o cádi aos seus parentes que acusação faziam ao cozinheiro. Falaram todos ao mesmo tempo, amaldiçoando o cozinheiro, apontando para o cadáver e clamando pelo preço do sangue. Sentenciou então o juiz: “A evidência é decisiva. A indenização é devida. Preferis que seja paga em dinheiro ou em sangue?”

- Em sangue, gritaram. Sangue por sangue.

-Seja, proclamou o juiz. Levai este cozinheiro, enrolai-o na mortalha do defunto e colocai-o por baixo do minarete da mesquita do sultão Hassan. Então, o irmão da vítima subirá até o minarete e saltará de lá sobre ele, esmagando-o da mesma forma que ele esmagou a vítima... Quem de vós é o irmão do morto? Um certo mouro, que parecia ser o líder do grupo, levantou-se e declarou: “Ó nosso amo o cádi, retiramos a nossa queixa contra este homem. Possa Alá perdoá-lo!” E saiu, seguido por todos os membros de sua tribo. A multidão dispersou-se, maravilhada com a equidade, sutileza e os profundos conhecimentos jurídicos do cádi. Quando os ecos do processo atingiram os ouvidos do sultão, restaurou o cádi nas suas altas funções e demitiu o honesto homem que o havia substituído.

FARRUZ E SUA ESPOSA

Conta-se que certo rei estava sentado um dia no terraço de seu palácio quando viu, no terraço da casa oposta, uma mulher cuja beleza não tinha igual entre as mulheres. O rei perguntou:

“A quem pertence essa casa?” Responderam-lhe: “A teu servidor Farruz, e essa mulher é a sua esposa.”

O rei desceu do terraço, embriagado por uma súbita paixão. Chamou Farruz e disse-lhe: “Pega esta carta e vai entregá-la em tal cidade e volta com a resposta.” Farruz pegou a carta e, de volta a casa, colocou-a sob o travesseiro. Pela manhã, despediu-se da mulher e dirigiu-se para a cidade, sem suspeitar das intenções do rei. Assim que o viu partir, o rei disfarçou-se e foi bater na porta da casa de Farruz. A mulher abriu-lhe. “Vim visitar-te”, disse o rei. Ela sorriu e respondeu: “Refugio-me em Alá desta visita. Pois não vejo nela nada de bom.” Retrucou o rei: “Sou o amo de teu marido. Parece que não me conheces. Respondeu ela com determinação: “Com certeza conheço-te. És o soberano de meu marido e meu soberano também. Também entendi a tua manobra, e sei o que queres de mim. E para te provar que compreendo o que te traz, vou recitar para ti estes versos do poeta”:

Não trilharei o caminho da fonte
se outros podem colar os lábios na rocha úmida.
Jogarei fora as melhores carnes,
se for dado às moscas partilhá-las comigo.

Depois de recitar os versos, a esposa de Farruz acrescentou:

“E tu, ó rei, beberás da fonte onde outros pousaram os lábios antes de ti?”

O rei escutou-a com estupefação, voltou as costas sem dizer uma palavra e fugiu daquela casa com aquela precipitação que deixou uma de suas sandálias no chão atrás de si. Ora, Farruz deu-se conta no meio do caminho que esquecera a carta do rei sob o travesseiro, e voltou para apanhá-la. Vendo a sandália do rei, compreendeu por que tinha sido enviado a cidade tão longínqua, apanhou a carta em silêncio e saiu sem deixar a esposa perceber a sua volta. Após cumprir a missão, apresentou-se ao rei, que o recompensou com cem dinares. Farruz levou os cem dinares ao mercado dos joalheiros, comprou magníficos ornamentos que ofereceu à mulher, dizendo: “Estes são uma lembrança da viagem. Pega-os e tudo que te pertence e volta para a casa de teus pais.” “Assim farei,” disse a mulher sem nada perguntar ou comentar. Adornou-se com as jóias, apanhou seus pertences e foi para a casa dos pais. Quando um mês se passou sem que Farruz procurasse a mulher, o irmão desta visitou-o e disse-lhe: “Se não queres revelar o motivo de tua cólera contra tua esposa e o abandono em que a deixas, terás que te explicar diante do rei.” O marido concordou, e foram juntos à presença do rei. O rei transferiu-os ao cádi que estava sentado a seu lado. O cunhado disse: “Que Alá assista o nosso senhor cádi! Eis a minha queixa: eu e minha família possuíamos um lindo jardim, protegido por altos muros, cuidado e plantado de flores aromáticas e de árvores frutíferas. Entregamo-lo a este homem. E ele, depois de colher as flores e comer as frutas, e depois de demolir os muros e abandonar o jardim aos quatro ventos, quer romper o contrato e devolver-nos o jardim no estado em que o pôs. Tal é nossa queixa, ó nosso senhor cádi.”

O cádi perguntou a Farruz: “Que tens a dizer, ó jovem” Farruz respondeu: “Devolvo-lhes o jardim com vontade e sem vontade! O motivo desta restituição é que, um dia, entrei no jardim e vi nele as pegadas de um leão. Tive medo de que,

um dia, ele acabe por me devorar”.O rei prestava atenção sem o deixar perceber. Ao ouvir as palavras de Farruz, compreendeu-lhes o sentido e o alcance e interveio, dizendo a seu servidor: “Ó Farruz, acalma teu coração e apazigua tuas dúvidas. Pois, pela verdade e pela santidade do islã, é o jardim mais bem defendido que encontrei em toda minha vida. Suas muralhas o protegem contra qualquer assalto. E suas flores são as mais belas que já vi.” Farruz compreendeu e fez a paz com a mulher e amou-a. Nem o cádi nem as demais pessoas presentes compreenderam de que se tratava. Pela forma alegórica dada ao pensamento de cada um, o segredo ficou limitado ao rei, a Farruz e ao irmão da esposa.

A HISTÓRIA ESPLÊNDIDA DO PRÍNCIPE DIAMANTE

Conta-se, nos livros dos sábios, poetas e outros homens superiores, que viveu outrora um rei magnífico que era acompanhado a cada passo pela felicidade e a boa fortuna. Sua justiça era mais rigorosa que a de Kisra Anuchiruan, e sua generosidade, mais liberal que a de Hatim Tay. Louvado seja Aquele que dotou a terra de alguns homens excepcionais, assim como colocou o sol no firmamento, deu beleza às mulheres e rosas à primavera. Esse rei era chamado Chams Xá e tinha um filho cujos encantos ultrapassavam o esplendor das estrelas quando brilham sobre o mar. Seu nome era Almás, Diamante. Um dia, Diamante disse ao pai: “A minha alma está triste e cansada da cidade. Preciso ir caçar, senão sou capaz de rasgar as vestes e de cometer alguma loucura.” Como amava o filho, o pai deu as ordens necessárias, e os falcoeiros prepararam os falcões, os palafreiros arrearam os cavalos, e o príncipe Diamante encabeçou assim uma brilhante comitiva a caminho dos lugares de caça. Chegaram ao sopé de uma montanha tão alta que seu cume perfurava o céu. Lá viram uma nascente e um gamo bebendo nesta nascente. Diamante, encantado com esse quadro, mandou parar os cavaleiros e se lançou sozinho no rasto do belo animal. Mas o gamo fugiu com a velocidade de uma flecha. Diamante seguiu-o através de planícies e montanhas até que o cavalo, espumante e sem fôlego, parou num deserto onde não havia traço de seres humanos, e só se sentia a presença do Invisível. Como o gamo havia desaparecido atrás de uma duna de areia, Diamante escalou a duna e, chegando ao cume, avistou um oásis verdejante entrecortado de regatos e ornado de flores vermelhas e brancas que pareciam refletir a penumbra do crepúsculo e a tímida clareza da aurora. Diamante desceu até o oásis e lá, ao abrigo de uma árvore centenária, deparou com um trono solitário. Um rei velho coroados mas descalço, ocupava o trono. Cumprimentaram-se, e o príncipe perguntou ao rei o que o levava a refugiar-se naquele lugar desolado. O rei contou-lhe sua espantosa história:

“Saberás, ó belo adolescente, que antes de vir para esta ilhota no meio do deserto, eu reinava sobre as terras de Babil. Alá tinha-me outorgado sete filhos varões. Tudo no meu reino corria na paz e na prosperidade até que, um dia, meu filho mais velho soube por um caravaneiro que, nas terras distantes de Sim e Massim, havia uma princesa tão bela que sua aparição escurecia a face da lua cheia. Chamava-se Mohra. “Soubemos também pelo caravaneiro que essa beleza acabava de chegar à primavera de sua exuberância, e as abelhas começavam a enxamear em volta dela. Ela, porém, tinha idealizado um quebra-cabeça, e todo

pretendente devia comprometer-se a resolver o enigma ou deixar-se degolar. A pergunta era: “Que relação existe entre a pinha do pinheiro e a linha do cipreste?” “Quando eu soube dessa condição, quis invadir o reino de Tamuz e raptar a princesa. Mas meu filho opôs-se, dizendo: “Meu pai, não é digno de nós arrancar pela força o que não podemos conseguir pelo mérito.” Compreendi então que ninguém consegue apagar uma palavra sequer do livro do destino. Meu filho partiu, não soube responder à pergunta e foi degolado. “Ao sabê-lo, chorei todas as lágrimas do desespero. Cobri a cabeça de cinza. Vesti-me de luto. Meus familiares imitaram-me. Mas antes mesmo que o tempo pudesse nos trazer algum consolo, meu segundo filho foi dominado pela mesma paixão. Não soube responder à pergunta e foi também degolado. E todos os meus outros cinco filhos percorreram o mesmo trágico caminho. Eu, incuravelmente ferido, atravessei como um sonâmbulo as planícies e os desertos e cheguei, como vês, a este fim de mundo onde, sentado num trono vazio, espero a chegada da morte.” Diamante saiu deste encontro cabisbaixo e pálido. Chegou a casa mergulhado na mais negra tristeza, pois o amor da princesa Mohra havia-lhe invadido o coração por sua vez. Quando revelou seu segredo ao pai, este quis logo andar seus embaixadores pedir ao rei Kamuz a mão da filha para Diamante. Mas Diamante opôs-se, dizendo: “Antes, irei pessoalmente, darei a resposta exigida e conquistarei a princesa com meu mérito.” As súplicas do pai, as lágrimas da mãe de nada adiantaram. E ele partiu para as terras de Sim e Massim.

Quando lá chegou, foi contemplar o palácio daquela que o tinha arrancado de sua pátria. Enquanto o rondava, reparou num canal, mergulhou na água e deixou-se levar para dentro do jardim. Lá, passeando entre as árvores e as flores, achou-se de repente em frente a um tanque de mármore à beira do qual se estendia indolentemente, como uma pantera em repouso, uma adolescente tão bela que todo o jardim brilhava de seu esplendor. Concluiu que estava diante da princesa Mohra. Enquanto permanecia assim em êxtase à beira de um córrego, uma das acompanhantes da princesa viu-o e apressou-se em dizer a sua ama: “Ó coroa de nossas cabeças, estava andando ao longo do córrego quando vi, refletida na água, a imagem de um adolescente tão belo que não sei se pertence aos filhos dos homens ou dos gênios.” A princesa mandou outra acompanhante verificar, e esta voltou gritando: Vi-o! Mas não consegui descobrir se é um anjo ou um homem.” A essas palavras, a princesa sentiu-se atçada pela curiosidade e foi olhar. E ficou pálida, vítima de uma paixão repentina e violenta. Gritou a uma de suas escravas: “Vai trazê-lo à minha presença, senão morro.” Diamante, receando que a princesa chamasse os guardas do pai para castigá-lo por ter invadido o jardim, fingiu-se de louco. Assim, quando a escrava o tomou pela mão com todas as precauções com que se segura uma mariposa e conduziu-o à presença da princesa sem par, o adolescente de cara de sol desatou a rir e a dizer disparates: “A mosca transformou-se em búfalo! O algodão virou-se argila por ação da água! O rato devorou o gato, e eu vou devorar todos vós!” A princesa acabou por convencer-se de que ele era mesmo louco e, decepcionada, entrou em convulsão como um franguinho ao qual torcessem o pescoço, pois o amor tinha-lhe invadido o corpo e o coração pela primeira vez na sua vida. Lembrou-se, contudo, que os loucos eram grandes santos, atormentados pelos gênios perversos e os demônios. Instalou o jovem num pavilhão especial do jardim e mandou suas escravas servi-

lo com a máxima veneração. E elas passaram a disputar quem seria a primeira a varrer o chão onde ele pisava ou a recolher as sobras de suas refeições. Faziam relíquias com as aparas de suas unhas. Ora, um dia, a moça Ramo-de-Coral, a favorita da princesa Mohra, ao visitá-lo, perguntou-lhe o que o levava a procurar aquela terra. Respondeu: “Cheguei, ó encantadora, após peripécias e riscos sem conta, só para responder à pergunta da princesa Mohra: Que relação existe entre a pinha do pinheiro e a pinha do cipreste? Se conheces a resposta e me comunicas, a sensibilidade de meu coração velará sobre ti.” - Ó insigne mancebo, respondeu Ramo-de-Coral, aprecio a sensibilidade de teu coração; mas se quiseres que responda à pergunta, deves jurar-me, pela nossa fé, que me tomarás por esposa. Diamante jurou, e ela disse-lhe: “O segredo da pergunta só é conhecido numa cidade chamada Wakak. Para descobri-lo, precisarás ir até lá. É tudo que posso dizer-te.” Imediatamente, Diamante saiu do jardim sem ser visto, foi ao khan, montou um cavalo capaz de ultrapassar o raio e iniciou a busca, confiante no seu destino. Não conhecendo o caminho de Wakak, consultou um dervixe que encontrou numa encruzilhada, e este disse-lhe: “Abençoado moço, Wakak está situada no centro da montanha Kaf. É guardada por Mareds e Afarit. Aconselho-te a desistir de um empreendimento rodeado de perigos.” Diamante respondeu que preferiria morrer nas suas tentativas a desistir por medo. Então, o dervixe encaminhou-o para a primeira etapa de sua travessia. Diamante chegou assim a um palácio grandioso cuja porta estava entreaberta. Pela abertura, viu uma jovem tão bela que faria torcer-se de inveja a lua nova. Tinha as cores da tulipa, e suas pupilas rivalizavam com as das gazelas da China. Diamante abriu a porta e entrou. - Quem és tu, mancebo cheio de audácia? perguntou a moça. Como ousaste entrar neste jardim onde nem as aves vêm bater as asas? Diamante contou-lhe sua história, e Latifa - tal era seu nome - disse-lhe: “Ó cipreste ambulante do bosque da beleza, cuja formosura ilumina esta casa e este jardim, renuncia a este sonho louco, que poderá trazer-te a morte, e permanece aqui comigo para que tua mão abençoada pouse no colo de meu desejo.” Mas ele respondeu: “Enquanto não tiver ido à cidade de Wakak e resolvido o enigma, todos os prazeres me serão proibidos.” Latifa, enciumada e furiosa, transformou Diamante num gamo. Ora, Latifa possuía uma prima igualmente bela chamada Camila. Esta adivinhou a trapaça da prima e, por compaixão, desfez o sortilégio. Mas, vendo Diamante tão bonito, procurou guardá-lo para si, dizendo-lhe: “Diamante, luz dos meus olhos, liberta-te da obsessão perigosa e estéril que te domina. Fica, antes, comigo e enche o copo de tua vida com o vinho da volúpia.” Mas Diamante agradeceu, desculpou-se com delicadeza e prometeu voltar e casar-se com ela assim que tivesse atingido seu alvo. Disse Camila: “Ó jovem príncipe, cuja beleza escravizou meu coração, já que ninguém pode fugir do destino que leva ao pescoço, quero dar-te três armas que me couberam em herança e que te ajudarão a vencer os inimigos que certamente vais encontrar pelo caminho: um arco de ouro com flechas, uma espada de aço da China e um punhal com cabo de jade. Quando tiveres vencido teus inimigos graças a essas armas, encontrarás meu tio As-Simurg, um gigante que te ajudará a entrar em Wakak e a decifrar o enigma.”

Acrescentou: “Agora que partes, deixarei sempre aberta no meu coração a porta da tristeza e só voltarei a sorrir quando tu voltares.” Diamante montou no

seu cavalo e partiu. O primeiro inimigo que encontrou foi um exército de etíopes gigantes, medindo dez côvados de altura. Diamante sacou a espada dada por Camila e matou com a maior facilidade um grande número deles. Os outros fugiram. O segundo inimigo foi um exército dos filhos do alcairão, numeroso como um enxame de vespas silvestres e dirigido pelo sanguinário Mak-Mak, que silvava como a víbora cornuda. Apanhando o punhal com cabo de jade, Diamante plantou-o nas costelas do gigante que caiu como uma árvore cortada. Vendo seu chefe aniquilado, os pretos tremeram e fugiram. Diamante perseguiu-os e matou muitos deles. Assim fazendo, Diamante libertava sem saber a princesa Aziza, soberana legítima daquela terra, que Mak-Mak havia destronado. Diamante restabeleceu-a no seu trono. E ela, por gratidão, apresentou-o a As-Simurg; e este aceitou levá-lo nas costas e sobrevoar com ele os sete mares até a cidade de Wakak. Depositou-o no terraço mais alto da cidade - uma cidade branca e cercada de vergéis. Ao despedir-se dele, As-Simurg entregou-lhe um punhado de pêlos da própria barba, dizendo-lhe: “Sempre que precisares de mim, queima um destes pêlos. Apresentar-me-ei a ti imediatamente. Adeus.”

Enquanto pensava no que fazer, Diamante viu avançar para ele um adolescente simpático, chamado Farah, que se tornou seu amigo na hora. Diamante contou-lhe o motivo de sua viagem. -Ó Diamante, disse o moço, saberás que o rei manda matar todo aquele, morador ou forasteiro, que pronuncia o nome cipreste ou pinha do pinheiro. Pois Cipreste é precisamente ele, e Pinha do Pinheiro é sua esposa. E somente ele conhece as relações que os ligam. Posso conduzir-te à presença dele. E como, decerto, conseguirás agradar-lhe, talvez desate o nó que te aflige. O rei gostou, de fato, de Diamante e prometeu satisfazer-lhe qualquer desejo. Mas quando Diamante formulou aquela pergunta, o rei entrou numa cólera terrível e pediu a Diamante para trocar esse pedido por qualquer outro, fosse a metade do reino.

Diamante, porém, insistiu, e como o rei nunca renegava uma promessa feita, resignou-se a revelar um segredo que lhe era tão caro quanto a própria vida. Obedecendo às suas ordens, os guardas esvaziaram a sala e trouxeram um galgo preso por uma correia cravejada de pedrarias e uma adolescente radiante de beleza de mãos amarradas às costas, que ora chorava, ora sorria - suas lágrimas transformando-se em pérolas e seus sorrisos, em pétalas de rosas. Disse o rei: - Saberás, ó filho de Chams Xá, que esta adolescente amarrada se chama Pinha do Pinheiro e é minha esposa. E eu sou o rei Cipreste. Ela é filha de um rei. Casei-me com ela sob o efeito de uma louca paixão; depois, com a permissão de seus pais, viemos morar na minha cidade de Wakak. Certa noite, acordei e notei que, apesar do calor sufocante, minha mulher tinha as mãos e os pés gelados. Alarmado, perguntei-lhe se estava doente. Respondeu “não” com indiferença e alegou que uma ablução a deixara assim. Mas o caso se repetiu e senti-me tomado de graves suspeitas. No entanto, guardei essas suspeitas no cofre de meu coração e dei três voltas à chave do silêncio na porta da minha língua. Uma noite, fingi que estava dormindo e vi esta mulher de maldição levantar-se, furtiva como uma gata, despejar-me na boca uma taça de narcótico, que procurei não engolir. Confiante nos efeitos de sua malícia, e pensando que eu já estava anestesiado, colocou Kohl nas pálpebras, nardo no cabelo, pintou as sobrancelhas, perfumou-se, cobriu-se de jóias e desceu à cavalaria. Lá montou o melhor cavalo e

partiu. Segui-a correndo, tendo por único companheiro este cão fiel, ora tropeçando, ora caindo e machucando-me. Finalmente, chegamos ao mesmo tempo a uma planície rasa onde só havia uma cabana de barro, habitada por sete negros. Minha mulher entrou na cabana e trancou a porta. Segui-a e espreitei pelo buraco da fechadura. E vi os sete negros caírem em cima dela quais sete búfalos, e vi-a responder às suas violências com suspiros de volúpia. Não podendo tolerar este espetáculo, forcei a porta e matei os sete negros abjetos. Depois amarrei Pinha do Pinheiro e trouxe-a para casa. Aí, tens, ó mancebo engenhoso, toda a história das minhas relações com Pinha do Pinheiro, que nenhum ouvido humano jamais ouvira antes de ti.” Diamante agradeceu o rei Cipreste e beijou o chão aos seus pés e saiu do palácio aliviado e feliz. Foi despedir-se de Farah e subiu ao terraço, onde queimou um pêlo e a barba de As-Simurg. O gigante surgiu imediatamente, levou Diamante nas costas e atravessou com ele os sete mares de volta. Diamante foi diretamente à casa de Aziza, aquela cujas faces são como a flor da romãzeira, e os dois passaram horas entrelaçados. E tornaram-se marido e mulher. - Transporta-nos agora até a casa de tua sobrinha Camila, pediu Diamante ao gigante. O que foi feito num momento. Após os primeiros transportes de alegria, Diamante pediu a Aziza que o deixasse a sós com Camila por uma hora. Aziza atendeu de bom grado. Quando voltou, os dois já estavam casados. Para agradecer à vida tanta generosidade, decidiram todos juntos perdoar a Latifa e fazer dela a terceira esposa de Diamante.

Foi então a vez de Ramo-de-Coral. O gigante levou Diamante e suas três mulheres ao palácio da Princesa. Diamante apresentou-lhes Ramo-de-Coral e elas acharam-na encantadora. Uma vez resolvidos todos os assuntos entre Diamante e suas quatro esposas, pensou-se no assunto principal, origem de tantas aventuras. Diamante foi então sozinho ao palácio onde estavam penduradas dezenas de cabeças de pretendentes infelizes e tocou o tambor para anunciar à princesa a chegada de um novo pretendente, prestes a dar a resposta certa ou a ter a cabeça cortada. O rei, pai da princesa, reconheceu Diamante e pediu-lhe que desistisse de uma tarefa que lhe custaria a vida. Mas Diamante assegurou-lhe que tinha a resposta certa. Deu a resposta, contando toda a história das relações do rei Cipreste com sua mulher Pinha do Pinheiro. O espanto e a alegria foram gerais. Mohra estava particularmente feliz. Casaram-se imediatamente e despediram-se do pai de Mohra, prometendo visitá-lo com freqüência e partiram com as quatro outras esposas de Diamante para o reino de Chams Xá onde foram recebidos com regozijos nunca vistos. E as cinco esposas deram a Diamante muitos filhos maravilhosos.

A JUSTIÇA DE KARAKOUSS

Karakouss foi um dos déspotas mais esquisitos da história.

Seu nome tornou-se símbolo da injustiça, e a sua injustiça tinha um cunho especial, como mostra a seguinte história:

Quando Karakouss era governador do Cairo, um ladrão tentou entrar numa casa para roubar. Escalou a parede até a janela. Mas a moldura da janela cedeu, e o ladrão caiu na rua, quebrando a perna. No dia seguinte, o ladrão se apresentou perante o governador e disse: “Vossa Excelência, eu sou um ladrão de profissão.

Ontem, tentei entrar numa casa para roubar, mas a moldura da janela era muito fraca; cedeu, e caí e quebrei a perna.” Karakouss ordenou aos seus guardas que trouxessem o proprietário da casa. O proprietário chegou, trêmulo. O governador repetiu-lhe a narração do ladrão e acrescentou: “Por que fizeste a moldura da tua janela tão fraca que cedeu e levou este pobre ladrão a quebrar a perna?” O homem empalideceu; mas ele conhecia o governador. Refletiu rapidamente e disse: “Excelência, não foi culpa minha. Eu paguei ao carpinteiro o bastante para que ele fizesse uma moldura resistente. Por que a fez fraca, não sei.” - Bem pensado, disse o governador. Trazei-me o carpinteiro. Quando o carpinteiro se apresentou, Karakouss lhe disse: “Este homem diz que te pagou o suficiente para que instalasses uma boa janela em sua casa. Por que fizeste a moldura da janela fraca demais para agüentar o peso desse pobre ladrão, que caiu e quebrou a perna?” O carpinteiro respondeu: “Excelência, não foi culpa minha. Quando estava instalando a moldura, uma moça bonita e vestida de vermelho passou na rua; distraí-me e esqueci de colocar os pregos necessários.” Karakouss mandou averiguar quem era a beldade e ordenou que a trouxessem. Quando ela chegou disse-lhe: “Foi por causa da tua beleza e do teu vestido vermelho que este carpinteiro não fixou bem a moldura da janela e, por consequência, este pobre ladrão caiu e quebrou a perna.” A moça respondeu: “Excelência, a minha beleza é de Alá, e o meu vestido, do comerciante da esquina.” -Trazei-me o comerciante, gritou Karakouss na sua procura da justiça absoluta. Quando o comerciante chegou, Karakouss lhe disse: “Tu, miserável comerciante! Por que vendeste um vestido vermelho a essa moça fazendo-a distrair o carpinteiro no seu trabalho e causando a infelicidade desse pobre ladrão?” O comerciante não soube o que responder, e Karakouss ordenou aos seus guardas: “Levai-o e enforcai-o na porta da prisão.” Mas o comerciante era muito alto para a porta da prisão. Os guardas inteiraram o governador do fato. Karakouss tinha resposta para tudo. Ordenou: “Procurai um comerciante baixinho e enforcai-o no lugar deste.” Os guardas procuraram um comerciante baixinho, trouxeram-no apesar dos seus protestos e enforcaram-no na porta da prisão.

Assim, foi cumprida a justiça de Karakouss.

ANUAR E A JOVEM GUERREIRA

A primeira mulher que lhe deu um beijo proclamou:

Eu que com tanta freqüência
canto o vinho e a rosa,
achei-os quando beijei tua boca,
ó luz, ó descanso delicioso,
ó bálsamo, ó levantar do sol.

Conta-se, ó afortunado rei, que havia antigamente um mercador egípcio com espírito aventureiro chamado Taj. Passara os anos da juventude em viagens por terra e por mar, visitando ilhas, desertos, regiões conhecidas e desconhecidas, enfrentando perigos e suportando sacrifícios cuja narração tornaria branco o cabelo das crianças. No tempo em que esta história começa, porém, ele

renunciara às viagens, e vivia feliz e respeitado em seu palácio, em meio a todos os confortos e prazeres da riqueza. Seus armários estavam cheios das roupas mais finas, sedas de Homs, tecidos de Baalbeck, enfeites de Damasco, brocados de Bagdá, mantos do Marrocos, bordados da Índia. Possuía escravos negros e brancos, mamelucos turcos, cavalos de raça, camelos, eunucos e mulheres de todas as raças. Contudo, considerava seu bem mais precioso um filho de quatorze anos chamado Anuar, cuja beleza ultrapassava a beleza da lua cheia. Nem o frescor da primavera, nem a rosa em botão, nem a luz brilhando através do alabastro podia comparar-se a esse menino, com seu andar gracioso, as cores suaves de seu rosto, a brancura imaculada de seu corpo. Disse dele um poeta: Luas e gazelas tentam competir com sua beleza. “Gazelas, inclinai-vos diante deste gamo e vós, luas, inclinai-vos diante desta aurora.” Um dia, Anuar saiu com um grupo de seus camaradas para divertir-se. Sabendo eles que era ainda virgem, quiseram inicia-lo na arte de beber e fazer amor. Num jardim que visitaram juntos, ofereceram-lhe vinho, dizendo-lhe: “Bebe. O vinho e a embriaguez são os pais das virtudes, o antídoto da miséria, o remédio milagroso que cura tanto a alma quanto o corpo.”

Anuar bebeu e embriagou-se. Seus amigos deixaram-no então a sós com uma jovem egípcia, a qual se despiu e sentou-se nos seus joelhos, dizendo-lhe: “Olhos de minha alma, tua beleza me encanta. Quero te dar tudo que tenho. Toma meus lábios, minha língua, meus seios, meu ventre, toma tudo.” Anuar aceitou esse maravilhoso presente e retribuiu-o com um presente ainda mais maravilhoso. Quando acabaram, a moça, surpresa e cativada pela generosidade e a perícia do jovem, perguntou-lhe por que seus camaradas haviam-na informado que ele era virgem. “E era mesmo”, respondeu. Ela replicou: “É espantoso que sejas tão hábil na primeira tentativa.” Quando voltou para casa, sua mãe e seu pai, percebendo o vinho no seu hálito, censuraram-no. E ele, inesperadamente, deu no pai um soco tão violento que o jogou no chão. O pai expulsou-o. Após rodar uns dias pela cidade, Anuar tomou um navio que descia o Nilo e foi parar em Iskandaria. Achou a cidade única entre as cidades, com um clima moderado, habitantes amáveis, ruas largas e limpas e numerosos jardins cheios de flores e frutas. Enquanto passeava no mercado, viu um persa montado numa mula e levando atrás de si uma adolescente que era a essência de todas as frutas e de todas as flores. Brilhava como o sol. Anuar seguiu o persa até que ele desmontou no mercado dos escravos. Viu-o ajudar a jovem a desmontar e levá-la a um pregoeiro público para que a oferecesse à venda. O pregoeiro convidou a jovem a sentar-se num assento de marfim marchetado de ouro e gritou: “Mercadores, compradores, homens ricos, cidadãos e beduínos, generosos licitantes, abri o leilão.” Respondendo ao convite, o síndico dos mercadores, um ancião respeitado e que ninguém ousava contradizer, após examinar demoradamente a moça, ofereceu novecentos e vinte e cinco dinares” “Novecentos e vinte e cinco dinares,” repetiu o pregoeiro. “Este generoso cavalheiro ofereceu novecentos e vinte e cinco dinares”. E como ninguém teve a coragem de cobrir o lance do síndico, o pregoeiro voltou-se para a adolescente e perguntou-lhe: “Ó rainha das luas, aceitas pertencer ao venerável síndico?”

A adolescente respondeu por debaixo dos véus: “Enlouqueceste para me fazer tal oferta?” “Por que dizes isso, ó soberana das beldades?” A jovem, descobrindo

as pérolas da boca num sorriso, respondeu: “Não tens vergonha de vender raparigas virgens de minha qualidade a velhos caducos sem mais nada para dar? Não conheces os versos do poeta, inspirados por tais velhos?”.

Tenho um zib desgraçado.
Deve ter sido feito de cera.
Pois quanto mais o esfrego,
tanto mais amolece.
E quanto mais procuro excitá-lo,
tanto mais deseja relaxar.
Quando estou a sós com ele,
levanta-se como querendo lutar.
Mas adormece rapidamente
quando chega o momento de agir.
Não haverá algo no mundo
capaz de fazer este zib comportar se?

Esses versos desrespeitosos chocaram os presentes, e o pregoeiro censurou a moça: “Desprestigiaste-me diante dos mercadores. Como podes dizer tais coisas do síndico, um homem sábio e respeitado?” “Se for sábio, tanto melhor, retrucou a adolescente, porque aproveitará a lição. De qualquer forma, sábios sem zib de nada servem. Devem afastar-se e se esconder.” Para pôr termo a esse incidente, o pregoeiro levantou a voz: “Cavaleiros e generosos mercadores, o leilão continua aberto.” Um mercador, que não assistira à humilhação do síndico, atraído pela beleza da escrava, gritou: “Ofereço novecentos e cinquenta dinares.” Mas a adolescente examinou-o e deu uma gargalhada. E como ele se aproximava para apreciá-la melhor, perguntou-lhe: “Ó xeque, possuis em casa um bom cutelo?” Respondeu: “Por quê?” Disse a moça: “Porque antes que possa haver qualquer coisa entre nós, precisas cortar a maior parte dessa alcachofra que carregas com o nome de nariz. Eis um pequeno poema que bem se aplica a ti: Seu nariz é uma torre de ocre vermelho. Tem duas portas guarnecidas de pêlos. Por elas, a raça humana poderia entrar, ficando a terra despovoada. Assim que o homem de grande nariz ouviu esses versos, pulou sobre o pregoeiro e pôs-se a bater nele, dizendo: “Insensato cretino, trouxeste essa imprudente merda para zombar de nós e nos rebaixar?” O leiloeiro disse à moça: “Por Alá, não podes manter essa boca fechada e deixar-me ganhar meu dia?” E prosseguiu com o leilão. Um terceiro mercador, com uma barba muito comprida, quis adquirir a moça. Mas ao vê-lo, ela gritou: “Ó leiloeiro, olha. A ordem da natureza está invertida neste homem! Pois, embora seja um carneiro de rabo grosso, ele carrega o rabo no queixo! Não sonhes em vender-me a tal homem, pois a inteligência e o bom-senso estão na razão inversa do comprimento da barba. Nunca leste o que escreveu o poeta. Barba longa, miolo curto. Quanto mais longa a barba, tanto mais curto o miolo. O leiloeiro desistiu de fazer negócio com a moça e devolveu-a ao persa. O persa recebeu-a com palavras amáveis e disse-lhe: “Não te preocupes, minha filha. Dias melhores virão.” Mas enquanto estavam saindo, ela viu Anuar no meio da multidão e sentiu os dentes da paixão morder-lhe as partes mais sensíveis do corpo. Parou de repente e disse a seu amo: “Vende-me àquele jovem. É a ele que

quero.” E andou audaciosamente até Anuar e, com um olhar cheio de sedução, interpelou: “Por que não participaste do leilão? Não sou bela?” rainha, existirá beleza igual à tua? respondeu o jovem. Se estivesse no meu país, comprar-te-ia por qualquer preço. Mas aqui sou um estrangeiro, e só disponho de quinhentos dinares. A adolescente aceitou ser vendida a Anuar por quinhentos dinares, e o persa disse-lhes: “Anuar, possa esta moça maravilhosa ser o motivo de bênção para ti. Regozijai-vos ambos de vossa juventude. Mereceis ser felizes.” Quando os dois jovens ficaram a sós, a moça contou sua história a Anuar: “Meu nome é Miriam, e sou filha única do poderoso rei cristão de Constantinopla. Quando era menina, recebi uma educação completa, que abrangeu trabalhos manuais, artes e uma vasta cultura geral. No palácio de meu pai, as mulheres olhavam para mim com afeto e diziam que eu era a maravilha do tempo. Muitos reis e príncipes pediram-me em casamento; mas meu pai os rejeitou, não podendo separar-se de mim, pois dizia preferir-me a todos os seus filhos varões e à própria vida. Numa viagem, nosso navio foi atacado por piratas muçulmanos. Levaram-me ao Egito e me venderam ao mercador persa que viste. Felizmente, ele era impotente, e quando adoeceu, cuidei dele com diligência. Em retribuição, prometeu vender-me somente a quem eu desejasse. É assim que estamos juntos.” E os dois enamorados se jogaram nos braços um do outro. Miriam combinava na sua pessoa a volúpia das gregas com a ternura das egípcias, os movimentos lascivos das beduínas, o refinamento das persas e o ímpeto das nubianas. Puderam conhecer assim todas as alegrias do amor e da concupiscência. No fim do primeiro mês, disse Miriam: “Meu amado, quero tornar-me muçulmana. Pois a paz de minha alma não está com os cristãos, que consideram uma virtude e uma honra a horrível continência que impõem a seus castrados sacerdotes. São infelizes porque nunca são aquecidos pelo sol. Explica-me em que consiste o islã.” Anuar respondeu: “Nossa religião é simples e não tem complicações doutrinárias. Cedo ou tarde, todos os infieis reconhecerão a excelência de nossa fé e virão a nós, passando assim das trevas à luz e do artificial ao natural. Se quiseres te lavar da imundície cristã, tudo que precisas fazer é pronunciar estas palavras: “Não há Deus senão Alá, e Maomé é o mensageiro de Alá.” Imediatamente Miriam levantou a mão e repetiu as palavras sacramentais. Quando o rei cristão de Constantinopla tomou conhecimento de que sua filha havia sido capturada por piratas muçulmanos, decidiu tomá-la de volta por negociação ou pela força. Encarregou o chefe da polícia de percorrer todos os países muçulmanos e só voltar com a princesa, prometendo-lhe grandes recompensas em caso de sucesso. O chefe da polícia partiu, e o destino fê-lo encontrar-se um dia com a princesa Miriam. Tremeu de alegria, ajoelhou-se diante dela e quis beijar-lhe a mão. Ela porém, que já adquirira a decência do islã, aplicou-lhe uma bofetada na face feia, gritando: “Cão malvado, que estás fazendo na terra dos Géis? Pensas que possuis algum direito sobre mim?”

- Quero levar-te de volta à tua pátria. Teu pai vai morrer de desespero e tua mãe não pára de chorar.

- Encontrei aqui a paz do espírito e nunca deixarei esta terra abençoada.

O chefe da polícia apoderou-se da princesa pela força e levou-a a um navio pronto a zarpar rumo a Constantinopla. Quando Anuar descobriu o que tinha acontecido, conseguiu embarcar num navio de muçulmanos que também se

dirigia para Constantinopla. Lá esse navio foi capturado, e seus passageiros jogados na cadeia. Quanto a Miriam, foi recebida com raros regozijos. Sua mãe, chorando de felicidade, quis logo saber se ela era ainda virgem ou se perdera esse cunho insubstituível. A princesa deu uma gargalhada e exclamou em público. “Esta é uma pergunta boba, cara mãe. Achas que uma moça pode permanecer virgem nomeio dos muçulmanos cujo Livro determina que mulher alguma deve envelhecer virgem no islã? O profeta disse aos crentes: “Casai e multiplicai-vos. Expulsai os castos do islã. Eles corrompem o povo. Que nenhum sacerdote do islã se abstenha das mulheres.”

Essa resposta causou um escândalo geral, O rei, sufocado de vergonha, reuniu vizires e patriarcas e perguntou-lhes como reparar tal calamidade. Responderam: “O rei do tempo, existe uma única maneira de lavar a princesa da mácula do islã. Deves tirar das prisões cem infiéis, mandar cortar-lhes a cabeça, juntar o sangue numa bacia e mandar a princesa mergulhar nesse sangue como num segundo batismo.” O rei decidiu executar esse decreto nos prisioneiros do navio apreendido. Um por um, tiveram a cabeça cortada. Quando chegou a vez de Anuar, uma velha mulher teve pena de sua beleza e disse ao rei: “Já temos cem cabeças. Vamos poupar este jovem e encarregá-lo do serviço da igreja.” O rei concordou.

A mulher mandou então Anuar tirar a roupa e vestir o traje de um padre e, durante oito dias, ensinou-lhe como executar o serviço da igreja. Depois, a mulher disse a Anuar: “Esta noite, a princesa Miriam virá passar horas na igreja, rezando e procurando obter o perdão de Deus por sua conduta passada. Deves orientá-la quando eu estiver dormindo. Compreendes?” Anuar prometeu cumprir seus deveres à perfeição. Miriam chegou vestida de preto. Quando Anuar ouviu a velha mulher roncar como uma ogreza, dirigiu-se ao oratório, iluminado por uma lampadazinha acesa diante das imagens da impiedade (possa o fogo do inferno destruí-las sem exceção), e disse com voz trêmula: “Miriam, sou Anuar.” Miriam pensou que estava sonhando. Depois, reconheceu seu amado. Jogando-se nos braços um do outro, tiraram a roupa preta que os desfigurava, ela como penitente e ele como sacerdote e, nus, fizeram amor durante horas naquele lugar sagrado para os ímpios e que, provavelmente, nunca tinha assistido a cenas iguais.

Comentou Anuar: “Como tinha razão o poeta que disse:

Amigo, se te oferecerem as riquezas deste mundo e do outro
em troca de uma noite de amor,
recusa esta troca.”

Depois, os dois enamorados fugiram, mas foram recapturados. Guerras resultaram entre cristãos e muçulmanos, cada campo insultando as coisas sagradas do outro, e ambos chamando-se mutuamente de infiéis. Miriam renegou seus pais e seu povo e combateu ao lado dos muçulmanos. Mais do que isso, derrotou sozinha todo um exército cristão e decapitou com um golpe de espada o embaixador de seu pai, chamando-o de cão. Assim, o rei de Constantinopla não conseguiu retomar a filha, e Miriam e Anuar voltaram triunfalmente para o Egito. O mercador Taj perdoou ao filho sua conduta juvenil e mandou celebrar seu casamento com a princesa Miriam. Depois, homenageou-os com uma festa esplêndida para a qual foram convidados todos os notáveis do Cairo. Anuar e Miriam viveram muitos anos juntos, comendo bem, bebendo bem e copulando

dia e noite em meio às honrarias e à prosperidade. Até que veio visitá-los a Destruidora das felicidades humanas, a Separadora dos amigos, parentes e enamorados, a que arrasa as residências e os palácios e abastece os ventres das sepulturas. Glória ao Único que não conhece a morte e segura nas mãos as chaves da imortalidade!

ABU-HIR E ABU-SIR

Viviam outrora, ó afortunado rei, na cidade de Iskandaria, no Egito, dois homens, um dos quais era tintureiro e se chamava Abu-Kir, e o outro era barbeiro e se chamava Abu-Sir. No mercado, suas lojas eram contíguas. Abu-Kir, um judeu, era um insigne tratante. Mentia e roubava com a audácia característica de sua raça. Não somente deixava de restituir os tecidos que lhe confiavam para tingir, como recebia adiantado o preço de um serviço que nunca prestava, alegando que precisava do dinheiro para comprar as tintas. Quando os donos dos tecidos os reclamavam, tingidos ou não, Abu-Kir usava de mil evasivas dilatórias (“Por Moisés, ontem minha esposa deu à luz e tive que andar o dia todo de um lado para outro”) e, no fim, jurava que os tecidos lhe tinham sido roubados. Foi castigado por suas próprias mentiras, pois ninguém mais confiava nele, e caiu na miséria. O barbeiro, Abu-Sir, era, por oposição, um homem honrado e compassivo. Um dia, Abu-Kir, que não tinha mais com que comprar pão, procurou-o e falou-lhe de sua extrema indigência. Respondeu Abu-Sir: “Os vizinhos são para tais ocasiões. o profeta disse: “Quem não ama seu vizinho não é amado por Deus. Cuida de teu vizinho como se fosse teu irmão.” Fica, pois, aqui e come e bebe dos bens de Alá até que voltem dias melhores.”

E Abu-Kir aproveitou a generosidade do vizinho por muito tempo. Ora, o barbeiro passava por tempos duros, apesar de sua competência profissional e sua dedicação. Abu-Kir procurou convencê-lo a saírem juntos daquela cidade e irem procurar as bênçãos do destino em outra terra. Citou-lhe o poeta que disse: Deixa a tua pátria se aspiras a grandes feitos. E entrega tua alma às viagens. Em novas terras, esperam-te prazeres e amizades desconhecidas. Aos que te disserem: “Há perigos nos lugares distantes “ responde: “hale mais morrer nas aventuras do que esgotar a existência no mesmo sítio como insetos roedores.”

Acrescentou o tintureiro: “Viajaremos como irmãos, colocando nossos ganhos num cofre comum e dividindo-os por igual quando voltarmos à Iskandaria. Quem conseguir trabalho, proverá às necessidades daquele que não tiver sorte.” O barbeiro acreditou em tudo isso, e os dois vizinhos recitaram a Fatiha para selar sua união. Depois, embarcaram no primeiro navio disponível. No navio, o barbeiro ofereceu seus serviços a passageiros e marujos. Muitos aproveitaram-nos, pagando por eles em dinheiro ou em provisões. E tudo que ele ganhava, partilhava-o com o amigo.

Por oposição, Abu-Kir passou todos os dias da viagem na ociosidade, alegando que estava com dores e vertigens provocadas pelo movimento do navio. Uma coisa, porém, ele fazia sempre com gosto e empenho: comer. Após quarenta dias de viagem, desceram à terra e alugaram um alojamento num khan. O tintureiro foi logo dormir, queixando-se de tonturas. O barbeiro carregou seus

instrumentos e percorreu a cidade, exercendo sua profissão em casas, lojas ou na esquina das ruas ou ao ar livre. No fim do dia, comprou uma grande variedade de iguarias e foi ao khan partilhá-las com Abu-Kir. E foi assim durante outros quarenta dias. O tintureiro queixava-se de um resto de vertigem para ficar em casa e dormir, enquanto o barbeiro lhe servia todas as refeições. No fim desses quarenta dias, o pobre barbeiro adoeceu, e seu estado piorou a tal ponto que perdeu o uso dos seus membros e parecia mais morto que vivo. O tintureiro levantou-se, comeu os alimentos que estavam em casa, rebuscou nos bolsos do companheiro e esvaziou a carteira em que este colocara os frutos de seu trabalho, fechou a porta atrás de si e foi embora sem avisar a ninguém, indiferente à sorte do homem a quem o ligava a autoridade da Fatiha. Com o dinheiro de Abu-Sir, Abu-Kir comprou vestes belíssimas e adornos e, suntuosamente trajado, pôs-se a passear pelas ruas e a divertir-se com as coisas novas que descobria. Uma coisa chamava-lhe a atenção: todos os habitantes, sem exceção, usavam vestidos de apenas duas cores, o azul e o branco, e nada mais. Nas lojas, só havia tecidos brancos ou azuis. As tortas só tinham duas cores. Para maior espanto, os próprios tintureiros só tinham tintas azuis e brancas. Não podendo mais dominar a curiosidade, Abu-Kir entrou numa tinturaria e, exibindo um lenço, disse: “Quero tingir este lenço de vermelho.” - O que é o vermelho? Perguntou o tintureiro. - Então, quero tingi-lo de verde. - Tampouco conheço esta cor. Abu-Kir foi enumerando as cores, e a resposta do tintureiro era sempre a mesma. No fim, o tintureiro perdeu a paciência: “Nesta cidade, há quarenta tintureiros. E eles só conhecem a cor azul e a cor branca.” - E se quiser instalar uma tinturaria com cores desconhecidas, posso? - Não! Os tintureiros formam uma corporação fechada, e nenhum estrangeiro pode fazer parte dela. Abu-Kir apresentou-se ao rei da cidade e disse-lhe: “Ó rei do tempo, eu sou tintureiro de profissão. Sei tingir os tecidos com quarenta cores diferentes: vermelho, verde, preto, amarelo e muitas outras que alegam os olhos e o coração. Os tintureiros desta cidade só conhecem duas cores: o azul e o branco, e não me permitem, por ser estrangeiro, abrir uma tinturaria para revelar as novas cores. Exclamou o rei: “Admirável! Se podes mesmo fazer o que dizes, eu próprio te abrirei uma tinturaria, te darei o capital necessário e te protegerei”.

E logo chamou os arquitetos do palácio e mandou-os acompanhar Abu-Kir e seguir suas instruções. Nasceu assim uma tinturaria como não havia outra no mundo. “Agora, trata de pôr a tinturaria a funcionar,” disse o rei a Abu-Kir e, para tanto, deu-lhe 5 mil dinares de ouro. Assim que a tinturaria começou a funcionar, o rei enviou a Abu-Kir quinhentas peças brancas de seda, lã e linho para que as tingisse segundo a sua arte. Abu-Kir tingiu-as de diferentes maneiras, dando a umas cores puras, e a outras cores compostas. Depois, estendeu-as em cordas para fazê-las secar. Os tecidos coloridos produziram sob a luz do sol um espetáculo feérico. Ao vê-los, o rei ficou encantado e cumulou Abu-Kir de ouro, presentes e privilégios. Todos os habitantes da cidade ficaram igualmente deslumbrados. Emires, funcionários, ricos, pobres, todos queriam vestes coloridas. As encomendas afluíram em tamanha quantidade que Abu-Kir tornou-se o homem mais rico da cidade. E que aconteceu a Abu-Sir, o barbeiro? Despojado e abandonado pelo companheiro, ficou estendido na cama, meio morto, durante três dias. O porteiro, inquieto por não mais ver nenhum deles,

entrou no aposento e, achando o homem nesse estado, teve pena e cuidou dele por conta própria durante dois meses. Só então Abu-Sir recuperou a saúde e conseguiu sair do khan. Percorrendo a cidade, chegou à rua onde uma multidão contemplava os panos coloridos suspensos em cordas defronte à maior tinturaria que ele já vira. Perguntou: “A quem pertence esta tinturaria? E por que este ajuntamento?” Contaram-lhe, e ele se regozijou em seu coração pela fortuna do antigo companheiro. Depois, infiltrou-se através da multidão, querendo chegar até Abu Kir e felicitá-lo. E viu Abu-Kir indolentemente deitado num divã e vestido como um sultão. Mas assim que Abu-Kir o viu, gritou: “Oh! celerado, ladrão, que queres de mim? Pretendes arruinar-me outra vez?” E mandou seus homens baterem nele e expulsá-lo. Abu-Sir voltou para o khan, a alma dolorida e infeliz, e não conseguiu fechar os olhos a noite toda. Na manhã seguinte, saiu com a intenção de visitar o hammam para limpar o corpo e reanimar o espírito. Perguntou a um transeunte: “Meu irmão, qual é o caminho para o hammam?” O homem respondeu: “O hammam? O que é isso?” Abu-Sir tentou explicar-lhe. O homem replicou: “Nós aqui nunca ouvimos falar em hammam. Quando desejamos tomar banho, vamos ao mar. O próprio rei faz como nós: toma banho no mar.” Quando Abu-Sir se deu conta de que os habitantes daquela cidade desconheciam as delícias dos banhos quentes, das massagens, da depilação, providas pelo hammam, dirigiu-se ao palácio do rei e pediu uma audiência, que lhe foi concedida. Após beijar o chão entre as mãos do soberano e invocar sobre ele as bênçãos, disse: “Ó rei do tempo, sou um estrangeiro nesta cidade. Hoje quis ir ao hammam e descobri que ninguém sabe o que é hammam e que não existem hammans nesta cidade.”

- E o que é o hammam? Perguntou o rei.

Abu-Sir tentou explicar o que é o hammam, descrevendo o edifício em si, seus diversos compartimentos e os serviços e as delícias que ele oferece. O rei ficou imediatamente interessado e disse a Abu-Sir: “Sê bem-vindo à minha cidade, ó filho de gente honrada. Trata de construir o melhor hammam possível, e tudo quanto precisares te será concedido”. E pôs à disposição de Abu-Sir os melhores arquitetos e o capital necessário. E deu-lhe de presente um cavalo magnífico. Abu-Sir mandou construir um hammam que não tinha igual no mundo, e convidou o rei a experimentá-lo. O rei conheceu todos os serviços de um hammam completo: despiram-no e envolveram-no em toalhas da cabeça aos pés; introduziram-no numa sala de vapor quente onde transpirou abundantemente; esfregaram-lhe o corpo com luvas de crina, fazendo sair a sujeira acumulada nos poros da pele; lavaram-no com muita água e sabão; introduziram-no numa banheira cheia de água perfumada; tingiram-lhe as unhas das mãos e dos pés com henê. O rei saiu de lá sentindo-se leve como um pássaro e, contudo, cheio de vigor como um leão. Declarou: “Pela minha cabeça, esta cidade só se tornou uma cidade desde a construção deste hammam.” A população inteira quis tomar banho no hammam. Abu-Sir deixava cada um pagar segundo suas posses. O rei pagava mil dinares. Os príncipes, também. Os outros pagavam o que pudessem. A rainha ouviu o rei elogiar os banhos do hammam e resolveu experimentá-los. Abu-Sir reservou o hammam aos homens na parte da manhã e às mulheres na parte da tarde, dobrando assim o número dos clientes e tornando-se, por sua vez, o homem mais rico da cidade, sem nada perder de sua modéstia e

afabilidade. Abu-Kir acabou por ouvir falar do hammam, que seus amigos chamavam “o paraíso neste mundo.” E foi até lá para conhecer as delícias prometidas, ainda sem saber quem promovera o original empreendimento. Ao entrar, viu Abu Sir atrás da caixa, gorducho, fresco e sorridente. Embora surpreendido e perturbado, fingiu alegria e, com impudência, censurou o amigo por tê-lo esquecido e não o ter procurado mais. Quando Abu-Sir lembrou lhe sua última visita e o tratamento que recebera, Abu-Kir jurou não o haver reconhecido então, mas confundido com alguém que o tinha molestado na rua. Depois, perguntou: “De onde te veio toda esta felicidade?” Abu-Sir respondeu: “Aquele que te abriu as portas da prosperidade abriu-as também para mim.” E contou-lhe toda a história. Abu-Kir disse: “A minha alegria é grande por saber do favor de que gozas junto ao rei. Farei com que esse favor aumente.” No momento de partir, Abu-Kir quis pagar pelos serviços; mas Abu-Sir recusou, dizendo: “Que diferença há entre nós?” Seja!” disse Abu-Kir; “mas como retribuição, deixa-me dar-te um conselho que te será de grande valia. Teu hammam é magnífico, mas falta-lhe uma pasta depilatória para ser completo. “Eis a fórmula da melhor pasta depilatória que existe”. E ditou-lhe uma receita. Do hammam, Abu-Kir foi ao palácio real e disse ao rei: “Venho prevenir-vos, ó rei do tempo, contra um grande perigo. Esse Abu-Sir a quem ajudastes a montar o hammam é um espião a serviço do rei dos cristãos. Preparou uma pasta que vos aplicará como depilatório, mas que contém veneno. Ele quer simplesmente eliminar-vos para satisfazer a seus amos.” - Vou imediatamente ao hammam com meu grão-vizir para verificar, disse o rei. Quando o rei e o grão-vizir chegaram ao hammam, Abu-Sir falou-lhes da nova pasta. “Experimenta-a, primeiro, no grão-vizir”, mandou o rei. Abu Sir tirou uma pequena quantidade da pasta obtida segundo as instruções de Abu-Kir e estendeu-a no baixo-ventre do grão-vizir. O efeito depilatório foi tão violento que o rei não teve dúvidas de que se tratava de um veneno. E cheio de furor, gritou aos guardas: “Prendei este miserável!” Apontando para Abu-Sir, o qual ficou mudo de assombro e medo. Depois, chamou o capitão dos portos e dos navios e mandou meter Abu-Sir num saco de cal e jogá-lo ao mar, “debaixo das janelas de meu palácio”, especificou. Ora, esse capitão devia favores a Abu-Sir e quis retribuir o bem com o bem, certo em todo caso de que Abu-Sir era inocente. Considerava que todo homem que se torna ostensivamente favorecido do destino desperta invejosos e ciumentos que procuram destruí-lo. Levou, pois, Abu-Sir a uma ilha e encheu o saco apenas com cal. Ao chegar debaixo das janelas do palácio real, levantou os olhos para receber do rei o sinal da execução. Ao dar o sinal, o rei fez um gesto tão brusco com a mão que seu anel de ouro escapou de seu dedo e caiu nas águas. Ora, esse anel era um talismã cujo efeito mágico permitia ao rei matar quem quisesse com um simples movimento de mão e assim manter sua autoridade. Ficou apavorado ao ver o anel se perder no mar. Não podia, contudo, pedir que fosse procurado, pois assim revelava que não o possuía mais e, pior ainda, podia ver um inimigo apoderar-se dele. Teve que morder seu medo e esperar. Na sua ilha Abu-Sir dedicava-se à pesca. Ao abrir um dos peixes pescados, encontrou o anel do rei sem o reconhecer e enfiou-o no dedo. E houve então um acidente trágico. O capitão dos portos enviou-lhe dois moços com um recado. Sem querer, Abu-Sir levantou a mão com o anel em sua direção e viu as cabeças dos dois moços

saltarem-lhes dos ombros e rolares com seus proprietários no chão! Entrando no mesmo instante, o capitão compreendeu tudo e gritou a Abu-Sir: “Não mexas a mão que tem o anel. Senão me matarás.” Depois, disse-lhe: “Todo homem carrega seu destino pendurado ao seu pescoço, e o teu é superior ao do rei! Conta-me como esse anel te chegou às mãos, e eu te revelarei as suas propriedades.” Abu-Sir contou toda a história, e o capitão descreveu-lhe os temíveis poderes do anel, acrescentando: “Agora tua vida está salva, e a do rei está em perigo. Podes sem medo acompanhar-me à cidade e fazer cair, com um sinal de teu dedo portador do anel, as cabeças de teus inimigos e mesmo a cabeça do rei.”

Quando os dois chegaram ao palácio, os reis estavam reunidos com seus vizires, emires e conselheiros, pensando com pavor no anel perdido. Ao ver Abu-Sir, gritou: “Ah! Miserável, como foi que voltaste do fundo do mar?” Abu-Sir respondeu: “Ó rei do tempo, Alá é o maior!” E contou ao rei como fora salvo pela boa consciência do capitão, como achara o anel e como lhe verificara o poder devastador. “E agora, ó rei do tempo, vim restituir-vos este anel em agradecimentos pelas vossas bondades passadas e para vos demonstrar que, se eu fosse um criminoso, já me teria servido deste anel para matar meus inimigos e até meu rei! Em troca, só peço ser informado do crime que cometi e pelo qual fui condenado à morte.” O rei não conseguiu esconder a alegria pela recuperação do anel, e disse a Abu-Sir: “Na verdade, ó Abu-Sir, nenhuma outra pessoa me teria devolvido este anel, conhecendo-lhe o poder.” E repetiu-lhe as acusações de Abu-Kir. Replicou Abu-Sir: “Por Alá, ó rei do tempo, eu não conheço o rei dos cristãos e nunca pus os pés na terra dos cristãos.” E contou ao rei suas relações com Abu-Kir do início ao fim, inclusive o caso da pasta depilatória. O rei mandou vir o porteiro do khan e os aprendizes da tinturaria, e todos confirmaram as palavras do barbeiro, agravando-as com as revelações sobre o procedimento desonesto do tintureiro para com seus clientes. O rei gritou aos guardas: “Trazei-me o tintureiro, de cabeça descoberta e com as mãos atadas nas costas.”

Diante das testemunhas, Abu-Kir nada conseguiu esconder da sua perversidade e das suas calúnias criminosas. Foi colocado num saco de cal vivo e jogado ao mar. Depois, disse o rei a Abu-Sir: “Quero que me peças tudo que desejas. Tudo te será concedido.” Abu-Sir respondeu: “Peço-vos, ó afortunado rei, apenas o favor de me enviardes de volta para minha terra, pois perdi a vontade de viver por aqui.” O rei, embora pesaroso, pois queria nomear Abu-Sir grão-vizir, mandou que lhe preparassem um navio carregado de escravos e presentes. E o navio afastou-se com Abu-Sir rumo a Iskandaria. Mas não era ainda o fim da história. Mal o navio aportou em Iskandaria, um dos escravos de Abu-Sir achou na praia um saco que as correntes marítimas tinham jogado lá. Abu-Sir abriu-o e descobriu o cadáver de Abu-Kir. Fê-lo enterrar não longe, à beira-mar, e consagrou-lhe um monumento que se transformaria em lugar de peregrinação. Na lápide, mandou gravar uma inscrição moral: Preserva teus lábios do sabor amargo do mal, pois este vinho leva a seu correspondente. Na superfície do oceano flutuam os mortos, enquanto as pérolas repousam nas areias do fundo. Nas páginas transparentes do ar está escrito: Quem semeia o bem colherá o bem, e quem semeia o mal, colherá o mal, porque todas as coisas voltam a sua origem

O FIM DE JAFAR E DOS BARAMIKAS

Esta, ó afortunado rei, é uma história triste que desfigura o reino do califa Harun Ar-Rachid com uma mancha de sangue que nem os quatro rios serão capazes de lavar. Sabe-se, ó rei do tempo, que Jafar era um dos quatro filhos de Yahia Ibn Khaled Ibn Barmak. Seu irmão mais velho, Al-Fadl, era irmão de leite do califa. Sua mãe, Itabah, e a mãe do califa eram ligadas por profundo afeto, e cada uma deu ao filho da outra algum de seu leite. Harun Ar-Rachid sempre chamava Al-Fadl de “meu irmão.” Os Baramikas tinham sua origem na cidade de Balkh, no Khorassan, onde ocupavam altas posições. Mudaram-se para Damasco uns cem anos após a Hégira do Profeta (sobre ele a oração e a paz) e lá abraçaram o islã. Foi na época dos califas Abássidas em Bagdá que a família foi admitida aos Conselhos da corte. Khaled Ibn Barmak foi nomeado grão-vizir pelo califa Abul-Abbas As-Saffah. Na luta que opôs Al-Hadi a Harun Ar-Rachid pelo trono, os Baramikas arriscaram a vida em defesa de Ar-Rachid, e quando este venceu e subiu ao trono, nomeou imediatamente Yahia grão-vizir e seus dois filhos, Al-Fadl e Jafar, vizires. A partir desse começo, os Baramikas conheceram todos os favores do destino e mostraram-se dignos deles. Eram como mares de generosidade, um refúgio para os aflitos, um ornamento sem igual na coroa do Império. Eram também administradores hábeis (encheram o tesouro público) e sábios conselheiros. Foi graças a eles que a glória de Harun Ar-Rachid ressoou desde os planaltos da Ásia Central até as florestas nórdicas, e desde o Marrocos e a Andaluzia até a China e a Tartária. Jafar, em particular, era companheiro inseparável do califa, uma luz em seus olhos. Um dia, Harun Ar-Rachid, voltando de uma peregrinação a Meca, navegou pelo Eufrates da cidade de Hira até a cidade de Âmbar e passou a noite no mosteiro de Al-Umr, às margens do rio. Jafar não estava com ele, tendo ido caçar por alguns dias nas montanhas do norte. Contudo, mensagens e presentes do califa seguiam-no em toda parte.

Naquela noite, Jafar estava sentado na sua tenda com Jibril - o médico pessoal de Ar-Rachid que o próprio califa encarregara de zelar pela saúde de Jafar - e o poeta espirituoso Abu-Zahar, também encarregado pelo califa de divertir seu amigo predileto. De repente, Masrur, o porta-espada do califa e instrumento de suas vinganças, entrou na tenda sem pedir licença. Jafar ficou pálido e disse ao eunuco: “Masrur, meu irmão, bem sabes que tenho sempre prazer em receber-te, mas espanta-me ver-te chegar assim bruscamente sem despachar um escravo para anunciar a tua chegada.” Retrucou o eunuco: “O assunto que me traz é grave demais para que me preocupasse com tais formalidades. Levanta-te, Jafar, e proclama tua fé pela última vez. O Comandante dos .Fiéis exige a tua cabeça.” Jafar pôs-se de pé e disse: “Não há Deus senão Alá, e Maomé é o profeta de Alá. Saímos das mãos de Alá, e cedo ou tarde a ele regressamos.” Depois, voltou-se para Masrur, que sempre fora seu amigo e companheiro, e disse-lhe: “Não é possível que o califa te tenha dado tal ordem, estando consciente do que fazia. Talvez estivesse distraído ou bêbado. Por favor, volta a ele, e verás que terá mudado suas ordens.” Retrucou Masrur: “É tua cabeça ou a minha. Não posso voltar sem cumprir as ordens. Registra teus últimos desejos.” – Nada desejo. Possa Alá acrescentar à vida de nosso soberano os anos que me está tirando.

Ajoelhou-se, cobriu os olhos com as próprias mãos, e Masrur cortou-lhe a cabeça. Masrur levou a cabeça ao califa, e este cuspiu sobre ela. Mas seu ressentimento não parou aí. Mandou crucificar o corpo e expor a cabeça separada. Seis meses depois, mandou queimar os restos de seu antigo amigo sobre excrementos de animais e lançar as cinzas nas latrinas. Tais suplicios ultrapassavam em degradação os aplicados aos mais vis malfeitores. Tal foi o fim de Jafar. Seu pai, Yahia, quase um pai também para Harun Ar-Rachid, e seu irmão Al-Fadl, irmão de leite do califa, foram detidos na manhã que se seguiu à execução de Jafar, assim como todos os mil membros da família dos Baramikas, que ocupavam cargos públicos. Foram encarcerados em calabouços infectos; seus bens, confiscados; seus filhos e mulheres, deixados sem teto. Alguns morreram de fome. Outros foram estrangulados. Yahia e Al-Fadl morreram torturados. É natural que se pergunte: “O que motivou tamanha vingança?” Certo dia, anos após o fim dos Baramikas, Alia, filha mais jovem de Harun Ar-Rachid, criou coragem e dirigiu-lhe a pergunta. Respondeu: “Minha filha, meu único consolo, de que te adiantaria conhecer o motivo? O fato é que se eu pensasse que a minha camisa descobriu esse motivo, rasgá-la-ia em pedaços.”

Os historiadores têm adiantado várias hipóteses e interpretações. Eis algumas delas:

1. Harun Ar-Rachid acabou por sentir-se ofendido pelas extravagantes liberalidades de Jafar e dos demais Baramikas. O palácio dos Baramikas (que se levantava em frente ao palácio do califa, sendo os dois separados apenas pelo rio Tigre) era mais procurado que o palácio real por cortesãos e solicitantes. Jibril, o médico do califa, ouviu-o certa vez resmungar: “Yahia e seus filhos arrancaram das minhas mãos a administração meu reino. São eles o poder real. Eu sou apenas um figurão.”

2. Outros historiadores põem em relevo o fato de que certa vez Harun Ar-Rachid mandou liquidar em segredo um descendente de Ali e de Fátima, a filha do Profeta, descrevendo-o como “um perigo para a dinastia dos Abássidas.” Jafar teve pena do homem e salvou-o sem informar o califa. Mas inimigos de Jafar revelaram-lhe o fato. Dizem que foi essa a gota d’água que fez transbordar a maré de cólera já provocada e aumentada pela predominância dos Baramikas. Alguém ouviu o califa jurar: “Que Alá me destrua se não te destruir, ó Jafar!”

3. Outros historiadores atribuem a queda dos Baramikas a suas opiniões heréticas em face do islã ortodoxo. Na sua cidade de origem, Balkh, os Baramikas praticavam a religião dos magos, e sempre impediram que os templos daquela religião fossem destruídos. O califa foi informado disso e de que os Baramikas favoreciam certo grupo de heréticos, os Zanádikas, que eram inimigos pessoais do califa.

4. Outros cronistas relatam uma história estranha como sendo a causa daquela vingança terrível. Como já vimos, Harun Ar-Rachid gostava de Jafar como de um irmão, e não poderia viver separado dele. Gostava também de maneira excêntrica de uma irmã chamada Abbassa. Dela também não agüentava separar-se. Para ter essas duas criaturas sempre perto dele, pediu a Jafar para casar-se com Abbassa sem nunca consumir esse casamento. Marido e mulher diante da lei, eles só podiam encontrar-se na presença do califa e nem lá era-lhes permitido olhar livremente um para o outro.

Ora, Abbassa apaixonou-se por Jafar e, usando ciladas, passou a encontrar-se com ele em segredo. Tiveram até um filho que mandaram esconder em Meca. Invejosos revelaram a verdade ao califa. Ele foi até Meca à procura de provas e conseguiu localizar o menino. Uma raiva incontida, feita de mil elementos, dominou-o. Foi na volta daquela viagem que mandou Masrur dar início à destruição dos Baramikas. Foi também então que mandou trazer para Bagdá aquele menino e sua mãe. Foram sepultados vivos em sua própria casa.

Após tudo isso, remorsos angustiantes tomaram conta dele. Não podia mesmo viver sem Jafar.

Abandonou Bagdá e instalou-se em Rakah. Ninguém ousava falar dos Baramikas na sua presença. Pouco a pouco, tornou-se vítima de alucinações. Imaginava que seus próprios filhos, Al-Amim e Al-Mamun, conspiravam contra ele, em conivência com seu médico Jibril e com o próprio Masrur.

Dizia: “Era invejado pelo mundo todo. Agora o mundo todo pode ter pena de mim.”

Morreu na cidade de Tus na idade de quarenta e sete anos.

O FALSO CEGO E OS CEGOS DE NASCENÇA

Meu irmão Kafat é cego de nascença e era um dos chefes da confraria dos mendigos em Bagdá. Um dia, Alá levou-o a uma mansão. Bateu com seu cajado na porta. Perguntaram do interior da casa: “Quem é?” Meu irmão não respondeu. Devo dizer-lhe, ó Comandante dos Fiéis, que meu irmão Kafat, que era o mais astucioso dos mendigos, tinha um sistema. Batia na porta, mas nunca respondia a quem perguntasse: “Quem está aí?” Ficava calado até que alguém abrisse a porta, sabendo que se dissesse: “É um mendigo pedindo esmola”, os moradores não abririam, mas gritariam: “Que Alá tenha pena de ti”, e o mandariam seguir seu caminho. Assim, quando, naquele dia, alguém perguntou: “Quem é?” meu irmão não respondeu. Após um momento, a porta foi aberta por um homem de cara tão amarrada que, se meu irmão a pudesse ter visto, com certeza teria ido embora sem nada pedir. Mas cada um carrega seu destino pendurado ao pescoço. O homem perguntou: “Que queres?” Kafat respondeu: “Alguma esmola em nome do Compassivo.” – És cego? perguntou o homem.

- Sou cego e muito pobre.

- Dá-me a mão e conduzir-te-ei.

Meu irmão estendeu a mão, e o homem conduziu-o, uma escada após a outra, até um alto terraço. Kafat estava sem fôlego, mas animava-o a esperança de receber as sobras de um grande festim.

Finalmente, o dono da casa perguntou: “Que queres, ó cego? - Esmolas, pelo amor de Alá, respondeu meu irmão, surpreso.

- Possa Alá abrir outra porta para ti.

- Ó coisa, disse Kafat com indignação, não me podias ter dado essa resposta quando estávamos embaixo?

- Ó sujeira mais vil que meu cu, retrucou o outro, não podias responder quando perguntei quem estava batendo na porta?

- Se não quiseres ser chutado como uma bola, trata de sair daqui por ti mesmo, ó desastrado conjunto de misérias.

Meu pobre irmão, cego como é, teve que descer as escadas sozinho. Quando faltavam vinte degraus, escorregou, rolou pelo restante da escada e bateu a cabeça no chão. Saiu pela rua, queixando-se amargamente. Breve, dois de seus companheiros junta:am-se a ele e perguntaram-lhe o que tinha. Contou-lhes, e acrescentou: “Agora, meus amigos, devo ir para casa apanhar algum dinheiro para comprar comida neste dia funesto. Terei que mexer em nossas economias, as quais já são bastante gordas, como sabeis, e foram colocadas sob minha guarda.”

Ora, durante todo esse tempo, o homem que havia tratado meu irmão com tanta vileza - e que era um grande bandido seguia-o pela rua sem ser visto nem por ele nem pelos dois amigos cegos que o acompanhavam. Continuou a segui-los até a casa de meu irmão; e quando os três entraram lá, insinuou-se atrás deles antes que fechassem a porta. Meu irmão retirou o dinheiro da confraria do esconderijo, e os três verificaram que já somava 10 mil dinares. Ficaram com algumas moedas e recolocaram o tesouro no seu esconderijo. Só então sentiram a presença do intruso. Pegaram-no e, mesmo cegos, conseguiram dominá-lo e começaram a gritar: “Ladrão! Ladrão! Socorro, ó muçulmanos, socorro!” Muitos vizinhos acorreram. Vendo isto, o bandido cerrou os olhos, fingindo ser cego também, e começou a gritar: “Por Alá, ó amigos, sou um mendigo cego, sócio destes três. Eles estiveram tentando matar-me para ficarem com minha parte nas economias que fizemos juntos e que já somam 10 mil dinares. Juro-o por Alá, pelo sultão, pelo emir! Levem-me, oh, levem-me ao uáli.”

Nesse ínterim, os guardas já haviam chegado e arrastaram os quatro querelantes até o palácio do uáli. “Quem são esses homens?” perguntou o uáli. O ladrão respondeu logo: “Justo e penetrante uáli, ouve-me e saberás a verdade. Contudo, como irias acreditar em mim antes de submeter-me à tortura? Manda bater em mim, primeiro, depois nestes três companheiros meus e então contar-te-emos toda a verdade.”

- Estendei este homem no chão e batei nele, já que o deseja tanto, ordenou o uáli.

Os guardas apanharam o homem, estenderam-no no chão e cobriram-lhe o corpo com chicotadas. Após um momento, o homem começou a gemer e abriu um olho. Após outros golpes, abriu deliberadamente o outro olho. Vendo isso, o uáli gritou furioso: “Que vergonha é essa!” O ladrão gemeu: “Parai de bater em mim, e contarei tudo.”

O uáli deu as ordens devidas, e o homem pôs-se de pé e disse:

“Somos quatro ladrões que fingimos ser cegos para extorquir esmolos e entrar nas casas e olhar as mulheres na intimidade. Então, corrompemo-las e montamos nelas. Depois, roubamo-las e preparamos planos para os assaltantes. Estivemos fazendo isso por muito tempo, e já juntamos 10 mil dinares. Hoje, pedi minha parte; mas eles se recusaram a entregá-la e teriam batido em mim até me matar se os guardas de nosso senhor uáli não me tivessem socorrido. Essa é toda a verdade que meus companheiros confirmarão quando forem submetidos à tortura. Eles são bastante duros e manterão os olhos fechados por muito tempo.”

Enganado pelo audacioso ladrão, o uáli mandou bater em meu irmão até que perdeu os sentidos. Quando voltou a si, o pai” recebeu mais trezentas chicotadas, não obstante seus gritos de que era cego de nascença. Seus dois companheiros foram submetidos ao mesmo tratamento, sem abrir, naturalmente, os olhos. Por

excesso de perversidade, o ladrão exortava-os a abrir os olhos, repetindo: “Respeitai nosso senhor uáli. Abri os olhos. Confessai a verdade.”

O uáli mandou apanhar o dinheiro da confraria na casa de Kafat, entregou a quarta parte, isto é, 2.500 dinares, ao bandido e ficou com o saldo.

Finalmente, dirigiu-se a meu irmão e a seus dois companheiros nestes termos: “Miseráveis embusteiros, comeis o pão que é uma dádiva de Alá e cometeis os piores delitos em seu santo nome, fingindo ser cegos. Dai o fora daqui e não sejais mais vistos em qualquer parte de Bagdá.”

O HOMEM QUE QUERIA SER CALIFA POR UM DIA

Conta-se, ó rei afortunado, que havia em Bagdá um jovem solteiro chamado Abu-Hassan. Seus vizinhos nunca o viram convidar alguém por dois dias seguidos ou convidar alguém de sua própria cidade. Todos os que visitavam sua casa eram estrangeiros. Não compreendendo seu comportamento, chamaram-no Abu-Hassan o Excêntrico. Todas as tardes, ia esperar na ponte de Bagdá. Quando avistava um estrangeiro, rico ou pobre, jovem ou velho, apresentava-se a ele com um sorriso urbano e rogava-lhe aceitar a hospitalidade na primeira noite de sua permanência em Bagdá. Levava-o para sua casa, tratava-o com generosidade e distinção e agradava-o com sua conversação viva e espirituosa. Mas na manhã seguinte, dizia-lhe: “Jurei nunca convidar um estrangeiro por dois dias seguidos, fosse o mais encantador dos filhos dos homens. Por isso, vejo-me obrigado a separar-me de ti e até peço-te, se alguma vez nos encontrarmos nas ruas de Bagdá, que finjas que não me conheces.” Com essas palavras, Abu-Hassan conduzia o hóspede a um khan da cidade e despedia-se dele para sempre. Durante muito tempo, Abu Hassan procedeu assim, hospedando um estrangeiro diferente cada noite. Uma tarde, estava na ponte de Bagdá quando viu chegar um rico mercador vestido à maneira dos mercadores de Mossul e seguido por um escravo de aspecto imponente. Tratava-se nada menos que do califa Harun Ar-Rachid disfarçado. Pois ele gostava de examinar pessoalmente, escondido pelo anonimato, o que se passava em Bagdá.

Abu-Hassan, ignorando quem ele era, convidou-o para sua casa, conforme seu hábito; e o estrangeiro aceitou. Jantaram os excelentes pratos preparados pela mãe de Abu-Hassan, e Abu-Hassan escolhia os melhores pedaços e oferecia-os ao hóspede. Beberam vinho e conversaram. Harun Ar-Rachid, encantado, disse a Abu-Hassan: “Peço-te como lembrança desta noite memorável, que exprimas um desejo; e comprometo-me, sobre a Kaaba sagrada, a satisfazê-lo. Fala com sinceridade e não receies que teu pedido seja grande demais, pois Alá me cumulou com seus benefícios e não há nada que não possa realizar.” Abu-Hassan afirmou que lhe bastava a alegria da presença de seu hóspede. Mas o califa insistiu, dizendo que se sentiria ofendido se seu anfitrião não atendesse a seu desejo. Disse Abu-Hassan: “Agradeço tua generosidade, mas como não tenho desejo a satisfazer nem ambição a concretizar, sinto-me perplexo... a menos que te dirija um pedido louco que só Harun Ar-Rachid poderia atender... Seria que me tornasse califa por um dia.” - O que farias, se fosses califa por um dia? perguntou o hóspede. Deves saber, ó forasteiro, que a cidade de Bagdá é dividida em bairros, sendo cada bairro administrado por um xeque.

Desgraçadamente, o xeque de meu bairro é uma criatura tão horrível que deve ter nascido da cópula de uma hiena e de um porco. Emite um cheiro pestilento, e sua boca parece o buraco de uma latrina. Não há doença que não tenha atacado aquele corpo. E seu ânus não mais existe por ter servido por tanto tempo de instrumento para os meninos pervertidos. “É precisamente este ignóbil libertino que lança a desordem em todo o bairro com a ajuda de dois outros devassos, um dos quais é filho de uma puta e de um cão que se faz passar por nobre muçulmano, quando não passa de um cristão da mais baixa extração, e o outro é uma espécie de bobo gordo que parece prestes a cada palavra a vomitar as tripas.

“Se fosse Príncipe dos Crentes por um dia, não procuraria enriquecer ou favorecer parentes e amigos, mas apressar-me-ia a libertar o bairro desses três desprezíveis canalhas.” O califa elogiou seu anfitrião por preocupar-se com o interesse geral mais do que com o seu próprio e disse-lhe: “Vou agora encher a tua taça, pois até então tens sido tu que encheste a minha.” E o califa misturou uma pitada de benj com o vinho do anfitrião. Este, antes de perder a consciência, disse ao califa: “Sinto que vou dormir. Por favor, ao sair pela manhã, não esqueças de fechar a porta atrás de ti.” E Abu-Hassan adormeceu profundamente. O califa chamou então seu escravo e mandou-o carregar Abu-Hassan nas costas. E foram todos embora, deixando a porta aberta apesar da recomendação. Entraram no palácio por uma porta secreta. Harun Ar Rachid mandou tirar a roupa que Abu-Hassan vestia, substituí-la por vestes do próprio califa e deitá-lo na sua própria cama. Depois, reuniu os dignitários do palácio e deu-lhes ordens severas para que, no dia seguinte, tratassem Abu-Hassan como se fosse o califa e executassem todas as suas ordens e satisfizessem todos os seus desejos. Na manhã seguinte, Harun Ar-Rachid colocou-se por trás de uma cortina no quarto onde dormia Abu-Hassan para tudo ver e observar sem ser visto. Então, entraram os dignitários, as damas de honra, os escravos e escravas, e um eunuco aproximou-se de Abu-Hassan e acordou-o. Abu-Hassan abriu os olhos e achou-se num leito estranho cujas cobertas eram feitas de brocado vermelho e de pérolas. Viu-se numa grande sala com as paredes revestidas de cetim. rodeavam no jovens mulheres e escravas de cativante beleza e uma multidão de vizires, emires, dignitários, altos funcionários, todos inclinados respeitosamente diante dele. E ao lado da cama, viu, estendido sobre um tamborete, o inconfundível vestuário do Emir dos Crentes. Persuadido de que estava sonhando, voltou a fechar os olhos. Mas o grão-vizir Jafar aproximou-se dele e, depois de beijar o chão três vezes, disse-lhe: “Ó Emir dos Crentes, permiti a vosso escravo acordar-vos, pois é hora das preces matinais.” No mesmo instante, a um sinal de Jafar, os tocadores de instrumentos fizeram ouvir um concerto de harpas, alaúdes e violas, e as vozes dos cantores soaram harmoniosamente. Abu-Hassan gritou: “Onde estou? E quem sou eu?” Masrur respondeu num tom cheio de deferência: “Vós sois nosso amo e senhor o Emir dos Crentes, o califa Harun Ar-Rachid, e estais em vosso palácio, rodeado por vossos servidores e escravos. E eu sou Masrur, um deles.” Voltando-se então para uma das jovens escravas, Abu-Hassan fez-lhe sinal que se aproximasse. Estendeu um dedo e pediu-lhe: “Morde este dedo! Só assim saberei se estou sonhando ou não.” A escrava mordeu o dedo até o osso. Abu-Hassan soltou um grito de dor e disse: “Ai! agora vejo que estou acordado.” E perguntou a rapariga: “E tu, me conheces? Quem sou eu?” Respondeu a jovem:

“O nome de Alá esteja sobre o califa e à sua volta! Vós sois nosso amo e senhor, o Emir dos Crentes, o califa Harun Ar-Rachid, vigário de Alá.” Pouco a pouco, Abu-Hassan foi convencendo-se de que algo extraordinário lhe tinha acontecido. E pensava: “Por Alá, não é uma coisa maravilhosa! Ainda ontem, eu era Abu-Hassan, e hoje sou Harun Ar-Rachid!” Depois de o terem lavado e perfumado, vestiram-no com as vestes reais, coroaram-no com o diadema, puseram-lhe nas mãos o cetro de ouro e conduziram-no ao trono. E Abu-Hassan pensou: “Califa ou não, vou comportar-me como califa.” E 328 conseguiu manifestar toda a autoridade e dignidade do cargo. Na sala do trono, diante da multidão de dignitários, cortesãos e homens do povo, Jafar tirou um rolo de papel e pôs-se a enumerar os assuntos do dia. E embora fossem todos novos para Abu-Hassan, pronunciou-se sobre cada caso com tamanho tato e propriedade que o califa, que estava escondido na sala, ficou maravilhado.

Quando Jafar terminou o relatório, Abu-Hassan mandou vir o chefe da polícia e deu-lhe a seguinte ordem: “Leva dez guardas e vai à casa tal na rua tal no bairro tal. Lá encontrarás um horrível porco que é o xeque daquele bairro, sentado entre dois canalhas não menos ignóbeis que ele. Prende os três e começa por dar a cada um quatrocentas bastonadas nas plantas dos pés. Depois, manda empalar o xeque pela boca e atira seu corpo aos cães. Faze o mesmo com o homem glabro de olhos amarelos. Quanto ao terceiro, sendo ele mais bobo que perverso, manda-o passar a vida sentado na mesma cadeira. Assim estarão punidos os caluniadores, maculadores de mulheres, destruidores da ordem pública que agridem as pessoas honestas e apoderam-se do que não lhes pertence. E volta com as provas de que cumpriste tua missão.” Depois, mandou levantar o divã, pensando: “Agora, não posso mais duvidar. Sou realmente o Emir dos Crentes.” Momentos depois, chegou o chefe da polícia e entregou-lhe as provas de que tinha cumprido sua missão. Abu-Hassan ficou tão satisfeito que o apetite lhe voltou e fez com alguns dignitários uma lauta refeição.

Harun Ar-Rachid, que tinha assistido a tudo, rejubilava-se por ter o destino posto no seu caminho um homem como aquele. Mas o sonho tinha que acabar. Uma das jovens acompanhantes, obedecendo às ordens, disse a Abu-Hassan: “Ó Emir dos Crentes, suplico-vos que bebais mais esta taça de vinho à saúde de todos.” Abu-Hassan bebeu a taça de um trago. Nela, a moça havia instilado o anestésico benj. Abu-Hassan perdeu imediatamente os sentidos, e caiu no chão.

O califa mandou o escravo que havia retirado Abu-Hassan de sua casa carregá-lo para lá de volta e depositá-lo na sua cama. Quando Abu-Hassan acordou no dia seguinte, achou-se num quarto o menos parecido possível com o palácio onde dava ordens na véspera como se fosse o senhor do mundo. Certo de que estava sonhando, pôs-se a gritar para acordar e a chamar Jafar e Masrur para junto de si. A única pessoa que acorreu foi sua mãe, que procurou acalmá-lo. Abu-Hassan quis saber quem o havia destronado. E como ela ficou atônita e não respondeu, insultou-a com tamanha violência, tentando até agredi-la, que a pobre mulher teve que chamar os vizinhos para contê-lo. No dia seguinte, suas alucinações aumentaram contra os que o haviam destronado, inclusive sua mãe e os vizinhos, a quem ameaçava de morte. A mãe foi obrigada a apelar para um médico. O médico diagnosticou que Abu-Hassan tinha enlouquecido e devia ser

internado num hospício. Lá foi necessário amarrá-lo e submetê-lo a diversos tratamentos.

Somente três semanas depois, começou a voltar à normalidade e a reconhecer que era mesmo Abu Hassan. Sua mãe levou-o então de volta para casa e procurou consolá-lo: “Meu filho, nada do que aconteceu é culpa tua. Todo o mal se deve àquele mercador estrangeiro que convidaste por último e que partiu pela manhã sem sequer fechar a porta atrás de si. Ora, todos sabem que cada vez que a porta de uma casa é deixada aberta antes do nascer do sol, o chaitan entra nessa casa e toma conta do espírito de seus habitantes. Agradecemos a Deus por não ter permitido desgraças maiores”. Abu-Hassan concordou. O califa, que acompanhara todo o drama por intermédio de informantes, censurou-se por sua conduta e procurou compensar as aflições causadas. Recebeu Abu-Hassan no palácio real. Casou-o com a jovem Cana-de-Açúcar que fazia parte das escravas de Abu-Hassan como califa e que lhe havia particularmente agradado. E para manifestar a retidão e o senso de responsabilidade de seu caráter, estabeleceu uma renda vitalícia a Abu-Hassan e Cana-de-Açúcar, que lhes permitiu viverem felizes e seguros até o último de seus dias.

OS AMORES DE ZAIN AL-MAUASSIF

Conta-se, ó afortunado rei, que havia certa vez, no antigo dos tempos, um adolescente formoso chamado Anis. Era o mais rico, o mais generoso, o mais delicado e o mais agradável jovem de seu tempo. Amava tudo que era digno de ser amado: as mulheres, os amigos, a poesia, a música, os perfumes, uma boa risada - e vivia no auge da felicidade. Certa tarde, enquanto dormia sob uma árvore em seu jardim, sonhou que estava brincando com quatro pássaros e uma pomba, quando um corvo se precipitou sobre a pomba, arrebatou-a e a levou. Anis acordou impressionado com o sonho e saiu a procurar quem lho pudesse interpretar. No seu caminho, passou por uma linda residência onde uma voz feminina cantava com acentos melancólicos estes versos: Ouço o coração dos enamorados cantar livremente na madrugada. Mas meu coração não canta por causa de um cabritinho montês, mais ligeiro que um gamo. Tenho-te, presente ou ausente. E teu nome nunca deixa meus lábios. Durará ainda muito teu afastamento? O amor, de que me penetraste, tornou-se uma tortura além das minhas forças. Até quando continuarias a fugir de mim? Se teu propósito era matar-me de saudade, sente-te feliz, pois teu desejo se cumpriu. Levado pelo ímpeto de conhecer a cantora, Anis olhou pela porta semi-aberta e viu um jardim cheio de rosas, jasmins, violetas, narcisos onde gorjeavam mil pássaros. Entrou e começou a andar no jardim e deparou com uma jovem sentada sobre um tapete com quatro companheiras. Era tão bela que podia acender fogo na pedra mais dura. Anis inclinou-se diante dela e levou a mão ao coração, lábios e fronte naquela saudação árabe pela qual oferecemos ao interlocutor nossos sentimentos, nossos cumprimentos e nossos pensamentos. Mas a moça gritou: “Como ousaste penetrar neste lugar reservado, ó jovem impertinente? Anis respondeu: “Ó minha ama, a culpa não é minha. É tua e deste jardim. Pela porta entreaberta, vi as flores e os pássaros homenagearem a rainha da beleza, e minha alma não resistiu à tentação de vir juntar sua homenagem à das flores e dos pássaros.”

A jovem riu e perguntou: “Como te chamas?”

- Anis, teu escravo.

Ela exclamou: “Anis, agrada-me. Vem sentar-te a meu lado.”

Depois, perguntou-lhe: “Sabes jogar xadrez?” “Sim”, respondeu Anis.

O jogo começou. Mas Anis dava mais atenção à beleza da adversária que aos peões, e acabou por exclamar: “Como posso ganhar contra esses dedos?” E perdeu um primeiro e um segundo jogos.

- Vamos apostar cem dinares por jogo, disse a moça. Isso te obrigará a te concentrares.

- Com prazer, disse Anis, mas continuou a perder.

- Vamos apostar mil dinares, disse a moça.

- Aceito, disse Anis, mas continuou a perder.

Depois, apostou sua loja, sua casa, seu jardim, seus escravos até que nada lhe sobrasse.

- Anis, meu amigo, és um louco, disse a moça. Mas para que não lamentees ter vindo aqui, devolvo-te tudo que perdeste. Agora, levanta-te e retoma teu caminho em paz.

- Por Alá, minha rainha, não lamento o que perdi. Se me pedisses minha alma, oferecer-te-ia com prazer. Mas deixarás que eu parta sem satisfazer meu desejo?

- Posso satisfazer teu desejo; mas, primeiro, deves trazer-me quatro odres de almíscar puro, quatro onças de âmbar cinzento, quatro mil peças de brocado de ouro e quatro mulas arreadas.

- Pela minha vida, terás tudo isso.

- Como? Não possuis mais nada.

- Tenho amigos. Eles me socorrerão.

- Não precisas apelar para eles, pois com certeza te decepcionarão. Eu te devolvo tudo que perdeste se fores mais hábil no outro jogo de xadrez do que neste.

E Zain Al-Mauassif levou Anis até a alcova. Lá Anis tomou a adolescente nos braços e jogou com ela um jogo de xadrez, seguindo todas as regras com refinamento e perícia. Depois, iniciou e ganhou quinze jogos seguidos, comportando-se o rei em todos eles com a mesma valentia e estando sempre na ofensiva, até que a moça reconheceu ter sido derrotada e exclamou, já sem fôlego: “Ganhaste, ó pai das lanças. Dize ao rei que descanse.”

Depois, disse: “Anis, seduziste-me. Por Alá, não poderei mais viver sem ti.” E passaram o resto do dia e toda a noite juntos, beijando-se e copulando. E continuaram assim durante um mês inteiro, só parando para comer. Zain Al-Mauassif, que era casada, recebeu então uma carta do marido, anunciando sua volta. “Possa o demônio quebrar-lhe os ossos,” exclamou. “Que devemos fazer, Anis?”

- Os estratagemas e os ardis pertencem mais ao campo feminino que ao masculino.

Ela refletiu uma hora, depois disse: “Meu marido é muito ciumento e astuto. O único meio que vejo é que tu te apresentes a ele como mercador de perfumes e especiarias. Estuda bem este negócio. Depois, procura-o na sua loja e faz amizade com ele.”

Quando o bom homem chegou, achou a mulher toda amarela, da cabeça aos pés. Ignorando que ela se tinha esfregado com açafrão, perguntou-lhe, apavorado, se estava doente. Respondeu: “Estou amarela, não porque estou doente, mas por causa de minhas preocupações a teu respeito durante tua ausência.

Em nome da compaixão, não viajes mais sem tomar um companheiro que te possa defender e cuidar de ti.” O homem agradeceu esta manifestação de afeto, beijou a mulher com amor redobrado e foi para sua loja, pois era um grande mercador judeu. A mulher também era judia. Anis, que havia estudado seu novo comércio, estava esperando por ele. Para ganhar-lhe a boa vontade imediatamente, ofereceu-lhe perfumes e especiarias por preços bastante inferiores aos do mercado. O marido de Zain Al-Mauassif, que tinha a alma endurecida dos judeus, ficou tão satisfeito que os dois se tornaram amigos e depois sócios, da noite para o dia. E o homem levou Anis para jantar com ele em sua casa, pois os judeus são destituídos de vergonha e não mantêm seus haréns protegidos.

Quando o marido quis apresentar a mulher a Anis, ela se revoltou: “Por Moisés, como ousas introduzir estranhos na intimidade de teu lar? Devo renunciar à virtude das mulheres porque achaste um associado? Prefiro cortar meu corpo em pedaços.”

O judeu regozijou-se no seu coração por ter uma mulher tão casta e reservada; mas disse em alta voz: “Desde quando adquirimos os modos dos muçulmanos de esconder nossas mulheres? Somos filhos de Moisés.” E ele apresentou Zain Al-Mauassif a Anis. Ambos fingiram que não se conheciam e nem sequer olharam um para o outro durante todo o tempo da visita.

O marido reparou, todavia, numa coincidência estranha. Tinha ele em casa uma ave que se habituara a brincar com ele e a pousar em seu ombro. Quando ele voltou da viagem, não o reconheceu. Mas, quando Anis chegou, ocorreu a ele com gritos de alegria.

Reparou também que a mulher, que sempre tivera um sono tranqüilo, tinha agora sonhos que a agitavam a noite toda. Convidou Anis outra vez para sua casa e, antes de mandar servir o jantar, alegou que recebera uma convocação urgente do uáli. “Irei vê-lo porque é meu interesse,” disse à mulher e a Anis; “mas será coisa rápida. Voltarei logo para o jantar.”

Saiu, mas em vez de ir à casa do uáli, deu uma volta e subiu secretamente ao sótão de onde podia observar o que se passava na sala de visitas. E viu os dois se jogarem nos braços um do outro e trocarem beijos de paixão incontida. O homem escondeu sua indignação e voltou para casa, sorridente. Jantaram como se nada tivesse acontecido. No dia seguinte, disse à mulher que recebera um relatório de um de seus agentes que o obrigava a viajar de novo. A mulher camuflou sua alegria e começou a gemer e reclamar: “Deixar-me-ás morrer de solidão, amado marido? Pobre Zain Al-Mauassif, nunca poderás conservar teu marido junto de ti?”

Mas o marido retrucou: “Não te aflijas, querida. Decidi levar-te comigo desta vez e não mais te expor aos tormentos da saudade.” E partiram na hora, eles e as quatro aias de Zain Al-Mauassif, Hubub, Sukub, Kutub e Rukub.

Após viajarem um mês, o judeu mandou que parassem e montassem as tendas na vizinhança de uma cidade que ele conhecia. Aí, despiu a mulher de suas ricas vestes, pegou numa vara e disse-lhe: “Vil e hipócrita rameira, só esta vara será capaz de purificar-te. Chama Anis em teu socorro.” E não obstante os gritos e os protestos, fustigou-a sem piedade.

Depois, foi á cidade e trouxe um ferrador a quem pediu: “Põe ferraduras nas mãos e nos pés desta escrava.” O ferrador estupefato, replicou: “Por Alá, é a primeira vez que sou chamado a ferrar seres humanos. Que fez esta jovem para merecer tal castigo?”

- Pelo Pentateuco! Este é o castigo que nós, judeus, impomos às escravas de quem temos queixas.

Mas o ferrador, extasiado diante da beleza de Zain Al-mauassif, olhou o judeu com desprezo e cuspiu-lhe na face. Em vez de tocar na rapariga, dirigiu estes versos ao seu marido:

Ó cavalgadura imunda,
enfiaria mil pregos na tua pele
antes de torturar pés tão delicados,
feitos para serem domados com anéis de ouro.
Se for dado a um pobre senador
julgar das coisas,
tu deverias ter ferraduras, e ela, asas.

E o ferrador foi informar o uáli do que estava acontecendo à mais bela das mulheres. O uáli mandou os guardas levarem à sua presença do judeu, a escrava e os outros componentes da caravana.

Quando se apresentaram, o uáli maravilhou-se com a beleza de Zain Al-Mauassif e perguntou-lhe: “Como te chamas, minha filha?”

Meu nome é Zain Al-mauassif, tua escrava. Este judeu raptou-me de meu pai e mãe, violentou-me e quis obrigar-me a abjurar a santa fé dos muçulmanos, meus antepassados. Todos os dias tortura-me e tenta superar a minha insistência em permanecer muçulmana. Minhas aias confirmarão o que digo. E o ferrador poderá descrever o bárbaro tratamento a que este judeu queria submeter-me.

O judeu gritou: “Pelas vidas de Jacó, Moisés e Aarão, esta mulher é judia e é minha legítima esposa.” Mas o uáli perguntou às aias: “Qual dos dois está dizendo a verdade?” Hubub, Kutub, Sukub e Rukub responderam: “Nossa ama.”

O uáli mandou então aplicar no judeu trezentas chicotadas e ameaçou cortar-lhe as mãos e os pés se não confessasse. Para escapar a tal calamidade, o homem disse: “Pelos comos sagrados de Moisés, confesso que esta mulher não é minha esposa e que a raptei de sua família.”

Ordenou então o uáli “Na base da confissão do réu, condeno-o à prisão perpétua. Assim sejam punidos os judeus sem crença.”

Zain Al-Mauassif beijou a mão do uáli, mandou levantar o acampamento e iniciar a marcha da volta.

Ao crepúsculo do terceiro dia, a caravana chegou a um mosteiro cristão, habitado por quarenta monges e seu patriarca Danis. O patriarca convidou a caravana a passar a noite no mosteiro e foi tomado de uma louca paixão por Zain Al-Mauassif. Mandou sucessivamente os quarenta monges pleitearem sua causa

junto à moça. Mas foram todos repelidos. Então, o patriarca, recordando o provérbio de que “para coçarmos a pele não há como as próprias unhas,” procurou pessoalmente Zain Al-Mauassif, que o rejeitou e humilhou, zombando de sua barba e de sua idade avançada. Depois, Zain Al-Mauassif disse a suas companheiras:

“Vamos fugir deste mosteiro antes de sermos violentadas e maculadas por contatos tão aviltantes.” Quando, na manhã seguinte, os monges e seu patriarca se deram conta da fuga de Zain Al-Mauassif, reuniram-se na igreja para cantar como asnos, conforme seu costume. Mas em vez de cantarem os hinos habituais, improvisaram versos como estes:

Senhor que criaste o fogo da paixão
e despertaste em mim este ardente desejo,
devolve-me o seu corpo saboroso,
ó Senhor que puseste amor na cama de teus filhos.

Depois, decidiram pintar uma imagem da fugitiva e colocá-la nos seus altares.

Quanto a Zain Al-Mauassif, chegou em segurança a sua terra e reencontrou seu amado, que tinha quase enlouquecido de saudade e preocupação diante do mistério de sua desapareição. Curou-o com uma noite de excessiva paixão. No dia seguinte, mandaram vir o cádi e as testemunhas e casaram-se legalmente e viveram na felicidade até o fim de seus dias. Glorificado seja Aquele que distribui a beleza e os prazeres de acordo com sua justiça. E bênçãos sobre Maomé, o maior dos profetas, que reservou o Paraíso a seus crentes!

A PRINCESA NUR AN-NAHAR

Conta-se, ó rei afortunado, que havia certa vez na antiguidade dos tempos e das idades, um rei valoroso a quem Alá enviara três filhos varões que chamou Ali, Hassan e Hussein. Esses três príncipes foram criados no palácio paterno juntamente com uma prima órfã, a princesa Nur An-Nahar – Luz do Dia – que não tinha quem a igualasse em beleza e inteligência entre as filhas dos homens. O rei pensava casá-la com o filho de algum sultão. Mas assim que ela atingiu a puberdade, o rei deu-se conta de que os seus três filhos estavam apaixonados por ela e tudo fariam para conquistá-la e possuí-la. Na sua perplexidade, pensou: Se der a adolescente a um de meus filhos, os dois outros murmurarão contra mim. Se a casar com um príncipe estranho, os três murmurarão contra mim.” Após refletir longamente, chamou os três filhos e disse-lhes “Sois iguais a meus olhos e não posso preferir um a outra., dando-lhe a mão da princesa Nur An-Nahar. Só vejo uma solução: cada um de vós deve partir para uma terra distante e trazer-me a raridade mais curiosa que lá descobrir. Casarei a princesa com aquele que, na minha opinião, voltar com a raridade mais maravilhosa. Se aceitardes essa competição, darei a cada um de vós um escravo e todo o ouro de que precisar no seu empreendimento.” Os três aceitaram, receberam os sacos de ouro que pediram e seguiram viagem, disfarçados em mercadores e acompanhados pelo respectivo escravo. Cavalgaram juntos até uma encruzilhada próxima da cidade, de onde partiam três caminhos divergentes. Comemoraram a data com um almoço no khan da encruzilhada e combinaram de se reencontrarem no mesmo

local um ano depois, nem mais um dia nem menos um dia. E partiram, cada um tomando um dos três caminhos. Após três meses, o príncipe Ali chegou ao reino de Bichangarch, nas costas oceânicas da Índia. Hospedou-se no melhor khan e foi dar um passeio no mercado. Todas as ruas eram cobertas para que se mantivessem frescas, e eram agradavelmente iluminadas por clarabóias. Cada rua era reservada a uma só espécie de mercadoria: numa, viam-se finos tecidos da Índia, brocados da Pérsia, sedas da China; outra era cheia de porcelanas e faianças; outra era reservada aos joalheiros; e assim por diante. Todas as mercadorias eram agradáveis à vista e da melhor qualidade. Ali ficou particularmente encantado com o grande número de rapazes que ofereciam flores. E reparou que os indianos gostavam tanto de flores que as carregavam em toda parte, nas mãos, no cabelo, nas orelhas, nas narinas. Além disso, todos os estabelecimentos estavam ornados com vasos cheios de rosas e jasmims. Ali sentiu-se conquistado pelo povo e pelo país. Enquanto caminhava na rua reservada aos tapetes, reparou num pregoeiro que levava debaixo do braço um pequeno tapete de seis pés quadrados e o oferecia por 30 mil dinares de ouro, dizendo: “Aproveitai a oportunidade. Quem comprar sairá ganhando.” Ali achou o preço absurdo e pediu ao pregoeiro que lhe mostrasse o tapete. Após examiná-lo e não achar nele nada excepcional, disse ao pregoeiro: “Não vejo em que este pequeno tapete vale o preço exorbitante que estás pedindo. Será que ele tem alguma característica ou poder escondidos?” – É isso mesmo, respondeu o pregoeiro. O tapete tem uma virtude única: quem se sentar nele é transportado para o lugar do mundo onde deseja ir e com a velocidade do raio. Nenhum obstáculo impede a marcha do tapete. As tempestades se afastam. As montanhas, muralhas e outros obstáculos se abrem para deixa-lo passar. Após falar assim, o pregoeiro começou a dobrar o tapete como para levá-lo e ir embora. Mas Ali deteve-o com um grito de alegria: “Ó pregoeiro abençoado, se podes provar o que disseste, pagar-te-ei os 30 mil dinares que pedes e mais mil dinares de gratificação.” - Onde estão os 31 mil dinares? – Em tal khan, respondeu Ali. Irei lá contigo e pagarei assim que tiver tido a prova. - Sobre minha cabeça e meus olhos, replicou o pregoeiro. Mas esse khan está longe. Iremos mais rapidamente no tapete. Estendeu o tapete. Os dois se sentaram nele. O príncipe disse aonde queria ir. Antes de terminar sua frase, já estavam na porta do khan com todo o conforto. O príncipe mandou seu escravo pagar os 31 mil dinares e ficou eufórico, considerando que nenhum dos seus irmãos conseguiria maravilha igual e que Nur An-Nahar já era sua. Poderia ter voltado num instante ao reino do pai, mas lembrou-se do compromisso que os três irmãos haviam assumido de se reencontrarem lá no fim de um ano. Passou, pois, o tempo divertindo-se com as maravilhas da Índia, os elefantes, os faquires, os malabaristas, as dançarinas, procurando superar a saudade que tinha da princesa amada.

O segundo irmão, Hassan, foi à Pérsia e chegou à cidade de Chiraz. Instalou-se no melhor khan e foi conhecer o mercado, que lá chamam bazistan. Ficou maravilhado com os tapetes, os brocados, os mosaicos. O lugar estava lotado de vendedores, apressados e barulhentos, disputando entre si a preferência dos compradores. Sua atenção foi atraída por um homem venerável que andava lenta e gravemente, sem gritar como os outros, mas segurando na mão um tubo de marfim como se fosse um cetro de rei.

“Aquele corretor me inspira confiança,” pensou Hassan, e dirigiu-se a ele, querendo dar uma olhada no tubo. Mas antes que tivesse chegado a ele, o homem começou a proclamar numa voz altiva: “Compradores, aproveitai a oportunidade. Apenas 30 mil dinares por este tubo de marfim. O inventor morreu, e nunca haverá outro tubo igual. Trinta mil dinares. Uma pechincha!” O príncipe recuou e perguntou ao proprietário de uma loja: “Podes informar-me, irmão, se este pregoeiro é louco ou brincalhão?” Respondeu o mercador: “Ele é o mais honesto e competente dos corretores. Todos nós apelamos para ele nos negócios importantes. Se está oferecendo o tubo por 30 mil dinares, o tubo deve valer ainda mais, embora sua utilidade possa não ser evidente. Se quiseres, vou chamá-lo e poderás interrogá-lo. Entra por favor e descansa.” Hassan sentou-se na loja acolhedora, e o comerciante chamou o corretor, dizendo-lhe: “Este honrado estrangeiro está surpreso de que peças 30 mil dinares pelo pequeno tubo de marfim. Poderás explicar-lhe o porquê deste preço?” O corretor disse ao príncipe: “Repara que um lado do tubo está fechado com cristal. Quem olhar através dele verá qualquer lugar do mundo que desejar. Através dele, podes ver teu país, tua cidade, tua família ou qualquer outra pessoa ou objeto, estejam onde estiverem. Não vale esse poderio quase milagroso 30 mil dinares?” - Se o que estás dizendo for real, pagarei os 30 mil dinares e mais mil dinares de gratificação, disse Hassan. - Podes verificar por ti mesmo, retrucou o corretor. Eis o tubo. Hassan apanhou o tubo e desejou ver Nur Na Nahar de quem tinha uma saudade dolorosa. Imediatamente, viu-a através do tubo, sentada entre suas escravas no hammam, rindo, olhando para um espelho e brincando. Ficou tão comovido que quase deixou o tubo cair no chão.

Convencido de que não existia maravilha igual, pagou os 31 mil dinares e sentiu-se já na posse da mão de sua amada. Gastou o restante do tempo entre poetas e literatos, tentando memorizar os mais belos poemas da literatura persa. O terceiro irmão, Hussein, viajou sem acidente até a cidade de Samarkand, onde vosso glorioso irmão Chahzaman reina hoje, ó afortunado rei. No primeiro dia, visitou o mercado, que lá chamam bazar. Enquanto observava a multidão, reparou num corretor levando uma maçã na mão. Era uma maçã do tamanho de um melão, vermelha de um lado, dourada do outro. Hussein ficou fascinado por sua beleza e quis saber qual era seu preço. - Abri o pregão com 30 mil dinares, mas não a venderei por menos de 40 mil, disse o pregoeiro. - É, sem dúvida, a maçã mais esplêndida que já vi; mas acho que estás brincando a respeito do preço. - De maneira alguma, retrucou o pregoeiro. Pois a beleza desta maçã nada representa em comparação com seus benefícios. Ela não é uma maçã natural. Foi confeccionada pelas mãos do homem. Um filósofo concebeu-a após uma vida inteira passada em pesquisas no mundo das plantas e dos minerais. Não existe doença - seja a peste, a escarlatina, a cólera, a lepra ou a aproximação da morte - que o cheiro desta maçã não afaste. Gostarias que curasse um doente diante de teus olhos? Naturalmente, o príncipe o desejava. Por acaso, passava nesse momento um paralítico carregado numa alcofa. O pregoeiro aproximou-se dele e segurou-lhe a maçã abaixo do nariz. O doente saltou da alcofa no mesmo instante e pôs-se a andar, feito jovem. O príncipe pagou os 40 mil dinares e mais mil dinares de gratificação, convencido de que garantia assim a vitória sobre os dois irmãos e o casamento com Nur An-Nahar. Passou o restante do tempo

divertindo-se. Na data combinada, os três irmãos se encontraram no khan da encruzilhada e exibiram as respectivas maravilhas, a fim de já avaliar a preferência do pai. O primeiro exibiu o tapete e, para demonstrar o seu poder, convidou seus irmãos a sentar-se sobre ele e levou-os até o outro lado da terra e trouxe-os de volta num instante. Hassan exibiu o tubo de marfim e disse: “Ó marfim mágico, desejo ver a princesa Nur An-Nahar.” De repente, sua cor empalideceu; e aos irmãos espantados, revelou que a princesa estava gravemente doente e agonizava e convidou-os a verificar o fato, olhando através do tubo. O terceiro irmão interveio então, dizendo: “Não vos preocupeis. Esta maçã a curará, mesmo se ela estiver à beira do túmulo. Mas devemos nos apressar. A maçã não ressuscita os mortos.” Os irmãos admiraram a maçã e pediram a Alá que ela fosse mesmo capaz de curar a princesa. Os três mandaram os escravos seguir em cavalos e, sentados no tapete, foram imediatamente transportados aos aposentos de Nur An-Nahar, que estava de fato gravemente doente. Hussein segurou-lhe a maçã abaixo do nariz. No mesmo instante, a princesa sentou-se, completamente curada, sorriu aos irmãos e felicitou-os por seu feliz regresso. Contaram-lhe como Hassan a tinha visto, como Ali os trouxera para junto dela e como Hussein a havia curado. Os três correram então até o palácio real e apresentaram ao pai as maravilhas adquiridas. Após admirá-las todas e refletir, disse o rei: “Meus filhos, trouxestes-me um problema delicado. Na minha concepção da justiça, estas três maravilhas são iguais. O mar um mágico revelou a doença de Nur An-Nahar, o tapete mágico voou até ela e a maçã mágica a curou. Entretanto, cada uma teria sido inútil sem as duas outras. Minha escolha é tão difícil agora quanto antes. Devo submeter vos à nova prova: que cada um de vós traga um arco e uma flecha e atire. Aquele cuja flecha voar mais longe terá a princesa.”

Foi assim que Hassan garantiu a mão de Nur An-Nahar e teve com ela uma vida feliz. Os dois outros não assistiram às bodas, mas consolaram-se pouco a pouco e arrumaram outras noivas.

O PRÍNCIPE YASSIM E A PRINCESA AMANDA

Conta-se - mas só Alá sabe tudo - que vivia certa vez num país muçulmano um rei com um coração do tamanho do oceano, uma sabedoria comparável à de Aflaton e a boa estrela de Al-Iskandar. Tinha sete filhos varões, como as sete estrelas da Plêiade. O mais jovem era, contudo, o mais brilhante. Seu nome era Yassim. Na verdade, o lírio murchava quando este jovem estava por perto. Sua estatura assemelhava-se a um cipreste, e suas faces eram tulipas vivas. O esplendor de sua frente provocava o eclipse da lua cheia. Sua boca segregava uma linguagem mais saborosa que o mel. Ousado, ativo e belo, era a personificação do deus dos enamorados. Escolhido entre seus irmãos para guardar a manada de búfalos do pai, o rei Nujum Xá, estava sentado certa vez a tomar conta dos animais e a soprar sua flauta quando lhe apareceu um venerável dervixe que lhe pediu um pouco de leite. - Lamento muito, respondeu o príncipe. Ordenhei os búfalos pela manhã. - Assim mesmo, replicou o dervixe, invoca a bênção de Alá e ordenha-os de novo. O príncipe atendeu e, de fato, o vaso encheu-se de leite espumante. O dervixe matou a sede, depois disse a Yassim: “Ó jovem de nobre linhagem, não regaste um solo infecundo. Pois vinha a ti como

mensageiro dó amor e vejo que mereces as dádivas do amor, que são as mais preciosas de todas. Disse o poeta:

O amor já existia antes que se fizesse a luz.
E quando não houver mais luz,
o amor ainda existirá.
Mesmo no túmulo, será a verdade suprema,
a hera que se agarra d árvore do coração
e dela se alimenta.

Sim, meu filho, vim a ti em nome do amor e por iniciativa própria. Pois tenho percorrido planícies, montanhas e desertos procura de um adolescente digno da mágica donzela que entrevi certa manhã num jardim: uma huri de raça real, mais bela que a lua, uma pérola única, a personificação da beleza feminina eterna.

Devo apenas acrescentar que essa jovem não vive feliz por causa de uma visão... Espero que minhas palavras tenham caído no teu coração como sementes de amor. Que Alá te guarde e te conduza a ela.” E o dervixe levantou-se e desapareceu. Yassim sentiu-se de repente trespassado pela paixão. Pois o escudo da sabedoria protege contra todas as flechas, menos a flecha do amor. Como Majnun, o enamorado de Laila, Yassim rasgou a roupa, soltou gemidos, abandonou o rebanho e, bêbado sem vinho, pôs-se a vaguear pelas terras de Alá. Queria encontrar a princesa sem nome, a personificação da eterna beleza feminina.

Ora, ela também ansiava por ele. Pois certa noite aparecera-lhe em sonho um adolescente que era, feição por feição, traço por traço, a fiel imagem do príncipe Yassim. A partir daquela noite, a princesa tornara-se outra mulher. Chorava. Gemia. Sentada ou deitada, tinha os cabelos e as vestes desarrumadas, o olhar perdido. Opunha um silêncio enigmático a todas as perguntas. Médicos e mágicos tentaram em vão arrancá-la daquela depressão. Seus pais viram-se forçados a recorrer a uma sangria. Mas - ó céus! - da veia aberta não caiu uma gota de sangue sequer! Nem o jardim conseguia distraí-la do bem-amado, pois as rosas lembravam-lhe a cor de suas faces; o jasmim, o perfume de suas vestes; e o narciso, os seus olhos. Cantava:

Se as montanhas sofressem o que sofro
já teriam desmoronado.
E o fogo ter seria apagado.
E o vento teria sido paralisado.
Quem diz que o destino é às vezes clemente,
não sabe que ele acaba sempre mais amargo que o aloés.

Um dia, uma de suas damas de companhia relatou-lhe que acabava de chegar ao país um jovem tocador de flauta, de aspecto aristocrático, cuja beleza não tinha igual entre os homens. “Chama-se Yassim e chegou aqui após percorrer desertos, planícies e montanhas - prosseguiu a dama de companhia. Para desafiar tantos perigos deve ter algum motivo poderoso oculto. Quem sabe se não é o amor?” Essas palavras tiveram um efeito mágico sobre a princesa. Acordou na

manhã seguinte feliz, alegre, os olhos brilhantes. Pegou cálamo e papel e escreveu:

Quando ouvi falar em tua beleza,
meu coração escapou-me das mãos.
Quando te vejo em meus sonhos,
Esqueço pai e mãe.
Ó vem, e deixa-me ver tua beleza
com os olhos do corpo.
És a água e a argila de meu ser.
As rosas de meu leito tomaram-se
Espinhos. Ó vem!

Concluída a carta, entregou-a a uma de suas damas de companhia, que a levou ao bosque onde Yassim tocava a flauta e cantava as palavras do poeta:

Quando a noite da ausência terminar,
ficaremos unidos como o cisne e a ribeira.

O príncipe leu a carta com avidez e quase desmaiou de alegria. Assim que serenou, ouviu a orientação da moça sobre a forma de chegar ao palácio da princesa. Na hora combinada, guiado pelo Anjo dos Encontros Felizes, dirigiu-se para lá. O sol desaparecia no Ocidente e a lua despontava no Oriente, quando Yassim entrou no jardim de Amanda e localizou a árvore onde devia esconder-se.

Pouco depois, a princesa Amanda desceu, toda vestida de azul, e fitou a árvore. Tamanha foi a sua comoção que ela não soube determinar se a face vislumbrada na ramagem era a do príncipe Yassim ou a da lua cheia. Como uma flor atraída pelo desejo, o príncipe caiu aos pés de sua princesa, que logo o reconheceu como o jovem vislumbrado em seus sonhos. Por sua vez, Yassim abençoou o dervixe que não o enganara, pois aquela jovem era mesmo a coroa das luas. Ligados instantaneamente por uma paixão mútua, os dois jovens abraçaram-se, beijaram-se, sentindo-se a um passo do Paraíso. Para proteger-se, entretanto, contra qualquer imprevisto, decidiram dirigir-se ao rei Akbar, pai de Amanda. Pedindo a Yassim que a esperasse, Amanda correu até o aposento do pai, eufórica, e disse-lhe que, tendo lamentado muitas vezes ver os rebanhos do reino maltratados, acabava de localizar o pastor ideal para o car o - ativo, diligente, bem-intencionado. Acrescentou: “Suplico-te, pai, encarrega-o de nossos bois e ovelhas. - Pela minha vida, retrucou o pai, nunca ouvi falar num pastor sendo contratado no meio da noite. Mas a tua cura inesperada me alegra a tal ponto que aceito o pastor que me indicas. No entanto, gostaria de vê-lo com meus olhos.”

A princesa voou com as asas da alegria e levou Yassim à retira-te da minha presença e vai ocultar tua vergonha atrás da cortina do harém. E não saias de lá sem meu consentimento.”

O rei Akbar era dotado de fina sagacidade. Percebeu logo que o adolescente não era um vulgar pastor. Nomeou Yassim pastor dos rebanhos reais. Todas as

manhãs, Yassim guiava bois e ovelhas às pastagens e, no pôr-do-sol, trazia-os de volta aos estábulos. E passava a noite no jardim em companhia de sua amada.

Os dois amantes, de mãos dadas e mais ligeiros que o zéfito, aplicavam as palavras do poeta:

Os invejosos nunca poupam os enamorados. do outro. Possa o amor sempre triunfar!

O Criador não criou panorama mais belo
que o de dois apaixonados na mesma cama,
estritamente entrelaçados.

Se o destino te enviar uma amante assim,
considera que conseguiste o máximo.

Case-se com ela e nunca a abandones.

Um dia, estava Yassim comendo umas gulodices que Amanda lhe trouxera no próprio prato do rei quando passou por ele o tio da princesa, um homem sisudo que pensava mal de todos e queria mal a todos. Ao ver o prato real, suspeitou das relações entre a sobrinha e o pastor e foi queixar-se ao rei. O rei tomou-se de cólera indomável. Chamou a filha e censurou-a duramente, acusando-a de hipocrisia e chamando-a “vergonha de teus pais.” Depois, gemeu: “Mas haverá homem capaz de perceber em tempo as perfídias das mulheres? Até o Profeta disse: “Ó crentes, tendes nas esposas e nas filhas as vossas piores inimigas, inconseqüentes na vida e na religião. Nasceram de uma costela torcida. Não hesiteis, portanto, em repreendê-las e bater nelas se desobedecerem.”” Depois, disse: “Tu te sujaste com um estranho, um pastor de animais indigno de uma filha de tens. Como castigar-te? Cortando a cabeça dos dois ou queimando-os juntos?”

EPÍLOGO: NA MILÉSIMA SEGUNDA NOITE

Quando Chehrezad concluiu a história do príncipe Yassim e a princesa Amanda, sem iniciar imediatamente outra história, como vinha fazendo ao longo de mil e uma noites, o rei olhou-a com ar interrogativo. Ela levantou-se, beijou a terra diante dele e disse-lhe: “Ó rei do tempo, inigualável em tua grandeza, eu sou na verdade tua escrava e te contei durante mil e uma noites histórias antigas repletas da experiência e da sabedoria das gerações. Ser-me-á permitido em contrapartida solicitar um favor de tua Majestade?” - Pede e serás atendida, disse o rei Com essa permissão, Chehrezad chamou as amas e os eunucos e ordenou: “Trazei os meninos.” Obedeceram. Os meninos eram três: um já andava, o segundo engatinhava e o terceiro ainda mamava. Chehrezad colocou-os diante do soberano e disse: “Ó rei do tempo, estes são teus filhos, e o favor que peço é para eles: não me mandes matar para que eles não se tornem órfãos e sejam entregues a servidores que não saberiam criá-los como uma mãe.” Essas palavras comoveram o rei até as lágrimas. Apertou os filhos contra seu coração e disse a Chehrezad: “Ó minha amada eu já te poupei a vida antes mesmo de saber que me deste três filhos, porque és pura e leal. Que Alá te abençoe e a teus pais e tuas raízes. E que Ele seja testemunha de que tudo farei para afastar de ti qualquer mal e qualquer sofrimento.” Chehrezad beijou-lhe as mãos e os pés em sinal de

gratidão e sentiu uma imensa alegria. E essa alegria ecoou em todo o palácio e transbordou sobre a cidade inteira. Foi para todos uma noite única em seu esplendor. No dia seguinte, o rei acordou sorridente e feliz. Mandou vir o vizir pai de Chehrezad e outorgou-lhe, na presença de toda a corte, uma suntuosa veste honorífica, dizendo-lhe: “Possas Alá proteger-te por me teres casado com tua generosa filha. Foi ela que me levou a arrepender-me de meus crimes passados e a desistir de matar as filhas de meus súditos. Ademais, ela me deu três filhos varões.” Depois, o rei ofereceu brindes valiosos a todos os presentes e mandou distribuir esmolas aos órfãos, às viúvas e aos necessitados. E ele e seu povo viveram na prosperidade e na alegria até que foram visitados pelo apagador das felicidades e o separador de parentes e amigos. Glória Àquele que escapa das vicissitudes do tempo e vive de eternidade em eternidade. E bênçãos e paz sobre o mensageiro de Alá, o eleito entre todas as criaturas, nosso senhor Maomé, por intermédio do qual solicitamos a Deus um fim feliz.

Este libro fue distribuido por cortesía de:



Para obtener tu propio acceso a lecturas y libros electrónicos ilimitados GRATIS hoy mismo, visita:

<http://espanol.Free-eBooks.net>

Comparte este libro con todos y cada uno de tus amigos de forma automática, mediante la selección de cualquiera de las opciones de abajo:



Para mostrar tu agradecimiento al autor y ayudar a otros para tener agradables experiencias de lectura y encontrar información valiosa, estaremos muy agradecidos si

["publicas un comentario para este libro aquí"](#)



INFORMACIÓN DE LOS DERECHOS DEL AUTOR

Free-eBooks.net respeta la propiedad intelectual de otros. Cuando los propietarios de los derechos de un libro envían su trabajo a Free-eBooks.net, nos están dando permiso para distribuir dicho material. A menos que se indique lo contrario en este libro, este permiso no se transmite a los demás. Por lo tanto, la redistribución de este libro sin el permiso del propietario de los derechos, puede constituir una infracción a las leyes de propiedad intelectual. Si usted cree que su trabajo se ha utilizado de una manera que constituya una violación a los derechos de autor, por favor, siga nuestras Recomendaciones y Procedimiento de Reclamos de Violación a Derechos de Autor como se ve en nuestras Condiciones de Servicio aquí:

<http://espanol.free-ebooks.net/tos.html>